

JOÃO DO RIO'S SELECTED TALES: INTO THE NIGHT AND OTHER STORIES

CONTOS SELECIONADOS DE JOÃO DO RIO:
DENTRO DA NOITE E OUTRAS HISTÓRIAS



Mirian Ruffini

(Tradução e Organização)



Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo–SP)

R923j Ruffini, Miriam (trad. e org.).

João do Rio's Selected Tales: Into The Night And Other Stories - contos selecionados de João do Rio: dentro da noite e outras histórias

Tradutora e organizadora: Mirian Ruffini; Prefácio de Wellington Ricardo Fioruci.

1. ed. - Campinas, SP : Pontes Editores, 2022.

E-book: 2 Mb; PDF.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5637-556-4.

1. Crítica Literária. 2. Estudos de Literatura. 3. Literatura Brasileira.

I. Título. II. Assunto. III. Tradutora e organizadora.

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira. 869
2. Literatura brasileira: Crítica literária. 869.939

JOÃO DO RIO'S SELECTED TALES: INTO THE NIGHT AND OTHER STORIES

CONTOS SELECIONADOS DE JOÃO DO RIO:
DENTRO DA NOITE E OUTRAS HISTÓRIAS

Mirian Ruffini

(Tradução e Organização)

Copyright © 2022 – Mirian Ruffini (Org. e Tradução da Edição Bilíngue)

Coordenação Editorial: Pontes Editores

Revisão: Prof.^a Dr.^a Claudia Marchese Winfield e Prof. Me. Eduardo Francisco Ferreira

Segunda revisão: Giovanna Benedetto Flores

Editoração: Vinnie Graciano

Capa: Acessa Design

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman

(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão

(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes

(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi

(Unicamp – Campinas)

Glaís Sales Cordeiro

(Université de Genève – Suisse)

José Carlos Paes de Almeida Filho

(UNB – Brasília)

Maria Luisa Ortiz Alvarez

(UNB – Brasília)

Rogério Tilio

(UFRJ – Rio de Janeiro)

Suzete Silva

(UEL – Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteadó, 1038 – Jd. Chapadão

Campinas – SP – 13070-118

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
<hr/>	
Prof. Dr. Wellington Ricardo Fioruci	
INTRODUÇÃO	9
<hr/>	
Prof. Dr. ^a Mirian Ruffini	
INTO THE NIGHT	12
<hr/>	
DENTRO DA NOITE	20
<hr/>	
EMOTIONS	28
<hr/>	
EMOÇÕES	36
<hr/>	
MERRY PEOPLE'S TALE	43
<hr/>	
HISTÓRIA DE GENTE ALEGRE	54
<hr/>	
THE END OF ARSENIO GODARD / THE DIARY OF A REBEL	64
<hr/>	
O FIM DE ARSÊNIO GODARD / DO DIÁRIO ÍNTIMO DE UM REVOLTOSO	77
<hr/>	
TWO CREATURES	89
<hr/>	
DUAS CRIATURAS	100
<hr/>	
HEART	110
<hr/>	
CORAÇÃO	127
<hr/>	
THE SOUND BRIDE	144
<hr/>	

A NOIVA DO SOM	151
SENSATION OF THE PAST	158
A SENSACÃO DO PASSADO	167
THE MONSTER	176
O MONSTRO	183
THE BABY IN PINK TARLATAN	190
O BEBÊ DE TARLATANA ROSA	197
ILLUSION DISPLAY	204
A PARADA DA ILUSÃO	214
LAURINDA BELFORT	223
LAURINDA BELFORT	232
THE STRANGEST MALADY	240
A MAIS ESTRANHA MOLÉSTIA	252
REFERÊNCIAS	264
REFERÊNCIAS DIGITAIS	268

PREFÁCIO

O escritor João do Rio é uma voz da *Belle Époque* brasileira que transcende seu pseudônimo, de modo que poderíamos chamá-lo João do Mundo. Nascido João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, esse versátil autor, cuja prosa poderia traduzir-se na feliz expressão “algaravia babélica” (RODRIGUES, 1996, p. 196), sempre transitou entre vários mundos, seja no exterior, seja pelas diferentes realidades do país. Sua linguagem reflete seu espírito inquieto e serve ao leitor contemporâneo como exemplar significativo das mudanças pelas quais passava o Brasil a reboque da sociedade ocidental. Sua morte prematura antecede em alguns poucos meses a eclosão da Semana de Arte Moderna e carrega o avatar das transformações que se anunciavam.

Com efeito, o legado deixado pelo autor traduz-se nas marcas de sua poética que representam a passagem do século XIX para o século XX. Não parece fortuito nesse sentido que esse escritor tenha vivido metade de sua vida em cada um desses séculos. Desse modo, é possível reconhecer em sua narrativa elementos próprios do esteticismo decadentista e do naturalismo finisseculares, bem como aspectos que o introduzem na modernidade, tais como o diálogo com o cinema ou a linguagem de nuances coloquiais. No papel de repórter ou ficcionista *avant-garde*, João do Rio dá um salto para além da própria sombra quando faz com maestria e originalidade a transição do passado para o futuro sorvendo a fonte caudalosa do seu devir.

A obra ora trazida a lume, resultado de um trabalho esmerado de tradução por parte da pesquisadora e tradutora Prof^ª Dr^ª Mirian Ruffini, pre-

senteia os leitores em língua inglesa com a versão transcriadora de treze contos de João do Rio. O exercício de leitura ao qual se lança a presente tradução perfaz a trajetória de apaixonada cumplicidade ao texto fonte à qual se refere Umberto Eco (2007, p. 426) “[...] é o empenho em identificar aquilo que, para nós, é o sentido profundo do texto e é a capacidade de negociar a cada instante a solução que nos parece mais justa.” Eis a grata tarefa que este volume realiza. Trata-se, em suma, de colocar em diálogo diferentes temporalidades, espaços e culturas, uma aventura linguística e literária a que se havia lançado o próprio João do Rio ao traduzir Oscar Wilde.

Poderíamos terminar afirmando que João do Rio ressignificado em língua inglesa é um duplo convite e uma experiência igualmente dúplice. Para o leitor brasileiro, é a redescoberta de um narrador que por muito tempo ficou esquecido naquele interregno sombreado pelo peso da tradição de Machado de Assis e pela chegada dos jovens modernistas. Para o leitor estrangeiro, é a possibilidade de conhecer um autor que extravasa suas limitações territoriais e, por conseguinte, linguísticas e culturais. Sua obra caleidoscópica, inserida no momento em que se vivia a fantasia carioca *art nouveau* de uma “Paris tropical”, demonstra que havia na realidade das ruas da capital brasileira de então mais do adjetivo do que do substantivo. Seu olhar perscrutador de *flâneur* esquadrinha a realidade suburbana e ajuda a descolorir o sonho dourado dos salões e dos boulevares construídos à custa da exclusão e do apagamento social. Aos olhos dos leitores contemporâneos do Brasil e do exterior esses textos revelam-se mais uma vez vivos, provocadores, atualíssimos, na medida em que imantam o cosmopolitismo atemporal e sem fronteiras à mais genuína alma nacional brasileira.

Wellington R. Fioruci

Referências

- RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: uma biografia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Tradução de Eliana Aguiar. São Paulo: Record, 2007.

INTRODUÇÃO

Este volume bilíngue apresenta a minha tradução de treze contos de João do Rio (pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, 1881-1921), disponíveis no volume intitulado “Dentro da Noite” (1910), para a língua inglesa. O trabalho do autor do início do século XX se apresenta relevante, para o leitor do século XXI, por se tratar de oportunidade de resgate das marcas contextuais, culturais e literárias que transparecem neste livro de prosa curta ficcional. Os contos traduzidos foram elencados, a partir das dezoito narrativas do volume, por sua conexão com as poéticas do autor, o esteticismo, o decadentismo e o fantástico, objeto de nosso estudo.

Acredito que minha tradução anotada para a língua inglesa ofereça subsídios concernentes à literatura de João do Rio e ao Rio de Janeiro de sua época, os quais são retratados nos enredos, personagens, referências cariocas, e nas escolhas linguísticas e lexicais realizadas pelo contista, cronista, dramaturgo e jornalista. Inspirado nas estéticas disseminadas por Oscar Wilde, o decadentismo e o esteticismo, João do Rio foi tradutor e admirador do escritor irlandês.

Além do resgate histórico para o leitor de língua portuguesa do século XXI, minha tradução para a língua inglesa, acompanhada das devidas notas explanatórias a respeito das referências culturais e literárias, pode representar tanto um retrato do Brasil de João do Rio, quanto um panorama da *Belle*

Époque tropical, da estética e das marcas literárias do escritor, para leitores estrangeiros e seus respectivos contextos literários e culturais.

Quanto ao meu projeto tradutório, em sua predominância estrangeirizante, e minhas estratégias de tradução, busquei, o mais possível, a manutenção do estilo do genial autor do texto fonte, de maneira a transpor para a língua inglesa certa correspondência de sua adjetivação hiperbólica, a complexidade de suas frases e longos períodos, bem como a sua opção pelo uso de anglicismos e galicismos.

Ainda, apesar de saber que a equivalência entre línguas e culturas é uma falácia, necessário foi procurar vocábulos que estabelecessem alguma forma de relação para as expressões idiomáticas, metáforas e outras figuras de linguagem empregadas pelo escritor carioca do século XX. Decidi empregar explicações, definições ou o uso de sinonímia, em notas de tradutor, a fim de oferecer um texto em língua inglesa com os matizes, mesmo que apenas próximos, da literatura paulobarretiana.

As fontes de pesquisa às quais recorri incluem, por exemplo, a fortuna crítica do autor, os textos concernentes às suas estéticas e teóricos da narrativa em geral. Os textos fonte primários foram o livro de João do Rio, editado para Garnier em 1910, disponível na biblioteca digital Mindlin, da USP, e o livro disponibilizado pela Biblioteca Nacional Digital, o qual apresenta notas explanatórias de rodapé, a maioria das quais foi a este volume incorporada, sendo outras acrescentadas por meio de minha própria pesquisa e, posteriormente, traduzidas para a língua inglesa.

Além disso, tomei a decisão de realizar minha tradução com a preservação, e não o apagamento, das marcas do texto de Paulo Barreto. Os valores e formas de expressão do escritor e de sua época foram, o máximo possível, transpostos, apesar de hoje serem talvez considerados diferentes daqueles utilizados pelo autor no início do século XX.

Sobre a tradução das temáticas dos contos escolhidos, estas foram vertidas à língua inglesa com especial cuidado de se enfatizar o encadeamento semântico dos vocábulos relacionados. Procurei elaborar uma tradu-

ção desses itens lexicais que pudesse apresentar ambientação, personagens e elementos dos enredos, enquanto atribuíram organicidade e fluidez ao texto de chegada.

Espero que um trabalho desta natureza possa contribuir para a área dos Estudos da Tradução e Tradução Literária, por envolver textos de narrativa curta ficcional, em sua maioria inéditos na língua inglesa, e constituir esforço de tradução de texto literário brasileiro para uma língua estrangeira. Espero, assim, que este volume bilíngue possa instigar iniciativas semelhantes, relativas à tradução de literatura brasileira para outras línguas e culturas.

Desse modo, o presente livro bilíngue, que se constituiu a partir do meu trabalho de pós-doutoramento junto à UFSC/PGET, sob a orientação da professora Dr.^a Dirce Waltrick do Amarante, inclui resultados parciais dessa parceria. Esta publicação também se tornou possível por meio de suporte do PPGL da UTFPR, campus de Pato Branco. Portanto, meus sinceros e profusos agradecimentos se estendem a todos os colegas e professores apoiadores deste projeto.

Prof.^a Dr.^a Mirian Ruffini

INTO THE NIGHT

“**D**id it cause much sensation then?”

“Yes, because it was a mysterious matter.”

“You were in love with Clotilde, weren’t you? And she, poor girl! She seemed crazy for you, and her parents were exhilarated with happiness about your engagement. But then, a sudden transformation occurred. You vanished; the family shut their rooms as if they were in deep mourning. Clotilde weeps... There was evidently some mystery there, one of those issues capable of making creative spirits picture dreadful tragedies. Fortunately, general judgment goes against your behaviour.”

“Against me?”

“It could well have been against Clotilde’s reputation. However, thank the gods it is against you. Even I would agree with Prates, who calls you a scoundrel, if I were not to meet our Rodolfo now, at eleven by night, during such a storm inside a suburban train, with these wildest looks...”

“Do I look wild?”

“Absolutely wild.”

“Can anyone notice it?”

“Obviously, dear friend! So, did you suffer much? Tell me then. You look pale, you are sweating, despite the cold temperature, and you have an awkward gaze... so odd! Tell me. You appear to have drunk and wept.

I could never fancy meeting Rodolfo Queiroz, the most elegant artist of these lands, on a suburban train, at eleven on a stormy night. It is certainly strange. Are you attempting to hide your grief in suburban woods? Or are you on a journey to pursue wicked vices?"

The train ripped through the darkness with a depressing hiss, and again it was riding on the rails. A huge bell went on chiming, and through the hatches of the wagon, one could see the lights of the houses that were still open by the side of the road, the soggy hiss of water, and the lamentable rain weaving its endless veil of tears. I realized then that the fat man on the nearby seat—the one who spoke more—said to the other one:

"But you are shivering, for God's sake! Are you sick?"

The other one smiled, disheartened.

"No, I'm just nervous. I have got the doomed crisis." And, as the fat man kept waiting, he said:

"Oh, my dear, Prates is right! And Clotilde's family was right, and you, whose look is one of frightened pity, are right, too. I am a miserable rascal, indeed an infamous scoundrel."

"But why is that so, Rodolfo?"

"Why is that so? It is the end, my good friend—it is my end. There is not one person who is free from any addictions, perversions, escapes. I have one addiction that can positively be considered madness. I fight it, resist it, I even scream and I contend with myself, as I don't want it, but my addiction comes out laughing, taking me by the hand, making me unconscious, grabbing hold of me. I have had the doomed crisis. Do you remember Jeanne Dambreuil, when she used to sting herself with morphine? Do remember João Guedes when he invited us to opium *fumeries*¹? They both knew they were putting an end to their lives, and yet, they could not help it. I want to resist it but I just can't. You are talking to a man who feels insane."

1 Houses where opium was smoked. Opium dens.

“Are you taking morphine now? It was because of heartbreak, I am certain...”

The younger man, who had a frantic look, peered around the wagon, but there was no one else there – apart from me, and I was sleeping soundly... He, then, approached the fat man, feeling eager to explain himself.

“It was all of a sudden, Justino. I had never thought of it! I was an ordinary man, of good instincts, from an honest family. I was going to marry Clotilde, the being of kindness whom I loved madly. However, on one evening, at Praxedes’s ball, Clotilde appeared wearing a dress with a deep neckline, and with her uncovered arms. Such lovely arms! They were very delicate, of a youthful and tender beauty. She appeared half-childish, half-womanly, – beautiful like Oreads² painted by Botticelli, in a combination of mystical chastity and pagan joy. I suddenly quivered. Jealousy? No, it was a state that had never possessed me:–the desire to have them for my eyes only, to kiss them, to caress them, but mostly, to make them suffer. I went to meet the poor girl, making a huge effort to control myself, because my desire was to grab her arms, shake them, squeeze them with all my strength, and make them black, very black with bruises, hurt them... Why? I don’t know, I don’t even know it myself, – it is a neurosis! I then spent that night in a state of prominent agitation. However, I managed to refrain myself then. I restrained myself for many days, for months on end, for a long time, feeling terrified of what might happen. The desire, however, remained, since it grew, sprouted, and rooted deeply inside my poor soul. At first, my yearning was to beat them brutally with weights. Then, my craving became to stick them, to bury long pins into them, to sew and prick them slowly. After that, whenever I was close to Clotilde, no matter how long her sleeves were, I would still see those naked arms, just like on our first night together. I could see their graceful and soft shape, I felt the fineness of their skin and I pictured, with a sudden tremor, that I could stick the first pin. I would then go on to choose the best spots, and I anticipated the pleasure I would certainly feel at the sight of her scared flesh.”

2 Greek-Roman mythology – a mountain and woods nymph.

“How horrible!”

“Eventually, I met her at Viscountess of Lages’s *sauterie*³, wearing a dress whose sleeves were made of gauze. Oh! Those arms, Justino, they were almost naked! When Clotilde lifted them, she looked like a nymph, who was metamorphosing herself into an angel. In the corner of the porch, among rose bushes, she said to me: “Rodolfo, you are looking at me angrily. What happened?”—It was not possible to refrain the desire that made me tremble, grinding my teeth. “Oh, no, I said. I just want to stick this pin into your arm.” You know how pure Clotilde is. The poor girl looked at me scared, she thought and smiled sadly: “If you don’t want me to show my arms, why didn’t you tell me longer ago, Rodolfo? Say it, is that what makes you angry?” “Yes, that’s it, Clotilde.” And I went on laughing,—how stupid that laughter must have sounded! “You must pay for my jealousy with your debt of blood. Let me stick the pin.” “Are you crazy, Rodolfo?” “What’s wrong with it?” “It’s going to hurt me.” “It doesn’t hurt.” “And the blood?” “I’ll drink that drop of blood like the ambrosia of oblivion.” And I found myself, almost on my knees, begging, pleading, and conceiving phrases, with a taste of blood in my mouth and my forehead throbbing, pounding... At last, Clotilde was astonished, defeated, not quite understanding whether or not she should resist it. Oh, my dear friend,—women! What strange deep kindness, submission, desire, unconscious dedication a poor girl has! After some time, she bowed, and muttered in a sigh, “Well, Rodolfo, do it...—but slowly, Rodolfo! It will hurt so much!” And both her arms shivered.

I took a pin out of my coat button placket, and feeling nervous, so nervous as if I were going to make love for the first time, I chose the spot, rubbed my hand, felt her soft skin and pierced it. It was as if I had pricked a camellia petal, but that gave me a complex enjoyment in which all my senses took part. She gave out a sigh of pain, “Oh!”, took her handkerchief to the stung spot, and sounding deeply hurt, she whispered: “Evil!”

“Oh! Justino, I just couldn’t sleep that night. Lying down there—re-calling the delight of that flesh that had suffered for my desire, and feeling

3 Informal, private dance meeting (archaic).

the steel slowly sinking into my bride's arm—gave me spasms of horror! What a tremendous pleasure! And, while squeezing the post of my bed and biting my pillow, I was certain that the incurable disease had burst inside of me. At the same time, I forced my mind to promise I would never do that infamy again! All my nerves throbbed: you will go back tomorrow; you have to enjoy that supreme pleasure again! It was delirium, it was a disease, it was my horror..."

There was silence. The train sped into the sheer darkness, waking up the fields with the desperate chime of the engine. The fat fellow took out his wallet and lit a cigarette.

"Very interesting case, Rodolfo. There is no doubt that it is a sexual degeneration, but St. Francis of Assisi's altruism is also degeneration and St. Teresa's love was nothing else. Do you know Rousseau had a little more or less of that evil? You are one more chap to enrich the huge series of Marquis of Sade's disciples. A man of spirit has already defined sadism: the intellectual depravity of murder. You are a civilized-Jack-the-ripper⁴; you are satisfied by sticking pins into women's arms. Do not be afraid".

The other one breathed with difficulty, his head held between his hands.

"Do not laugh, Justino. You are producing paradoxes before a creature who is, by now, outside normal life. It is dreadful".

"So did you go on?"

"Yes, I did, I returned immediately. The following night, I was at Clotilde's place, and I had this mad, frantic desire. We were talking in the living room while her old folks would stay there, on guard. Clotilde and I went to the back, to the couch. Right after I came in, I had the instinct that I could practice my infamy in the dimness of the room while her father was talking. I was so agitated that her old man exclaimed, "It seems, Rodolfo, that you came running so as not to miss the party."

4 Citation to the famous Londoner murderer Jack-the-ripper.

I was just quite insane. You can never imagine the chaos of my soul in those moments when I stayed beside her on the couch, the maelstrom⁵ of anguish, of efforts, of desires, the struggle between reason and evil, the evil that I felt spring to my throat, take my hand, take action... When after a few minutes I stroked her arm in the shade, over her sleeve, in a slow caress that went up from her hands to her shoulders, between my fingers I felt I already had the pin, the ghastly pin. So I closed my eyes, I shrank, and I stuck it.

She shuddered, she sighed and I soon felt a relaxation of my nerves, a sweet calmness. The crisis had passed with my satisfaction, but Clotilde's huge eyes stared upon my eyes, and I realized that she had vaguely understood everything, and that she had found out her misfortune and my infamy. How noble she was, though! She did not say a word. It was disgrace. What could be done?...

Then, Justino, you see, it would happen every day. I did not see her flesh, but I felt it marked, wounded. I sewed her arms! Finally, I would ask, "Did it draw any blood yesterday?" And she, looking pale and sad, spoke with her dove's sigh: "It did..."—"Poor Clotilde! To what point had I come, in need of knowing if it had hurt well, if it had wounded well, it had injured well! And in my bedroom, at night, great sudden dreads emerged when I thought about our marriage because I knew that if I had her all, I would needle the virgin flesh of her arms, her back, her breasts... Justino, how sad!...

The speaker was quiet again. The train went on bumping along the storm, and I seemed to hear the young man sob. But the other one was interested, and he asked,

"But then what happened in the end?"

In a month's time, she lost weight, lost her colours. Her black eyes burned, augmented by purple dark circles. She never laughed any more. When I arrived, she would lock herself inside her room, in an attempt to space the time of her torment. It was her mother who would fetch her. "Daughter, Rodolfo has arrived. Hurry". And from inside, "I'll be there soon,

5 swirl

Mom”. What pain did I feel when I saw her appear without saying a word! She sat by the window, rearranged the flowers in the vase, hesitated, until feeling hopeless, she came to tumble over beside me, on the couch, like those poor birds that are lured by snakes. After all, two months ago, a household servant saw her arms, and raised the alarm. Clotilde was questioned, confessing everything in a wake of sobs. On that same afternoon I received a curt letter from her father cancelling our engagement and talking about crimes which are punished by law”.

“And did you run away?”

“I did not run away; I stumbled, I got lost. There is nothing left of the old Rodolfo. I am another man; I have another soul, another voice, and other ideas. I watch myself go crazy. Losing Clotilde was the total collapse for me. In order to forget her, I visited places of bad reputation, I rented the pain of infamous women for a lot of money, and I frequented many *bordellos*⁶. Even there my character became one of terror, after a little while. Women pointed at me smiling, but it was a smile of fear, of horror.

While asking, begging for a moment of calmness, I would sometimes run along entire streets of the *Suburra*⁷, in a flood of aliases. These beings want to be beaten by their lovers, to be wounded in the fury of love, but they quiver with disgust in the face of the man who can pierce pins calmly and gently into them. I was ludicrous and I was terrifying. I then took to acting freely, picking strangers at random, without any need for explanations. I enjoy myself now in tramways, in music halls, in railway trains, in the streets. It is much simpler, as I get closer, take position, and pierce the pin without mercy. They sometimes scream, to which I apologize. One has slapped me already, but no one finds out whether it was deliberately. I like the skinny ones better, the ones who look sick.

The voice of the deranged man had become metallic, but it was involved with a frightened vibration.

⁶ Brothels, house where prostitutes work.

⁷ Poor city suburb, with crime and prostitution.

“When I met you, Justino, I was following a skinny girl. I have had the doomed crisis now... and this poor friend of yours is lost, this poor friend of yours is going to go crazy...”

Suddenly, with a clash of all its wagons, the train came to a halt. We had reached a dirty and poorly lit station. Two or three employees materialized, carrying red and green torches. Whistles blew. At that moment, a blond girl with a dripping umbrella emerged, peered into the wagon, walked towards another carriage, and stepped inside it. The young man stood up right away.

“Good-bye.”

“Do you get off here?”

“I do”.

“But what are you going to do?”

“I cannot help it, leave me be! Goodbye!”

He hesitated for a moment and then he stepped out. Yet again, whistles were blown and the train started suddenly. The young man clenched his head with both his hands as if he wanted to retain an irresistible impulse. A hiss was heard. The huge breathing mass creaked over the rails. The young man looked at both sides, checked his buttonhole, and ran to the wagon where the blond girl had disappeared. Shortly afterwards, the train departed. The fat man refrained his curiosity, looking paler and pulling up the window glass. He, then, stretched out onto his seat. I couldn't sit up, as I expected to hear, at any moment, a painful scream on the other wagon, where the blond girl was. However, the train had ripped the darkness with another hiss, riding on the rails unsteadily. Through the wet windows, one could see the lights of the houses still open in an incredible speed, and the hedges soaked with water under the torrential rain. And up ahead, at the top of the engine, as in a fit of despair, the huge bell resounded, loudly awakening the night, and filling its darkness with an outcry of disgrace and delirium.

DENTRO DA NOITE

— **E**ntão causou sensação?
— Tanto mais quanto era inexplicável. Tu amavas a Clotilde, não? Ela, coitadita! Parecia louca por ti, e os pais estavam radiantes de alegria. De repente, súbita transformação. Tu desapareces, a família fecha os salões como se estivesse de luto pesado. Clotilde chora... Evidentemente havia um mistério, uma dessas coisas capazes de fazer os espíritos imaginosos arquitetarem dramas horrendos. Por felicidade, o juízo geral é contra o teu procedimento.

— Contra mim?

Podia ser contra a pureza da Clotilde. Graças aos deuses, porém, é contra ti. Eu mesmo concordaria com o Prates que te chama velhaco, se não viesse encontrar o nosso Rodolfo, agora, onze da noite, por tamanha intempérie metido num trem de subúrbio, com o ar desvairado...

— Eu tenho o ar desvairado?

— Absolutamente desvairado.

— Vê-se?

— É claro. Pobre amigo! Então, sofreste muito? Conta lá. Estás pálido, suando apesar da temperatura fria, e com um olhar tão estranho, tão esquisito. Parece que bebeste e que choraste. Conta lá. Nunca pensei encontrar o Rodolfo Queiroz, o mais elegante artista desta terra, num trem de subúr-

bio, às onze de uma noite de temporal. É curioso. Ocultas os pesares nas matas suburbanas? Estás a fazer passeios de vício perigoso?

O trem rasgara a treva num silvo alanhante, e de novo cavalava sobre os trilhos. Um sino enorme ia com ele badalando, e pelas portinholas do vagon viam-se, a marginar a estrada, as luzes das casas ainda abertas, os silvedos empapados d'água e a chuva lastimável a tecer o seu infundável véu de lágrimas. Percebi então que o sujeito gordo da banquetta próxima — o que falava mais — dizia para o outro:

— Mas como tremes, criatura de Deus! Estás doente?

O outro sorriu desanimado.

— Não, estou nervoso, estou com a maldita crise. E como o gordo esperasse:

— Oh! Meu caro, o Prates tem razão! E teve razão a família de Clotilde e tens razão tu cujo olhar é de assustada piedade. Sou um miserável desvairado, sou um infame desgraçado.

— Mas que é isto, Rodolfo?

— Que é isto! É o fim, meu bom amigo, é o meu fim. Não há quem não tenha o seu vício, a sua tara, a sua brecha. Eu tenho um vício que é positivamente a loucura. Luto, resisto, grito, debato-me, não quero, não quero, mas o vício vem vindo a rir, toma-me a mão, faz-me inconsciente, apodeira-se de mim. Estou com a crise. Lembras-te da Jeanne Dambreuil quando se picava com morfina? Lembras-te do João Guedes quando nos convidava para as *fumeries*⁸ de ópio? Sabiam ambos que acabavam a vida e não podiam resistir. Eu quero resistir e não posso. Estás a conversar com um homem que se sente doido.

— Tomas morfina, agora? Foi o desgosto decerto...

8 Casas de ópio.

O rapaz que tinha o olhar desvairado perscrutou o vagão. Não havia ninguém mais — a não ser eu, e eu dormia profundamente... Ele então aproximou-se do sujeito gordo, numa ânsia de explicações.

— Foi de repente, Justino. Nunca pensei! Eu era um homem regular, de bons instintos, com uma família honesta. Ia casar com a Clotilde, ser de bondade a que amava perdidamente. E uma noite estávamos no baile das Praxedes, quando a Clotilde apareceu decotada, com os braços nus. Que braços! Eram delicadíssimos, de uma beleza ingênua e comovedora, meio infantil, meio mulher — a beleza dos braços das Oréadas⁹ pintadas por Botticelli, misto de castidade mística e de alegria pagã. Tive um estremecimento. Ciúmes? Não. Era um estado que nunca se apossara de mim: a vontade de tê-los só para os meus olhos, de beijá-los, de acariciá-los, mas principalmente de fazê-los sofrer. Fui ao encontro da pobre rapariga fazendo um enorme esforço, porque o meu desejo era agarrar-lhe os braços, sacudi-los, apertá-los com toda a força, fazer-lhes manchas negras, bem negras, feri-los... Por que? Não sei, nem eu mesmo sei — uma nevrose! Essa noite passei-a numa agitação incrível. Mas contive-me. Contive-me dias, meses, um longo tempo, com pavor do que poderia acontecer. O desejo, porém, ficou, cresceu, brotou, enraizou-se na minha pobre alma. No primeiro instante, a minha vontade era bater-lhe com pesos, brutalmente. Agora a grande vontade era de espetá-los, de enterrar-lhes longos alfinetes, de cosê-los devagarinho, a picadas. E junto de Clotilde, por mais compridas que trouxesse as mangas, eu via esses braços nus como na primeira noite, via a sua forma grácil e suave, sentia a finura da pele e imaginava o súbito estremeção quando pudesse enterrar o primeiro alfinete, escolhia posições, compunha o prazer diante daquele susto de carne que havia de sentir.

— Que horror!

— Afinal, uma outra vez, encontrei-a na *sauterie*¹⁰ da viscondessa de Lages, com um vestido em que as mangas eram de gaze. Os seus braços — oh! Que braços, Justino, que braços! — Estavam quase nus. Quando Clotilde

⁹ Mitologia Greco-Romana – uma ninfa das montanhas e das matas.

¹⁰ Informal, festa dançante particular (arcaico).

erguia-os, parecia uma ninfa que fosse se metamorfoseando em anjo. No canto da varanda, entre as roseiras, ela disse-me — “Rodolfo, que olhar o seu. Está zangado?” Não foi possível reter o desejo que me punha a tremer, rangendo os dentes. — “Oh! Não!” Fiz. “Estou apenas com vontade de espetar este alfinete no seu braço.” Sabes como é pura a Clotilde. A pobresita olhou-me assustada, pensou, sorriu com tristeza: — “Se não quer que eu mostre os braços, por que não me disse a mais tempo, Rodolfo? Diga, é isso que o faz zangado?” — “É, é isso, Clotilde”. E rindo — como esse riso devia parecer idiota! — Continuei: “É preciso pagar ao meu ciúme a sua dívida de sangue. Deixe espetar o alfinete.” — “Está louco, Rodolfo?” — “Que tem?” — “Vai fazer-me doer.” — “Não dói.” — “E o sangue?” — “Beberei essa gota de sangue como a ambrosia do esquecimento.” E dei por mim, quase de joelhos, implorando, suplicando, inventando frases, com um gosto de sangue na boca e as fronteiras a bater, a bater... Clotilde por fim estava atordoada, vencida, não compreendendo bem se devia ou não resistir. Ah! Meu caro, as mulheres! Que estranho fundo de bondade, de submissão, de desejo, de dedicação inconsciente tem uma pobre menina! Ao cabo de um certo tempo, ela curvou a cabeça, murmurou num suspiro “Bem, Rodolfo, faça... mas devagar, Rodolfo! Há de doer tanto!” E os seus dois braços tremiam.

Tirei da botoeira da casaca um alfinete, e nervoso, nervoso como se fosse amar pela primeira vez, escolhi o lugar, passei a mão, senti a pele macia e enterrei-o. Foi como se fisgasse uma pétala de camélia, mas deu-me um gozo complexo de que participavam todos os meus sentidos. Ela teve um “ah!” de dor, levou o lenço ao sítio picado, e disse, magoadamente: — “Mau!”

Ah! Justino, não dormi. Deitado, a delícia daquela carne que sofrera por meu desejo, a sensação do aço afundando devagar no braço da minha noiva, dava-me espasmos de horror! Que prazer tremendo! E apertando os varões da cama, mordendo a travesseira, eu tinha a certeza de que dentro de mim rebentara a moléstia incurável. Ao mesmo tempo que forçava o pensamento a dizer nunca mais farei essa infâmia, todos os meus nervos latejavam: voltas amanhã; tens que gozar de novo o supremo prazer! Era o delírio, era a moléstia, era o meu horror...

Houve um silêncio. O trem corria em plena treva, acordando os campos com o desesperado badalar da máquina. O sujeito gordo tirou a carteira e acendeu uma cigarreta.

— Caso muito interessante, Rodolfo. Não há dúvida que é uma degeneração sexual, mas o altruísmo de São Francisco de Assis também é degeneração e o amor de Santa Teresa não foi outra coisa. Sabes que Rousseau tinha pouco mais ou menos esse mal? És mais um tipo a enriquecer a série enorme dos discípulos do marquês de Sade. Um homem de espírito já definiu o sadismo: a depravação intelectual do assassinato. És um *Jack-the-ripper*¹¹-civilizado, contentas-te com enterrar alfinetes nos braços. Não te assustes.

O outro resfolegava, com a cabeça entre as mãos.

— Não rias, Justino. Estás a tecer paradoxos diante de uma criatura já do outro lado da vida normal. É lúgubre.

— Então continuaste?

— Sim, continuei, voltei, imediatamente. No dia seguinte, à noitinha, estava em casa de Clotilde, e com um desejo louco, desvairado. Nós conversávamos na sala de visitas. Os velhos ficavam por ali a montar guarda. Eu e a Clotilde íamos para o fundo, para o sofá. Logo ao entrar tive o instinto de que podia praticar a minha infâmia na penumbra da sala, enquanto o pai conversasse. Estava tão agitado que o velho exclamou: — “Parece, Rodolfo, que vieste a correr para não perder a festa.”

Eu estava louco, apenas. Não poderás nunca imaginar o caos da minha alma naqueles momentos em que estive a seu lado no sofá, o *maelstrom*¹² de angústias, de esforços, de desejos, a luta da razão e do mal, o mal que eu senti saltar-me à garganta, tomar-me a mão, ir agir, ir agir... Quando ao cabo de alguns minutos acariciei-lhe na sombra o braço, por cima da manga, numa carícia lenta que subia das mãos para os ombros, entre os dedos senti que já tinha o alfinete, o alfinete pavoroso. Então fechei os olhos, encolhi-me, encolhi-me e finquei.

11 Citação ao famoso assassino londrino Jack, o estripador.

12 Turbilhão

Ela estremeceu, suspirou. Eu tive logo um relaxamento de nervos, uma doce acalmia. Passara a crise com a satisfação, mas, sobre os meus olhos, os olhos de Clotilde se fixaram enormes e eu vi que ela compreendia vagamente tudo, que ela descobria o seu infortúnio e a minha infâmia. Como era nobre, porém! Não disse uma palavra. Era a desgraça. Que se havia de fazer?...

Então depois, Justino, sabes? Foi todo o dia. Não lhe via a carne mas sentia-a marcada, ferida. Cusi-lhe os braços! Por último perguntava: — “Fez sangue, ontem?” E ela pálida e triste, num suspiro de rola: “Fez...” Pobre Clotilde! A que ponto eu chegara, na necessidade de saber se doera bem, se ferira bem, se estragara bem! E no quarto, à noite, vinham-me grandes pavores súbitos ao pensar no casamento porque sabia que se a tivesse toda, havia de picar-lhe a carne virginal nos braços, no dorso, nos seios... Justino, que tristeza!...

De novo a voz calou-se. O trem continuava aos solavancos na tempestade, e pareceu-me ouvir o rapaz soluçar. O outro, porém, estava interessado, e indagou:

— Mas então como te saíste?

— Em um mês ela emagreceu, perdeu as cores. Os seus dois olhos negros ardiam aumentados pelas olheiras roxas. Já não tinha risos. Quando eu chegava, fechava-se no quarto, no desejo de espaçar a hora do tormento. Era a mãe que a ia buscar. “Minha filha, o Rodolfo chegou. Avia-te.” E lá de dentro: “Já vou, mãe.” Que dor eu tinha quando a via aparecer sem uma palavra! Sentava-se à janela, consertava as flores da jarra, hesitava, até que, sem forças, vinha tombar a meu lado, no sofá, como esses pobres pássaros que as serpentes fascinam. Afinal, há dois meses, uma criada viu-lhe os braços, deu o alarme. Clotilde foi interrogada, confessou tudo numa onda de soluços. Nessa mesma tarde recebi uma carta seca do velho pai desfazendo o compromisso e falando em crimes que estão com penas no código.

— E fugiste?

— Não fugi; rolei, perdi-me. Nada mais resta do antigo Rodolfo. Sou outro homem, tenho outra alma, outra voz, outras ideias. Assisto-me endoidecer. Perder a Clotilde foi para mim o soçobramento total. Para esquecerê-la percorri os lugares de má fama, aluguei por muito dinheiro a dor das mulheres infames, frequentei alcouces¹³. Até aí o meu perfil foi dentro em pouco o terror. As mulheres apontavam-me a sorrir, mas um sorriso de medo, de horror.

A pedir, a rogar um instante de calma eu corria às vezes ruas inteiras da Suburra¹⁴, numa enxurrada de apodos. Esses entes querem apanhar do amante, sofrem lanhos na fúria do amor, mas tremem de nojo assustado diante do ser que pausadamente e sem cólera lhes enterra alfinetes. Eu era ridículo e pavoroso. Dei então para agir livremente, ao acaso, sem dar satisfações, nas desconhecidas. Gozo agora nos *tramways*¹⁵, nos *music-halls*¹⁶, nos comboios dos caminhos de ferro, nas ruas. É muito mais simples. Aproximo-me, tomo posição, enterro sem dó o alfinete. Elas gritam, às vezes. Eu peço desculpa. Uma já me esbofeteou. Mas ninguém descobre se foi proposital. Gosto mais das magras, as que parecem doentes.

A voz do desvairado tornara-se metálica, outra vez. De novo, porém, a envolveu um tremor assustado.

— Quando te encontrei, Justino, vinha a acompanhar uma rapariga magrinha. Estou com a crise, estou... O teu pobre amigo está perdido, o teu pobre amigo vai ficar louco...

De repente, num entrechocar de todos os vagões, o comboio parou. Estávamos numa estação suja, iluminada vagamente. Dois ou três empregados apareceram com lanternas rubras e verdes. Apitos trilaram. Nesse momento, uma menina loura com um guarda-chuva a pingar, apareceu, espiou o vagão, caminhou para outro, entrou. O rapaz pôs-se de pé logo.

13 Prostíbulo.

14 Subúrbio pobre, com crime e prostituição.

15 Trilhos dos bondes do Rio de Janeiro.

16 Auditórios, casas de concertos e espetáculos.

— Adeus.

— Saltas aqui?

— Salto.

— Mas que vais fazer?

— Não posso, deixa-me! Adeus!

Saiu, hesitou um instante. De novo os apitos trilaram. O trem teve um arranco. O rapaz apertou a cabeça com as duas mãos como se quisesse reter um irresistível impulso. Houve um silvo. A enorme massa resfolegando rangeu por sobre os trilhos. O rapaz olhou para os lados, consultou a botoeira, correu para o vagão onde desaparecera a menina loura. Logo o comboio partiu. O homem gordo recolheu a sua curiosidade, mais pálido, fazendo subir a vidraça da janela. Depois, estendeu-se na banquetta. Eu estava incapaz de erguer-me, imaginando ouvir a cada instante um grito doloroso no outro vagão, em que estava a menina loura. Mas o comboio rasgara a treva com outro silvo, cavalgando os trilhos vertiginosamente. Através das vidraças molhadas viam-se numa correria fantástica as luzes das casas ainda abertas, as sebes empapadas d'água sob a chuva torrencial. E à frente, no alto da locomotiva, como o rebate do desespero, o enorme sino reboava, acordando a noite, enchendo a treva de um clamor de desgraça e de delírio.

EMOTIONS

To Henrique de Vasconcellos¹⁷

Yesterday, at 6 o'clock in the evening, I went to collect, from the club at *Rua do Passeio*¹⁸, the old Baron Belfort, who had promised to show me his very dear Arabian enamel collection three days before. The baron played cards and lost with a feverish youngster, who wore a yellow chrysanthemum on his buttonhole, the same colour as his complexion. Upon seeing me, he said amiably:

“We are playing cards. Osvaldo wins like an Englishman, and he has the hallucination of a Brazilian chap. I am losing and appreciating this good Osvaldo, who has still got his emotions.”

His cold and sharp eyes followed good Osvaldo's game, and, card after card played, while drumming his fingers onto the table, Belfort smiled a wicked smile, half-suspicious and half-satisfied. All of a sudden, however, his pupils lightened. He placed both his nervous hands on the table and asked, while the paler young man paused:

“And you? Don't you play?”

“No, I do not.”

“Good for you. A writer from Balzac's time used to say that gambling was the youth's poison of perdition. The poison! Now, you see, the poison!”

¹⁷ Portuguese journalist and decadentist poet. He wrote “*Missa Negra*” and “*Flirts*”.

¹⁸ Street where the Public Promenade of Rio de Janeiro was located, in João do Rio's time.

He smiled gently.

“Osvaldo, will you excuse me? I will leave without winning another *real*¹⁹. See you on the morrow. And remember to drink orange blossom water...”

He stood up, looked at his polished nails, stared at his tie, and departed, leaving the young man alone in that parlour that the high summer had made desert. I followed the baron, not without looking back. The young man had bent his head forward into the shade, looking so pale, like a chrysanthemum, and his eyes had sparkles of both fright and pleasure.

Downstairs, in the cloakroom, the baron allowed his jacket to be dressed, sent for his *coupé*²⁰, and then we left discreetly, under the luminous, pearl-coloured afternoon. Belfort snuggled himself onto a mauve-coloured satin cushion, lit an Egyptian cigarillo engraved with his gold monogram and, as the car rode along, he asked:

“What do you make of Osvaldo? He is my study case now. For the last half an hour he had been robbing me scandalously... yet, I said nothing to him. It is still possible to save him...”

“Do you want to lose him?” I inquired, used as I was to the eccentricities of this cold human being.

“Oh, no, I want to appreciate him. As you know, a man is an animal who enjoys things. It is the pleasure that varies. I like to see the other people’s emotions, I am not exactly the prier of other people’s perversions, but I am the appreciator of great emotions from my surroundings. To watch one feel something, to provoke passions, delusions, the sentimental paroxysms of others is the most delicate of observations and the finest emotion”.

“Oh! You horrible and macabre being!”

“So be it; horrible, macabre, but delicate. That is the reason why I do not want to lose Osvaldo, I only want to enjoy him. I need not limit my human

19 Brazilian currency during the Portuguese Empire, which was used after the announcement of the Republic of Brazil (1889), until 1942.

20 A passenger automobile with two doors.

action to journeys to the East, to authentic collections or to some debauchery in high-class restaurants with a grand tone. But to lose him, *c'est trop fort*²¹...”

“But you cannot imagine the harm you have done to poor Osvaldo. The fellow looked terribly pale!”

“Just like the other one. What an example, my dear friend! An admirable case! This little one hated the Lotto game²² six months ago. Today he has the greediness to win, and such so that he will rob for it. Tomorrow he will inflame, burn, burst at a gambling table. Ah! Gambling! It is the only instinct of perdition that still provokes storms on the nerves of humanity. Little Osvaldo is just like the other one, the Chinese man, my last observation.”

“The Chinese?”

Belfort blew at his cigarillo tobacco, smiling.

“Mind you, almost one year ago I was introduced to a young man called Praxedes, the son of a Chinese woman and a Portuguese businessman, in Macao. The man could speak English, he was in the trade, and came from Shanghai, with a load of smuggled pottery and bronze to sell. We became friends at once. He was beardless, active, and patient; he said friendly words at all times, and he had married an interesting young woman, Clotilde, – whom her friends called Clô. He spoke about China, about the *boxers*²³, he confessed to his smuggling and even took me to see it. What a happy life that couple led!”

Praxedes used to leave for work in the morning, come back for dinner, and he never got apart from Clô. He had no addictions, – he had never had one; he was an amazing Chinese man, with no dragons or vices! I studied him, analysed him. Nothing. Legally moral.

21 It is too strong. In French in the text.

22 A game of chance resembling bingo.

23 Nationalist Chinese sect, which led a bloody rebellion against westerners at the end of the 19th century, called the Boxers War.

One night, when I invited him to dinner, we decided to play cards. Would anyone have guessed what crater had been awaiting for the right moment to burst into that calm soul? His wife, Clotilde, was singing the hateful *Gioconda's*²⁴ suicide aria, with a sad voice, on my piano. I was afraid that later variations on *Dance of the Hours* would arise. So, I asked him calmly – “Would you like to play cards?” – “I don’t know how to”. “It is always pleasant to teach an addiction, indeed”. – “Then, teach it to me”. He took the cards, looked at them indifferently, but he would listen to my words inattentively, as if they were fading. We played our first game. His eyes began to sparkle. Then, we played another game. “But just like that, without putting any money on it? Let’s bet two *tostões*²⁵”. “So be it”. I lost it. “Shall we redouble our bet?” – “Eight *tostões*?” – “Yes”. – “So be it”. At midnight, we were gambling at ten thousand *réis*²⁶, and Clotilde, who was feeling very tired and did not sing any longer, made useless efforts to withdraw him from the table.

I went to bed without having reached any conclusions and it was not until the following day, when the disturbed Chinese man appeared asking for another game, that I understood the amazement. The passion had clacked, –the greedy passion, which corrodes, scorches, bursts... I envied him, and, as a gentleman, I played and lost. On the next day, Praxedes returned. I took him to the club, to the roulette, where he went on to win until the early hours.

Oh, my dear friend, what a scene! What a refined emotion! When it is engaging, playing cards can dominate and involve a man; it is the most beautiful addiction of life, it is the maddening spectacle of an ever-imminent catastrophe, of an abyss in vertigo. The Chinese man was pathetic. With trembling fingers, and blurry, almost vitreous eyes, Praxedes blew his nose from time to time, and groaned a sibilant grunt that seemed to grip to the ball desperately: 27, 15, 2nd dozen! 27, 15, 2nd dozen! So the ball would run, and the

24 La Gioconda–An opera by Ponchielli, settled in Venice of the seventeenth century.

25 Brazilian currency coin from 1834 onwards, originated from Italian coins called *testone*, which bore the king’s head image.

26 Plural form of the currency real, aforementioned.

poor man's soul crumbled with that race, struggling, pulling it to the desired number, in an effort that made him purple...

I dined at the club so as not to miss any moments of that interesting spectacle. Furthermore, Praxedes did not leave the roulette for the period of three days and three nights, either. He was pale, weak. On seeing him win and make a real fortune, the regulars of the club began to call him Dom Praxedes. At the end of a week, however, his fortune ended. Suddenly, Praxedes began to lose, with hallucinated gestures, spreading tokens as if he was ripping pieces off his own flesh.

"Calm down, old sport", I told him. "Impossible! Impossible!", murmured he.

"He asked me for some money, I gave it to him; he asked others, they gave him some. He asked them for more, – and then he ceased to be Dom Praxedes, and he received ruthless refusals from them. Eventually, he no longer returned to the club. Nevertheless, I could feel him inside other dens, definitely stuck to his cross of horror, to the cross every man has to carry in life...

On one night, some months later, I met him in a gambling house of *Rua da Ajuda*²⁷, with his clothes creased and his tie slanting to one side. He ran up to me", "God has sent you. I am sick of watching. Being a *mirone*²⁸ does not suit me. Lend me fifty thousand *réis* to bet it all on 00. Ah! It's been a scandalously lucky number today. Shall we chip in the cost of this bet²⁹? It will certainly be a winner".

27 Former street of Rio de Janeiro, shortened in 1904, when *Avenida Central* was built. It was named *Ajuda* because of its beginning just before the Chapel *Nossa Senhora da Ajuda*. There were residential houses and businesses alongside the road at that time.

28 A mere spectator.

29 Mention to the highest prize of the animal lottery, attributed to number 25, which is represented by a cow. Therefore, the corresponding expression to share the cost, contribute or chip in in Portuguese would be "*fazer a vaca*". That expression is then used when a group of people decided to share the cost of some common expense. Likewise, it represents the group of numbers ending in 00.

“He grabbed the bank note desperately, went up to the group of gamblers that surrounded the *tableau*³⁰ on the right: “I have fifty here; hold on! And he bent over the others, his arm outstretched”.

Double-zero failed. He returned, sounding cynical: “one has to insist; let me get some more. Can’t I have it? Listen, I can mortgage you some of my bedroom furniture, can’t I?”

I then understood the improper dizziness of that fall. I felt pity for him. Almost forcibly, I dragged him into the street, and I made him tell me about his life. He said he was unemployed, he had left his job, sold their furniture, Clô’s jewels, her dresses, her clothes. They had even moved to a smaller house and had let the front room to rent. Misfortune, bad luck, the *guigne*³¹ pursued him. And, bending onto my arm, the miserable one sobbed”, “We shall recover it, lend me some, will you? I am penniless!”

I left him just like that—penniless, but I went to see Clotilde the following day. She was a beautiful flower, with her red eyes from crying and her clothes in rags already. She was going out, to get some money...—“And your husband?”—“My husband is lost. He wanders around gambling. I have not seen him in two days; and today I haven’t had anything to eat yet. “Leave him!” – “Should I leave him? And what about society, and him? What would become of him?” – “Well, him!” – “He loves me, loves me just as much as before. But what does he want? Misfortune has come to him. Sometimes I argue, but he says to me: “Oh, Clô, what shall I do? It is a force that drags my muscles. It seems they have untangled a steel ball inside of me, and I have to play cards.” And he bursts into tears, out there, so sadly, so sadly that I go and get him some money, I go out begging for it...”

“It is amazing isn’t it? The man had both a chained steel ball and his wife’s faithfulness! Only those special beings can manage to have such rare things”!

30 An arrangement of people who do not move or speak, especially on a stage, who represent a view of life, an event, etc.

31 Bad luck, misfortune, in French in the text.

One instant and the baron was quiet. The *coupé* rode along the beach, and the falling night cast out the smoky canvas of its first shadows over the sea.

Guided by my principles, I respected Clotilde, frightened already, as I was, by her husband's emotional condition. The following day, though, Praxedes said, while putting ambiguous smiles on his skull-shaped face: "You have been with Clô, haven't you? My wife is in good shape, despite the disgrace, isn't she?"... "I stepped back astonished. That good man, who was dignified deep inside, that man who loved his wife, was ready to trade her openly, cynically, as if he was discharging her, in order to obtain some money to pay for the cards and roulette bets. What is it that you want? I inquired him harshly, shame on you, go away, walk off!"

"I will mortgage my furniture, give me only five hundred!"

"It was his hallucination. I sent him away and waited, as if I was anticipating the end of a tragedy, because I was certain about the paroxysm of that vice. In the end, it must have been six months before my encounter with Osvaldo, when I read this desperate note brought to my bed, at 3 o'clock in the morning: "Come please. Praxedes has taken his own life. I am alone. Help me. – Clô".

Oh boy, I can't tell you how anxious I felt. I wished to see it, to know it, to end it straightaway. I rushed there, and on arriving, I saw her talking to the police officers that wanted to take his corpse away to the Morgue. Clotilde, looking disheveled and bloody-lipped, fell onto my arms. – "So, how did it happen?" – "I don't know! It was meant to be! Disgrace! He was insane. He had mortgaged our furniture, and interests were charged weekly. I was not able to get the money and so, the Jew took it away. I had to sleep on the floor. Yesterday Praxedes did not come home. Today I was sleeping when I felt him walking about the room. I then lit a match. It was him, looking livid, wrapping up his wedding jacket. I don't know what came over me, when I said: "Where are you going? – "I will try to get some dough, he answered. I need to play cards, I feel the urge for it, I can't help it any more." – "You

are crazy!” – “I am not, Clô, I am not”, he said, opening his eyes wide. I was cruel: “you see, if you sell your jacket, you won’t have any clothes for the funeral”. He stopped. “For the funeral? For my funeral? It’s best anyway, It’s better, I can’t help it any more!” And, suddenly, desperately, he began to hit his head against the walls. “Praxedes! Praxedes! Don’t do it! Praxedes!” I cried and sobbed, but it was pointless! He banged his skull harder and harder against the corners of the doors. The sound, ah! This sound drives me mad as I can still hear it! And soon he was all covered in blood... I grabbed him, but he pulled me to the window, turned around, and let himself fall, hitting his neck onto the balcony, stretching his neck desperately and twisting it... oh, how horrible! Save me! Save me!”

I cleared my way through the group of officers, in order to see Praxedes. He was the colour of wax, with his head cracked and his lips clogged with his purple blood. His gaze was a vitreous one, his hands were bent over, and, like this, under the light of the early hours, they seemed to continue and to follow the evil which his steel ball had compelled him to.

This record of desperate emotion paralyzed me. I had never seen one feel so vertiginously.

The car had come to a halt. The baron jumped out, went up the marble stairs slowly, while inside the little palace electric bells resounded.

“I need to feel by watching others feel, he said, looking at himself into the tall dressing room mirror. Only in this way can I have emotions. I assure you that Osvaldo will end like the Chinese man from Macao, but through other means, – morphine perhaps. Only the Chinese can die from head banging because they can feel too much!”

And so we went inside to have dinner peacefully at his table, which was decorated with carnations and white anemones.

EMOÇÕES

A Henrique de Vasconcellos³².

Ontem, às 6 horas da tarde, fui buscar ao clube da rua do Passeio o velho barão Belfort, que me prometera mostrar, três dias antes, a sua cara coleção de esmaltes árabes. O barão jogava e perdia com um moço febril, que à lapela trazia um crisântemo amarelo, da cor da sua tez. Ao ver-me, disse amavelmente:

— Estamos a jogar. O Osvaldo ganha como um inglês e com a alucinação de um brasileiro. Estou perdendo e apreciando este bom Osvaldo, que ainda tem emoções.

Os seus olhares seguiam, frios e argutos, o jogo do bom Osvaldo e, a cada cartada, tamborilando os dedos na mesa, Belfort sorria um sorriso mau, entre desconfiado e satisfeito. De repente, porém, as pupilas acenderam-se-lhe. Pôs as duas mãos nervosas na mesa, e perguntou, enquanto mais pálido o moço estacava:

— E tu não jogas?

— Não.

— Fazes bem. Um escritor do tempo de Balzac dizia que o jogo era para a mocidade o veneno da perdição. O veneno! Ora vê tu, o veneno!

Sorriu com delicadeza.

³² Jornalista português e poeta decadentista. Autor de “Missa Negra” e “Flirt”.

— O Osvaldo permite? Vou embora sem mais um real. Até amanhã. E não deixe de tomar água de flor de laranja...

Levantou-se, mirou as unhas brunidas, mirou a gravata, e saiu, deixando o jovem só naquele salão que o pleno verão tornara deserto. Acompanhei-o, não sem olhar para trás. O moço pendia a cabeça na sombra, e assim pálido, com um pálido crisântemo, os seus olhos tinham chispas de susto e de prazer.

Embaixo, no vestiário, o barão deixou que lhe enfiassem o paletó, mandou chamar o *coupé*, e partimos discretamente, sob a tarde luminosa e cor de pérola. Belfort aconchegou-se à almofada de cetim malva, acendeu uma cigarrilha do Egito com o seu monograma em ouro e, enquanto o carro rodava, indagou:

— Que tal achaste o Osvaldo? É o meu estudo agora. Havia meia hora que me roubava escandalosamente... Não lhe disse nada. Ainda é possível salvá-lo...

— Quer perdê-lo? Indaguei habituado às excentricidades desse álgido ser.

— Oh! Não, quero gozá-lo. Tu sabes, o homem é um animal que gosta. O gosto é que varia. Eu gosto de ver as emoções alheias, não chego a ser o bisbilhoteiro das taras do próximo, mas sou o gozador das grandes emoções de em torno. Ver sentir, forçar as paixões, os delírios, os paroxismos sentimentais dos outros é a mais delicada das observações e a mais fina emoção.

— Oh! Ser horrível e macabro!

— Então seja; horrível, macabro, mas delicado. É por isso que eu não quero perder o Osvaldo, quero apenas gozá-lo. Preciso não limitar a minha ação humana aos passeios pelo Oriente, às coleções autênticas e a alguns deboches nos restaurantes de grão tom. Mas daí a perdê-lo, *c'est trop fort*³³...

— Pois não imagina o mal que fez ao pobre Osvaldo. O rapaz estava horrivelmente pálido!

33 É muito forte.

— Tal qual como o outro. Que exemplar, meu caro! Que caso admirável! Esse pequeno há seis meses odiava a víspora. Hoje tem a voracidade de ganhar, e tamanha que já rouba. Amanhã arde, queima, rebenta numa banca de jogo. Ah! O jogo! É o único instinto de perdição que ainda desencadeia tempestades nos nervos da humanidade. O Osvaldinho é tal qual o outro, o Chinês, a minha última observação.

— O Chinês?

Belfort soprou o fumo da cigarrilha, sorrindo.

— Imagina que vai para um ano fui apresentado a um rapaz chamado Praxedes, filho de uma chinesa e de um negociante português em Macau. O homem falava inglês, estava no comércio, e vinha de Xangai, com um carregamento de poteries e bronzes por contrabando, para vender. Simpatizei com ele. Era imberbe, ativo, paciente, dizia a cada instante frases amáveis, e casara com uma interessante rapariga, a Clotilde — Clô para os íntimos. Conversou da China, dos *boxers*, confessou o contrabando e levou-me a vê-lo. Que vida feliz a daquele casal!

O Praxedes saía pela manhã, trabalhava, voltava para o jantar, e não se largava mais de junto da Clô. Não tinha um vício, nunca tivera um vício, era um chinês espantoso, sem dragões e sem vícios! Estudei-o, analisei-o. Nada. Legislativamente moral.

Uma noite em que o convidara para jantar, jogamos. Adivinharia alguém que cratera esperava o momento de rebentar nessa alma tranquila? A senhora, a Clotilde, cantava no meu piano, com voz triste, a ária do suicídio da detestável Gioconda. Eu estava receoso que depois surgissem variações sobre o bailado das Horas. Disse-lhe despreocupado: “Quer jogar?” — “Não sei.” “É sempre agradável ensinar mesmo o vício.” — “Então ensine.” Pegou das cartas, olhou-as indiferente, mas as minhas palavras, ouvia-as desvanecedoramente. Jogamos a primeira partida. Os seus olhos começaram a luzir. Jogamos outra. — “Mas isso assim sem dinheiro? Ponhamos dois tostões.” — “Pois seja.” Perdi. “Redobra-se a parada?” — “Oito tostões³⁴?” — “Sim.”

34 Pequena moeda da época.

— “Pois seja.” À meia noite jogávamos a dez mil réis³⁵, e Clotilde, muito cansada, já sem cantar, fazia inúteis esforços para o arrancar à mesa.

Deitei-me sem conclusões, e só no dia seguinte, quando o chinês enleado apareceu pedindo outra partida, é que compreendi o assombro. A paixão estalara, — a paixão voraz, que corrói, escorcha, rebenta... Invejei-o e, como homem delicado, joguei e perdi. No outro dia, Praxedes voltou. Levei-o ao clube, à roleta, donde saiu a ganhar pela madrugada.

Ah! Meu caro, que cena! Que fina emoção! O jogo, quando empolga, domina e envolve o homem, é o mais belo vício da vida, é o enlouquecedor espetáculo de uma catástrofe sempre iminente, de um abismo em vertigem. O Chinês era patético. Com os dedos trêmulos, assoando-se de vez em quando, os olhos embaciados, quase vítreos, o Praxedes rouquejava num estertor silvante que parecia agarrar-se desesperadamente à bola: 27, 15, 2^a dúzia! 27, 15, 2^a dúzia! E a bola corria, e a alma do pobre esfacelava-se na corrida, esforçando-se, puxando-a para o número desejado, num esforço que o tornava roxo...

Jantei no clube só para não perder algumas horas o interesse desse espetáculo. Também durante três dias e três noites Praxedes não deixou a roleta. Estava pálido, fraco. A gente do clube, vendo-o ganhar, ganhar mesmo uma fortuna, já o tratava de dom Praxedes. Ao cabo de uma semana, entretanto, a chance desandou. Praxedes começou a perder bruscamente com gestos de alucinado, espalhando as fichas como quem arranca pedaços da própria carne.

— “Calma, meu caro”, dizia-lhe eu. — “Impossível! Impossível!”, murmurava ele.

Pedi-me dinheiro, dei-o, pediu a outros, deram-lho. Pediu mais — deixou de ser o dom Praxedes, recebeu recusas brutais. Acabou não voltando mais ao clube. Eu, porém, sentia-o em outros antros, definitivamente preso à sua cruz de horror, à cruz que cada homem tem de carregar na vida...

35 Moeda corrente do Brasil do início do século XX, o Real, que foi restabelecida em 1994.

Certa noite, meses depois, encontrei-o numa batota da rua da Ajuda³⁶, com o fato enrugado e a gravata de lado. Correu para mim, “Foi Deus que o trouxe. Estou farto de peruar. Isto de mirone³⁷ não me serve. Emprésteme cinquenta mil réis para arrumar tudo no oo. Ah! Está dando hoje escandalosamente. Faremos uma vaca³⁸? Vai dar pela certa.”

Agarrou a nota como um desesperado, precipitou-se na roda que cercava o *tableau*³⁹ da direita: “Tenho aqui cinquentão; esperem!” E caiu por cima dos outros, com o braço esticado.

O *double-zero* falhou. Ele voltou cínico: “É preciso insistir; deixe ver mais algum. Não dá? Olhe, escute aqui, hipoteco-lhe uma mobília de quarto, serve?”

Compreendi então a descabida vertigem daquela queda. Tive pena. Arrastei-o quase à força para a rua, fi-lo contar-me a vida. Estava desempregado, abandonara o emprego, vendera o mobiliário, as joias da Clô, os vestidos, as roupas, mudara-se para uma casa menor e alugara a sala da frente. A cábula, a má sorte, a *guigne*⁴⁰ perseguiam-no, e, pendido ao meu braço o miserável soluçava: — “Havemos de melhorar, emprésteme algum. Estou sem níquel!”

Deixei-o sem níquel, mas fui ao outro dia ver a Clotilde, uma flor de beleza, com os olhos vermelhos de chorar e as roupas já estragadas. Ia sair, arranjar dinheiro... — “E seu marido?” — “Meu marido está perdido. Anda por aí a jogar. Há dois dias não o vejo; hoje não comi...” — “Abandone-o!” — “Abandoná-lo eu? E a sociedade, e ele? Que seria dele?” — “Ora, ele!” — “Ele ama-me, ama-me como dantes. Mas que quer? Veio-lhe a desgraça. Às vezes brigo, mas ele diz-me: Ai! Clô, que hei de fazer? É uma força, uma força

36 Antiga rua do Rio de Janeiro, a qual foi encurtada em 1904, quando a Avenida Central foi construída. Chamava-se “ajuda” devido ao seu início exatamente em frente à Capela Nossa Senhora da Ajuda. Havia casas e lojas ao longo dessa rua à época de João do Rio.

37 Mero observador do jogo.

38 Fazer a vaca – dividir uma despesa. Alusivo ao jogo do bicho, comum no Brasil.

39 Um arranjo de pessoas que não se movem ou falam, especialmente no paco, representando uma cena da vida, um evento, etc.

40 Azar, má sorte.

que me puxa os músculos. Parece que desenrolaram uma bola de aço dentro de mim, tenho de jogar. E cai em prantos, por aí, tão triste, tão triste que até lhe vou arranjar dinheiro, que saio a pedir...”

É espantoso, pois não? O homem tinha uma bola de aço e a fidelidade da mulher! Só esses seres especiais conseguem coisas tão difíceis!

Um instante o barão calou-se. O *coupé* rolava pela praia, e a noite, caindo, desdobrava por sobre o mar a talagarça fuliginosa das primeiras sombras.

— Respeitei a Clotilde, por sistema, já assustado com as proporções emocionais do marido. Ao outro dia, porém, Praxedes, com sorrisinhos equívocos na face escaveirada: “Esteve com a Clô, hein? Conservada apesar da desgraça, a minha mulherzinha, pois não?...” Recuei assombrado. Aquele homem bom, digno no fundo, aquele homem que amava a mulher, para arranjar dinheiro com que satisfazer as cartas e a roleta, mercadejava-a aberta, cínica, despejadamente.

— “Que queres tu? Indaguei áspero, tem vergonha, vai, some-te!”

— “Eu hipoteco uma mobília. Só quinhentos, só quinhentos!”

Era a alucinação. Corri-o, e esperei ansioso como quem espera o final de uma tragédia, porque tinha a certeza do paroxismo daquele vício. Afinal há de haver seis meses, antes do meu encontro com o Osvaldo, li, na cama, às 3 da manhã, este bilhete desesperado “Venha. Praxedes matou-se. Estou sem ninguém. Acuda-me. Clô.”

Ai! Menino, não sei o que senti. A minha vontade era ver, era saber, era acabar logo. Precipitei-me. Quando cheguei, às voltas com a polícia que queria levar o corpo para o Necrotério, Clotilde, desgrenhada, com os lábios em sangue, caiu nos meus braços. — “Então, como foi isso?” — “Sei lá como foi! Tinha que ser! A desgraça! Estava doido. Hipotecou a mobília, os juros eram semanais. Não arranjei dinheiro e o judeu levou-a. Dormi no chão. Ontem não apareceu. Hoje estava eu a dormir quando o senti que caminhava. Risquei o fósforo. Era ele, lívido, embrulhando a casaca do casamento. Não sei o que me deu. — “Onde vais?” — “Vou ver se arranjo

uns cobres, respondeu. Preciso jogar, sinto uma ânsia, não posso mais.” — “Estás doido!” — Não estou, Clô, não estou, fez ele arregalando os olhos. Eu fui cruel: olha que se vendes a casaca ficas sem roupa para o enterro. Ele parou. “Para o enterro? Para o meu enterro? É melhor mesmo, é melhor mesmo, eu não posso mais!” E, de repente, desesperado, começou a bater com a cabeça pelas paredes. Praxedes! Praxedes! Não faças isso! Praxedes! Gritei, soluzei. Qual! Cada vez arrumava o crânio com mais força de encontro às quinas das portas. O som, ah! Esse som como me ensandece! Ainda o ouço! E ele todo em sangue, todo em sangue.... Agarrei-o. Arrastou-me até à janela, voltou-se, deixou-se cair em cheio com a nuca na sacada, esticou o pescoço desesperadamente e rodou... Oh! O horror! Salve-me! Salve-me!”

Abri o grupo dos agentes, fui ver Praxedes. Estava cor de cera, com a cabeça fendida e os lábios coagulados de sangue roxo. E o olhar vítreo, a mão recurva, assim, sob a luz da madrugada, pareciam seguir ainda e acompanhar o mal a que o impelira a sua bola de aço.

Esse *record* de emoção desesperada prostrou-me. Nunca vi sentir tão vertiginosamente.

O carro parara. O barão saltou, subiu devagar as escadas de mármore, enquanto no interior do palacete retiniam campainhas elétricas.

— Preciso sentir vendo os outros sentirem, fez mirando-se no alto espelho do vestiário. Só assim tenho emoções. Garanto-te que o Osvaldo acaba como o chinês de Macau, mas por outro meio—com a morfina talvez. Só os chineses morrem às cabeçadas por sentir demais!

E fomos jantar tranquilamente na sua mesa florida de cravos e anêmonas brancas.

MERRY PEOPLE'S TALE

The terrace was quite splendid. The whole building appeared to be truly perched on the edge of endless horizons, as if it had been placed there just to admire them. And the light of the lower floors, as well as the lighting of the halls, high above, contrasted sharply with the softly fading afternoon. We were both on the terrace of the *Smart-Club*, on this wonderful balcony of *Vila do Estoril*, which beautifully overlooked *Russel's* beach⁴¹, with its wide avenues, the sea, the glowing red line of the pier and the sky with the polished luminosity of Persian stones. It was seven o'clock. Any appetizer would be enough, as no one wished to dine because of the scorching heat of Summer. Meanwhile, they would appreciate the confused beauty of those random colours and the greenish bath of all surrounding vegetation. The rooms upstairs were vacant; the large baccarat⁴² table, where some female and male gamblers melted their bank notes, was at rest. The polished floor lustered under the divans⁴³, which rested in rows displayed against the walls. Those divans were futile pieces of furniture in these types of clubs, hardly of any use or labour. The servants appeared snobby and they all claimed to come from Buenos Aires, São Paulo, and to be Italian servants of registered brand, just like those encountered in London, Cairo, or New

41 Beach belonging to João Frederico Russel, an English man who had the rights to Rio de Janeiro's sewage exploration. He used to live on the beach where Hotel Gloria is located now, and which was destroyed with the creation of Flamengo's embankment (*Aterro do Flamengo*).

42 Card game of French origin, in which a banker and several players take part. The winning group will be the one scoring closer to nine points, after drawing two or more cards.

43 Type of sofa or settee of Persian origin, with no backrest or arms.

York. Also, the breeze was so soft, sprinkling such a light smell of saltiness into the atmosphere that one wished to linger there longer, forever idly.

Nevertheless, the night had already outstretched its black brocade of stars and, in the *plain-air*⁴⁴ of the terrace, the smart-diners⁴⁵ began to arrive. What peculiar characters! There were decorated French men, Englishmen in tuxedos with flowers in their buttonholes. There were Americans in dress jackets and others in white denim with football and lawn-tennis boots, smart-looking *cariocas*⁴⁶ with artificial laughs, false smiles, their gestures being contrary to their bodies' wishes. All of them were puppets, as somehow the victims of *chantecler*⁴⁷ fun, –frequent *noceurs*⁴⁸, and rich or gambling *michés*⁴⁹, whose first daily meal is dinner, and who appeared with dark circles under their eyes, sounding their gruff voices, while they were thinking about the *bac-chemin-de-fer*⁵⁰, about getting 9 straightaway⁵¹ and, at the same time, about the last *béguin*⁵²'s requests. The building, one more “villa” on the Mediterranean bay, shone brightly on the peaceful night, seeming to be the mirage of the stars high above. White tablecloths, crystals, and *christofle*⁵³ buckets gave out their own reflections. Over the tables, they moved like a whimsical farandole⁵⁴ of little candles with colourful *capuchons*⁵⁵, and from above, there came a languid waltz, one of those waltzes of slow inebriation, which flutter like moths flying and produce fermatas like spasms. That group of men greeted one another rapidly, saying only the last words

44 In the open air. In French in the text.

45 Elegantly dressed guests to dinner.

46 Common way of calling Rio de Janeiro's inhabitants.

47 Brazilian expression, adapted from French, meaning “in good taste, flavor or quality”.

48 Person who leads a dissolute life, bohemian.

49 Michês. Those who pay for or receive sexual favors. In French in the text.

50 Type of Baccarat. In French in the text.

51 In Baccarat, the objective is to score nine points, or to get as close as possible to that, then beating one's opponents.

52 Flirt. In French in the text.

53 Ornamental application of gold onto crystal, glass or metal, which was named after its creator, the French industry owner Charles Christofle (1808-1863).

54 Type of French dance.

55 Wax candles protective holder, which prevents them from being blown out by the Wind. In French in the text.

syllables: “*B’jour*, For...sake, *goo*”. In addition, amongst them *cocottes*⁵⁶ arrived, the so-called modern Aspasias⁵⁷ of insignificance. Some would wear five-thousand-franc dresses; others, on the other hand, had the simplistic attitudes of primitive Italians. By the terrace shade, there was a parade of characters who resembled Rossetti and Heleu, Mirande and Herman-Paul, Cappielo and Sem, Julião, and also Abel Faivre. There were also very fat *cocottes*, wearing heavy *maquillage*, adorned with jewelleries, who were sweating and swearing. They spoke all foreign languages, – Spanish, French, Italian, even German, with the predomination of *parigot*, of *argot*, of *langue verte*⁵⁸, while only the slang of *boulevard*⁵⁹ was spoken. Outside, by the entrance, there were the headlights of carbuncle-coloured⁶⁰ parked automobiles, gruff *phon-phones*, and the brisk start of H.P. 60⁶¹ machines. That Parisian international atmosphere, full of laughs, gossip, *glub-glub* of bottles, and jokes, – it was such excitement for posh people! Baron André de Belfort, looking most elegant in his impeccable jacket, had invited me to a dinner of two, during which we would converse about ancient art, since he had personal studies regarding the Greece of Pericles to discuss. As expected, before the end of supper, we would have our table ornamented by one of those little characters who had escaped from Tanagra, or by any of those fat monsters who were flowing about the place.

All of a sudden, however, behind me, amongst the joy of the terrace, I overheard a woman’s voice:

“Don’t you know Elsa died very early today?”

I did not turn back. The woman was talking at another table. Nevertheless, I had a dreadful shock: Elsa! Would that be Elsa d’Aragon,

56 Women who lead a merry life. Prostitutes. In French in the text.

57 Pericles’s companion, governor of Athens during V AC., the heyday of classic culture.

58 *Parigot*, *argot* and *langue verte* are denominations of low classes’ Parisian slang.

59 Wide and green street, a symbol of Parisian modernity after a Haussmann’s’ urban reform. In Rio de Janeiro, the mayor Pereira Passos performed similar reform between 1904 and 1909, hence opening Avenida Central (nowadays Rio Branco), – a typical carioca *boulevard*.

60 Of Carbuncle, a red gemstone, like a ruby.

61 Cars with 60 Horse Power.

a wonderful eighteen-year-old carnation, launched just a month ago by a music hall manager, whose specialty was to enjoy the virginity of pubescent girls? Would it be her, with her green eyes, her velvety tea-pink skin and her splendid jet-black coloured flowing hair? Moreover, to have died on her glory days, so full of jewels and lovers! Hence, I inquired my companion:

“Did Elsa d’Aragon die?”

Baron Belfort had finally ordered the menu. He ended his serious meal selection operation calmly, and rested his monocle on the table.

“Precisely. You seem to have liked her. Poor young girl! It was she, indeed. She passed away in the early hours of this morning.”

“So suddenly?”

“Yes, undoubtedly. It must have been a beautiful death, one of horrible splendour, however. That is today’s hottest theme in most actors’ guest-houses, in all brothels sponsored by rich old *cocottes*, and in all gamblers’ circles. Elsa was too *nature*⁶², with a phobia for artificiality, but she managed to die furiously.”

“How did it happen?”

At that moment, the *bisque*⁶³ and the bucket with a *brut imperial Môt*⁶⁴ bottle were brought to our table,—that champagne the old dandy⁶⁵ always drinks during the courses of his supper.

The baron went for the *bisque* greedily, told some sort of order to the *maitre-d’hotel* and murmured:

“It is an interesting story. I don’t think you have yet wished to follow the merry woman’s psychology, who throws herself into all excesses because of her annoyance of not having what to do? Almost all of those

62 A woman who does not use the tricks of make-up. In French in the text.

63 Seafood soup. In French in the text.

64 Brand of exquisite champagne. In French in the text.

65 Elegant and refined type of man, with a debouched and iconoclast sense of humor, typical from the period between 1870 and 1918 (*Belle-époque*). Oscar Wilde and João do Rio were typical dandies.

creatures, either those highly-valued women or those simple female from the pavement,—they are... how shall I put it? They are always upset, paroxysmal, excessively worried. Their environment is atrociously artificial, as well as their laughter, their champagne, and their *maquillage*, all of which conceal a lamentable absence of feelings and sensations. Moreover, life has a regulation over general excesses, and these women, have to fatally pay the price to ruin idiots, as they are bound to love a penniless young fellow who will spend all of their dough⁶⁶ and beat them up. These girls are doomed to get drunk, discuss about men, about the other women's businesses. None of that in their lives is short of exorbitant. A *cocotte's* passion is always caricatured; it is always above what is considered natural and true. And her poor life, may she have hundreds of *contos*⁶⁷ or live without one *real* across cheap *bo-degas*, is always a fabricated hypothesis of life, a type of "fiord in a teacup", by electric light. They all love in a remarkable way, they gamble and drink excessively, and waste their money by throwing it away, rather than spending it. When they cry, they don't weep, as they howl, whine, and cry their cascades of tears. If they have any children and visit them, they commit such excesses that they cease to be mothers, because, in fact, they are not, and, two hours later, the little ones are forgotten. If they love, they do such crazy things that they cease to be lovers, because, in fact, they are not that either, as they have far too many passions in their lives. Five years in that profession will put an end to those gallant creatures' souls. Nothing true will have remained. An interesting young girl can be summarized in this way: a false name, strain on their nerves derived from the exploitation by their gigolos and brothels' owners, plus the money taken, and the kisses given, by them. They are crazy puppets, moved by the four strings of human misery.

"What about Elsa, then?"

66 Informal use of that time, Money.

67 Large amount of *reais*, the Brazilian currency at the time.

“Elsa was suddenly thrown into a lodging house of *Catete*⁶⁸. You know what life is like in such houses. They wake up for lunchtime, when many rich men appear there. Lunch is very cheap indeed, but wines are far too expensive and mandatory to be brought to the tables. Since the morning, they keep drinking champagne and strong liquors. During those meals, they discuss the generosity, the foolishness or the voracity of males. The afternoon is spent in the company of one or two men. At five, they do their *toilette* and take a compulsory stroll. At night, there is dinnertime, when they must be very noisy, dance in between or during their jobs, and say silly things. Afterwards, they tour around music halls, with which their bosses have agreements, and they are obliged to go to certain clubs to stimulate gambling. Each one earns a percentage over that work and they are fined whenever they go to another club,—whose owner, in turn, however, will certainly pay for their fine. And, at the end of the day, they have to cope with a man’s company until going to sleep. In that sequined puppetry act, there are several genres of men: the daredevil, the serious one, the reserved, the *nature*, or the romantic. And so as to fill their emptiness, some bizarre addictions can develop in those girls. They may take opium, sniff ether or prick themselves with morphine and, even so, in their artificial paradises, they are still poor laughable creatures, living inside their unavoidable lust madhouse. Elsa was the “nature” type: a wide-hipped, sensitive-skinned, viceless animal. She tried out the *petit-maitres*⁶⁹, the fatigued bankers, the bald chaps and, after eight days, she was nerve wrecked, she was exceeded. And just so because, from her first hour there, Elisa had been staring at Elsa with her dead eyes,—the exciting Elisa”.

“Ah!”

“Elisa is perhaps a regular type in that setting. She has short hair, and wears an otter hat at all times. I have never seen her wearing a jewel or without dressing her brown *tailleur*. She is ugly, therefore she may

68 Neighborhood of Rio de Janeiro, which went through relevant urbanization process in order to house Palácio do Catete (Catete Palace), headquarters of the Brazilian Federal Government until the end of the nineteenth century.

69 Man devoted to or vain about his appearance or dress. Dandy. New rich.

not please men, but she will run all the small errands for those working ladies. She writes their letters, she arranges interviews for them, she has got acquaintances, and she is said to have all addictions, from ether abuse to unisexuality. Now, Elisa looked at Elsa with her dead and buried eyes, and Elsa felt such repugnance and disgust, mixed with a fear of having the slightest contact with her. Elisa smiled,—Elisa, who is always in those places, without a waistcoat, with her dead and androgynous body. And that same gaze followed Elsa everywhere, watching her every gesture, licking each of the creature's movements. On one night, at the Lacroix Ducerny, the two who always dress alike and make a fortune in common, ascertained to me that Elisa was no longer of any use, as she was lost, and madly in love. What is more, to my greatest astonishment, on entering an ill-reputed club, I saw Elsa with a well-known banker and, most naturally, with Elisa by her side. It was the approximation..."

"Sapphist!"

"My dear friend, let us show no repugnance. Taste this pheasant. It is magnificent. Well, yesterday, at the Casino, as poor Elsa was a bundle of nerves and she was wearing a truly admirable dress, I had the pleasure of shaking hands with her". "So, how are you with this life?" "As you can see, very well." "But you are nervous". "It must be the lack of habit. I will become accustomed to it." – "With such a beautiful physique..."—"Don't be mean, there is no need for compliments". And, suddenly, she asked: "Tell me, Baron, is there a way of my being freed from it all? I cannot have it any longer; I have no more freedom, as this is not me anymore. Today, for instance, I have felt like crying heartily."—"Do cry, my girl, it is a matter of nerves and you will certainly be relieved."—"But, it is not that, not at all, man!" To that remark, I replied: "If you go on yelling at me like that, I tell you I will bid you farewell." – "No, my friend, please forgive me. The fact is that I am so nervous! So much so... I wish you could advise me". – "Advise you on what?" – "On how to relieve myself."—"That is a tough one. You suffer from an ordinary illness,

the *surmenage*⁷⁰ of artifice. I could advise you to collect yourself in a convent, but that could sound like a banter and maybe you would even die a mystical, talking to angels like Swedenborg⁷¹. I myself met some girls who ended their days just like that. I could also counsel you, if I were an idiot, to lead an honest life, but that would be impossible because the sorrow, the nostalgia and the memories of **this** kind of life, in which waste is the norm, would make you bitter. After all, you have no resources and you would always have to put your beautiful asset to use.”–“Baron, please tell me honestly.” – “So, my dear, I recommend you a passion or an excess, a handsome young man or an extravagance.”–“But in this group of people, there are no handsome fellows.”–“I agree, there are many old newly-born. But you should resort to the crowds, spend one night going through poor neighborhoods, experimenting here and there. Or then, my precious, some great excesses: the champagne, ether or morphine...”. Then, I turned around to the hall. Inside a box just opposite us, Elisa was looking at Elsa with her dead eyes. “And, if it will not disgust you, try a great master of artificial paradises, Elisa.”–“Don’t speak loud, or she might hear you.”–“Then, you knew that already...” She said: “I sent her away from my bedroom yesterday. She is a devil.”–“But, you are in need of a devil.”–“What she does...”–“I know, everyone does it. But she is naturally extraordinary.”–“Baron, please go away.”–“Goodbye, my dear.” When I turned around to speak to Elisa, she had already left her box.

“And so, how did the beautiful creature die?”

“By taking my advice. Her death belongs to the bedroom mystery, but it must have been horrible. Well, Elsa left from the music hall and went straight home, alleging to have a strong headache to the banker who could build a palace for her,–the classic migraine of bored or exceeded *cocottes*. Then she arrived at the guesthouse, acting like an insane, ordering to open champagne

⁷⁰ Excess, overexertion. We wrote it in French in the text, as João do Rio made use of an adapted form of the expression in Portuguese.

⁷¹ Emanuel Swedenborg (1688-1772), Swedish scientist and philosopher, who also studied the supernatural. His ideas influenced Romanticism to a great degree. A sect. of his followers was studied by João do Rio in *As religiões no Rio* (1904).

at her own expense. When, around one a.m., Elisa's worm figure⁷² appeared, Elsa jumped off her chair, and grabbed her wrist: "Come, today you are mine!" There was a good laugh. Those ladies and gentlemen showed great compassion towards Elisa, and that victory excited them. Elisa sat beside Elsa unhurriedly, who drank more champagne, felt breathless and twisted her loved one's fingers under the table. It was desperation, as Mimi Gonzaga assured me Elisa had received a letter from her mother early in the morning. In the end, pale and fervent, Elsa said: "*Viens, mon chéri, que je te baise!*" and she bit Elisa's neck angrily. One could see the disgust, the anger with which she performed that scene of Lesbos,—the poor girl without inversions or aestheticism *à la Sappho*... So, supper ended with this performance, and it would have ended with all spectators, had some women, who were jealous of their men,—how silly they are!—not taken them away. At two-thirty, Elsa made the quiet and mysteriously cold Elisa stand up. "Are you both going to take the morphine?", inquired one of the assistants, "be careful, will you?" Elsa shrugged, smiled and left, dragging the other one with her. And their departure was even more theatrical, with Elsa's green eyes and dark circles, her loose hair, looking desperate like a bacchant, and grabbing the greasy blonde pastiness of the miserable one who wanted her".

"How horrible!"

"The poor thing got herself astounded. It is the usual process. With the purpose of showing her free will, she fell to the excesses, and she grabbed the type who disgusted her most, in order to dive into horror entirely. I almost believed she had received some reminder from her relations. And, for a moment, I pictured the sinisterly atrocious scene of the bedroom in which, at last, like a diabolical larvae, the blonde octopus would pluck some life out of that beautiful passionate creature, who still bore some traces of a woman's soul... Never, however, had I reckoned she would have had that unexpected end.

By five in the morning, the hotel was awakened by some hoarse moaning, which came from Elsa's room. They were, actually, agonizing cries

72 Ghost. Harmful spirit that wanders among the living in order to do evil.

for help. The women went down half-naked, the servants rose with cynical smiles, used, as they were, to those busy nights of hysterical attacks and delirium. As her bedroom door had been locked from inside, they knocked repeatedly, while the hoarse noise gruffed inside. It was necessary to break the door open, and the chamber scene made the brothel troupe recede. The only light was one paraffin lamp protected inside a pink glass case. The room, full of shadows, showed Elsa's silk pieces and lace *dessous*⁷³ placed onto armchairs. An open bottle of ether reeked the atmosphere. Elisa was bent onto her knees, at the bedside. Her arms hung like two severed tentacles. Elsa d'Aragon was totally naked, with her divine and livid body, with her black hair tied up like an ebony hoof, with her legs lying close together, and her face looking contracted. She was still seated and she had clutched Elisa's head with both her hands, in an atrocious tension. It was Elisa who gruffed, as Elsa was already dead, and her body was cold. There must have been a fight, much resistance on Elsa's part, followed by the blonde woman's triumph. And then, in an endless effort until her death, while Elsa thrashed about, while Elisa squeezed her, plucked her hair, and injured her face,—How horrible! Elsa succumbed while she struggled,—being the victim of the diabolical ordeal, but whose hands, in her last spasm, gripped the murderer. When the latter was finally satisfied and wanted to rise, she felt she was trapped by Elsa's hair. She attempted to fight, but realized too late that the other one was already a corpse. And the moment of terror came to the monster, the moment in which she realized that her world was lost forever, because she was motionless and gruffing, resting on her knees, with her head placed on the corpse's lap, who kept the mass of her golden hair inside its clasped hands. Its fingers felt strong like steel. One of the women even had to resort to scissors in order to release Elisa's hands from the corpse. When the corpse tumbled onto the bed, holding a tuft of Elisa's hair in its hands, the group saw her face emerge,—she looked so dishevelled, so old that she appeared to be another woman, as though she had been turned into a lunatic.

73 Underwear. In French in the text.

There was total silence. The servant offered us some cold fruit, splendid pears from Spain and grapes from Burgundy vineyards, and large black grapes. The baron bit a pear.

“It was such a nuisance to keep the police away and to avoid paper news that would demoralize the house. Some hours later, Elisa was taken to a mental hospital, drooling and panting. Elsa must have been buried this afternoon. I was there to see her corpse. She had still got blonde hairs inside her clenched hands, as if she had wanted to snatch the desperate proof of her death to the grave”.

And he bit the pear avidly. In the hall above, a slow waltz wept by violins saddened the air. From the terrace tables, between the byzantine lighting of colourful *capuchons* candles, one could hear some merry buzzing. They were the laughing and twittering sounds of all those women who are always there, in order to appear happy for suppertime.

HISTÓRIA DE GENTE ALEGRE

O terraço era admirável. A casa toda parecia mesmo ali pousada á beira dos horizontes sem fim como para admirá-los, e a luz dos pavimentos térreos, a iluminação dos salões de cima contrastava violenta com o macio esmaecer da tarde. Estávamos no Smart-Club, estávamos ambos no terraço do Smart-Club, esse maravilhoso terraço de vila do Estoril, dominando um lindo sítio da praia do Russel⁷⁴ — as avenidas largas, o mar, a linha ardente do cais e o céu que tinha luminosidades polidas de faiança persa. Eram sete horas. Com o ardente verão ninguém tinha vontade de jantar. Tomava-se um aperitivo qualquer, embebendo os olhos na beleza confusa das cores do ocaso e no banho viride⁷⁵ de todo aquele verde em de redor. As salas lá em cima estavam vazias; a grande mesa de *baccarat*⁷⁶, onde algumas pequenas e alguns pequenos derretiam notas do banco — a descansar. O soalho envernizado brilhava. Os divãs⁷⁷ modorravam em fila encostados às paredes — os divãs que nesses clubes não têm muito trabalho. Os criados, vindos todos de Buenos-Aires e de S. Paulo, criados italianos marca registrada como a melhor em Londres, no Cairo, em *New York*, empertigavam-se. E a viração era tão macia, um cheiro de salsugem⁷⁸

74 Praia pertencente a João Frederico Russel, inglês que detinha os direitos de exploração do esgoto do Rio de Janeiro. Morava na praia que existia no local onde se encontra hoje o hotel Glória, e que foi destruída com a criação do aterro do Flamengo.

75 Verde, esverdeado.

76 Jogo de cartas de origem francesa, em que tomam parte um banqueiro e vários jogadores, ganhando o grupo que com duas ou mais cartas, perfizer o total de pontos mais próximo de nove. Bacará.

77 Espécie de sofá ou canapé de origem persa, sem encosto ou braço.

78 Maresia.

polvilhava a atmosfera tão levemente, que a vontade era de ficar ali muito tempo, sem fazer nada.

Mas a noite já estendia o seu negro brocado picado de estrelas e no *plein-air*⁷⁹ do terraço começavam a chegar os *smart-diners*⁸⁰. Que curioso aspecto! Havia franceses condecorados, de gestos vulgares, ingleses de *smoking* e parasita à lapela, americanos de casaca e também de brim branco com sapatos de jogar o *foot-ball* e o *lawn-tenis*⁸¹, os elegantes cariocas com risos artificiais, risos postiços, gestos a contragosto do corpo, todos bonecos vítimas da diversão *chantecler*⁸², os *noceurs*⁸³ habituais, e os *michés* ricos ou jogadores, cuja primeira refeição deve ser o jantar, e que apareciam de olheiras, a voz pastosa, pensando no *bac-chemin-de-fer*⁸⁴, no 9 de cara⁸⁵ e nos pedidos do último *béguin*⁸⁶. O prédio, mais uma “vila” da bacia do Mediterrâneo, ardia na noite serena, parecia a miragem dos astros do alto; as toalhas brancas, os cristais, os baldes de *christofle*⁸⁷ tinham reflexos. Por sobre as mesas corria como uma farândola⁸⁸ fantasista de pequenas velas com *capuchons*⁸⁹ coloridos, e vinha de cima uma valsa lânguida, uma dessas valsas de lento enebriar, que adejam voos de mariposas e têm fermatas que parecem espasmos. No meio daquela roda de homens, que se cumprimentavam rápidos, dizendo apenas as últimas sílabas das palavras: — *B'jour*, Plo... deus! *goo*, iam chegando as *cocottes*⁹⁰, as modernas Aspásias⁹¹ da insignificância. Algumas vinham

79 Ao ar livre.

80 Convidados para o jantar elegantes.

81 Tênis de gramado.

82 De fino sabor, bom, de bom gosto.

83 Pessoa de vida dissoluta, boêmio.

84 Modalidade do bacará.

85 No Bacará, o objetivo é fazer nove pontos, ou se aproximar o máximo disso, vencendo os adversários.

86 Flerte.

87 Aplicação ornamental de ouro em cristal, vidro ou metal, que recebeu o nome de seu criador, o industrial francês Charles Christofle (1808-1863).

88 Tipo de dança popular provençal.

89 Protetor de velas de cera, que as impede de serem apagadas pelo vento.

90 Mulheres de vida alegre.

91 Companheira de Péricles, governante de Atenas durante o século V AC., o período áureo da cultura clássica.

a arrastar vestidos de cinco mil francos; outras tinham atitudes simplistas dos primitivos italianos. Havia na sombra do terraço, um desfilar de figuras que lembravam Rossetti e Heleu, Mirande e Herman-Paul, Capielo e Sem, Julião e também Abel Faivre, porque havia *cocottes* gordas, muito gordas e pintadas, ajaezadas de joias, suando e praguejando. Falavam todas línguas estrangeiras — o espanhol, o francês, o italiano, até o alemão com o predomínio do *parigot*, do *argot*, da *langue verte*⁹². Só se falava mesmo calão de *boulevard*⁹³. Fora, à entrada, paravam as lanternas carbunculantes⁹⁴ dos autos, havia fonfons roucos, arrancos bruscos de máquinas HP 60⁹⁵. Aquele ambiente de internacionalismo à parisiense cheio do rumor de risos, de gluglus de garrafas, de piadas, era uma excitação para a gente chique. O barão André de Belfort, elegantíssimo na sua casaca impecável convidara-me para um jantar a dois em que se conversasse de arte antiga — porque ele tinha estudos pessoais sobre a noção da linha na Grécia de Péricles. Evidentemente, antes de terminar o jantar teríamos a mesa guarnecida por alguma daquelas figurinhas escapas de Tanagra⁹⁶ ou qualquer dos gordos monstros circulantes...

De súbito, porém, na alegria do terraço ouvi por trás de mim uma voz de mulher dizer:

— Pois então não sabes que a Elsa morreu hoje de madrugada?

Não me voltei. A mulher conversava noutra mesa. Mas senti um passo assustado. Elsa! Seria a Elsa d'Aragon, uma carnacção maravilhosa de dezoito anos, lançada havia apenas um mês por um *manager* de *music hall*, cuja especialidade sexual era desvirginar meninas púberes? Seria ela com os seus olhos verdes, a pele veludosa de rosa-chá e aquela esplêndida cabeleira negra de azeviche? E morrer em plena apoteose, cheia de joias e de apaixonados! Indaguei do meu conviva:

92 *Parigot*, *argot* e *langue verte* são denominações da gíria parisiense do baixo mundo.

93 Rua larga e arborizada, símbolo da modernidade de Paris após a reforma urbana de Haussmans. No Rio de Janeiro, o prefeito Pereira Passos realizou reforma semelhante entre 1904 e 1909, inaugurando a Avenida Central (Rio Branco), um típico boulevard carioca.

94 De carbúnculo, ou rubi. Da cor vermelha.

95 Carros com 60 cavalos (Horse Power cars).

96 Relativo à cidade grega de Tanagra, célebre por suas esculturas de linda mulheres esbeltas.

— Morreu a Elsa d'Aragon?

O barão Belfort encomendava enfim o cardápio. Acabou tranquilamente a grave operação, descansou o monóculo em cima da mesa.

— Exatamente. Parece que a apreciavas? Pobre rapariga! Foi com efeito ela. Morreu esta madrugada.

— De repente?

— Com certeza. Devia ter sido uma linda morte. Beleza horrível. Não se fala noutra coisa hoje nas pensões de artistas, em todos os conventilhos elegantes patronados pelas velhas *cocottes* ricas, nas rodas dos jogadores. A Elsa era muito *nature*⁹⁷, com a fobia do artifício, mas soube morrer furiosamente.

— Como foi?

Neste momento chegara a “*bisque*”⁹⁸ e o balde com a *Môet, brut imperiale*⁹⁹, que o velho *dandy*¹⁰⁰ bebe sempre desde o começo do jantar.

O barão atacou a “*bisque*”, deu não sei que ordem ao *maître-d'hôtel*, e murmurou:

— É uma história interessante. Você de certo ainda não quis fazer a psicologia da mulher alegre atirando-se a todos os excessos por enervamento de não ter o que fazer? Quase todas essas criaturas, altamente cotadas ou apenas da calçada, são, como direi? As excedidas das preocupações. Estão sempre enervadas, paroxismadas. O meio é atrozmente artificial, a gargalhada, o champanhe, a pintura, encobrem uma lamentável pobreza de sentimentos e de sensações. Ao demais, a vida tem um regulamento geral de excessos, e elas fatalmente pela lei, têm que fazer pagar caro e arruinar os idiotas, têm de amar um rapazola miserável que lhes coma a chelpa¹⁰¹ e as bata, têm que embriagar-se e discutir os homens, os negócios das outras,

97 Mulher que dispensa os artifícios da maquiagem.

98 Sopa de frutos do mar.

99 Marca nobre de champanhe.

100 Tipo de homem elegante e refinado, com senso de humor debochado e iconoclasta, típico do período entre 1870 e 1918 (*Belle-époque*). Oscar Wilde e João do Rio foram típicos dândis.

101 Dinheiro.

tudo mais ou menos exorbitando. Uma paixão de *cocotte* é sempre caricatural, é sempre para além do natural, do verdadeiro, e a sua pobre vida, tenha ela centenas de contos ou viva sem um real pelas bodegas reles, é sempre uma hipótese falsificada de vida, uma espécie de fiorde num copo d'água, à luz elétrica. Todas amam de modo excepcional, jogam excessivamente, embriagam-se em vez de beber, põem dinheiro pela janela à fora em vez de gastar, quando choram, não choram, uivam, ganem, cascadeiam lágrimas. Se têm filhos, quando os vão ver fazem tais excessos que deixam de ser mães, mesmo porque não o são. Duas horas depois os pequenos estão esquecidos. Se amam, praticam tais loucuras que deixam de ser amantes, mesmo porque não o são. Elas têm várias paixões na vida. Cinco anos de profissão acabam com a alma das galantes criaturinhas. Não há mais nada de verdadeiro. Uma interessante pequena pode se resumir: nome falso, crispação de nervos igual à exploração dos “gigolôs” e das proprietárias, mais dinheiro apanhado e beijos dados. São fantoches da loucura movidos por quatro cordelins¹⁰² da miséria humana.

— A Elsa, então?

— A Elsa foi atirada subitamente numa pensão do Catete¹⁰³. Sabes o que é a vida em casas de tal espécie. Elas acordam para o almoço, em que aparecem vários homens ricos. O almoço é muito em conta, os vinhos são caríssimos. A obrigação é fazer vir vinhos. Desde manhã elas bebem champagne e licores complicados. Nesses almoços discute-se a generosidade, a tolice, ou a voracidade dos machos. A tarde é dada a um ou a dois. Às cinco, *toilette* e o passeio obrigatório. À noite, o jantar em que é preciso fazer muito barulho, dançar entre cada serviço ou mesmo durante, dizer tolices. Depois o passeio aos *music-halls*, com os quais têm contrato as proprietárias, e a obrigação de ir a um certo clube aquecer o jogo. Cada uma delas têm o seu *cachet* por esse serviço e são multadas quando vão a outro — que,

102 Forma usual: cordelinhos = meios ocultos de se encaminharem negócios e por semelhança, os fios ocultos das marionetes. No português corrente, mexer os pauzinhos seria mais natural, mas na época de João do Rio, provavelmente, puxar os cordelinhos seria mais comum.

103 Bairro do Rio de Janeiro que passou por relevante urbanização de forma a abrigar o Palácio do Catete, sede do Governo Federal, no final do século XIX.

como é de prever, paga a multa. O resto é ainda o homem até dormir. Nesse fantochismo lantejoulado há vários gêneros: o doidivana, o sério, o reservado, o *nature*, o romântico, e para encher o vazio, os vícios bizarros surgem. Elas ou tomam ópio, ou cheiram éter, ou se picam com morfina, e ainda assim, nos paraísos artificiais são muito mais para rir, coitadas! Mais malucas no manicômio obrigatório da luxúria. A Elsa era do gênero *nature*. Ancas largas, pele sensível, animal sem vícios. Tentou os petimetres¹⁰⁴, os banqueiros fatigados, os rapazes calvos e, com oito dias estava com os nervos esgarçados, estava excedida. Mesmo porque, desde a primeira hora olhava-a com o seu olhar de morta a Elisa, a interessante Elisa.

— Ah!

— Elisa é um tipo talvez normal nesse ambiente. Tem os cabelos cortados, usa eternamente um gorro de lontra. Nunca a vi com uma joia e sem o seu *tailleur* cor de castanha. É feia, não deve agradar aos homens, mas presta-se a todos os pequenos serviços dessas damas. Escreve cartas, arranja entrevistas, tem conhecimentos, e dizem-na com todos os vícios, desde o abuso do éter até o unisexualismo. Ora, era Elisa com os seus dois olhos mortos e velados que olhava Elsa, e Elsa sentia uma extraordinária repugnância, um nojo em que havia medo ao mais simples contato. Elisa sorria, a Elisa que está sempre nesses lugares, sem colete com o seu corpo de andrógino morto. E era em toda parte aquele mesmo olhar acompanhando Elsa, pregando-se a todos os seus gestos, lambendo cada atitude da criatura. Uma noite, as duas Lacroix Ducerny, as que vestem sempre iguais e fazem fortuna em comum, asseguraram-me que Elisa já não servia para nada, perdida, louca de paixão; e, com grande pasmo meu ao entrar num clube ultra infame, eu vi a Elsa com um conhecido banqueiro e, muito naturalmente, Elisa ao lado. Era a aproximação...

— Safa!

— Meu caro, nada de repugnâncias. Prove este faisão. Está magnífico. Ora, ontem, no Casino, como a pobre Elsa estava totalmente fora dos nervos

104 Indivíduo vestido com apuro exagerado. Janota. Novo-rico.

e com um vestido verdadeiramente admirável, tive prazer em ir apertar-lhe a mão. — “Então, como vai com esta vida?” — “Como vê, muito bem.” — “Mas está nervosa.” — “Há de ser de falta de hábito. Acabo por acostumar.” — “Com um tão belo físico...” — “Não seja mau, deixe os cumprimentos.” E de súbito — “Diga-me, barão, não há um meio da gente se ver livre disto? Não posso, não tenho mais liberdade, já não sou eu. Hoje, por exemplo, tinha uma imensa vontade de chorar.” — “Chore, é uma questão de nervos. Ficará de certo aliviada.” — “Mas não é isso, não é isso, homem!” — “Se a menina continua a gritar, participo-lhe que vou embora.” — “Não, meu amigo, perdoe. É que eu estou tão nervosa! Tanto! Tanto... Queria que me desse um conselho.” — “Para que?” — “Para aliviar-me.” — “É difícil. Você sofre de um mal comum, a surmenagem¹⁰⁵ do artifício. Eu podia dizer-lhe: recolla-se a um convento. Mas pareceria brincadeira e talvez viesse a morrer mística, a conversar com os anjos, como Swedenborg¹⁰⁶. Conheci algumas que acabaram assim. Podia também, se fosse um idiota, aconselhar a vida honesta. Mas isso seria impossível porque o pesar de ter saído desta em que o desperdício é a norma, a saudade e as lembrança deixá-la-iam amargurada. Depois não tem recursos e teria sempre que pôr em circulação o seu lindo capital.” — “Barão, por quem é, fale-me sinceramente.” — “Então, minha filha, aconselho uma paixão ou um excesso, um belo rapaz ou uma extravagância.” — “Nesta roda não há belos rapazes.” — “De acordo, há quando muito velhos recém-nascidos. Mas é recorrer à multidão, passar uma noite percorrendo os bairros pobres, experimentar. Ou então, minha cara, um grande excesso: champanhe, éter ou morfina...” Voltei-me para a sala. Num camarote fronteiro a Elisa olhava com os seus dois olhos de morta. “E se não a repugna muito uma grande mestra dos paraísos artificiais, a Elisa.” — “Não fale alto, que ela percebe.” — “Então já a sabia lá?” — “Corri-a ontem do meu quarto. É um demônio.” — “Mas você precisa de um demônio.” — “O que ela faz...” — “Já sei, toda a gente faz. Mas naturalmente ela é excepcional.” — “Barão,

¹⁰⁵ Exagero.

¹⁰⁶ Emanuel Swedenborg (1688-1772), cientista e filósofo sueco, que também estudou o mundo sobrenatural. Suas ideias influenciaram muito o Romantismo. Uma seita de seus seguidores foi estudada por João Rio in *As religiões no Rio* (1904).

vá embora.” — “Adeus, minha querida.” Quando dei a volta para falar a Elisa, já esta deixara vazio o camarote.

— E então, como morreu a linda criatura?

— Aceitando o meu conselho. A sua morte pertence ao mistério do quarto, mas devia ser horrível. Elsa partiu do *music-hall* diretamente para casa, pretextando ao banqueiro que lhe ia pôr um pequeno palácio, a forte dor de cabeça — a clássica *migraine*¹⁰⁷ das *cocottes* enfaradas ou excedidas. E apareceu na ceia da pensão como uma louca, a mandar abrir champanhe por conta própria. Quando, por volta de uma hora, apareceu a figura de larva¹⁰⁸ da Elisa, deu um pulo da cadeira, agarrou-lhe o pulso: “Vem; tu hoje és minha!” Houve uma grande gargalhada. Essas damas e mais esses cavalheiros tinham uma grande complacência com a Elisa, e aquela vitória excitava-os. Elisa molemente sentou-se ao lado da Elsa, que bebia mais champanhe, sentia afrontações e torcia os dedos da apaixonada por baixo da mesa. Era o desespero. Mimi Gonzaga assegurou-me que ela recebera uma carta da mãe logo pela manhã. No fim, Elsa, pálida e ardente, dizia: “*Viens, mon cheri, que je te baise!*” e mordida raivosamente o pescoço da Elisa. Via-se a repugnância, a raiva com que ela fazia a cena de Lesbos — pobre rapariga sem inversões e estetismos à Safo... A ceia acabou em espetáculo, e acabaria com todos os espectadores, se algumas mulheres com ciúmes dos seus senhores — Ah! Como elas são idiotas! — Não os tivessem levado. Elsa às duas e meia fez erguer-se a Elisa, calada e misteriosamente fria. “Vão tomar morfina?—interrogou um dos assistentes-cuidado, hein?” Elsa deu de ombros, sorriu, saiu arrastando a outra. E a desapareição foi teatral ainda. Os olhos verdes da Elsa bistrados¹⁰⁹, a sua cabeleira desnasta¹¹⁰, agarrando com um desespero de bacante a pastosidade oleosa e alourada da miserável que a queria.

— Que horror!

107 Enxaqueca.

108 Fantasma. Espírito malfazejo que vaga entre os vivos para fazer o mal.

109 Roxos com olheiras.

110 Destrançada.

— A coitadinha aturdiu-se. É o processo habitual. Para mostrar a sua livre vontade caía na extravagância, agarrava o tipo que a repugnava, para mergulhar inteiramente no horror. Estive quase a acreditar que tivesse recebido alguma lembrança dos parentes, e imaginei um instante a cena sinistramente atroz do quarto em que enfim, como uma larva diabólica, o polvo louro da roda arrancaria um pouco de vida àquela linda criatura ardente, ainda com uns restos de alma de mulher... Nunca porém pensei no fim súbito.

Pelas cinco horas da manhã, a pensão acordava a uns gemidos roucos, que vinham do quarto de Elsa. Eram bem gritos estertorados de socorro. As mulheres desceram em fralda¹¹¹, os criados ergueram-se com o sorriso cínico habituado àquelas madrugadas agitadas de ataques e de delírios histéricos. A porta do quarto estava fechada. Bateram, bateram muito, enquanto lá dentro o som rouco rouquejava. Foi preciso arrombar a porta. E a cena fez recuar no primeiro momento a tropa do alcouce. Como luz havia apenas a lamparina numa redoma rosa. O quarto cheio de sombra, mostrava, em cima das poltronas, as sedas e os *dessous*¹¹² de renda de Elsa. Um frasco de éter aberto, empestava o ambiente. A Elisa, o corpo da Elisa estava de Joelhos à beira da cama. Os braços pendiam como dois tentáculos cortados. Inteiramente nua, o corpo divino lívido, os cabelos negros amarrados ao alto como um casco de ébano, Elsa d'Aragon, as pernas em compasso, a face contraída, ainda sentada agarrava com as duas mãos numa crispação atroz, a cabeça da Elisa. Era Elisa que rouquejava. Elsa estava bem morta, o corpo já frio. Devia ter havido luta, resistência de Elsa, triunfo da mulher loura e por fim sem fim até a morte, enquanto a outra se estorcia, apertava-a, arrancava-lhe os cabelos, machucava-lhe o rosto — aquele horror. Elsa entrou no nada debatendo-se, vítima de um suplício diabólico, mas no último espasmo as suas mãos agarram a assassina. Quando esta afinal satisfeita quis erguer-se, sentiu-se presa pelos cabelos, tentou lutar, viu que a pobre era cadáver. E passou-se então para o monstro o momento do indizível terror, o momento em que se vê para sempre o mundo perdido porque ficou imó-

111 Em fralda de camisa, nu.

112 Roupas de baixo.

vel rouquejando, de joelhos, a cabeça no regaço do cadáver, que mantinha nas mãos cerradas a massa dos seus cabelos de ouro. Os dedos de resto pareciam de aço. Uma das mulheres recorreu à tesoura para despegar a cabeça de Elisa das mãos do cadáver. Quando o corpo tombou no leito com o punhal da cabeleira nas mãos, o bando estremunhado viu surgir a face de Elisa, tão decomposta, tão velha, que parecia outra, como que aparvalhada.

Houve um silêncio. O criado servia frutas geladas, esplêndidas peras de Espanha e uvas das regiões vinhateiras da Borgonha, grandes uvas negras. O barão trincou de uma pera.

— Foi uma complicação para afastar a polícia e impedir notícias nos jornais que desmoralizariam a casa. Elisa seguiu horas depois para o hospício, babando e estertorando. A Elsa devia ter sido enterrada hoje à tarde. Estive lá a ver o cadáver. Tinha ainda nas mãos cerradas fios de cabelos louros, como se quisesse arrancar para o túmulo a prova desesperada da sua morte horrível.

E mordeu com apetite a pera. No salão de cima uma valsa lenta, chorada pelos violinos, enlanguescia o ar. Das mesas do terraço entre a iluminação bizantina das velas de capuchons coloridos subia o zumbido alegre feito de risos e de gorjeios de todas aquelas mulheres que o jantar alegrava.

THE END OF ARSENIO GODARD / THE DIARY OF A REBEL

To Goulart de Andrade¹¹³

It was all settled. It was impossible to fail. When the boat departed, without producing a sound, and exploring the darkness of the rough ocean, we were, however, feeling nervous. Would they be many? Would it be only one? Ah! If only the bandits were caught! Our nerves, which were wrecked after those three months of being trapped on the bay, living under the cannonade of fortresses and coping with their toughest needs, began to give capital relevance, and a disproportionate importance, to minor facts. Hence, when we received the news that one or more men had managed to take instructions to legalists by swimming to the shore, our burst of anger was such that, on seeing it, no one would dismiss the instructions as the only cause of our unnerving state.

Almost all of us, who were civilians led by the circumstances and the tyrannical persecution by the marshal's ¹¹⁴ followers, had been incarcerated in that life of a war vessel. We were leaning against the ship's hull, in the company of officers and our commander, in order to try to make out the outline of that boat, in the darkness of the night.

¹¹³ Bohemian Brazilian poet and a member of the Brazilian Academy of Letters (1915).

¹¹⁴ The short story is set during the Armada Revolt, which took place in September 1893. The marshal, therefore, is the president-in-office, Floriano Peixoto.

Oh! It had been far too much! For eight days, we had been chewing our half-ration of black beans without bacon. Patriotism and indignation with the government's bad measures fell intimately into a reproachful relaxation. Our only wish, therefore, was to leave the bay, to end it all, to unburden our shoulders from that iron hand of unsolvable situations, which only magnified the English men's betrayals, the Americans' intimidation and our defeats. In addition, in the starless darkness of the night, all angers merged into the one being we were going to arrest, as if he were the cause of the many disasters that had occurred.

"It is true, asked the doctor, who, on land, was an example of kindness,—what punishment shall we inflict on the scoundrel?"

"That is good, we should execute him!"

"That was an example, but it would be too little for the infamous man. If only we could make him the target of the group's shooting. We would all shoot."

"And he would feel only once! Commander, what will the scoundrel's punishment be?"

The Commander, who was an elegant, fine gentleman, turned around smiling:

"According to the letter that denounced him, he is said to be a foreigner. So be it. It is impossible to make him justice. If he is Brazilian, however, we will use our weapons".

Ah! We would have an interesting and fun night after all! The scoundrel would see who he had meddled with! And in our every gaze there was the expectation and in the others' laughs, such as perhaps in our own, a pulling of lips that would like to smile and show one's teeth, fiercely like the grimace of a beast.

We remained like this, however, until the early hours. Fatigue had prostrated some of us, and a rainy, rough and humid wind blew upon us; the Commander had turned himself into his cabin; however, the boat had not

returned. Restlessness was followed by our rage when, suddenly, the boat boarded onto the deck. We all rushed forward in an evil frenzy, in an urge of revenge, avid as we were to see the vile first, the infamous who went past us every night, risking his own life in order to complicate and lose our lives. The Commander left his cabin hurriedly; officials came out from every part of that war vessel. Meanwhile, in the midst of that deaf whisper rage, the boat fellows hoisted, onto the deck, seized and hand-bound, as though he had been folded in two parts, a sturdy-limbed and stout-looking naked body.

“Many?”

“Only one, Commander. He was taking a bag full of letters”.

“And the bag?”

“Here it is.”

“Untie the man.”

Two sailors bent forward; another one lit a dark lantern, so that we could see the fellow’s face—an ordinary face, with a brown moustache and hazy eyes. As soon as he had been released, a rather agitated voice exclaimed:

“Mr. le comandant, j’suis français!”

“The legalists are Brazilian. Nobody here can understand foreign languages.”

“I can speak Portuguese. I am French, sirs,—I beg you to explain the facts to you.”

“Do you want to explain yourself? What audacity!”

“But it is my right!”

“Rights for a fellow who was caught like a fish in the night!”

“I demand it!...”

“You don’t demand a thing; we are the ones who can do whatever pleases us with you. Take this man to the weapons room, to await my orders...”

The sailors jolted the man away. We were in a state of expectation though. The Commander, nevertheless, ordered the bag to be sent to his cabin.

“Good night, Gentlemen.”

“And what about the man’s punishment, our commander?”

“Ah, the punishment... I have already decided about it. Still, I will tell that to him only tomorrow. It is necessary to make him spend the night hazarding his guesses. You cannot imagine how interesting it is to spend the night imagining several hopeless disgraces, which are all virtually possible of inflicting, and which will take place some hours later... So long, my friends.”

After that, we all went to bed. What sentence would that refined and aristocratic man conceive for the prisoner? How would the other one be feeling, naked as he was upstairs, on that cold night? Would he manage to go to sleep? Would he be wondering about it? He would contemplate death, which was certain, because another type of punishment for him would be inconceivable...

A sailor was coming downstairs.

“How’s the man?” we asked him.

“He seems to be asleep—yes, sir.”

We were the ones who could not go to sleep, nonetheless. We lay on our bunk beds, nervously, in anticipation of that death, of that atrocious, fatal scene, in a few moments’ time. What would it be, good heavens?

On the following day, at 8 o’clock in the morning, we were invited to go to the weapons room. There was the naked man, unsmiling, with his foggy gaze, and biting his moustache. When the Commander arrived, there was a general shake, a shake of fear. The Commander, nevertheless, was courteous and he had sat down.

“What is your name?”

“Arsênio Godard.”

“Oh, very well”.

“I would like to explain...”

“Oh, it is absolutely pointless. I have come to tell you what I have decided about you. Mr. Arsênio Godard,—you will live with us until the end of our activities. We can see you are a strong, courageous man. Excellent, my fellow! I will send you some clothes. You will have a bed of your own. The ship is entirely yours. Yet, as you can swim well and might not like our company, you will always be accompanied. We do not want you to abandon us.”

The French man looked at him, trying to discern the trap, seeking to know what dreadful punishment that winner had plotted between his honey words.

“But Mr. Commander, I should say...”

“I should say that you will dine at our table. Ah! And I must tell you that we do not indulge ourselves, like those patriots in town do. Yet, we do feed properly, as you will see. You can’t imagine how pleasant your company is for us. Is that all settled then? Well, good then. I will see you at lunchtime. Guard, please get Mr. Godard some clothes.”

It was such a serious attitude from our Commander that none of us would dare to inquire him. Besides, the definite and terrible explanation about that came to us some minutes later.

Lieutenant João called us apart and gave the superior orders harshly.

“Mr. Commander forbids everyone to talk or respond to the prisoner. Mr. Commander considers disloyal to the cause and to his person to say any words to Mr. Godard, until we receive further instructions”.

It was the torture of silence! That was the punishment! Some found it weak, – those were the naïve ones.

Others smiled, picturing the results of that sport, the persecution of silence to the poor bloke. How would he take the revenge?

At lunchtime, Godard appeared, followed by a sailor. He asked for permission and sat down. No one looked at him. He threw himself at the first dish with extreme hunger, ascertaining whether we paid him attention. At last, he could not restrain himself:

“Mr. Commander, I cannot thank you enough...”

The Commander went on talking to lieutenant João. Godard tried to insist, got embarrassed, and turned to the man on his right:

“I should tell the Commander...”

The man on the right spoke to the companion beside him. Godard bent forward:

“Yes, the generosity of yours, gentlemen...”

The comrades on the other side did not even turn their faces. Godard crossed his cutlery and waited until the end of lunch.

When the Commander rose, he went up to him:

“I should thank you for your kindness”.

The Commander did not even turn his face. It would be comic, were it not atrocious. Would the man be brave enough to resist that silent humiliation? Godard spent the day strolling on the deck. At supper, the scene was repeated. In the afternoon, the usual bombardment began from land to the ships, and from the ships to land. Every day, that useless and onerous reaping of lives took place. Godard stood still, remaining close to us.

“I can shoot very well.”

Not a word. We did not hear him; no one noticed him. At night, we gathered to take our tea, when Godard arrived again, escorted by the sailor.

“Mr. Commander, I don't want to end the day without thanking the kindness from all of you. You do not speak to me. It is fair resentment.

Nevertheless, I am not an enemy; I am a breadwinner who, like the *condottiere*¹¹⁵, trades his value. With the rebellious, allow me the word, I cannot trade because you have spared my life, which is sustained at the cost of too much risk. I am, therefore, at your disposal...”

However, one by one, all officers had left, and Godard was alone, before the silent and serious sailor.

On the next day, our prisoner came to lunch looking grim-faced, greeted all present, without being greeted back. He then took a seat elsewhere, chewed without saying a word, stood up, thanked, and insisted:

“If Mr. Commander would allow me to expose an attack plan,—knowing the enemy positions the way I do... I apologize! It is treason. I understand that I am not heard... I thank you though.”

Oh! It was clear that Arsênio Godard, the strong-willed type, made an extraordinary effort to refrain his fury, in order not to despair in that horrible situation that forced him to live on the ship as if he were alone,—totally and absolutely, on his own. His eyes burned with anger, his lips were white and his hands shook, trembling with rage. Maybe he still thought himself capable of beating the punishment, for at night, he went up to the Commander abruptly and once more, he insisted on his plans. After four days, however, during lunch, Godard stood up.

“Say it! Is this silence for good? Won’t anyone speak to me? Am I an idiot, an animal, a leper?¹¹⁶ What am I? Don’t you answer me? Kill me! It is infamous, after all. You are the infamous ones. I retire. I won’t eat any more. I won’t break away, that is true; but I will starve to death. Farewell, gentlemen.”

115 *Condottiere*, plural *Condottieri*, a leader of a band of mercenaries common in Europe between the 14th and 16th centuries; also a member of such a band; a mercenary soldier.

116 In João do Rio’s time, the term was commonly used to define patients who suffer from Hanseniasis. Nowadays, it has an offensive and prejudiced sense and its use has been discontinued.

He left for his cabin, thumping his feet onto the ground. We went on talking about matters of our interest. Only the sailor followed Godard, like his own mute shadow.

Then there was the most interesting and appalling fight, the most painful and unsettling sport we had even seen,—the one between word and silence. No one of us, with our animal instinct of winning, would refuse to answer just to obey the commander's orders; we did not reply because that would mean the poor devil's victory. Each figure on board was a component of that separation machine, of that machine lieutenant João would call the pneumatic of will, the rarefaction of man, because *the word* is life; and to speak, to exchange words is what makes one feel alive. Godard felt that we were immuring him in silence, inside that muteness wall which we lifted higher and higher every day, which his words could not, and would not break. He resisted hunger for two days in his cabin. Then he came to table appearing fierce and gloomy, like a jaguar, and he kept this attitude for ten days, saying only "Thank you" and "Good morning". He would stay by his cabin door puffing and smoking. If anyone, by any chance, was passing by, he rose in an ironic *rictus*:

"Thank you!"

At the end of that time, a relaxation of nerves came to him, as the excitement of his will had beaten him stronger. It was crucial for him to get an answer, so that he felt he was not dead! To that purpose, he had even devised some ploys. He would follow a person until he learned his name and suddenly he would call, on one's back, while disguising his voice:

"Hey, José!"

He would wait for someone in empty spots, and ask them for matches. Besides, during his hot, solitary debates and discussions, he would insert a sentence that would require a reply, and he also lurked upon the sailors' being alone in order to get one word from them,—only one. We were, nonetheless, in an over irritating predicament that would allow us to be defeated by him, because of the shootings, the lack of supplies and the certainty of a

near end for us. After all, if he suffered resignedly, perhaps some emotionally shaken man would retort. But Godard was headstrong, as he did not understand resignation. Each day was a trigger for his fury of nerves, for his refrained anger. So much so that in the war vessel, in the midst of the rebellion, that was the only one diabolical sport of one man against three hundred. He wished to speak, wished to live, wished to break the silence shroud with which he had been morally buried. Nonetheless, he was never successful.

After his subtle means, Godard resorted to lower ones. He would tell Commander:

“Immorality on your ship is alarming. Beware of your subordinates, as they will sell you at the first opportunity!”

Moreover, he would cause dissension among the civilians and officials on board, stretch out his ellipses, wait for a question...We never smiled, though. A total silence expected his desperate childishness, which was extended to our lack of gestures, as if we were in front of an indifferent and inanimate object.

From intrigue, Arsênio Godard fell into humiliation. In order to reach that state of excess, one would need to suffer copiously, and Godard did suffer. He had purplish eyelids, a livid countenance, a distressed gaze from his constant worry and vague gesture. One night, all of a sudden, he fell onto his knees, at the Commander's feet, after a bullet had thrashed the deck,–lacerating three subordinates and gushing blood as far as the ship's rails, while all of us desperately tried to remedy that evil:

“Let me help you too! Speak to me! Speak to me! For your honour, for your uniform! Say yes! Say no! Say anything!”

The Commander walked over him. Arsênio went on crawling, begging, pleading, no matter whom, asking whoever went by, indistinctly. None of us, sailors full of worries, thought about pity. The bandit was the enemy, and every time a bullet brought disaster, rage mounted up against his livid figure of a desperate traitor.

“For God’s sake; one little word, one word”, cried him, his face heading towards the ground, looking ridicule and macabre at the same time.

His crisis worsened and Arsênio decided to conquer the guards with tears. Each sailor they provided as his shadow soon had him on his knees, trying to kiss the sailor’s hands, making him promises, begging, crying. The Commander repeated his strict rules. Arsênio had no answer, and his humiliation soon turned into anger.

“I don’t want this one! I do not! I’ve told you already!”, he shouted when they changed guards.

You are dishonourable! Coward! Won’t you please me? Who am I? I am not dead, do you hear? I can speak, I can speak, and I speak. What does it matter that you will not answer me? I can speak, I am speaking. Cowards!”

Nevertheless, rage, as well as tears, hit against that unlimited and smothering silence. Godard went back to his bunkbed life, saying: “thank you!” ironically, when, by any chance, someone went past his door. It had been two months, sixty days and sixty nights. It all preannounced the end of our adventure, and our hate became keener and keener against that loose object on board,—the mercenary, the traitor. Events and disasters evolved along with that parade of deaths and humiliation. And in front of us, with his ideas pierced in a desperate silence, the animal suffered our revenge on behalf of those who could not be destroyed, killed, or beaten.

One afternoon, the sailor who had left his guard turns told commander that Arsênio Godard seemed feverish, and that he was speaking words of nonsense, while lying on his bunkbed.

“Leave him!”

“It is true, Commander,—how about us putting an end to this extra mouth?”

“Oh! It is necessary that he should pay for the dedication of others. If he had been resigned, he would have been dead long ago. But, for this same

reason, he infuriates us, so we must lock him up in his punishment more and more. He is desperate.

Godard was desperate indeed. In his cabin, lying on his back, his beard had grown, his hair length was as low as his ears, and he spoke loudly so as to deafen himself, to trick his own senses. Listening to his changing voice, to his imitating women's voices, as well as animals' voices, was all tragic.

"Oh, no! Madame is wrong! By no means, it is impossible that Mr. Arsênio would withstand such cruelty. Seventy days, Madame! They were such castrated men! Oh! I beg your pardon! A scoundrel! Ah! Ah! Cluck-cluck-cluck! Boom! Let us sing a duet, shall we? Thank you. Yes! This *miss* is delightful..."

The uneducated sailors were afraid that Godard's reasoning had been strangled by the circle of silence. They looked at him frightened. And a dishevelled Godard would then jump up from his bed in his underwear:

"Don't you speak to me? It is decided! After all, I despise you, cowards, and defeated men. Yet, I do not need it either. I am talking; I can hear other voices answering my questions. Ah! Ah! The wise man escapes from the fools' harshest torments!"

At the end of the sixty-ninth day, however, Godard went to the table silently and unsmiling, and he asked for a cigarette. He then strolled along the deck, went to sleep straight away and early on the next morning, while still lying down, he called for the guard.

"Give me a match, will you?"

The guard approached him, reaching him out his matchbox. Then, -ah, the prisoner leapt from his bed, and snatching the guard's gun in a sudden attack, he slammed the door quickly, holding him by his throat:

"You will answer me, now! Signal yes! Signal it or die!"

A fight took place. The sailor was an enormous man. He had immobilized the hand that pointed the gun and, with his other hand, he punched the prisoner's face. However, Godard felt his strength increase tenfold. With

his free hand, he went for the sailor's sabre. The other one dodged him. They both fell down, tripping over a pitcher. Godard looked like a foil¹¹⁷; the sailor was a tower. The turmoil of fight came to us. We ran to the cabin. Godard's voice yelled:

"Speak, answer me,—say anything. Rascal! Rascal! Answer me!"
And pieces of furniture fell to the ground, as their bodies rolled over.

"It's Godard! We must open it."

"It's locked from inside!"

"We will axe it open!"

"I will open it if you speak to me", cried Godard from the inside, "I will open if you talk to me! Say it: Godard, open up!—to show that I am not dead, that I live, that I am Godard!"

Ah! The crook! What was he thinking of, the infamous one? Axes fell onto the door violently, thus thrusting its lock out. And, before us, he jumped,—naked, waving the sword, his face bloodstained, his hair greasy,—Arsênio Godard.

We did not even pay attention to the sailor. We ran after the scoundrel.

He should not throw himself into the sea! Therefore, an awful hunt followed on board. We should catch him alive, alive and breathing, in one piece, in order to subject him to the despairing rule, once more, eternally. Godard, waving the sabre, had leaned on one corner of the dining hall.

"You must end it! You must end it! Scoundrels! You will speak to me!

Only once! Say it: Arsênio, surrender yourself, and I will do it. Only once, or else I will flee, I will flee, I will be safe... Murderers! Let us see who is stronger! If you get any closer, you will either die or have to kill me! It is my victory! I will escape!"

¹¹⁷ A light fencing sword having a usually circular guard and a flexible blade of rectangular section tapering to a blunted point.

We all bit our own lips in order not to let out our curses or invective¹¹⁸ and we froze, though feeling the wish to kill him. At that very moment, the troop went for his sabre.

Godard maneuvered it, but felt trapped by his own legs and tumbled over, while one hundred arms stretched out, stripped him of his weapon, and went on to punch him inaudibly, silently.

The miserable one gave out a cry.

“Once more! For my whole life! Oh! No! No! No!”

To our surprise, as if that wall of silence were worse than death itself, he thrust himself onto another sailor’s sabre erratically, pulled it out, turned it around into the air and, in the circle of men cleared by that unexpected assault, he hit it right against his own neck.

A gush of blood flowed into the gloomy air. His head bent forward, open-eyed. The entire troop halted. His body was hung down. He was dead. In spite of that, I cannot precise why, a violent and desperate hatred compelled us to hold the corpse, in order to see if it still lived.

The immoral traitor had avoided his sentence, had escaped from us, and had left us incapable of going on, of squeezing him into that shroud of silence endlessly, which had been our most vicious, daunting, and excruciating punishment.

¹¹⁸ Offense.

O FIM DE ARSÊNIO GODARD / DO DIÁRIO ÍNTIMO DE UM REVOLTOSO

A Goulart de Andrade¹¹⁹.

Estava tudo combinado. Era impossível falhar. Quando a lancha partiu, sem rumor, explorando a treva do oceano encapelado, ficamos, entretanto, nervosos. Seriam muitos? Seria um só? Ah! Se os bandidos fossem apanhados! Os nossos nervos, excedidos já por aqueles três meses de enjaulamento na baía, sob o canhoneio das fortalezas e as necessidades mais duras, começavam a dar aos pequenos fatos uma importância capital, uma importância desproporcional. Assim, ao recebermos a denúncia amiga de que um ou mais homens conseguiram a nado levar instruções aos legalistas, a explosão da nossa cólera foi tal que, vendo-a, ninguém deixaria de julgar as instruções causa única do nosso enervante estado.

Quase todos nós, paisanos levados pelas circunstâncias e as perseguições tirânicas dos sequazes do marechal¹²⁰ àquela vida do vaso de guerra, estávamos encostados à amurada com os oficiais e o comandante a ver se víamos o trabalho da lancha no negror da noite.

Oh! Era demais! Havia oito dias mastigáramos a meia ração de feijão preto sem toucinho. O patriotismo, a indignação pelos descabros do governo caíam intimamente num relaxamento lamentável. O desejo único era dei-

119 Poeta brasileiro boêmio e membro da Academia Brasileira de Letras (1915).

120 O conto se passa durante a Revolta da Esquadra, acontecida em setembro de 1893. O marechal, portanto, é o presidente em exercício, Floriano Peixoto.

xar a baía, era acabar com aquilo, era tirar dos ombros aquela mão de ferro das situações insolúveis em que só complicavam as traições dos ingleses, as intimativas americanas e a falência das nossas vitórias. E na treva da noite sem estrelas todas as cóleras se fundiam no ser que os nossos iam apanhar, como se fosse ele a causa do ror de desastres havidos.

— É verdade, indagou um médico, em terra o exemplo da bondade, que castigo havemos de dar ao canalha?

— É boa, passamo-lo pelas armas!

Era um exemplo, mas seria pouco para o infame. Só se o fizéssemos mira de um tiro ao alvo geral. Todos nós atiraríamos.

— E ele só sentiria uma vez! O comandante, qual será o castigo do patife?

O comandante era um cavalheiro elegante e fino. Voitou-se a sorrir:

— Conforme. Na carta que mo denunciou dizem-no estrangeiro. Que seja. É impossível justicá-lo. Se for brasileiro, porém, passamo-lo pelas armas.

Ah! Íamos ter urna noite interessante e divertida afinal! O miserável veria com quem se metera! E no olhar de cada um de nós havia a expectativa e no riso dos outros, como talvez no nosso, um repuxamento de lábios que ria sorrir e mostrava os dentes como um esgar de fera.

Esperamos assim, entretanto até de madrugada. A fadiga prostrara alguns, soprava um vento de chuva, violento e úmido; o comandante recolhera; a lancha não voltava. Já a inquietação sucedia à fúria quando à amurada a lancha acostou. Todos nós corremos numa ânsia má, numa ânsia de vingança, ávidos de ver em primeiro lugar o torpe, o infame, que toda noite passava por nós arriscando a vida para complicar e perder a nossa vida. O comandante deixou a cabine apressadamente, a oficialidade vinha de todos os pontos do vaso de guerra. E, naquele surdo rumor de cólera, os companheiros de lancha içaram para o tombadilho, amarrado, manietado, como que dobrado em dois, um corpo nu, membrudo e forte.

— Muitos?

— Um só, comandante. Ia com um saco cheio de cartas.

— E o saco?

— Aqui está.

— Desamarrem o homem.

Dois marinheiros curvaram-se; outro acendeu uma lanterna de furta-fogo e assim conseguimos ver a cara do tipo, uma cara comum, de bigode castanho e olhos turvos. Logo que o soltaram, a voz um tanto inquieta, mas clara, exclamou:

— *Mr. le commandant, j'suis français*¹²¹!

— Os legalistas são brasileiros. Ninguém aqui compreende línguas estrangeiras.

— Eu falo o português. Sou francês, senhores, peço explicar o fato.

— Você ainda quer explicar, hein? Que topete!

— Mas é um direito.

— Direitos para um sujeito pescado de madrugada!

— Eu exijo!... Você não exige nada; nós é que fazemos de você o que quisermos. Levem esse homem para a sala de armas, a aguardar as minhas ordens...

Os marinheiros foram levando o homem aos trancos. Nós ficamos na expectativa. O comandante, entretanto, fazia conduzir o saco à sua cabine.

— Boa noite, meus senhores.

— E o castigo, comandante?

— Ah! O castigo... já pensei. Apenas só lho direi amanhã. É preciso fazê-lo passar a noite fazendo palpites. Vocês não imaginam como é interessante passar a noite imaginando várias desgraças irremediáveis, que to-

121 Sr. comandante, sou francês.

das elas são perfeitamente possíveis e hão de se dar algumas horas depois... Até logo mais, meus amigos.

Recolhemos. Que castigo imaginaria aquele homem refinado e distinto? Como estaria o outro, nu, na madrugada álgida, lá em cima? Dormiria? Pensaria? Pensaria na morte decerto, porque era impossível outro gênero de castigo...

Um marinheiro descia.

— Como vai o homem? Indagamos.

— Parece dormir; sim, senhor.

Nós é que não dormimos. Ficamos no beliche, nervosos, à espera daquela morte, daquela cena atroz, fatal dali a momentos. Que se daria, céus clementes?

No dia seguinte, às 8 da manhã, fomos convidados a ir à sala de armas. O homem nu lá estava, carrancudo, com o olhar turvo, mordendo o bigode. E quando o comandante chegou, houve um arrepio geral, um arrepio de medo. O comandante, porém, estava amável e sentara-se.

— Como se chama?

— Arsênio Godard.

— Ah! Muito bem.

— Eu desejava explicar...

— Oh! Inteiramente inútil. Venho dizer-lhe o que resolvi a respeito. Sr. Arsênio Godard, o senhor vai viver conosco até o fim da nossa ação. Vê-se que o senhor é um homem, corajoso, forte. Excelente companheiro! Vou mandar-lhe uma roupa. Terá um beliche seu. O navio é inteiramente seu. Apenas, como o senhor nada bem e pode não gostar da nossa companhia, será acompanhado sempre. Não desejamos que nos abandone.

O francês olhava, tentando descobrir a insídia, procurando saber que castigo horrendo aquele vencedor arquitetava entre frases de mel.

— Mas, Sr. comandante, devo dizer...

— Eu é que devo dizer que jantará à nossa mesa. Ah! Nós não passamos à vela de libra¹²², como os patriotas da cidade. Mas, enfim, come-se. Vai ver. Não imagina o prazer que nos dá a sua companhia. Está entendido então? Bem. Até o almoço. Guardião, uma roupa ao Sr. Godard.

Era de tal modo grave a atitude do comandante que nenhum de nós se atreveu a interrogá-lo.

Também a explicação veio minutos depois, terminante e terrível.

O tenente João chamou-nos de parte e em voz seca deu a ordem de cima.

O Sr. comandante proíbe que se converse ou se responda ao preso. O Sr. comandante considera uma deslealdade à causa e à sua pessoa dizer uma palavra ao Sr. Godard, até segunda ordem.

Era o suplício do silêncio! Era o castigo! Alguns acharam fraco — eram os ingênuos.

Outros sorriram, imaginando as resultantes daquele *sport*, a perseguição do silêncio ao pobre sujeito. Como tomaria ele a vingança?

À hora do almoço, Godard apareceu, seguido de um marinheiro. Pediu licença, sentou-se. Ninguém olhava para ele. Ao primeiro prato atirou-se com uma fome indizível, verificando se lhe prestávamos atenção.

Afinal, não se conteve:

— Sr. comandante, não sei como agradecer...

O comandante continuou a falar com o tenente João. Godard quis insistir, atrapalhou-se, voltou para o vizinho da direita:

— Eu devia dizer ao comandante...

O vizinho da direita dirigiu a palavra ao companheiro ao lado. Godard atirou-se para frente:

122 Tratar excelentemente, regalar, banquetear.

— Sim, a generosidade dos senhores...

Os convivas do outro lado nem voltaram o rosto. Godard cruzou o talher e esperou até o fim o almoço. Quando o comandante se ergueu, foi até ele:

— Devo agradecer a sua bondade.

O comandante nem voltou o rosto. Era cômico, se não fosse atroz. Teria coragem o homem para resistir a essa humilhação sem palavras? Godard passou o dia passeando no convés. Ao jantar, a cena renovou-se. À tarde começou o clássico bombardeio da terra para os navios, dos navios para terra. Era todo o dia aquela ceifa de vidas inútil e dispendiosa. Godard parava junto de nós.

— Eu sei atirar muito bem.

Nem uma palavra. Não o ouvíamos; ninguém o percebia. À noite, reunidos para tomar o mate, Godard de novo surgiu, acompanhado do marinheiro.

— Não quero, Sr. comandante, deixar passar o dia, sem agradecer a bondade geral. Não me falam. É justo o ressentimento. Mas eu não sou adversário, sou um ganhador, que, como os *condottieri*¹²³, mercadeja o seu valor. Com os revoltosos, permitam a palavra, não posso mercadejar, porque pouparam a minha vida, sustentada à custa de muito risco. Estou pois às ordens...

Mas, a pouco e pouco, os oficiais tinham saído e Godard estava só diante do marinheiro mudo e sério.

No dia seguinte, o nosso preso apareceu ao almoço sombrio, cumprimentou sem ser correspondido, abancou noutra lugar, mastigou sem dizer palavra, ergueu-se, agradeceu, insistiu:

— Se o Sr. comandante me desse licença para expor um plano de ataque, conhecendo eu como conheço as posições inimigas... Perdão! É traição. Vejo que não sou ouvido... Agradeço, entretanto.

¹²³ *Condottiere*, plural *Condottieri*, líder de um bando de mercenários comumente presentes na Europa entre os séculos XIV e XVII. Também um membro desse grupo; um soldado mercenário.

Oh! Era evidente que Arsênio Godard, tipo voluntarioso, fazia um esforço sobre-humano para conter a cólera, para não desesperar diante daquela horrível situação que o fazia viver no navio como se estivesse só, inteira e definitivamente só. Os olhos ardiam de cólera, os beijos estavam brancos e as mãos tremiam, tinham um tremor de fúria. Talvez ainda se julgasse capaz de vencer o castigo, porque, à noite, bruscamente, foi ao comandante e de novo insistiu sobre os seus planos. Ao cabo de quatro dias, entretanto, durante o almoço, Godard ergueu-se.

— Digam? É para sempre o silêncio? Ninguém me fala? Mas eu sou um idiota, um animal, um leproso¹²⁴? Que sou eu? Não respondem? Matem-me! É infame, afinal. Os infames sois vós. Retiro-me. Não como mais. Não fujo, é verdade; mas morro de fome. Adeus, senhores.

Saiu a bater com os pés para a sua cabine. Nós continuamos a conversar das coisas que nos interessavam. Só o marinheiro acompanhou-o, como a própria sombra muda.

E foi então a luta mais curiosa e mais atroz, o *sport* mais doloroso e mais inquietante que jamais viramos, entre a palavra e o silêncio. Cada um de nós, com o instinto animal de vencer, não respondia só para obedecer ao comandante, não respondia porque responder seria a vitória do pobre diabo. Cada figura de bordo era um componente daquela máquina de separação, daquela máquina que o tenente João chamava o pneumático da vontade, a rarefação do homem, porque a palavra é a vida, e falar, trocar palavras é sentir-se viver. Godard sentia bem que nós o murávamos no silêncio, que nós cada dia erguíamos mais alto aquele muro de mudez que as suas palavras não podiam, não conseguiriam quebrar. Resistiu dois dias, no camarote, à fome. Depois veio à mesa feroz e sombrio como um jaguar e nessa atitude conservou-se dez dias, dizendo apenas: obrigado e bom dia. Ficava à porta do camarim, bufando e fumando. Se alguém passava por acaso, erguia-se tinha um *rictus* irônico:

— Obrigado!

124 Na época de João do Rio, o termo era muitas vezes usado para definir os pacientes acometidos por Hanseníase. Hoje em desuso, carrega sentido preconceituoso e ofensivo.

Ao cabo desse tempo veio-lhe o relaxamento dos nervos, o acicate¹²⁵ da vontade mordeu-o mais forte. Era preciso obter uma resposta, sentir que não estava morto! Inventou estratégias. Acompanhava uma pessoa até saber-lhe o nome e de repente dizia-lhe nas costas, disfarçando a voz:

— Ó José!

Esperava em lugares solitários alguém, pedia fósforos, encartava nas palestras acaloradas uma frase dessas que exigem réplica, discussão espreitava o abandono dos marinheiros para obter uma palavra, uma apenas. Nós estávamos, porém, numa situação por demais irritante, com os tiroteios, a falta de víveres e a certeza de um fim próximo, para consentir em perder. Ao demais, se ele sofresse resignadamente, talvez algum sentimental abalado respondesse. Mas Godard era um voluntarioso, a resignação não a compreendia. Cada dia passado era para os seus nervos mais um motivo de fúria, de raiva contida. De modo que no vaso de guerra em plena revolta, havia apenas o diabólico *sport* de um homem contra trezentos, querendo falar, querendo viver, querendo rebentar o sudário de silêncio com que o enterravam moralmente, sem o conseguir.

Dos meios sutis, Godard caiu nos meios baixos. Ia ao comandante:

— A imoralidade do seu navio é assombrosa. Acautele-se contra o imediato que o venderá na primeira ocasião!

E inventava intrigas entre os paisanos e os oficiais, arrastava reticências, esperava a pergunta... Nós nem sorriamos. Um silêncio absoluto, um verdadeiro silêncio que ia até aos gestos, como se diante dele estivéssemos diante de um objeto indiferente e inanimado, acolhia a infantilidade desesperada.

Da intriga, Arsênio Godard caiu na humilhação. Para chegar a este excesso, era preciso sofrer estrafegadamente¹²⁶, e Godard sofria. Tinha as pálpebras arroxadas, o semblante lívido, o olhar apuado¹²⁷ pela preocupação

¹²⁵ Espora. Aguilhão. Ferrão.

¹²⁶ Dilaceradamente.

¹²⁷ Aflito.

constante, o gesto vago. Uma noite, de repente, depois de uma bala ter reventado no convés, lacerando as pernas de três inferiores e espadanando sangue até na amurada, enquanto febrilmente todos nós tratávamos de remediar o mal, caiu de joelhos aos pés do comandante.

— Deixe-me prestar auxílios também! Fale-me! Fale-me! Pela sua honra, pela sua farda! Diga sim! Diga não! Diga qualquer coisa!

O comandante passou-lhe por cima. Arsênio continuou de rojo, pedindo, pedindo, sem ver a quem, pedindo a quem passava, indistintamente. Nenhum de nós, cheios de preocupações, pensava em ter pena. O bandido era o inimigo, e cada vez que uma bala trazia o desastre, a cólera aumentava contra a sua figura lívida de traidor desesperado.

— Pelo amor de Deus; uma palavra só, uma palavrinha! Chorava ele, com a face no chão, ridículo e macabro ao mesmo tempo.

A crise acentuou-se. Arsênio resolveu conquistar os guardas com as lágrimas.

Cada marinheiro que lhe postavam como sombra, tinha-o logo de joelhos, procurando beijar-lhe a mão, a fazer promessas, a pedir, a chorar. O comandante repetiu as ordens severas. Arsênio ficou sem resposta, e da humilhação passou à cólera.

— Não quero este! Não quero! Já disse!—bradava quando mudavam os guardas.

São uns indignos! Uns covardes! Não me satisfazem? Que sou eu? Eu não estou morto, ouviram? Falo, falo, falo. Que importa que não me respondam? Falo, estou falando. Covardes!

Mas a cólera, como as lágrimas, batia de encontro ao ilimitado e asfixiante silêncio. Não o ouvíamos, não o sentíamos. Godard voltou à vida do beliche, a dizer: “obrigado!” ironicamente quando, por acaso, alguém passava pela porta. Já haviam passado dois meses, sessenta dias e sessenta noites. Tudo anunciava o fim da nossa aventura, e cada vez mais o nosso ódio se acentuava contra aquele objeto solto a bordo, o mercenário, o traidor.

Os acontecimentos, os desastres desenrolaram-se com o cortejo de mortes, de humilhações, e diante de nós, com as ideias empaladas num silêncio desesperador, o animal sofria a nossa vingança por todos a quem nos era impossível estraçalhar, matar, vencer.

Uma tarde, o marinheiro que deixara a guarda foi dizer ao comandante que Arsênio Godard parecia febril e falava coisas sem nexos no beliche.

— Deixai-o!

— É verdade, comandante, e se acabássemos com essa boca a mais?

— Oh! É preciso que ele pague a dedicação aos outros. Se fosse um resignado, há muito estaria morto, mas, por isso mesmo que enfurece, havemos de o trancar cada vez mais no castigo. Está desesperado.

Com efeito, Godard desesperava. No camarote, deitado de barriga para o ar, a barba crescida, o cabelo pelas orelhas, falava alto para se ensurdecer, para enganar os ouvidos, para iludir aos próprios sentidos. Era trágico, mudando de voz, imitando vozes de mulheres, vozes de bichos.

— Oh! Oh! Madame engana-se! Qual, é impossível que o Sr. Arsênio aguentasse tamanha crueldade. Setenta dias, minha senhora! Eram uns castrados. Oh! Perdão! Um patife! Ah! Ah! Cocoricó! Bum! Vamos cantar um dueto? Valeu. *Yes!* Essa *miss* é deliciosa...

Os marinheiros incultos estavam receosos de que a razão de Godard tivesse afinal sido estrangulada pelo círculo do silêncio. Olhavam-no receosos. E Godard então pulava da cama, em ceroulas, desguedelhado¹²⁸:

— Não me falam, não? Decidido! Afinal eu os desprezo, covardes, vencidos. Mas também não preciso. Estou conversando, estou ouvindo outras vozes responderem às minhas perguntas. Ah! Ah! O homem inteligente escapa aos maiores tormentos dos patetas!

Ao cabo do sexagésimo nono dia, porém, Godard foi à mesa silencioso e sério, pediu um cigarro, passeou pelo tombadilho, dormiu direito e logo pela manhã seguinte, deitado, chamou o guarda.

¹²⁸ Descabelado.

— Dá-me um fósforo?

O guarda aproximou-se, estendendo a caixa. Então, ah!, o preso deu um salto da cama, arrancando ao marinheiro a arma num súbito ataque, bateu a porta rápido e, segurando-o pelo gasnete¹²⁹:

— Vais responder, agora. Anda, depressa. Responde! Faze sinal que sim! Faze sinal ou morres!

Uma luta travou-se. O marinheiro era um caboclo enorme. Prendera a mão que apontara o revólver e com a outra arrumara um soco à cara do preso. Mas Godard sentia decuplicadas as forças. Com a mão livre atirou-se ao sabre do marinheiro. O outro desviou. Caíram ambos tropeçando num jarro. Godard parecia um florete¹³⁰; o marinheiro era uma torre. O fragor de luta chegou até nós. Corremos à cabine. A voz de Godard bradava:

— Fala, responde, dize qualquer coisa. Cachorro! Cachorro! Responde-me! E móveis caíam, os corpos rolavam.

— É o Godard! Precisamos abrir.

— Está fechado!

— Abre-se a machado!

— Eu abro se me falarem, berrava de dentro Godard, eu abro se me falarem! Digam: Godard abre! Para mostrar que eu não estou morto, que eu vivo, que eu sou Godard!

Ah, bandido! Que pensava ele, o infame? Os machados caíram na porta violentamente, fazendo saltar a fechadura, e por diante de nós saltou brandindo o sabre, nu, com a cara em sangue, os cabelos empastados, Arsênio Godard.

Nem prestamos atenção ao marinheiro. Corremos ao encalço do bandido.

129 Gasganete, garganta, arcaico.

130 Arma branca usada na esgrima e semelhante a uma espada, porém de lâmina flexível, sem corte e com a ponta protegida por um botão de couro.

Não fosse ele atirar-se ao mar! E foi uma caçada infernal a bordo. Era preciso apanhá-lo vivo, vivozinho, inteiro, para sujeitá-lo ao regime desesperador, de novo, eternamente. Godard, brandindo o sabre, encostara-se a um canto do salão de jantar.

— É preciso acabar! É preciso acabar! Canalthas! Vocês vão falar-me!

Só uma vez! Digam: Arsênio, entregue-se, e eu me entrego. Só uma vez, ou então eu escapo, eu escapo, estou salvo... Assassinos! Vamos a ver quem é mais forte! Quem se aproximar morre ou mata-me! A vitória é minha! Escapo!

Todos nós, mordendo os lábios para não deixar escapar uma praga, uma invectiva¹³¹, paramos, com o desejo desvairado de matá-lo. E foi um instante apenas. A tropa precipitou-se para o sabre. Godard manejou-o, mas sentiu-se preso pelas pernas e emborcou, enquanto cem braços estendiam-se, arrancavam-lhe a arma, esmurravam-no, surda, silenciosamente.

O desgraçado teve um grito.

— Outra vez! Para toda a vida! Oh! Não! Não! Não!

Com o pasmo de todos nós, como se aquele muro de silêncio fosse pior do que a própria morte, desvairadamente, atirou-se ao sabre de outro marinheiro, arrancou-o, reviravolteou-o no ar e, no círculo aberto por aquela inesperada sortida, bateu-o em cheio no pescoço.

Um jato de sangue golpeou no ar sombrio. A cabeça curvou de olhos arregalados. Toda a guarnição parou. O corpo pendeu. Estava morto. E, não sei por que, um ódio violento, um ódio desesperado fez-nos ainda segurar o cadáver a ver se vivia.

O torpe fugira à sentença, escapara das nossas mãos, deixara-nos impotentes para continuar, a apertá-lo infinitamente naquele sudário de silêncio que fora o nosso mais feroz, mais tremendo, mais dilacerante castigo.

131 Offense.

TWO CREATURES

To Viriato Correia¹³²

The grand hotel hall was full. Through the semi-closed windows, in the delicate waving of the white curtains, a vague perfume of violet and rose came in. Outside, between the garden greenery and the very blue sky, the pale light of a winter sun glowed. The tables, which were all occupied and looked sparkiling like crystals, extended to the back in an orchestration of white shades, which went from silver white to *gris*¹³³ white in the most covered places.

The servants went by, hurriedly, in the hustle of lifting metal plates. High above, the fans buzzed like a beehive. Ladies and gentlemen were perfectly happy, who, almost all women, were wearing wide *boas*¹³⁴ of white feathers, chattered and smiled. We were just inside the bizarre “society of sculpture”, which is the core of hotels guests. Tall and slender, with her waist covered with opaque enamels and having the stuck up air of being General Lafayette’s close acquaintance, the American writer chewed sternly. Moreover, her admiration for Gonçalves Dias had made her want to study and popularize Brazil abroad. Right beside her, a group of also American engineers drank Munn champagne, giving out nasty and somewhat inconvenient laughs. A bit further ahead, the enchanting millionaire Guedes’s widow,

¹³² Manuel Viriato Correia Baima do Lago Filho, journalist, short story writer, dramatist (Jan 23rd, 1884 – April, 10th, 1967).

¹³³ Greyish, in French in the text.

¹³⁴ Long fluffy scarves. In French in the text.

with her Luigini profile, of whom such evil was spoken, smiled to Madame Alda in a indefinite dream. The notorious divorcee of the day,—she had been Alda Pais the day before yesterday, and she is Alda Pereira today, just as she had been five years ago, before getting married...Once in a while, a new guest stood at the door, hesitated, and gazed at the lengthy row of tables, where the *debinage*¹³⁵ heated up. In one corner, Mademoiselles Peres, who were the daughters of a rich Argentinian, a free time “yacht-recorderman”, and, at other times, a cattle salesman, gave pearly-white flirting smiles to the solitary and divine Alberto Guerra, a young man who was self-assured of his biceps, of his diamonds and perhaps of his verses.

Right in the centre, our massive minister in Honduras unfolded his pleasant adiposity within a circle of smart-looking young lads, who were fierce contenders to diplomatic secretariat. And finally, once in a while, cutting the elegant buzz of the grand *hall*, the sound of an electric bell rang imperiously.

We were five or six guests of baron Belfort to lunch,—that old, always-impeccable dandy, who said the most horrific things with the most perfect distinction. Moreover, that long lunch had certainly been an extravagance, in order to kill the time for a football match¹³⁶, which would be impossible not to watch. The baron, who spoke with a vein of humour and a sharp tongue, cut out evil caricatures to the ones present. We had already laughed a lot and we were eating very vulgar rabbit *salmis*¹³⁷ greedily, when suddenly one of our comrades exclaimed:

“Look, the Chilean is here!”

At the door, a triumphal figure of Ceres appeared, with her golden hair and her green eyes, which could be seen through her pitch-black coloured eyelashes. Her beautiful body was somewhat modelled by her Irish dress in real lace. On her fine and delicate fingers, three or four pink pearls shone

135 Slander. Gossip. In French in the text.

136 Football practice was beginning in Brazil at the time and had become a fashionable sport among the Brazilian riches.

137 Kind of stew. In French in the text.

like slender chrysanthemum petals; on her ears lobes, two black pearls were revealed, and over her white lace collar, there was a virginal pearl necklace. There was a snow-white coloured little dog with her, with an impertinent snout, and the company of a short, fat gentleman, full of jewels, tucked into a blue redingote¹³⁸.

“The Chilean! The Chilean here! What sort of society is this?” claimed the youngest of the guests.

The baron gave a sceptical smile.

“My friend, Rio has got its own season¹³⁹, like Paris or London or even Montevideo. The season starts regularly with the arrival of the first foreign amateur theatre company, which is naturally unbearable, and it ends with the heat of Spring, in the opening of the painting exhibition. It is the time for luxury, for exhibition, of sacrifice for appearance, the time for chattering, in which everyone gossips about others and understands art; it is the time chosen by those who intend to claim their places in society.

We are in a society under formation, – the most attractive one, the one that tries because of consequence, not only because of perversions, which would not be criticized ten years ago. But we also have a rather naïve disposition to accept all that glitters, be it diamond or montan¹⁴⁰. Every year, foreign explorers, – these characters with an awkward past, – appear together with politicians and farmers. They are decided to dominate, to enter honest places, and to be respected.

They are winter figures. They want to dominate. Moreover, as you see, nearly all of them have their story. The *demoiselles* Peres, who are perhaps the stepdaughters of a dead king. the Wildean¹⁴¹ Count Rossi, from far away, with his exceptional Cuban secretary. Alberto Guerra, the seduc-

138 A double-breasted coat with wide flat cuffs and collar worn by men in the 18th century.

139 Annual elegant season.

140 Montan wax. A hard brittle mineral wax obtained usually from lignites by extraction and used especially in polishes, carbon paper, and insulating compositions

141 Referring to the Irish writer Oscar Wilde, sentenced in 1895 to two years imprisonment and hard labor for having a gay relationship.

tive D. Juan's¹⁴² and Shylock's¹⁴³ brother, for the reason that he makes a living from providing loans in exchange of interests. The Viscountess Guilhermina, who has arrived from Vicchy and is here only *en passant*¹⁴⁴. And finally, Alda, the baroness..."

"Please Baron, hold your tongue! Be silent! Winter characters, there is no doubt about it. But the Chilean is less than that".

"Well, the Chilean does not use that spicy and, at the same time, meaningful nickname for the warriors of *Rio Grande*—anymore. You all know about these sisters' story of addiction, because they loved and ruined several creatures about ten years ago. However, they needed to have an honest name, and as a result, the first two got married. And also this one, who is today the wife of Haiti's Consul in Pará."

"Then, the little man?"

"A rich explorer who occupies the position of a consul, and receives all profits from his position. He must own a fortune of over five thousand *contos*. We established relations in Belém and Paris. It is a case of passionate brutalization".

"But are they really married?"

"There is no doubt about that. You know the Chilean women's story,—three beautiful creatures from the frontier, who claimed to be Chilean for spice, and who the *rio-grandenses*¹⁴⁵ called Chilean as a reminder of certain stirrups, on which the feet feel at ease, and which all people can use. They had the courage, the beauty, the audacity. You did not need much to be the soul-destroying vice long ago in Rio. They arrived and soon their fame spread out. Overnight, rich farmers felt the need to give them palaces, bankers offered them their wallets, and penniless lovers promised them vigour and passion. The ardent *gauchas*, who were really too ardent, did big cra-

142 Character of European literature, archetype of female hearts' great conqueror.

143 Character from Shakespeare's play *The Merchant of Venice*, a man who lends money for its interests.

144 In passing. In French in the English version of the text.

145 Citizens of Rio Grande.

zy sensual things, but they looked ahead into the future. There are women who can indulge themselves with frenzy all their lives, and, yet, they do not become prostitutes. These had the frenzy,—no, they had the “professional signal”, and, to make matters worse, they had been born under complacent stars. Luisa went away with a farmer, and if she deceives him, it will be with comets, very rarely. Natália retired with an extremely rich businessman. Only Maria remained, who people would call an abnormal lustiness case, because she would go on wasting money, getting drunk, degrading herself in the turmoil of life. Well, Azevedo fell in love with Maria seven years ago, when he saw her leading a pair of stripped horses which looked like zebras, and which were Zoo exotic attractions in the end. Maria was going through one of her financial crises, as she was in debt apropos her house, her furniture, her horses, her servants, and even the robust teenager who she turned into Augias¹⁴⁶ at the back of her palace, and into Automedonte¹⁴⁷ in her afternoon outings. Azevedo was some sort of a rubber tree dealer. He had just returned from the Amazon, and he showed that he had a craving for women as well as for being packed with money. He was dazzled before Maria’s provocative beauty. He tried the approach—he let himself be caught, be placed a brake, be mounted, and be emptied by her. General - and happy opinion, by the way, was that Maria would ruin the wild *Marchador*¹⁴⁸. Azevedo’s luck, however, was extreme. The more he gave, the more he paid for, the more he earned. That could have converged into the animal’s passion,—a fetish like all the simple ones,—and irritated Maria, who was the enemy of payers like all bohemians. Azevedo thrilled her completely. She, who had been the avenger Venus of headstrong temper until then, the one who ruins, destroys and dominates, found only one satisfaction—to deceive him, to betray him, to rob him of his body for the starving one’s banquet. It was a struggling performance between a blind passion and the anger of escaping from

146 In Greek mythology, the character of Hercules 7th deed, who had to clean his famous 3000 horses stables, which had not been done for 30 years. As Augias did not wish to pay as agreed, Hercules killed him.

147 In Greek mythology, Aquiles’s driver and his battle companion. Synonym of skilful coachman.

148 The most popular and widespread horse in Brazil is the Mangalarga Marchador. João do Rio utilizes the term “marchante selvagem” in his text, which we translate here as wild Marchador, referring to the horse’s breed.

that passion. At the end of four months, Maria forbade his entrance into her palace and dismissed him. She was covered with jewels, had her safe deposit full, and she was also bored, annoyed, and exceeded because of that life with that man, who was a poor man in love and in paying. She got herself into “the big orgy”, in order to convince herself she was free, totally free. But Azevedo, who had been hurt by that farewell, suddenly felt that he had lost both his flesh and his luck. So, he resorted to all imaginable means to conquer her again, as he was prepared to face people’s judgments, from those who were only interested in his disgrace at the cost of banking securities. Maria’s friends were convinced that it was necessary to make her change her mind. Maria, that crazy little thing incapable of thinking about the future. Soon, the Chilean felt Azevedo’s phantom become more and more present. Her friends would say, incidentally, at parties: oh, if only Azevedo were here! The fortuneteller, who read her cards weekly, said: I see a serious man here, who loves you so much and who is now apart, but who will make you happy again! The servants said: Poor boss; he went by today, looking here so intently... Even her bed and table comrades told her: after all, Azevedo is a good man. Therefore, Maria realized that, having dismissed Azevedo, now she had him in her memory all the time, not being able to do him evil, not being able to avenge him, almost convincing herself that the idiot was good. Finally, she was told: Azevedo seems resigned, for he will build Benevente a house. On hearing that, Maria felt such strong hatred, and the following day Azevedo was inside her household again, full of love and even more generosity.

“Was Maria resigned?”

“For the sake of revenge, she would try to make him epically ludicrous. The person did not matter, as her attitude was all that counted. Ah! Whenever my selfishness wants to make love eternal, I picture a poor being, who is unable to be free from another being. He will mould himself, will bend over and give out everything, while also being passive and humble at the same time. There are tortures which are dantesque and imperceptible to most mortals. And none will be like this one, in which the situation, fatal-

ity, and fate can force the victory of the weaker, by giving him what he wishes, by making him achieve his end, imposing him on another body,—basking in it, feeling it, touching it. The biggest disgrace of love is this one because it lassoes two people, two souls, to the same horror. Maria should have her despair crises and cry her tears, while Azevedo should suffer in his silent humbleness of a dog which is thirsty for her caresses! And when he took her to Pará, the Chilean had the neurosis of deceiving him. Well, mind you, in Belém, the small piece of land where Azevedo held a conspicuous position! Denouncement poured in, demanding shame, more decency and more pride from him. The rough Azevedo read them all and held his peace because if he revealed one of the letters words, Maria would certainly shut her door for him for weeks on end. Once, though, as Azevedo had received a far too strong report, he had jealousy outbursts and so went to meet her,—who was acting like the princess Falconière of *Dalila*, singing on a boat with a certain tenor from a *zarzuela*¹⁴⁹. There was no doubt! The Haiti's consul screamed from anger, the tenor ran his feet off, and the police had to interfere. The scandal, however, allowed Maria one of those epic cynicisms of hers. She grabbed Azevedo by his coat, thrust him into the car without saying a word, but panting. And, on arriving home, she examined him from head to toe and said this sentence, which had been notorious for the previous five years: “You are undignified! You are suspicious of me, sir!”

One should consider the intensity and the moral extent exerted by those sentences onto his brain; he, who was obsessed with the idea of not losing her,—his more and more desired flesh. Maria had said that out of her professional cynicism.

He felt touched at first. After all, he must have been mistaken, as she did not try to confront him, which showed some deference of hers towards him. And, in any case, would she deceive him? There are so many condemned innocent people, even with visibly compromising proof! And the tenor, unintentionally, was their marriage's cornerstone.

“Oh! no...”

¹⁴⁹ Kind of Spanish comic opera.

Fifteen days after that scene, Azevedo felt he could not even understand about his rubber business anymore. Maria was silent, stern and solemn, and she had her bedroom locked. She did not respond to his insults at first, then to his irony, then to his despair, and now to his pleas. Azevedo lived as if he had the expectation of having the news regarding some irrevocable evil, as he would not sleep or rest, just thinking that she would leave him again, and this time forever. Then he fell onto his knees, pleading, begging her for forgiveness, swearing he had not seen anything, that he would never believe that slander... There is some latent hatred between the sexes. When one humiliates oneself before the other, this other commits a tyrant's cruelty, and invigorates on their perversities and excesses. The Chilean realized the appropriateness of the moment, and pretended to become indignant at the accusation, by shedding her tears: "Hold your tongue, Azevedo! You are ungrateful, sir! I will never be yours again! Being suspicious of me! Only if you give me a proof of your great confidence, your name, your hand..."

In Belfort's group, there was a burst of laughter, which made the group aspiring for diplomatic secretariat turn around. The baron cleaned his crystal monocle and went on calmly:

"She was slimmer at that time and she had brown eyes, but sort of blackish-brown hair, which at other times became almost blonde. That hair was her soul. Poor Azevedo! He reflected for twenty days, tortured himself for twenty days. And during those twenty days, Maria fought, with her trick and artifice, more than a diplomat, by wisely grading the concessions which would give the old man in love a vague idea of what a home could be like with a sweet, meek, good, and faithful creature,—with no bitterness or neurasthenia. His friends were knowledgeable about the disaster and they joined forces in order to save Azevedo. All means failed; or rather, they resulted in Maria's benefit. A certain lad, called Teofano de Abreu, if I can recall properly,—an intelligent and well-placed conqueror from the Portuguese colony, nourished some desire for Maria, and was ready to made a colossal sacrifice: to court her, to manage to have intercourse with her and later to report the fact to Azevedo. As expected, Maria did not resist him, and Teofano,

despite having enjoyed it, sacrificed himself, by saying: “Azevedo, he said, before several witnesses, you mustn’t marry Maria”. “Why?”, he retorted. “Because she deceives you”. “I won’t tolerate any insult to the woman who lives with me.” “But, it has happened with me, I just come from there. She will not be able to deny it to my face. And if I have done this abominable act, it is only to save you from a horrible and irreversible dishonour.” Azevedo got pale, ran home, and from the following day onwards, he did not greet any of his friends any longer. It was fatal. And, at last, with the aim of having Maria again, he got married...

I went to meet them in Paris, as they were elegantly settled in a discreet palace on one of the avenues at Étoile. Maria had coaches, an electric *coupé*. At night, she dragged wonderful fur capes worth many thousand *réis* along small theatres, and frequented many bad places because one day I saw her at a bistro¹⁵⁰, and I recalled that she could be in love with some young apache¹⁵¹, as the apaches are the most handsome men in Paris. It is even likely that they had left Paris when Maria was already offering some teas to some indefinite international noblemen, because of some scandal *chantage*¹⁵², which Azevedo had come to know about and pay for.

But that was nothing! Maria’s demands and shamelessness increased to the extent of her husband’s toughening. On returning from Paris, she demanded all the right wing to be furnished in Indian style, with authentic bamboo from Calcuta, copper *potiches*¹⁵³ from Benares, china and metal brahmanical gods. Her room had decorations in green silk attached by coral pins; the drapes were made of Deccan gauze, the lightest gauze in the world. At the foot of her bed an ivory Vixnu stood¹⁵⁴, the riches’ god, who watched her sleep. At that time, a welter of unprejudiced men and well-disposed youngsters frequented their place, who provided Azevedo with infidelities. Maria was be-

150 Small and simple, but cozy restaurant. In French in the text.

151 Gigolo.

152 Blackmail.

153 Vases having a separate cover, a body usually rounded or polygonal with nearly vertical sides, a rounded shoulder, and a tapered neck.

154 A god that together with Brahma and Shiva forms the sacred trinity of Hinduism.

coming nerve-wrecked. She had not resigned to the poor consul; and her neurasthenia exploded in desires for humiliations and an uncontrolled appetite for seduction. At the table, she would make the consul stand up, go and fetch her fan from the second floor, in order to kiss their guest, particularly when there were three for supper. Other times, she would set their arrival time: "I should be alone. Come after midnight." And, on those nights, someone always got to know the royal tiger fur with red brocade lining, which was inside the third room of the left wing, where a collection of weapons used by all imaginable Rajah's soldiers piled up.

You laugh! I, after all, feel pity. That man made oceans of money, enjoyed good relations... I had judged him unworthy, but he was not. He was, and he still is, a being who loves. Which one of us does not have their unspeakable secret and irrepressible desire? Love is desire, but the desire of full satisfaction, of that illusion of senses. When one wants that much, we live as though we are dragged by a current. There are worse cases, with whom we shake hands...

"But now, what are they doing?"

"I have not seen them in two years. Obviously, she wants to be family. It is a natural ambition. I saw her with him at the council's works opening, posing as if she were a duchess for a La Gandara's painting. She must already be resigned to Azevedo and they are both here enjoying wintertime, conveying the impression that they are happy. However, Maria is a poisoned soul, chained to a body she loathes, wishing a crowd of men because of the imbalance of her flesh, and wishing her position and respect, because of her moral imbalance. Azevedo is the poor brute who sacrifices everything, his honour, money, shame,—the ignoble crawls, just as long as he is granted some love by the creature who pleases his senses. And these two disgraced, bewildered beings go on living, with a smile on their lips and a nebulous discomfort on their feverish eyes.

At that moment, the beautiful Chilean, Maria de Azevedo, stood up. The impertinent dandy leapt off his chair. The short little man did that also,

rising from another chair. She caught sight of the baron, who stood up and bowed. And Azevedo opened his arms.

“Oh! You! It’s been two years!”

“Where are you coming from?”

And so, the men embraced each other. He looked old, and rather suspicious. She gave out a mixed smile out of her inexpressible irony and vague satisfaction, while standing by the opalescent light of the white curtains. Meanwhile, her eyes landed, like a disturbing caress, on the table where Alberto Guerra was still having his lunch. That man who appeared confident of his biceps, of his diamonds and, perhaps, confident of his own verses, in the dazzling *brouhaha*¹⁵⁵ of the vast hall.

155 Uproar. In French in the text.

DUAS CRIATURAS

A Viriato Correia¹⁵⁶.

O grande *hall* do hotel estava repleto. Pelas janelas semicerradas, na suave ondulação das cortinas brancas, entrava um vago perfume de violeta e de rosa. Lá fora, entre os tufos de verdura do jardim e o céu muito azul, devia esplender a pálida luz de um sol de inverno. As mesas, todas ocupadas e cintilantes de cristais, prolongavam-se até ao fundo numa orquestração de tons brancos, que iam do branco de prata ao branco *gris*¹⁵⁷ nos lugares mais em sombra.

Os criados passavam apressados, erguendo numa azáfama os pratos de metal. Ao alto, os ventiladores faziam um rumor de colmeias. Senhoras e cavalheiros, perfeitamente felizes, as senhoras quase todas com largos “*bo-ás*”¹⁵⁸ de plumas brancas, chalravam e sorriam. Estávamos bem na bizarra sociedade de entalhe que é o escol dos hotéis. Alta, longa, comprida, com uma cintura de esmaltes translúcidos e o ar empoadado de uma íntima do general Lafayette, a escritora americana cuja admiração por Gonçalves Dias chegara a fazê-la estudar e propagar o Brasil, mastigava gravemente. Logo ao lado, um grupo de engenheiros, também americanos, bebia, com gargalhadas brutais e decerto inconvenientes, champanhe Munn. Mais adiante a encantadora viúva do milionário Guedes, com o seu perfil de Luigni, de que tanto

¹⁵⁶ Manuel Viriato Correia Baima do Lago Filho, jornalista, contista, romancista, teatrólogo (23 de janeiro de 1884–10 de abril de 1967).

¹⁵⁷ Acinzentado,

¹⁵⁸ Longos xales de plumas.

mal se dizia, sorria num vago sonho para a senhora Alda, a formosa divorciada do dia, Alda Pais anteontem, Alda Pereira hoje, como há cinco anos, antes de casar... De vez em quando parava à porta um novo hóspede, hesitava, percorria com o olhar a extensa fila de mesas onde o *debinage*¹⁵⁹ se acalorava. A um canto, Milles. Peres, filhas de um rico argentino, *yatch-recorderman*¹⁶⁰ nas horas vagas e vendedor de gado nas outras, perlavam¹⁶¹ risadinhas de *flerte* para o solitário e divino Alberto Guerra, seguro dos seus *bíceps*, dos seus brilhantes e quiçá dos seus versos.

Bem ao centro, o nosso vasto ministro em Honduras desdobrava a sua simpática adiposidade numa roda de mocitos elegantes, ferozes pretendentes ao secretariado diplomático, e, de vez em quando, cortando o zumbido elegante do grande *hall*, retinia imperiosamente o som de uma campainha elétrica.

Estávamos a almoçar cinco ou seis, convidados pelo barão Belfort, esse velho *dandy* sempre impecável, que dizia as coisas mais horrendas com uma perfeita distinção. E fora decerto uma extravagância aquele demorado almoço, a fazer horas para um *match* de *foot-ball*¹⁶², a que seria impossível deixar de assistir. O barão, de veia, com a sua voz de navalha, recortava na pele dos presentes as caricaturas perversas. Nós já tínhamos rido muito e entrávamos com apetite num vulgaríssimo *salmis*¹⁶³ de coelho, quando de repente um dos nossos companheiros exclamou:

— Olha, a Chilena aqui!

À porta surgiu uma triunfal figura de Ceres, com o cabelo cor de ouro e o verde olhar coado por umas negras pestanas de azeviche. O seu lindo corpo era como que modelado pelo vestido de Irlanda e rendas verdadeiras. Nos dedos afilados e tênues como as pétalas esguias dos crisântemos,

159 Maledicência. Fofoca.

160 Batedor de recordes no iatismo.

161 Dar forma ou aparência de pérola.

162 *Match* de *football* – os anglicismos aqui denotam a importância que o esporte ainda iniciante no Brasil da época adquiria para a classe alta.

163 Tipo de ensopado.

três ou quatro pérolas rosas; nos lóbulos das orelhas, duas negras pérolas e por sobre a gola leve de rendas brancas um virginal colar de pérolas. Acompanhavam-na um cachorrinho branco de neve, de focinho impertinente, e um cavalheiro, baixo, gordo, cheio de joias, enfiado numa redingote¹⁶⁴ azul.

— A Chilena! A Chilena aqui! Mas que sociedade é esta?—bradou o mais jovem dos convivas.

O barão teve um sorriso cético.

— Meu caro, o Rio tem, como Paris ou Londres ou mesmo Montevidéo, a sua *season*¹⁶⁵. A *season* começa regularmente com a chegada do primeiro *mambembe*¹⁶⁶ estrangeiro, *mambembe* naturalmente insuportável, e fecha com os calores da primavera, na abertura do salão de pintura. É a época do luxo, da exibição, do sacrifício para aparecer, da tagarelice, em que toda a gente fala mal do próximo e entende de arte, é a época escolhida pelos que pretendem tomar lugar na sociedade. Nós somos uma sociedade em formação — a mais atraente, a que mais tenta por consequência, não só pelas suas taras, que há vinte anos não eram julgadas mal, como pelo nosso fundo meio ingênuo de aceitar tudo o que brilha, seja diamantino ou seja montana¹⁶⁷. Anualmente, de envolta com os políticos, os fazendeiros, os estrangeiros exploradores, aparecem essas figuras com um passado estranho, decididas a dominar, a entrar nos lugares honestos, a serem respeitadas.

São figuras de inverno. Querem dominar. E olhe que aqui, quase todos têm a sua história: as *demoiselles* Peres, talvez enteadas de um rei morto, o wildeano¹⁶⁸ conde Rossi, lá longe, com o seu excepcional secretário cubano; Alberto Guerra, o sedutor irmão de D. Juan¹⁶⁹ e também de Shylock¹⁷⁰,

164 Sobrecasaca.

165 Temporada anual elegante.

166 Companhia teatral em excursão, em geral de segunda classe.

167 Cera (de) montana. Uma cera mineral frágil obtida a partir da extração de lenhite ou carvão fóssil e usada especialmente em vernizes, papel carbono e compostos para calefação.

168 Referente ao escritor irlandês Oscar Wilde.

169 Personagem da literatura europeia, arquétipo do grande conquistador de corações femininos.

170 Personagem da peça de Shakespeare *O mercador de Veneza*, um homem que empresta dinheiro a juros.

porque vive de emprestar a juros; a viscondessa Guilhermina, que chegou de Vicchy e só está aqui de passagem; a Alda, a baronesa...

— Barão, cale-se, por favor! Cale-se! Figuras de inverno, não duvido. Mas a Chilena é menos que isso.

— Ora, a Chilena já não usa esse pseudônimo tão picante e ao mesmo tempo tão significativo para os guerreiros do Rio Grande. Todos vocês sabem a história de vício dessas três irmãs que cerca de dez anos amaram e arruinaram várias criaturas. Mas tinham de ter um nome honesto. As duas primeiras casaram. Esta é hoje a esposa do cônsul do Haiti no Pará.

— Então o homenzinho?

— Um explorador riquíssimo que se presta a ser cônsul, auferindo todos os lucros do cargo.

Deve ter uma fortuna superior a cinco mil contos. Tivemos relações em Belém e em Paris. É um caso de embrutecimento passional.

— Mas são realmente casados?

— Não há dúvida. Vocês conhecem a história das chilenas, três lindas criaturas da fronteira que se diziam chilenas por picante e a que os rio-grandenses chamavam chilenas como lembrança de certos estribos em que os pés ficam à vontade e toda a gente pode usar. Elas tinham topete, beleza, audácia. Para ser o vício arrasador não precisava muito outrora no Rio. Chegaram e logo a fama irradiou. De um dia para outro, os fazendeiros ricos sentiram a necessidade de dar-lhes palácios, os banqueiros ofereceram-lhes as carteiras, os amorosos sem vintém prometeram vigor e paixão. As gaúchas ardentes, ardentes mesmo demais, faziam grandes loucuras sensuais, mas prestavam atenção ao futuro. Há mulheres que podem se entregar com frenesi a vida inteira sem conseguirem ser prostitutas. Elas tinham o frenesi, não, tinham o sinal de profissão, e depois, haviam nascido sob as estrelas complacentes. A Luísa partiu com um fazendeiro, e se o engana é com os cometas, raramente. Natália recolheu com um negociante riquíssimo. Ficou apenas Maria, que diriam um caso anormal de luxúria, malbaratando dinheiro, em-

briagando-se, tripudiando no torvelinho da vida. Ora, Azevedo apaixonou-se pela Maria, há sete anos, vendo-a guiar uma parrelha de cavalos zebrados que foram acabar no Jardim Zoológico como raridade. Maria atravessava uma das suas crises, devendo a casa, as mobílias, os cavalos, os criados, e até mesmo o adolescente robusto que fazia de Augias¹⁷¹ no fundo do palacete e de Automedonte¹⁷² à tarde, no passeio. Azevedo foi seringueiro ou coisa que o valha. Precisamente voltara do Amazonas, esfomeado de mulher e cheio de dinheiro. Teve o deslumbramento diante da beleza que Maria tornava provocante. Tentou o assalto, deixou-se prender, pôr o freio, montar, esvaziar. A opinião geral — e aliás alegre, era que Maria arruinaria o marchante¹⁷³ selvagem. A sorte, porém, de Azevedo era intensa. Quanto mais dava, quanto mais pagava, mais ganhava. Isso devia ter concorrido poderosamente para a paixão do animal, fetiche como todos os simples, e irritar Maria, inimiga dos pagadores como todas as boêmias. Azevedo empolgou-a inteiramente. Ela, até então a Vênus vingadora, que arruína, arrasa, domina, de gênio voluntarioso, só encontrava uma satisfação enganá-lo, traí-lo, roubar-lhe o corpo para o banquete dos esfomeados. Era uma performance entre a paixão cega e a raiva de fugir dessa paixão. Ao cabo de quatro meses, Maria proibiu-lhe a entrada, despediu-o. Estava coberta de joias, com o cofre cheio e enfarada, aborrecida, excedida pela convivência do pobre homem apaixonado e pagador. Meteu-se na grande orgia, para se convencer de que estava livre, livre por completo. Mas Azevedo, aguilhoado por aquela despedida, sentira de repente que perdia a sua carne e a sua sorte e recorria a todos os meios imagináveis para de novo apanhá-la, peitando consciências, interessando na sua desgraça à custa de bilhetes de banco; as amigas da Maria, convencendo os camaradas de que era preciso fazer mudar de opinião Maria, aquela louquinha incapaz de pensar no futuro. Logo a Chilena sentiu em torno, cada vez mais presente, o fantasma do Azevedo. Falavam nas pândegas

171 Na mitologia grega, personagem do 7^a Façanha de Hércules, que teve de limpar suas famosas cavaliças de 3000 animais, o que não era feito há 30 anos. Como Augias não quis pagar o combinado, Hércules o matou.

172 Na mitologia grega, condutor do carro de Aquiles e seu companheiro de combates. Sinônimo de cocheiro hábil.

173 A raça de cavalos mais popular e difundida no Brasil, o Mangalarga Marchado, aqui a alusão de João do Rio no termo “marchante selvagem”.

as amigas, por acaso: Ah! Se aqui estivesse o Azevedo! Falava a cartomante que de oito em oito dias lhe deitava as cartas: vejo aqui um homem sério que muito a ama e agora afastado voltará a fazê-la feliz! Falavam os criados: Coitado do patrão; passou hoje por aqui, olhando muito... Falavam até os camaradas de cama e mesa: Afinal o Azevedo é um bom homem. E Maria viu que tendo despedido o Azevedo agora é que o tinha a todo o instante na lembrança, sem poder fazer-lhe mal, sem poder vingar-se, quase a convencer-se de que o idiota era bom. Certa vez disseram lhe: o Azevedo parece resignado: vai montar casa para a Benevente. Maria teve um grande ódio e no outro dia Azevedo estava de dentro outra vez, louco de amor e ainda mais perdulário.

— Maria resignara-se?

— Para a obra da vingança, tornando-o epicamente ridículo. Não importava a pessoa, a questão era do ato. Ah! Eu imagino sempre, quando o meu egoísmo quer eternizar o amor, o desespero de um pobre ente sem poder livrar-se de outro que se molda e curva e dá tudo, e é passivo e é humilde. Há torturas, imperceptíveis à maioria dos mortais, que são dantescas. E nenhuma como essa em que o ambiente, a fatalidade, o destino forçam a vitória do mais fraco dando-lhe o que deseja, fazendo-o realizar o seu fim, impondo-o a outro corpo, a gozá-lo, a senti-lo, a palpá-lo. A grande desgraça do amor, a maior desgraça é essa porque laça ao mesmo horror duas almas. Maria devia ter crises de desespero e de lágrimas, enquanto Azevedo devia sofrer na sua muda humildade de cão sedento de carícias! E quando a levou para o Pará, a Chilena tinha a nevrose de enganá-lo. Ora, imaginem vocês, em Belém, terra pequena, onde Azevedo tinha uma posição evidente! As denúncias anônimas choveram exigindo vergonha, mais pudor, mais brio. O grosso Azevedo lia e calava, porque, se revelasse uma palavra das cartas, Maria fechava-lhe a porta semanas e semanas. Uma vez, entretanto, como recebesse uma denúncia violenta, Azevedo teve tensões de ciúmes e foi encontrá-la como a princesa *Falconière* da *Dalila*¹⁷⁴, cantando num barco com certo

174 Ópera de Octave Feuillet (1857).

tenor de zarzuela¹⁷⁵. Não havia dúvida! O cônsul do Haiti berrou de cólera, o tenor deu às gâmbias¹⁷⁶, a polícia apareceu. O escândalo, porém, permitiu à Maria um desses cinismos épicos. Agarrou o Azevedo pelo casaco, meteu-o dentro do carro sem dizer palavra, ofegante, e ao chegar à casa mediu-o de alto a baixo e teve esta frase, célebre há cinco anos: — o senhor é um indigno! Desconfia de mim!

É preciso pensar o alcance, a extensão moral de uma dessas frases num cérebro, obsedado pela ideia de não perder uma carne cada vez mais desejada. Maria dissera por cinismo profissional. Ele sentiu-se comovido a princípio. Afinal se enganava, procurava não o afrontar. Já era uma consideração. E depois enganá-lo-ia ela? Há tantos inocentes condenados, mesmo com provas visíveis comprometedoras! E o tenor, sem querer, foi a pedra angular do casamento.

— Oh! Não...

Quinze dias depois da cena, Azevedo sentiu que nem de negócio e de borracha poderia entender mais. Maria, muda, grave, solene, vivia com o quarto fechado sem responder primeiro aos seus insultos, depois às suas ironias, depois aos desesperos e já agora aos rogos, porque Azevedo vivia como à espera da notícia de ter um mal irremediável, sem dormir, sem descansar, só pensando que de novo ela o deixaria. E dessa vez para sempre. Então caiu de joelhos, suplicou, pedindo perdão, jurando que não vira nada, que jamais acreditaria na calúnia... Há entre os sexos um ódio latente. Quando um se humilha a outro, esse outro toma crueldades de tirano, refocila em perversidades e em excessos. A Chilena percebeu a excelência do momento, teve um assomo de dignidade, borrifada de lágrimas: Cale-se, Azevedo! O senhor é um ingrato! Nunca mais serei sua! Desconfiar de mim. Só se me der uma grande prova de confiança, o seu nome, a sua mão...

175 Tipo de ópera cômica espanhola.

176 Pernas. Dar às gâmbias: fugir.

Na roda correu um desabalado riso, que fez voltar-se o grupo aspirante ao secretariado diplomático. O barão limpou o seu monóculo de cristal e continuou tranquilamente:

— Ela nesse tempo era mais magra e tinha os cabelos castanhos, mas de um castanho que às vezes era quase negro e de outras vezes se tornava quase louro. Esse cabelo era a sua alma. Azevedo, coitado! Refletiu vinte dias, torturou-se vinte dias. E nesses vinte dias, a Maria lutou, em arte e manha, mais que um diplomata, graduando sabiamente as concessões que dessem ao velho apaixonado uma vaga ideia do que poderia ser o lar com uma doce criatura meiga, boa, fiel, sem azedumes, sem neurastenias. Os amigos, sabedores do desastre, reuniram-se para salvar Azevedo. Todos os meios falhavam; ou antes redundavam a favor da Maria. Um rapaz, Teofano de Abreu, se bem me recorda, latagão inteligente e bem colocado da colônia portuguesa, com certo desejo na Maria, prestou-se a um sacrifício colossal: fazer-lhe a corte, conseguir possuí-la e vir contar depois para o Azevedo o fato. A Maria não resistiu, e Teofano, apesar de ter gostado, sacrificou-se — “Azevedo, disse em presença de várias testemunhas, não podes casar com a Maria.” — “Por quê?” — “Porque te engana.” — “Não admito que insultem uma mulher que vive comigo.” — “Mas foi comigo, venho agora de lá. Ela será incapaz de negar na minha cara. E se faço este ato indigno é para te salvar de uma horrível e irremediável indignidade.” Azevedo fez-se pálido, correu casa, e no outro dia não cumprimentou mais nenhum dos seus amigos. Era fatal. E afinal, para de novo possuir Maria, casou...

Fui encontrá-los em Paris, elegantemente instalados numa das avenidas da Étoile, num palácio discreto. Maria tinha carruagens, *coupé* elétrico, arrastava à noite pelos pequenos teatros maravilhosas capas de peles de muitos bilhetes de mil¹⁷⁷, e frequentava vários lugares maus porque vendo-a um dia a pé a rodar um bistrô¹⁷⁸, lembrei-me que bem podia estar de paixão por algum jovem apache¹⁷⁹, que os apaches são os homens belos

177 Refere-se a muitas notas de mil-réis.

178 Restaurante pequeno e simples, mas aconchegante.

179 Gigolô.

de Paris. É mesmo provável que tivessem deixado Paris, quando já Maria dava uns chás a alguns vagos titulares internacionais, por algum *chantage* de escândalo, que o Azevedo teve de saber e pagar.

Mas isso não era nada! As exigências e o descaro de Maria cresceram na proporção do embrutecimento do marido. Quando voltaram de Paris, ela exigiu no seu palacete toda a ala direita mobiliada à indiana, com autênticos bambus de Calcutá, *potiches*¹⁸⁰ de cobre de Benares, deuses bramânicos de porcelana e de metal. O seu quarto tinha guarnições de seda verde pregadas a grampos de coral; os cortinados eram de gaze de Decã, a mais leve gaze do mundo. Aos pés da cama, um Vixnu¹⁸¹ de marfim, o deus dos ricos, olhava-a a dormir. Frequentava-os por essa ocasião uma turba-multa de homens sem preconceitos e rapazes bem-dispostos, que forneciam as traições ao Azevedo. Maria era uma pilha de nervos. Não se resignara ao pobre cônsul; e a sua neurastenia explodia em desejos de humilhações e um desenfreado apetite de sedução. À mesa, fazia o cônsul levantar-se, ir buscar o seu leque ao segundo andar, para beijar o conviva, principalmente quando o jantar era a três. De outras vezes, marcava-lhe a hora da entrada: — preciso estar só. Apareça depois da meia noite. E nesses dias sempre alguém conhecia a pele de tigre real com forro de brocado rubro, que havia na terceira sala da ala esquerda, onde se amontoava a coleção de armas usadas por todos os soldados dos rajás imagináveis.

Vocês riem! Eu afinal tenho pena. Esse homem ganhava rios de dinheiro, gozava de boas relações.... Julguei-o um indigno. Não era. Era e é um ser que ama. Qual de nós não tem o seu segredo inconfessável e um desejo irreprimível? O amor é o desejo, mas o desejo da completa satisfação, dessa ilusão dos sentidos. Quando se quer assim, somos arrastados como por uma corrente. Há casos piores a que apertamos a mão...

— Mas, agora, que fazem eles?

180 Vaso decorado de porcelana ou cristal, usado para armazenar pequenos objetos ou como bomboniere.

181 Deus, que, ao lado de Brama e Shiva, forma a trindade sagrada do Hinduísmo.

— Não os vejo há dois anos. Naturalmente ela quer ser família. É uma aspiração natural. Via com ele, na abertura da Câmara, numa pose de duquesa pintada pelo La Gandara. Decerto já se resignou ao Azevedo e estão ambos aqui, a gozar o inverno, a dar a impressão de que são felizes. E, entretanto, a Maria é a alma envenenada, agrilhoada a um corpo que detesta, desejando, no desequilíbrio de carne a tropa dos homens, desejando, no desequilíbrio de moral, a posição e o respeito; o Azevedo é o pobre bruto sacrificando tudo, a honra, o dinheiro, a vergonha, rastejando o ignóbil só para que lho consintam um pouco de amor pela criatura que lhe agradou aos sentidos. E ambos desgraçados, desvairados, seguem a vida, com o sorriso no lábio e a vaga inquietação no olhar febril.

Nesse momento, a bela Chilena, Maria de Azevedo, ergueu-se. O impertinente fraldiqueiro¹⁸² saltou da cadeira. O homenzinho baixo também, de outra. Ela viu o barão, que se levantou, curvou-se.

Azevedo abriu os braços.

— Oh! Você! Há dois anos!

— Onde vem?

E os dois homens abraçaram-se. Ele parecia velho, meio desconfiado. Ela, sob a luz opalizada das cortinas brancas, sorria, um sorriso misto de inexprimível ironia e de vaga satisfação, enquanto os seus olhos pousavam, como uma perturbadora carícia, na mesa em que Alberto Guerra continuava a almoçar, seguro dos seus *biceps*, dos seus brilhantes e talvez dos seus versos, no *brouhaha*¹⁸³ entontecedor do vasto *hall*.

182 Dândi.

183 Balbúrdia.

HEART

To Irineu Marinho¹⁸⁴

When João Duarte arrived home for lunch, he learned from his house cleaner that the girl had very high fever. He did not even rest his hat. He rushed to the bedroom where the little Maria stretched her burning little body, on a large bed.

“What is the matter, my daughter?”

Maria did not reply. She just moved her head as if something bothered her neck, and she had her skin burning hot, a skin that felt like fire.

“What happened? What happened? Asked her father, bent over her bed. You must have eaten something that did you harm. A fruit maybe? In this heat, crazy little thing, in this heat! But we will send Jesuina to the doctor’s. He will come, give you some medicine and you will be fine again, won’t you?”

He left for the dining room, and wrote a note in a hurry.

“Take this to doctor Guimarães. Hurry”.

“And you sir, won’t you have lunch? You look pale”.

“No, I am not hungry any more. Oh, Maria! She certainly did something imprudent. What seems to be Maria’s illness to you?”

¹⁸⁴ Irineu Marinho Coelho de Barros (1876-1925). Journalist, he founded the newspapers *O Ensaio*, *A Pena*, *A Noite* and *O Globo*. Marinho contributed as a professional to *Gazeta de Notícias* and *Diário de Notícias*.

“Oh, sir, one of the girl’s illnesses. Eight days, and it will be over.”

João Duarte forced a hopeful smile and he went into the bedroom again. The little one was still in anguish, moving her head, with her staring eyes, red face, and red arms. João cuddled her coverlets and touched her, felt like removing her blanket while, at the same time, he thought of fetching one more. He then opened the windows curtains, looked outside without taking notice of the busy street, turned to his daughter, kissed her, walked about nervously. And in a series of actions, he sat by the edge of the bed, stood up, took a chair, sighed, and sat still, gazing at his little girl in an indescribable pain. It was always like that, it was always that excess. His daughter, his dear daughter! João Duarte was a poor mathematics teacher, with a wide forehead and an enraptured disposition. He was said to be of great talent as well as very original by his disciples. Son of a very wealthy family, of noble roots, he saw himself in poverty at thirteen, when studying the first year of Escola Central, because his father had died of congestion on the eve of a certain Stock Market combination, and his partners,—brothers in evil, had shamelessly absorbed all his fortune. João gave his due part of the inheritance remainder to his sisters and went on studying, teaching for a living. His friends found the young man’s gesture excessive. He did not even smile – as he felt an infinite wish to love and dedicate in his soul.

“They are my sisters! He said.”

In that type of mathematician, was there an exceptional being, the character of a saint? Who knows? He limited his life to love given softly and immaculately, and while lenses and co-disciples predicted his brightest future through his brilliant course, he thought of having a family, of having a home and someone entirely his, and then dedicate himself, cherishing, looking after, and being someone’s cause of pleasure and happiness. He had married to a girl from a very poor family before ending his course. It was a free school, in which half a dozen young men taught poor girls. She appeared at thirteen, pale, with her well cared for hands and a resignation smile on her lips. He asked about her family, and one day, in class, he asked her:

“Girl, will you marry me?”

All of his class laughed, finding the teacher's banter amusing. The girl got paler and two thick tears ran down her white face. From there, he went to her mother's place, an ill-tempered widower, who lived with three honest daughters and sold homemade meals.

"But sir, you are insane! My daughter is only thirteen years old. She is a child."

"It doesn't matter. I will wait until she is fifteen, but she will be engaged to me."

The woman was suspicious at first and refused his entry. He began to give the child gifts, and to give her money between the books pages sent to the old lady, of whom he knew the needs, to fill her with care, so much that it scared her. It was more of a father's than a fiancé's love, a love without desire of the flesh, spiritual and grand. She accustomed to it little by little, seeing the protector and less of the lover. Once, as he entered his class, he received the first love letter: "Come over at once. Mama had an attack. The three of us are lonely and very nervous." He left. The old lady's disease was serious and he stayed on in order to make her rubbings, and bathe her, while, obviously, the household expenses were met by him. He had to work so much! He taught in three schools, gave private lessons, and taught at night to freshmen. He was exhausted from work but felt delighted when Aurélia said:

"When he was alive, papa used to do just like this!

In order not to shock the old woman's susceptibility, he decided to take lodgings in her house, paying three times as much as it was due, he ended up asking her for a room upstairs, in the attic of the old building, the room where there were old stuffs. Those who knew about it, blathered nastily. João Duarte was inside, with three virgins! What a satyr! Every time the street opinion filtered through the doors, the old woman roared, gesticulated, shouted. And João, looking helpless, said suppliantly:

"But if it is not true? You know, Mam, that I don't have an ill intent..."

"You would do better having them! At the very least one would know immediately, muttered the old woman at the top of her fury.

“What can one do? Everyone as they have been born...”

At the end of two years, however, they got married. He appeared with the same black attire with which he labored. There was no money left for him, so much was the luxury for the bride and so many the objects he had bought for the new house, with a thousand sacrifices and a lot of work, too much work. But Aurélia did not love him. She never loved anyone. Her mother's nervous imbalance rendered her a vague hysteria. She would certainly need a brutal man. She had found a rare lost soul in the world. It was her mother's influence, her orders, her advice, that guided her. João, the husband, went on to become the creature who has the obligation to give. He gave like a slave. Never did a gratification, a mere tender gesture would welcome his monetary sacrifices, or his labor sacrifices. On seeing Aurélia happy, her family began to like her less. Both single sisters provoked the eldest bad instincts, and it was they who would make either rain or good weather in João's house. Sometimes, Aurélia entered home crying:

“They are wicked! They treated me like a dog, after having given them so many things!”

Rage was inside João's soul.

“Haven't I told you repeatedly? Do not talk to them! They envy your happiness.”

“If only they knew!...”

“Then, are you not happy?”

“Me, happy?... Oh! Figure that!”

A strong desire to insult that vulgar creature reddened João's face. But what for? The poor woman did not understand him, and he had chosen loving her badly, loving her with that strange unselfish love and being incapable of living unless he suffered for her, and gave her all the earnings from his blood, from his intelligence. Besides that, Aurélia burst out crying or fell into deep agonizing silences. He needed to amuse her, to give her treats, to take her to the theatre. Therefore, João multiplied himself. When the-

re were no available servants, he was the one to light the fire in the early morning, to prepare her breakfast, and take it to her bed. He left for work, rushed to his duties, dressed in his green redingote and his shoes in bad state, and finally, came back to lunch loaded with fruit, with delicacies she said she enjoyed.

“I have brought you some figs and chocolate clusters. Have them.”

“I don’t want them”, she went on, acting cruelly, pushing away the parcels.

He had a sign of sadness and anger, which were soon latent. But he ate just anything quickly, and went to work at once. At suppertime, he always brought her some gift, smiled when he noticed there was no more fruit or chocolate, told her to get dressed for the theatre, and also gave his students explanations between supper and the theatre. She always went out feeling cross because her husband was in a hurry and she returned feeling angry as there had been better-dressed women at the theatre or because the play had not pleased her. João humbly prepared her tea, prepared her bed, and only then would he go to the living-room to write and study until the early hours. Even so, many times Aurélia woke up startled, with him by her side, looking at her lovingly.

“Oh! What a fright! You almost look like a werewolf!”

Nonetheless, all of a sudden, Aurélia seemed merrier, even consenting to some caressing by João. It was her upturn. She had reconciled with her relatives,—or rather, as they were without any means,—her old mother and single sisters had come to pay her a visit. The fruit and chocolate went to their home still wrapped, and the dress fabrics, the perfume bottles simply disappeared from her wardrobe.

“How upset I am! If you let me go and see mama? After all, she is mama. There are not two mothers...”

João smiled.

“Go, my daughter. I do not forbid you, but try to make peace last.”

“If they argued, it was your fault. Do not insult my family. My mother is my mother.”

“Well, well, enough of annoyance. Go on...”

Why should he try the impossible? She would never understand him. That was the spirit of a child in a woman's loveless soul. How could such a refined and superior affection be felt,—by which honor, dedication,—a man's genuine dream,—radiated? Any young lad might open the fountain of love on the rock with three punches. A type full of money, spreading banknotes, would perhaps make her forget her wife's duties. And João Duarte repressed a vague and atrocious jealousy of what did not exist deep inside, blaming himself, and coming to love her more, to surround her of bigger care in order not to lose her, so as not to see himself lost, because he needed to love someone, to dedicate himself to someone. And so he lived in this way for ten years. He seemed to have lived twenty. He was thin, weary. His underwear was torn. His clothes lasted him two years. He did not drink anything except water: he always ate thinking about something else, and he slept very little, less and less, with his mind full of worries, of his classes, of Aurelia's wishes to meet, of many debts to pay off to lenders. On that particular occasion, his wife became even more childish, she began to vomit, to feel her feet swollen, to burst into jealousy, dismissing servants while screaming at them. João could not believe it. Would it be possible? But the doctor did not leave any doubt. After two quinquennials of marriage, Aurélia was pregnant. All of the poor man's wishes had, at last, come true! His love was so big, his feeling of paternity made him so madly happy, so full of love for his wife, that she, once in her lifetime, surrendered and let herself be cuddled. There were outings, doctor's appointments, and kisses. On the last days, he was the one who dressed her.

“We are having a child! A child! Smile, you silly girl! It will be so good... if she is a girl, we will name her Maria, won't we? You wished it were a man? Oh, selfish woman! The sons like their mothers better than their fathers. But there are exceptions. For instance, you are a woman and you are very fond of your mother.”

“Don’t speak! Don’t speak!”

Labor was difficult. Aurélia screamed for two nights, judging herself doomed and intimately blaming her husband for that horror. The husband, who did not sleep, went to and fro, looking anguished and pale. When the little one was born, on a stormy night of June, João took her into his arms, feeling dizzy and joyful. The world was transfigured. The furniture was touched by a strange light. The ceiling opened in a delightful rain. After all, fate had fulfilled his only wish: a daughter! His blood, part of his being, with something from his soul, the beautiful improvement of himself. This one he could really love entirely, with his ever repressed and contained love; this one he should love and be loved. To this one he would give his purity and the ideal of his dedicated heart, because she would certainly understand him, feel him, know that his entire life of struggle, courage and suffering had the objective, the target of dream, the last circle of paradise – her.

“My daughter..., he murmured in ecstasy, my daughter...”

However, fate, by giving him a daughter, certainly wanted to increase the anguishes of this humble, sensitive heart, which was made of tenderness and dedication excesses. Maria had been born a sick girl. Aurélia, on realizing that her slave’s cares had diminished and, due to a feature of her imbalanced nerves, got uninterested in maternal love at the same time that she felt violently jealous of her husband, accusing him of being the ready enemy to rob her of her daughter’s love. It was selfishness itself, the fierce selfishness of the hysterical. João came inside from the street apprehensively.

“And how about the little girl?”

“I do not know, ask the nanny, because you do not leave her!”

He wanted to smile, hesitated, did not quite understand that eternal bitterness, and went to the girl’s cradle to look at her for so long, so long... Without ever having learnt how to, he saw himself bandaging, rocking the little girl, singing her songs with a very sad voice. He, who had never sung, for neither having had he time nor the joy, in that paternal love obliga-

tion, that singing was, to his soul, like venting the sobbing that he had kept inside his male chest many years before, for all his life.

When Maria was teething, she had very high fever. João, in frenzy, sent for a doctor friend of his, followed his prescriptions strictly, with high doses of quinine, but the little one only got worse. It was misdiagnose, the opposite treatment, death. Aurélia, who was incapable of resisting, fell asleep on chairs. Her sisters and mother, who were totally useless, thought the child was lost and hazarded guesses at her death day. He did not sleep, did not eat anymore, desperate and crazy, with the little one in his arms, not allowing her to be touched.

“Let her be! I have hope! High hopes...”

And the old woman said, very sincerely:

“Nonsense! Only a miracle would work here!”

The conferences began. Medicines filled the room tables. One day, feeling quite frantic, he sent for the doctor.

“Is she lost?”

“My poor friend...”

“Is she?”

“Unfortunately.”

“So, well, I beg you a favor, my fellow friend. Please only come back to issue her certificate. We will not give her any more medications. It is so hard for her. She frowns so hard. I will cuddle her until her death. Maybe my love...”

“Yes, maybe”, said the doctor, smiling hopelessly.”

And he went on walking his daughter, under the reproachful humiliation of all house residents, feeding her drops of milk, cheering her up, instilling his wish to see her live, to see her reborn, with all his will. And so, forty days passed by. At the end of that century of pain and nervousness, when he saw the little girl smile at him feverless, safe and sound, and looking

healthy, he looked at himself in a mirror while passing by, and noticed that he had grown older. The doctor was called and he confirmed:

“Yes, indeed, the reaction... But my friend, you have suffered terribly! You look paler.”

“What is it to be expected? That is life”, he said smiling to the others, who smiled back. “And loving can cost so much!”

His daughter’s disease disorganized his household life, if he ever had that. Aurélia was more and more nervous, with the worst of tempers, she was really ill and felt nothing but irritation towards her daughter. João could not conceive that his heart was shared between both, mitigating that, but as his love for his daughter took roots in him, his wife’s resentment increased. Infant Maria’s health was fragile, glasslike. Her father created the mildest atmosphere for her. It was he who taught her first steps, who made her repeat the first two syllables, making sense of them and who, until Maria was five, sang her to sleep to old lullabies on a large rocking chair. Aurélia, feeling enraged, would come by at the theatre time.

“How amazing! Cuddling a five-year-old girl to sleep! As mama says, your follies spoil the girl!” João laid his daughter in bed and recommended one thousand precautions to the servant. In the theatre, or wherever he was with his wife, he would always spare some minutes, take a tilbury¹⁸⁵, and go home to check if Maria was sleeping well.

These cares and his incomparable love made the infant grateful, with a child’s gratitude, which is so unselfish. As her grandmother reprimanded her with the intention of educating her, as did her aunts, Maria hated her relatives. Because Aurelia would side with her family and beat her during her neurasthenic fits, she nurtured a feeling towards her mother that was very close to fear. Her father was good all the time, expressing his love through his caressing and pleasing her in every way, buying her toys, and playing with her. And nothing would be more pleasant for him than playing “hide and seek” with his daughter during his few brief moments of rest. He would

¹⁸⁵ Two-wheeled, two-seated car, without hood or extra seat area, pulled by just one animal.

pretend he had not found the hidden hanky and watch her laugh, laugh like all children do,—in this way she would bring him some part of heaven to earth. He had finally reached happiness. There was a being for whom he sacrificed, but who only saw him as her love in the world! And in each disease bout, every time the girl had high fever, he would be near her bed, fully awake, watching her, demanding that she would live, feeling afraid of doctors, of the family, of everyone. However, from the time she was seven years old onwards, he had become ill only twice and he was already thinking of it being a health phenomenon,—he could finally rest and dream of a cheerful future with his beautiful, rosy-cheeked, healthy daughter. Then, one day, he found her in high fever as he entered home. Would it be serious? Would it be a minor ailment? Maria would still move her little head, with her bloodshot eyes.

Then João sighed again. Would he be brave enough to go until the end, would he have the energy to win this new fight? And he went to meet doctor Guimarães, who entered with Jesuina.

“Maria, you know those things, – it looks serious.”

“Let us see. Don’t you worry.”

He got inside, began to examine the little sick girl, and remained in deep silence for very long, while João looked stiff like a marble statue, in order not to show his agony. Later, he thought.

“A diagnosis is difficult. For now let us give her a laxative and some quinine to fight her fever.”

“Quinine! She is terrified of quinine.”

“How come, João, that is nonsense. How can you fight the fever? Her temperature is thirty-nine point eight degrees centigrade.”

He went on to prescribe the medicine and, as a friend of the household, told Jesuina to take the prescription.

“I will return in the afternoon. Farewell. Don’t fear, man.”

João stayed in the bedroom just as he had got inside, with his hat on, his overcoat open.

It was as if he had received the news that the world was going to disappear. So, is your daughter ill? Yes. It was serious! The little one was tossing about even more, lifting her arms, shaking her head onto the pillows. Suddenly she rose, thrusting her covers apart, and sat up.

“Daughter of mine, what is the matter?”

“It is late, I will get dressed.”

“You must not; you are sick.”

“Oh! So much fire! It is firework. Wait. Where are my boots?”

“Maria! Maria! Look at me, your father.”

“Oh! Cockroaches, spiders. What a lot of cockroaches! We will kill them, shall we? The boots...”

It was delirium. Without any strength to stop her, in order not to hurt her feelings, João followed her. The girl ran about the house, and he rushed ahead to close one window here, another one there so as to support her faltering steps. It was delirium. It was death. Oh, yes, it was death! Maria, however, did not walk so far. All of a sudden, her legs became weary, so he took her to her bed, tucked her well, and knelt by the edge.

“Rest Maria; do not die, my daughter, don’t die or else I will break!”

And he felt himself cry, for the first time in his life, he cried in the foreshadow of the inevitable fatality. But he should fight, save his little being from the unavoidable fact. He dried his tears and his rather confused ideas. That loving calmness, with which he had always reacted before, had turned into a feverish distress where his will was being lost. When the medicines were brought to the house, he gave them to her himself. However, her fever persisted. “

Aurélia came in, all dressed up for dinner:

“So, what is this?”

“She has been sick since you went out, so it seems.”

“This is nothing to worry about.”

“It is serious. She was delirious, she *is* delirious. Maria, my daughter...”

“What if we warn mama?”

“Do whatever pleases you, but leave me, leave me!”

Doctor Guimarães returned in the evening. Fever had not vanquished, – quite the reverse, it had increased. The doctor shook his head. It was impossible to issue any diagnosis, but the girl’s condition demanded caution. If they did not trust him, they could summon another for a second opinion, and even if they did not wish that...in all other respects, the house had that aspect that preceded tragedies, as if the inanimate, the furniture, the walls, the paintings, the objects felt the shiver of death before men did, – it was the reaper’s visit. Aurélia’s family had already come in. The dogmatic old lady humiliated Guimarães and wanted another doctor. Her sisters estimated it was a lost case, as usual. João’s will sunk. He just wanted to be near Maria, to remain there, to be the only one to look after her. Then he went around the house, which was attended by the women, like a mad wind. The first conference disqualified Guimarães. Another modern and famous doctor had appeared, imagining hot baths and quinine hypodermic injections, filling the dressers with bottles and small boxes. Suppliers knocked on the door sinisterly. A large tub was installed in the bedroom. In order to fill it, each one would bring their boiling water pitcher. João insulated the doors, undressed poor Maria with infinite tenderness, took her in his arms, and placed her inside the tub with a shiver, as if he was killing his daughter, while the doctor counted the minutes. He seized the child again, dried her, wrapped her with blankets, sat down with his eyes wide open, with an anguish mark saddening his mouth. And the doctor took the needle, pierced it into his daughter’s belly, while talking indifferently. Despite the laxatives, her abdomen was motionless and silent, so they resorted to clysters¹⁸⁶. He administered them alone, he knew about all medicines and spend the night at her bed feet,

186 Injection of water or any other medicine via lower intestine. Enema.

watching at his daughter. When she slept, he cried and murmured so quietly that only his pain heard him.

“Don’t leave me, Maria, don’t leave me... Oh, don’t or else I will die, I will die! Why did you come? Why? To make me suffer? And once, when he said these words, with his face soaked by tears, he heard his daughter’s voice:

“Oh, daddy! You are so burdened by me!”

“Maria!”

“And I am not worth it...”

“My love, don’t you speak, do you hear me? Go to sleep. You are much better.”

He touched her hands and, in fact, he felt them less hot. Fever had declined. A flame of hope sprung in his heart.

He looked forward to the morning, and when the doctor arrived, he told him, almost smiling:

“She is better. Fever has decreased.”

“It happens. It is the course of disease. Her temperature is thirty-eight degrees centigrade of fever.”

“And so?”

“Danger has not yet disappeared, my dear fellow. Your daughter has a serious malady with fatal periods. How long ago did she fall ill? Eight days ago. Since then, the days have been sunny, clear. Let us hope the weather remains like this for one more week and I guarantee you the poor child’s life. However, if we have a sudden meteorological change, a storm, with lower temperatures – it will be difficult to say anything.”

“And in case the weather remains clear?...”

“And in case there is a storm...”

João had never felt so tired of this sad fate in his life. He had heard of maladies on which atmospheric variation can influence perniciously. He even knew some of their names, but his hyperesthesia¹⁸⁷, the neuronal¹⁸⁸ tension that kept him on the brink of disaster, made him lose the clear notion of things. Those many nights spent awake, the physical effort of carrying the quite grown infant in his arms, and that martyrdom of suffering in his soul, all of his daughter's excruciating physical pains mitigated life around the big problem: to save Maria. The idea of a storm entered his mathematician's brain, a man of science without superstitions, without beliefs, like the announcement of a catastrophe that it was necessary to avoid at all costs. A convulsive shiver seized him, and his attention split into the sky and his daughter, with a primitive's terror before nature's elements. If it rained, if the beautiful sky poured the rumble of thunder and dark clouds covered the blue heavens, his entire reason for existence would collapse because his daughter could not escape. He did not leave her bedroom anymore though. He went on to guard Maria and sometimes lift the curtains to watch the sky, with a superstitious fear. It was November, at the start of summer, when sudden storms relieved strong heat. The temperature rose, and the sun was a fireball in the cobalt blue cloudless sky; and the nights diluted into a bedazzling gold and opal colored moonlight. The full-moon nights were ending, and the last quarter phase was coming. Perhaps the weather would change. Fever would not cease, slowly burning Maria's emaciated limbs. The household neurosis had had a disruption, awaiting what would happen. The family would fall asleep round the living rooms, restlessly. Aurélia had had two seizures with shattering screams that made the sick girl, on her bed, contract her countenance in a unique anguish of a horrified corpse who suddenly returned to agony. He kept still, listening to the crackle of the lamp and the tic-tac of the dining-room clock, which told time in the right seconds chime. Any other noise, the dragging of a neighbor's house chair, the brooms of night street sweepers, would make him think of faraway thunders, of rainfalls. He would then rush to the window, raise the curtain, and scrutinize the clear sky. Ah!

187 Exceeding sensitivity to any stimulus.

188 Referring to the nervous system.

If only it would not rain! If miracle would happen! If God wished! Even in God, he trusted, setting to rule those phenomena that his Science knew of, a supernatural, almighty being. And so, days went by like this. One, two, three, four days that were, to him, a race of his heart, the galloping of the senses through a tunnel in the search of life's warning light, days of which he counted the hours, minutes and seconds as if a bile counter drank them thirstily,—days that suck his existing years out of his arteries.

“Make a promise,” he would confide the women, “you believers. Make a big promise. I shall honour it...”

The house creatures, who were incapable of feeling that way, were at last touched by respect, moaning for the child and for that humble energy,—for João, who, standing by Maria's side, suffered for loving her too much. The saints appeared. There were oratories in the living-room, in Aurélia's bedroom, with crackling candles. And the fever kept on drying Maria's white skin, always, incessantly. On the fourth night, João went to look at the sky several times, — he was sitting down, looking at his daughter's scary face, when by his eyes went a flash of light. No, it was certainly his hallucination due to weakness. He ran up to the curtain and sat still, with a quiver of horror. Thick clouds were coming from the west. The moonlight was dazzling, surrounding the big house with such intensity that it seemed to lift it in a blue light ambience, crowning it with flakes icebergs. On the horizon, lightning bolts followed like those that cannons make when they fire from far away. It was indeed one flaming cannon, of which one could not hear the noise, but which would fill the skyline with bright rays.

João Duarte ran to his daughter, and felt her fleshless arm, which burned. At that moment, a loud rumble was heard all over the sky. It was thunder. João touched his own face many times. It was impossible! It was impossible! Maybe he was tempting the elements with his permanent idea of rain. He tried to stay aloof, to think of something else, he built long sentences, his ears listening for it, his eyes dilated.

He remained like this for a moment, which seemed like a century. He could not avoid it, and returned to the window. The blue glasslike

sky showed moire¹⁸⁹ patterns and it got filled with lace-like cinnamon-colored clouds. Pointless! It was true! The rain was coming,—it was fate! Never in his life did fate smile at him except for launching more poison onto his soul. He would watch the hecatomb on his feet. And then, he would crackle, crackle, like the thunder had crackled.

What could he do? The sky was all a liquor that lowered, stone-like with clouds pushed by the wind. The street, which minutes before had been bathed by light, were dimmed in darkness. Thick water drops began to hit the glass pane against which João leaned his face. Soon the drops redoubled, hailing onto the glass, and the thunders clattered, rumbled, roared along with the shattering urge of the wind, striking the pitch-black space with sudden sparks that cracked the dark. And, despite that violence, João, like a castaway, still held his hopes, still thought that after the storm the fine weather would come back for good, and there would still be a way. By no means! That would come to an end, it ought to end. It was a short spell of rain! However, the rain fell, pelted down from space viciously and brutally, flooding the street.

Then, João looked at his daughter. The poor girl showed only her wax-like face in between her hair curls. There were purple bags under her eyes and her nose stretched under the lampshade. Poor thing! She was resting. He would be there, against the elements, forbidding their entry, forbidding their trespassing. The ideas vanished from his ever-resigned poor brain. He opened his arms across the doorframe thresholds, and stayed like this for a long time, thinking about the storm, about his daughter, and about the storm that would end,—the daughter that could not die. How long was he like that? It could not be known. A buzz had overtaken his ears in his reminiscence of the thunders, his temples throbbed, and he had cold hands as if he had placed them into ice. He only awoke when he saw a dull light coming through into the space and he realized that the rain persisted slowly, and endlessly. It was the never-ending kind! He let go of the curtain, came tiptoeing to her bed, felt his daughter's body. She was feverless, yes! No fever

189 A fabric made with silk, wool or cotton, with wavy patterns.

at all. Had the wonder come true? Was it possible? Then the rain, the storm... He touched her forehead, her chest, arms, and her feet thoroughly. Her feet felt even cold. How nice! A smile of satisfaction opened his mouth, where only the pain had left wrinkles. He went to fetch another blanket for his little dear girl's feet, he wrapped them completely, and again he felt her hands. They were also becoming cold. Why? What was that? Perhaps her body, unaccustomed to normal temperature... Nonsense! What he said was nonsense! He called his daughter quietly:

“Maria, do you feel better, dear?”

The poor girl did not reply. She must have felt too weak, that's why! She probably had not heard him... he called her louder:

“Maria, my dear? Will you leave your daddy without any answer? Can't you see I am here, just by myself, I am the one who suffers here with you, Maria.”

He was certainly tormenting her. Oh, what a brute he was, so mean! Her hands, however, were getting cold. Oh! Another nightly complication, more pain, more sickness, more horror. What could it be?

He went up to the dresser, lit a candle, and came to see the person of his adoration. Maria had her large eyes wide open. Something glassy crystallized their brightness. And her open lips showed some white dry filaments between her teeth, some white dry filaments that he had not seen before. Her eyelids did not move by the candlelight. A thick tear ran down her face. He could not feel her breath any longer.

João Duarte put the candle apart, turned to one side, turned to the other side, rubbed his own face, smashing his fingers against his eyes, he meant to speak... he meant to call out. He stopped, landed his eyes onto those eyes that were blurred, and looked at his daughter. A shiver took hold of him, shook him, and opened his mouth, as if it tore his muscles apart. His hands clasped. Then, all of a sudden, he fell forward, unsupported, onto the ground, with his face knocking against the bed footboard,—he had at last been broken from loving too dearly and too miserably.

CORAÇÃO

A Irineu Marinho¹⁹⁰.

Quando chegou a casa para almoçar, João Duarte soube pela criada que a menina ardia em febre. Nem descansou o chapéu. Precipitou-se no quarto onde a pequena Maria, numa grande cama, estendia o seu corpinho ardente.

— Que tens, minha filha?

Maria não respondeu. Apenas agitou a cabeça como se a incomodasse qualquer coisa no pescoço, e tinha a pele de brasa, a pele que parecia fogo.

— Como foi? Como foi?—perguntava o pai, curvado sobre o leito. Comeste decerto alguma coisa que te fez mal. Uma fruta decerto? Com este calor, louquinha, com este calor! Mas vamos mandar a Jesuina ao médico. Ele vem já, dá-te umas drogas, e ficas outra vez boa, pois não?

Saiu para a sala de jantar, escreveu à pressa um bilhete.

— Leva já isso ao doutor Guimarães. Depressa.

— E o senhor não almoça? Está pálido.

— Não, perdi a fome. Esta Maria! Decerto fez alguma imprudência. Anda, vai. Diz-lhe que venha imediatamente. Que te parece a doença da Maria?

¹⁹⁰ Irineu Marinho Coelho de Barros (1876-1925). Jornalista, fundou os periódicos O Ensaio, A Pena, A Noite e O Globo. Contribuiu para Gazeta de Notícias e Diário de Notícias.

— Oh, meu senhor, uma das doenças da menina. Oito dias, e sara.

João Duarte forçou um sorriso de esperança e de novo foi-se ao quarto. A pequena continuava numa ânsia, a mover a cabeça, os olhos fixos, uma vermelhidão na face, os braços também vermelhos. João aconchegou-lhe as cobertas, apalpou-a, teve vontade de tirar o cobertor ao mesmo tempo que lembrava ir buscar mais outro, abriu as cortinas das janelas, olhou fora sem ver o movimento da rua, tornou à filha, beijou-a, passeou nervoso, sentou-se à beira da cama, ergueu-se, apanhou uma cadeira, suspirou, que-
dou-se com uma dor indizível a olhar a pequena. Era sempre assim, era sempre aquele excesso. A sua filha, a sua querida filha! João Duarte era um pobre professor de matemáticas, com uma larga frente e um gênio arrebatado. Diziam-no de grande talento os discípulos, posto que bastante original. Filho de uma família rica e de raízes nobres, viu-se aos treze anos, ao cursar o primeiro ano da Escola Central, na miséria, porque o pai morrera de congestão em véspera de certa combinação da Bolsa e os sócios, irmanados na infâmia, haviam absorvido com descaro toda a fortuna. João entregou a parte que lhe cabia dos restos da herança às irmãs e continuou só a estudar, ensinando para viver. Os amigos acharam excessivo o gesto do rapaz. Ele nem sorriu — porque sentia na sua alma um desejo infinito de amar e dedicar-se.

— São minhas irmãs! Dizia.

Naquele tipo de matemático, havia um ser excepcional, o estofo de um santo? Quem sabe? Ele resumia a vida no amor que se entrega suave e sem mácula, e enquanto através do seu curso brilhante, lentes e condiscípulos vaticinavam-lhe o mais brilhante futuro, pensava em criar uma família, em ter um lar para ter alguém seu e inteiramente dedicar-se, velando, cuidando, sendo a causa dos prazeres, o principio das alegrias de alguém. Casou com uma pequena de família humílima antes de terminar o curso. Era um colégio gratuito em que meia dúzia de rapazes ensinavam meninas pobres. Ela aparecera aos treze anos, pálida, com as mãos bem tratadas, um sorriso de resignação nos lábios. Ele indagou da família, e certa vez em aula:

— Menina, queres casar comigo?

Toda a aula riu, achando graça na pilhéria do senhor professor. A pequena ficou mais pálida e duas grossas lágrimas rolaram-lhe pelas faces brancas. Ele foi dali à casa da mãe, uma senhora viúva de gênio irascível, que vivia com três filhas honestas a fornecer comida para fora.

— Mas, senhor doutor, está louco! Minha filha tem treze anos apenas. É uma criança.

— Não importa. Espero até aos quinze, mas fica noiva.

A mulher desconfiou a princípio e negou-lhe entrada. Ele começou a presentear a criança, e dar-lhe dinheiro entre as folhas dos livros mandados à velha, de quem sabia as necessidades, a enchê-la de cuidados, num exagero que a assustava. Era um amor mais de pai que de noivo, um amor sem desejo de carne, espiritual e enorme. Ela foi a pouco e pouco acostumando-se, vendo nele o protetor, menos que o apaixonado. Certa vez, ao entrar na aula, recebeu a primeira carta de amor: “Venha já. Mamãe com um ataque. Nós três sós e afitíssimas.” Partiu. A moléstia da velha era grave e ele ficou para fazer-lhe fricções, dar-lhe banhos, enquanto naturalmente as despesas da casa corriam por sua conta. Quanto era preciso trabalhar! Lecionava em três colégios, tinha aulas particulares, ensinava à noite turmas de calouros. Morria de trabalho e estava satisfeitíssimo, sentia-se feliz quando a Aurélia dizia:

— O pai quando era vivo também fazia assim!

Para não chocar a suscetibilidade da velha, imaginou tomar pensão na sua casa, pagando o triplo do que devia pagar, acabou pedindo-lhe um quarto, em cima, no sótão do velho prédio, o quarto em que estavam os cacareos¹⁹¹. Quantos sabiam do fato comentavam-no com acrimônia¹⁹². Estava o João Duarte de dentro, com três virgens! Que sátiro! Sempre que a opinião da rua filtrava através das portas, a velha em cólera, bramia, gesticulava, bradava. E João, sem forças, dizia súplice:

— Mas se não é verdade? Se a senhora sabe que não tenho tensões más?

191 Trastes e utensílios velhos. Cacarecos

192 Acidez. Aspreza.

— Era melhor que as tivesse! Ao menos sabia-se logo! Engrolava a velha no auge do furor.

— Que se há de fazer? Cada um como nasceu...

Ao cabo de dois anos, porém, casou. Foi modesto o casamento. Ele apareceu com o mesmo fato preto com que diariamente labutava. Não lhe sobrava dinheiro, tanto era o luxo para a noiva e tantos os objetos comprados para a nova casa, aos poucos, com mil sacrifícios e uma porção de trabalho, muito trabalho. Mas Aurélia não o amava. Nunca amou a ninguém. O desequilíbrio nervoso da mãe redundara nela numa vaga histeria. Precisaria de certo de um homem brutal. Encontrara perdida no mundo uma rara alma. A influência da mãe, as suas ordens, os seus conselhos era que a regiam. João marido passou a ser a criatura que tem obrigação de dar. Ele dava como um escravo. Nunca um enlevo, um simples gesto terno lhe acolheu sacrifícios de dinheiro, sacrifícios de trabalho. A família, por ver Aurélia feliz, começou a querê-la menos. As duas irmãs solteiras açulavam os maus instintos da velha, e eram elas que faziam a chuva e o bom tempo na casa de João. Às vezes, Aurélia entrava em casa a chorar:

— São umas miseráveis! Trataram-me como um cão, depois de lhes ter dado uma porção de coisas!

A cólera estalava na alma de João.

— Já não te tenho dito tanta vez? Não lhes fales! Elas invejam a tua felicidade.

— Se elas soubessem!...

— Então, não és feliz?

— Eu feliz?... Ah! Que ideia!

Um grande desejo de insultar aquela criatura vulgar empurplecia a face de João. Mas para quê? A pobre mulher não o compreendia, ele é que escolhera mal amando-a, amando-a com aquele estranho amor de altruísmo e incapaz de viver senão para por ela sofrer e a ela dar todo o produto do seu sangue, dos seus nervos, da sua inteligência. De resto, Aurélia reben-

tava em choro ou caía em profundos silêncios agonientos. Era preciso divertir-lhe, dar-lhe mimos, levá-la ao teatro. Então João multiplicava-se. Quando não havia criada, era ele de madrugada que ia acender o lume, preparar o primeiro almoço, levá-lo à cama. Saía, corria às obrigações, com a redingote verde e os sapatos em mau estado, voltava para o almoço carregado de frutas, de gulosinas de que ela dizia gostar.

— Trouxe-te figos e bombons. Come.

— Não quero, fazia ela instintivamente cruel, empurrando os embrulhos.

Ele tinha um vinco de tristeza e de raiva logo sopitada¹⁹³. Mas comia à pressa qualquer coisa, ia logo trabalhar. Ao jantar trazia-lhe sempre uma recordação, ria verificando que já não existiam frutas e bombons, mandava-a vestir para o teatro, e ainda dava explicações a uma turma, entre o jantar e o teatro. Ela saía sempre contrariada porque o marido tinha pressa e voltava em cólera porque havia no teatro mulheres mais bem postas ou porque a peça não lhe agradara. João, humilde, preparava-lhe o chá, preparava-lhe o leite, ia para a sala escrever e estudar até de madrugada, e muita vez Aurélia acordou sobressaltada, com ele ao lado a olhá-la enternecido.

— Ah! Que susto! Até pareces um lobisomem!

Mas, de súbito, Aurélia aparecia mais alegre, consentindo mesmo numa carícia. Era a reviravolta. Fizera as pazes com os parentes, ou antes, sem recursos, a velha mãe e as irmãs solteiras tinham vindo alegremente fazer-lhe uma visita. As frutas, os bombons iam embrulhados tal qual para a casa delas, os cortes de vestido, os frascos de perfumes sumiam-se do guarda vestido.

— Como estou aborrecida! Se me deixasses ir ver a mamã? Ela afinal é mãe. Não há duas mães...

João sorria.

— Vai, filha. Não te prendo, mas vê se consegues demorar as pazes.

193 Adormecida.

— Se elas brigaram foi culpa tua. Não insultes a minha família. Minha mãe é minha mãe.

— Bom, bom, nada de zangas. Vai, anda...

Por que tentar o impossível? Ela não o compreenderia nunca. Era um espírito de criança numa alma de mulher sem amor. Como sentir aquela afeição tão fina, tão superior em que a honra, a dedicação, o sonho de um homem cheio de coração irradiavam? Um rapazola qualquer com três socos talvez abrisse na rocha a fonte do amor. Um tipo cheio de dinheiro espalhando notas do banco talvez a fizesse esquecer os seus deveres de esposa. E João Duarte recalrava bem no íntimo um vago e atroz ciúme do que não existia, culpava-se, culpava-se e vinha a amá-la mais, a rodeá-la de maiores carinhos para não perdê-la, para não se ver perdido, porque precisava amar alguém, dar a sua dedicação a alguém. Assim viveu dez anos. Parecia ter vivido vinte. Estava magro, abatido. As roupas de baixo, tinha-as rasgadas. Os fatos duravam-lhe dois anos. Não bebia senão água: comia sempre pensando noutra coisa, e dormia pouco, cada vez menos, com o cérebro cheio de preocupações, as aulas, as vontades de Aurélia a satisfazer, os negócios a liquidar com os prestamistas. Foi por essa ocasião que a mulher se fez mais criança ainda, começou a ter vômitos, a sentir os pés inchados, a vociferar com ciúmes, despedindo as criadas aos gritos. João não acreditava. Seria possível? Mas o médico não lhe deixou dúvidas. Após dois lustros¹⁹⁴ de união, Aurélia estava grávida. Todo o desejo do pobre em fim realizado! O seu amor foi tão grande, o sentimento da paternidade fê-lo tão loucamente feliz, tão cheio de carinho para com a mulher, que ela, uma vez na vida, cedeu, deixou-se embalar. E eram passeios e eram consultas de médico e eram beijos. Nos últimos dias era ele quem a vestia.

— Vamos ter um filho! Um filho! Sorri, tolinha! Sorri! Vai ser tão bom.... Se for mulher, havemos de chamá-la Maria, hein? Querias que fosse homem? Ah! Egoísta! Os filhos gostam sempre mais das mães que dos pais. Mas há exceções. Tu por exemplo és mulher e gostas muito da tua mãe.

194 Quinquênios.

— Não fales! Não fales!

O parto foi laborioso. Aurélia gritou duas noites, julgando-se desgraçada e intimamente culpando daquele horror o marido, que não dormia, de um para outro lado, afrito, pálido. Quando a pequena nasceu, uma noite de temporal no mês de junho, João ao tomá-la ao colo sentiu uma tontura de alegria. O mundo se transfigurava. Os móveis tocavam-se de uma luz estranha. O teto abria uma chuva de delícias. Afinal o destino realizava a sua única vontade: uma filha! O seu sangue, parte do seu ser, com alguma coisa da sua alma, o desdobramento belo do seu eu. A essa sim, ele podia amar totalmente, com o seu grande amor sempre contido e represado, a essa devia amar e sentia amar, a essa entregaria a sede de pureza e ideal do seu coração dedicado, porque ela havia de compreendê-lo, havia de senti-lo, havia de saber que a sua vida inteira de esforço, de coragem e de sofrimento tinha por fim, por meta do sonho, por último círculo do paraíso — ela.

— Minha filha..., murmurou num êxtase, minha filha...

Mas decerto o destino dando-lhe uma filha queria simplesmente aumentar as angústias desse humilde coração sensível, feito de excessos de ternura e de dedicação. Maria nascera doente. Aurélia, vendo que os carinhos do escravo diminuam e por uma feição dos seus nervos em desequilíbrio, desinteressou-se dos carinhos maternos ao mesmo tempo que sentia um violento ciúme do marido, apontando-o como o inimigo pronto a roubar-lhe o a roubar-lhe o amor da filha. Era o próprio egoísmo, o feroz egoísmo das históricas. João entrava da rua ansioso.

— E a pequena?

— Não sei, pergunta à ama. Pois se não a largas!

Ele queria sorrir, hesitava, não compreendia bem aquele azedume eterno e lá se ia para o berço a olhar, a olhar, muito, muito.... Sem nunca ter aprendido, viu-se à perfeição a enfaixar a petiza, a embalá-la, a cantar cantigas, com uma voz muito triste. Ele, que nunca na sua vida cantara por não ter tempo nem alegria, sentia naquela obrigação de carinho paterno

que cantar era para a sua alma como desabafar soluços guardados no seu peito de homem muitos anos antes, toda a sua vida.

Quando se anunciou a dentição, Maria foi presa de uma febre violenta. João desvairado mandou chamar um médico amigo, seguia-lhe as prescrições à risca, com altas doses de quinino, e a pequenita deu de piorar. Era um erro de diagnóstico, o tratamento contrário, a morte. Em casa havia uma balbúrdia. Aurélia, incapaz de resistir, dormia nas cadeiras. As irmãs e a mãe, inteiramente inúteis, julgavam a criança perdida e apostavam o dia da sua morte. Ele nem mais dormia, nem mais comia, aflito, louco, com a pequenita nos braços, sem consentir que a tocassem.

— Deixem! Tenho esperanças! Uma grande esperança...

E a velha muito sincera:

— Qual! Aqui só o milagre!

Começaram as conferências. Os remédios enchiam os consolos da sala. Um dia, fora de si, ele chamou o médico.

— Está perdida?

— Meu pobre amigo...

— Está?

— Infelizmente.

— Pois bem. Peça-lhe um grande obséquio de camarada. Venha apenas passar o atestado. Não lhe demos mais medicamentos. Custa-lhe tanto! Ela faz uma cara tão feinha. Eu fico a acalentá-la até a morte. Talvez o meu amor...

— Sim, talvez, fez o médico a sorrir com descrença.

E ele ficou, no escândalo condenador de toda a casa, a passear a filha, a dar-lhe gotas de leite, a animá-la, a incutir-lhe com toda a força da sua vontade o desejo de vê-la viver, de vê-la renascida. Assim passaram quarenta dias. Quando ao cabo desse século de dor e de tensão nervosa, viu a pequena sorrir-lhe sem febre, sã, de aparência sã, mirou-se num espelho por acaso,

ao passar, e notou então que tinha ainda envelhecido. O médico chamado confirmou:

— Sim, com efeito, a reação... Mas como sofreste, meu amigo! Estás mais branco.

— Que queres? É a vida, fez ele a rir para os outros que sorriam. E querer bem custa tanto!

A doença da filha viera desorganizar-lhe a vida do lar, se é que tinha isso. Aurélia cada vez mais nervosa, de pior humor, estava realmente doente e não se sentia senão irritada contra a filha. João não podendo conceber esse coração, dividia-se entre as duas, atenuava, mas à proporção que o amor da filha mais se enraigava, a mágoa da esposa aumentava. Maria, a petiza, tinha uma saúde de vidro. O pai fazia-lhe uma atmosfera de suavidades. Foi ele quem lhe ensinou os primeiros passos, foi ele quem a fez repetir as duas primeiras sílabas formando sentido e quem toda noite até Maria ter cinco anos a adormecia numa vasta cadeira de balanço a cantar baixinho velhas canções de embalar crianças. Aurélia, indignada, à hora de ir ao teatro, surgia.

— Mas é espantoso! Adormecer ao colo uma pequena de cinco anos! Bem diz a mamã que as tuas maluquices estragam a menina! João deitava a filha recomendando à criada mil precauções. No teatro ou onde estivesse a conduzir a esposa, apanhava sempre alguns minutos, tomava um tilburi¹⁹⁵, ia até a casa ver se Maria dormia bem.

Esses cuidados, o amor incomparável faziam a petiza grata, com a gratidão das crianças que é de tão grande egoísmo. Como a avó levava a fazer-lhe censuras com o pretexto de a educar assim como as tias, Maria odiava os parentes. Como a mãe nos seus acessos neurastênicos dava razão à família e bati-lhe, tinha pela mãe um sentimento muito vizinho do medo. O pai era bem tudo, resumia todos os amores na sua permanente carícia, e fazia-lhe todas as vontades, comprava-lhe brinquedos, brincava com ela, e nada mais agradável para os seus curtos instantes de descanso do que ir fazer com a filha o “chicote queimado”, fingir que não descobria um lenço escondido e vê-la

195 Carros de duas rodas e dois lugares, sem capota ou boleia, puxado por um só animal.

rir, rir como riem as crianças, pondo um pouco do céu sobre a terra. Enfim ele realizara a felicidade. Havia um ente por quem se sacrificava mas que só no mundo a ele via com amor! E a cada achaque de moléstia, a cada febre violenta da menina, ficava aí perto do leito, sem pregar olho, olhando-a, exigindo que ela vivesse, com medo dos médicos, da família, de todos. Dos sete anos porém para diante, Maria só adoecera duas vezes e ele estava já pensando num fenômeno de saúde, já descansado, já com o sonho de um futuro risonho ao ver a filha linda, corada, sadia, quando ao entrar em casa encontrava-a assim, a arder em febre. Seria grave? Seria coisa de nada? Maria continuava a agitar a cabecita, os dois olhos injetados.

Então João suspirou de novo. Teria coragem de ir até ao fim, teria energia para vencer nessa nova luta? E foi ao encontro do Guimarães, que entrava acompanhado da Jesuina.

— A Maria, sabes, aquelas coisas... Parece-me sério.

— Vamos a ver. Não te aflijas.

Entrou, começou a examinar a doentinha, demorou o exame num profundo silêncio, em que João parecia de mármore para não deixar transparecer a sua angústia. Depois, pensou.

— É difícil um diagnóstico. Por enquanto vamos dar-lhe um laxativo e um pouco de quinino para combater a febre.

— Quinino! Ela tem horror ao quinino.

— Ora, João, deixa de tolices. Como queres tu combater a febre? Ela tem trinta e nove e oito décimos.

Foi-se a receitar, e como amigo da casa, ordenou a Jesuina levar a receita.

— Volto à tarde. Até logo. Não te aflijas, homem.

João ficou no quarto, tal qual tinha entrado, com o chapéu na cabeça, a sobrecasaca aberta.

Era como se tivesse recebido a notícia de que o mundo ia a desaparecer. Então a sua filha doente? E grave, grave! Sim. Estava grave! A pequena no leito crescia da agitação, erguendo os braços, sacudindo a cabeça nas travesseiras. De repente, ergueu-se atirando longe as cobertas, sentou-se.

— Minha filha, que é isso?

— Já é tarde, vou vestir-me.

— Não podes; estás doente.

— Ah! Quanto fogo! É um fogo de artifício. Espera. Onde estão as botinas?

— Maria! Maria! Olha teu pai.

— Ah! As baratas, as aranhas. Que porção de baratas! Vamos matá-las, vamos. As botinas...

Era o delírio. Sem forças para retê-la, temendo magoá-la, João acompanhou-a. A pequena corria a casa, ele precipitava-se para fechar uma ou outra janela, para amparar-lhe os passos titubeantes. Era o delírio. Era a morte. Oh! Sim, era a morte! Maria, entretanto, não caminhou muito. Súbito esmoreceram-lhe as pernas, e ele levou-a ao colo para o leito, aconchegou-a bem, ajoelhou na borda da cama.

— Maria, descansa; não morras, minha filha, não morras porque eu não resisto!

E sentiu que chorava, que pela primeira vez na vida chorava na presença da fatalidade inexorável. Mas era preciso lutar, arrancar o seu entesinho ao irremediável. Enxugou as lágrimas, as ideias um tanto confusas. Aquela calma de amor com que reagia sempre outrora se transformara numa agitação febril em que a sua vontade se perdia. Quando os medicamentos chegaram, foi ele mesmo a administrá-los. A febre continuava.

Para o jantar Aurélia entrou, e ainda toda enfeitada no quarto:

— Então que é isso?

A Aurélia mal, desde que saíste, parece.

— Não há de ser nada.

— É grave. Já delirou, está delirando. Maria, minha filha...

— Se mandássemos prevenir a mamã?

— Faze o que quiseres, deixa-me, deixa-me!

Ao escurecer, o doutor Guimarães reapareceu. A febre não cedera, antes aumentara. O médico balançou a cabeça. Era impossível fazer ainda um diagnóstico, mas o estado da menina inspirava cuidados. Se não tinham confiança nele, poderiam chamar outro para uma conferência, e mesmo não o preferir... De resto a casa já tinha esse aspecto que precede as tragédias, como se o inanimado, os móveis, os muros, os quadros, os objetos sentissem antes dos homens o arrepio da morte, a passagem da ceifadora. A família de Aurélia aparecera. A velha dogmática arrasava Guimarães e queria outro médico. As irmãs já asseguravam o caso perdido, como de costume. A vontade de João sossobrava. Ele queria estar apenas perto de Maria, não se tirar dali, ser o único a cuidá-la. Então foi pela casa, dirigida pelas mulheres, como um vento de ensandecimento. A primeira conferência relegara Guimarães. Um outro médico moderno e célebre aparecera, imaginando banhos quentes e injeções hipodérmicas de quinino, enchendo os aparadores de frascos e de caixetas. Batiam à porta sinistramente os fornecedores. Uma grande banheira foi instalada no quarto. Para enchê-la, cada um trazia o seu jarro d'água a ferver. João calafetava as portas, despia com uma delicadeza infinita a pobre Maria, tomava-a ao colo, depositava-a na banheira com um arrepio, como se estivesse a matar a filha, enquanto o médico contava os minutos. Tomava a pegar da criança, enxugava-a, envolvia-a nos cobertores, quedava-se, com os olhos muito abertos, um vinco de angústia entenebrecendo-lhe a boca. E o médico tomava da agulha, enterrava-a no ventre da filha, indiferente, conversando. Como apesar dos laxativos, o ventre continuava átono¹⁹⁶, recorreram aos clisteres¹⁹⁷. Ele os dava só, sabia de todos os remé-

196 Sem emitir nenhum som.

197 Injeção de água ou outro líquido medicamentoso via intestino e reto.

dios e passava a noite, aos pés da cama, olhando a filha. Quando ela dormia, chorava, e murmurava tão baixo que só a sua dor o ouvia.

— Não me deixes, Maria, não me deixes.... Ah! Não que eu morro, que eu morro! Por que vieste, hein? Por quê? Para me fazer sofrer? E de uma vez em que estava assim, com a face molhada de lágrimas, ouviu a voz da filha:

— Ah! Paizinho! Quanto trabalho está tendo comigo!

— Maria!

— E não vale a pena...

— Meu amor, não fales, ouviste? Dorme. Estás muito melhor.

Tocou-lhe nas mãos, e, com efeito, sentiu-as menos quentes. A febre declinara. Uma chama de esperança brotou-lhe no coração. Esperou ansioso a manhã, e quando o médico chegou, disse-lhe quase a sorrir:

— Está melhor. A febre diminuiu.

— Acontece. É do curso da moléstia. Tem trinta e oito graus de febre.

— Então?

— O perigo ainda não desapareceu, meu caro. Sua filha tem uma grave moléstia com períodos fatais. Há quanto tempo caiu? Há oito dias. Desde esse momento os dias têm se conservado firmes, de sol. Esperemos que assim continue o tempo mais uma semana e eu garanto a vida da pobre criança. Mas, se por acaso tivermos uma brusca mudança meteorológica, uma tempestade, o abaixamento da temperatura — é difícil dizer qualquer coisa.

— Então, se o tempo conservar-se firme?...

— E se houver a tempestade...

Certo João Duarte nunca na sua vida se sentira tão a braços com o destino triste. Ouvira falar de moléstias em que a variação atmosférica influi perniciosamente, sabia mesmo o nome de algumas, mas a hipereste-

sia¹⁹⁸ da sua angústia, a tensão nêurica¹⁹⁹ em que o mantinha a iminência do desastre, aquele ror de noites passadas em claro, o esforço físico de andar com a petiza ao colo já tão crescida, e esse martírio de sofrer na alma todos os cruciantes sofrimentos físicos da filhinha faziam-no perder a noção nítida das coisas, esbatiam²⁰⁰ a vida em torno do grande problema: salvar Maria. A ideia da tempestade entrou-lhe no cérebro de matemático, de homem de ciência sem abusões, sem credices, como o anúncio da catástrofe que era preciso evitar a todo transe²⁰¹. Um tremor convulsivo tomou-o, e a sua atenção bipartiu-se entre o céu e a filha com o pavor de um primitivo diante dos elementos. Se chovesse, se no céu lindo rolasse o fragor do trovão e nuvens negras toldassem o azul do firmamento, toda a razão de ser da sua existência naufragaria porque a filha não poderia escapar. Não se tirou mais do quarto. Passava a velar Maria e a ir de vez em quando levantar a cortina para olhar o céu, com um medo supersticioso. Era em novembro, no começo do verão, nessa época de bruscas tempestades em que amainavam os grandes calores. A temperatura subia, o sol era um disco de fogo no azul de cobalto, do céu sem nuvens; e as noites se diluíam num escandaloso luar cor de ouro e cor de opala. Estavam a findar os dias do plenilúnio²⁰², iam entrar na minguate. Talvez mudasse o tempo. A febre não cessara, queimando a fogo lento os membros emagrecidos de Maria. A nevrose da casa tivera um hiato de cansaço, à espera do acontecimento. A família dormia pelas salas, sem pouso. Aurélia tivera dois ataques com gritos despedaçadores que faziam no seu leito a doentinha contrair o semblante numa inédita angústia de cadáver horrorizado subitamente voltado à agonia. Ele quedava-se, ouvindo o crepitar da lamparina e o tic-tac do relógio na sala de jantar a coser o tempo no pesponto certo dos segundos. Qualquer outro rumor, o arrastar de uma cadeira na casa vizinha, as vassouradas dos varredores pela madrugada, faziam-no pensar em trovões ao longe, em quedas d'água. Corria

198 Sensibilidade exagerada a qualquer estímulo.

199 Referente ao sistema nervoso.

200 Atenuam.

201 A todo custo.

202 Lua cheia.

então à janela, levantava a cortina, perscrutava o céu calmo. Ah! Se não chovesse! Se o milagre se desse! Se Deus quisesse! Até mesmo em Deus ele acreditava, pondo a reger aqueles fenômenos que a sua ciência conhecia, um ser sobrenatural e todo poderoso. E assim os dias passaram. Um, dois, três, quatro dias que eram para ele a corrida do seu coração, o galope dos sentidos por um túnel de treva à procura da luz anúncio da vida, dias de que contava as horas e os minutos e os segundos como se os sorvesse sedentamente num contador de fel, dias que lhe chupavam das artérias anos de existência.

— Façam uma promessa, segredava às mulheres, vocês que acreditam. Façam uma grande promessa. Eu cumprirei...

As criaturas, incapazes de sentir assim, estavam afinal tocadas de respeito, lamentando tanto a criança como aquela energia humilde que a seu lado se finava por amá-la demais. Os santos surgiam. Havia oratórios na sala de visitas, no quarto de Aurélia, com velas a crepitar. E a febre continuava a ressecar a pele branca de Maria, sempre, sempre, sem descontinuar. No quarto dia — era de madrugada e já João fora várias vezes olhar o céu — estava sentado a olhar o sono tenebroso da filha, quando pelos seus olhos passou um relâmpago. Não, era de certo alucinação da fraqueza. Correu à cortina e ficou-se com um arrepio de horror. Grossas nuvens vinham vindo do ocidente. A luz da lua era de uma intensidade cegadora, envolvendo de tal sorte o casario que parecia libralo²⁰³ numa atmosfera de sol azul, coroando-o de icebergues de flocos. Na linha do horizonte, porém sucediam-se clarões como os que fazem os canhões ao longe a detonar. Era mesmo um canhoneio de chamas, de que ainda não se ouvia o barulho, mas que barravam a barra do céu de putrefações luminosas.

João Duarte correu à filha, apalpou-lhe o braço descarnado, que ardia. Nesse momento ouviu-se um grande fragor pelo céu todo. Era o trovão. João passou várias vezes a mão pelo rosto. Era impossível! Era impossível! Talvez ele estivesse tentando os elementos, com a ideia permanente da chuva. Procurou alhear-se, pensar noutra coisa, arquitetou frases vagas, com os ouvidos à escuta, os olhos dilatados.

²⁰³ Erguer. Suspende.

Esteve assim um instante que lhe pareceu um século. Não resistiu, voltou à janela. Já o céu de um azul de vidro se achamatava²⁰⁴ e se rendava de nuvens cor de cinamomo²⁰⁵. Qual! Era verdade! A chuva vinha, era fatal! Nunca na sua vida o destino sorrira senão para lhe lançar mais veneno na alma. Assistiria de pé à hecatombe. E depois estalaria, estalaria como estalara o trovão.

Que fazer? O céu em pouco foi todo um licor que baixava, empedrado de nuvens, empurradas pelo vento. A rua, minutos antes banhada de luz, escurecia em treva. Grossos pingos d'água começaram de bater na vidraça onde João tinha a face colada. Em pouco os pingos redobram saraivando nos vidros, e os trovões tonitruavam, trovoavam, fragoravam no arquejo despedaçante do vento alanhando o negror do espaço de coriscos súbitos que rachavam a treva. E, àquela violência, João, como um náufrago, ainda tinha esperança, ainda pensava, que após o temporal voltasse o tempo firme definitivamente, e ainda houvesse um meio. Qual! Aquilo ia acabar, tinha de acabar. Era chuva de durar pouco! Mas a chuva caía, jorrava do espaço violenta e brutal, inundando a rua.

João olhou então a filha. A pobrinha mostrava apenas a face de cera entre os caracóis dos cabelos. As olheiras eram roxas e o nariz afilava na sombra do pára-luz. Pobresita! Estava a descansar. Ele ficaria ali, contra o elemento, proibindo-o de entrar, impedindo-o de passar. As ideias fugiam do seu pobre cérebro sempre resignado. Abriu os braços nos portais, ficou assim longo tempo, pensando, pensando na tempestade, na filha, na tempestade que ia acabar, na filha que não podia morrer. Quanto tempo levou assim? Era impossível saber. Um zumbido tomara-lhe os ouvidos na recordação dos trovões, as fontes latejavam-lhe, e tinha as mãos frias como se as tivesse passado em gelo. Só deu acordo quando viu uma luz baça vir surgindo no espaço e viu que a chuva continuava lentamente, sem fim. Era das que não acabam! Deixou cair a cortina, veio na ponta dos pés até o leito, apalpou o corpo da filha. Estava sem febre, sim! Sem febre alguma. Dera-se o prodígio?

204 Referente a chamalote, tecido produzido a partir de seda, lã ou algodão, com efeito ondeado.

205 Cinamomo. Árvore ornamental cujas flores possuem uma tonalidade azulada, de cujas cascas se extraem produtos medicinais, como a canela e cânfora.

Seria possível? Então a chuva, a tempestade? ... Apalpou bem a testa, o peito, os braços, os pés. Os pés estavam até frios. Ora esta! Um sorriso de satisfação abriu-lhe a boca, onde só a dor deixara vincos. Foi buscar um outro cobertor para os pés da queridinha, envolveu-os bem, e de novo apalpou as mãos. Estavam também a esfriar. Hein? Que era isso? Talvez o corpo, desacostumado da temperatura normal.... Qual! Era idiota o que dizia! Chamou a filha, baixinho:

— Maria, ó Maria, melhorzinha?

A pobre não respondeu. Também tão fraca! Nem de certo escutara.... Chamou mais alto:

— Maria, então? Queres deixar o pai do seu coração sem uma resposta? Não vê? Estou só, eu só aqui, eu que sofro contigo. Maria.

Estava atormentando-a com certeza. Ah! Que bruto era, que mau! As mãos, porém, esfriavam. Oh! Uma nova complicação na noite, mais dores, mais males, mais horrores. Que seria? Foi até a cômoda, acendeu uma vela, veio ver de perto a sua adoração.

Maria tinha os olhos abertos, bem abertos, grandes, largos, abertos. Qualquer coisa de vidro cristalizava-lhe o brilho. E os lábios descerrados mostravam entre os dentes uns filamentos brancos, secos, uns filamentos que nunca vira. À luz da vela as pálpebras não bateram. Uma grossa lágrima rolava-lhe pela face. Já se lhe não sentia a respiração.

João Duarte deixou a vela ao lado, na cadeira, virou-se para um lado, virou-se para outro, passou as duas mãos pela cara, esmagando os dedos de encontro aos olhos, quis falar, quis chamar. Parou, pousou de novo o olhar no olhar que se embaciava, olhou, olhou a filha. Um tremor tomou-o, sacudiu-o, abriu-lhe a boca, como que lhe esgarçou os músculos. As mãos crispam-se-lhe. E, de chofre, caiu para frente, sem apoio, no chão, com a face de encontro ao pé da cama, estalado de muito amar desgraçadamente.

THE SOUND BRIDE

We were inside the mauve-coloured room, the private reception room, the room of light conversation around the tea table. Mme. de Sousa, looking beautiful in her peach-colored tea gown, was posing in between the restless Mme. Werneck and the stern viscountess of Santa Maria, and we, the baron Belfort and I, had already ended our attack on Italian music, when Mme. Werneck realized her latest discovery:

“The baron is sad.”

“Yes, because I have returned from a funeral.”

“Are you sad because of that? The baron, a man without emotions, sad because he has just done the most ordinary thing in this life among society!”

“It is not just that. I am sad because I’ve watched the funeral of the latest romantic young girl of this intense beginning of a century. If I told you poor Carlota Paes’s story, you would all be crying and, after all, at this pleasant time, you would not forgive me for having reddened Mme. Werneck’s beautiful eyes.”

“But, from what I see, your story has the watering property of The Flood!”, said the viscountess harshly.

“Tell us about that, baron, said Mme. Werneck; with your contemporary story about The Flood we will definitely make a collection of stern antiques.”

There was a gathering of chairs. The baron had some tea.

“Had you not met Carlota Paes? So, the poor Carlota Paes, unfortunate girl! She had the symptoms of a little consumption already and a romantic profile, it was a real shame; at night, she went to her windowsill, looking very white, as if she was fainting. No one knew much about her life and, on seeing her like that, by the window of that old place, every person took pity on her. When Carlota went through the brutality of the poor neighborhood, with the faded pain of humble aristocrats, she carried such distaste on her face that those who knew her could only lament it. Also, Carlota only went out to accompany her mother,—a wounded and mangled lady like an old vase, who carried her heavy sewing work with the aid of her young guiding steps. It had been like that since she was born! She looked at the poor and at her relatives as if she kept the memory of a better world in her soul, though she kept apart from them. And when they saw her enter her dilapidated two-story house, one was bound to see her at the window, looking very blonde and very white.

What did she do, remaining like that for long hours, seeming detached from the street, just looking at the sky, like a character from a novel? Poor thing! It was the only way of forgetting the misery of her house,—that misery that weakens the soul, and roughens any kindness. Carlota would remain there, with the calmness of a sad bird, with her eyes gazing at the infinite, and all her sensitive softness destroyed by the others’ lack of understanding, while she ruminated²⁰⁶ some painful expectation.

It seemed like a kind of legend awaiting the fairy that would save her from the dark neighborhood and from that poor old woman, who was always working and always dressed in black.

206 Mulled over

As you can perceive it, she was a romantic girl, and what strong romanticism, my ladies! Even *I* admired her. She coughed, she was diaphanous, and she looked like a nymph turned into a missing angel, – perhaps because, if one saw her eyes and indecisive gestures, they would judge her as someone being lost from some kind of artificial paradise. I could not ascertain the origin of this awkward disposition, and once I even took her some chocolate candies and spoke to her about passion, to what she reacted in such a way that it made my soul cold. Furthermore, as a girl who withdrew herself from reality, no one had ever seen her mar her strict disposition with the vulgarity of dating by the window.

She waited, she saw nothing, and she stayed like that with her anxiety, looking very white and very blonde, gazing at the sky.

Once, in July, Carlota was crying for no good reason, before the cold moonlight, when from the neighboring house, the sudden and harmonic chord of a piano startled her. From the other side, slow melodic spirals entwined her. It was, in a continuous swirl of notes, of unexpected and diverse expressions, the persistent and torturing manifestation of the never-ending and preluding desire, of love, whose lust never reaches its paroxysm. She was trapped, astonished. Who could it be? She had never heard that, had never felt her nerves touched by that brisk rapture, that epidermal enchantment of the sound, expressing the inexpressible. The sounds, like the caress of roses, were unfolding her, little by little, entwining her soul, hurting her. Her entire being was throbbing now, trembling like a leaf tossed by the wind. Would happiness, the unreachable pleasure, so far concealed, have arrived? She cuddled herself into her shawl, with a shiver of pleasure that crawled up her arms and irradiated to her neck slowly.

On the other side, music, which was veiled in a synthesis of one thousand emotions, sketched subtle and blurred landscapes, shredded pearly smiles, dug itself into melancholic sorrows and, as though the extra-human life was only a moan of love, her entire being spiraled tormenting complaints, painful *endechas*²⁰⁷, lost passion sobs. For the real sensuous beings,

²⁰⁷ A short mournful Spanish song usually having four lines of six or seven syllables.

there is only one full pleasure that expresses the ending urge as well as the human weaknesses,—the sound,—the vibration of one string onto the lamentable evocation of lives that are not fulfilled.

In order that the poor child's feelings were more intense, the stars throbbled up in space and moonlight, by polishing the houses with its merciful brightness, entered through her window, shaping itself into a gold rectangle that appeared a miracle. Oh! Never had sweet Carlota felt so touched, as she had always been expectant of some good in her life!

She spent that night lodged by the window long after the piano had gone quiet, listening to its last lost sound by the moonlight ash. Since then, she would spend her days listening to it, and every night, when the secret pianist played, she would be held to her windowsill, in between the light of stars and those mysterious sounds.

We laughed at her passion already.

“What about Carlota?”

“Oh, Lord, she is still living for the sounds, she is much changed!

And when I took some gift to her:

“So, Miss Carlota, do you always listen to the sounds”?

“She would tilt in her chair, whispering...”

“It is so good!”

Those sounds were like an endless rosary that would develop as a religion sign of some disembodied love, and when some difficulty made the pianist's hands stop, on the other side, Carlota felt an agony as if that would prevent her from understanding the whole sinful extent of the words. Once, she was curious to discover who the pianist was. So she spent her days lurking around the house next door, a guesthouse, but she could not hazard a guess as to whom the strange artist of the night would be, amongst so many people that entered there. She asked her mother if she had been told about

his identity, but the old lady replied that she did not know it, and that it was impossible to learn it.

She then lost her wish, abruptly. Why should she get to know him? The delight of listening to him would suffice it; the seamless passion that poured at her feet would be enough! And she would spend her nights completely absent,—those treacherously cold August nights, on which light shines more brightly, there is more scent in the air, and whose mist, far away, seems like a comforting shroud. It was such intoxication feeling until the break of dawn. In the end, she would reach the ledge by nearly dragging herself and, on the other side, that inquisitive music would shroud her candidly, in a delusional course of love.

Oh! The pleasure of sound! Her sensitive nerves came to weeping, to sobbing, to smiling, as if they were hypnotized. Each note expressed a feeling; she followed the repeated parts performed by the musician, guessing their chords, guessing their sounds, as though she examined her own loving soul, and more and more marveled she would become, while fully drinking that enchanted death and ecstasy song delirium. No one, no one else in the world loved or felt that kind of sacred and intangible love any longer! She would lean against her windowsill, she would wait and it was always with a fright that she, suddenly, heard the pianist open a music scale, as if the piano was waking up and, two bass vibrations, two heavy and sounding bass chords would be perceived. Then, one sound went up, the other one responded, in a sequence of notes that led to a trill. Many times, the pianist, who merged his soul and his musical notes, would play simple arias, with an old tone, as if all centuries were weeping for life. Other times, they were modern stretches, weaving a bizarre flora of nervous chords and then, it was a soar of pains, of endless moaning, lamenting in gasping arpeggios, green jealousy roaring, by which the piano seemed shaken and music convulsed...

In the past few days, the poor girl had been burning with fever, feeling out of this world completely, living in agonizing delight, in some sort of bodiless love, while those invisible hands wept her sorrow and sadness, nights on end.

Well, yesterday, as I went up the steep stairs to her old house, her mother, Ana came to see me, looking disheveled.

“Come quickly, help me, please. Carlota is dying...”

“How is that?”

“I would not know! She spent the whole night by the window... the musician didn't play, the rain, hemoptysis, blood...”

In the living-room, poor Carlota, the unfortunate girl! She was thrown onto an armchair, among basins, bottles, rags, the gloomy confusion that precedes one's eternal rest. She made an effort, stretching out her hand.

“I am waiting for the music...”

I left her, ran down the stairs. It was imperative that music would take her the last consolation. I got inside the next-door house.

“The pianist?” I asked the receptionist.

“The crazy man? First floor, to the right, room number 5.”

I went up, knocked on the bedroom door loudly, and pushed the door, desperately. I met an old, thin and hunched man.

“Are you the pianist?”

“I am.”

“There is an agonizing child next door. I have come to ask you...”

“Not to play tonight. May God go with you.”

“No. I have come here to ask you please to play tonight. I cannot find any explanations. This girl has been listening to you for the last month, but she is dying. She has asked you to play for her.”

The man touched his own hair.

“Listen to me, is she a very blonde girl? My God! Poor little thing! So did she listen to me? Go, I will play, go.”

Then, he grabbed my arm.

“But, you listen to me; don’t tell her what I look like. I am so ugly that her enchantment would be lost!”

When I entered Carlota’s living-room once again, she was dying. As if the moonlight was trying to kiss her, it had gotten inside through the windows, in a golden flow. And she had an agonizing and tortured face, with her magnolia hands crossed over her chest.

However, she felt a quiver all of a sudden. Next door, like a circle of stars that detached from the infinite, the piano exploded in inexpressible revolt. A cluster of musical sounds reverberated, clashed, glided, and tearing the air apart, from the Earth to the stars, with infinite soreness. And so, it appeared to come to a halt, it trembled briefly, opening up a Paradise, where angels sang and, while Carlota smiled, the chords, likewise a choir of roses, embraced her, kissed her. And she died sweetly, without moving a twitch, listening to the music of love...

There was silence in the mauve-coloured room, where there are normally such merry conversations at mellow teatime.

The baron cleaned his monocle:

“Well, that is why I am sad!”

“Those are creations of your macabre fantasy”, said the stern viscountess of Santa Maria.

“Just to make us sad”, added the beautiful and sentimental Mme. Souza.

And, once more, while Mme. Werneck made a great effort not to cry, we all attacked Italian music, with our determined erudition.

A NOIVA DO SOM

E stávamos na sala malva, a sala das recepções íntimas, das conversas leves em torno da mesa do chá. Mme. de Sousa, linda no seu “*tea-gown*”²⁰⁸ cor de pêssego, posava entre a trêfega Mme. Werneck e a sisuda viscondessa de Santa Maria, e nós, eu e o barão Belfort, já tínhamos esgotado o ataque à música italiana, quando Mme. Werneck deu conta da sua última descoberta:

— O barão está triste

— Pois se venho de acompanhar um enterro.

— Triste por isso? O barão, o homem sem emoções, triste porque acaba de fazer a coisa mais banal desta vida, entre pessoas de sociedade!

— Não é propriamente por isso. Estou triste porque vi enterrar a última mocinha romântica deste agudo começo de século. Se lhes contasse a história da pobre Carlota Paes, ficavam para aí todos a chorar, e antes de tudo, nesta hora agradável, nunca me perdoariam ter envermelhecido os lindos olhos de Mme. Werneck.

— Mas, pelo que vejo, a sua história tem a propriedade do dilúvio! Fez asperamente a viscondessa.

— Conte-nos isso, barão, disse Mme. Werneck; com a sua história contemporânea do dilúvio faremos decididamente coleção de antiguidades sisudas.

²⁰⁸ Vestido para o chá das cinco.

Houve um aproximar de cadeiras. O barão bebeu um gole de chá.

— Não conheceram a Carlota Paes? Pois a pobre Carlota Paes, coitada! Já com um começo de tísica e um perfil romântico, dava mesmo pena, à noite, no parapeito da janela, muito branca, como desmaiada. Ninguém lhe sabia da vida, e vendo-a assim, à janela daquela velha casa, todos a deploravam. Quando a Carlota atravessava a brutalidade do bairro pobre, com a apagada dor dos humildes aristocratas, trazia no rosto um tal desgosto que era por quantos a conheciam um só lastimar. Também saía apenas para acompanhar a mãe, uma senhora escalavrada e roída como um vaso antigo, para acompanhar com o seu passo de visão a pobre velha carregada de pesadas costuras. Fora assim desde nascida! Olhava os pobres e os parentes como se guardasse na alma a recordação de um mundo melhor, alheava-se deles, e quando a viam recolher ao sobrado em ruína, já todos tinham a certeza de vê-la aparecer à janela, muito loura, e muito branca.

Que fazia ela, assim, por longas horas, alheia à rua, olhando o céu, como um personagem de romance? Coitada! Era o único meio de esquecer a miséria da casa, a miséria que embota a alma e engrossa as delicadezas. Carlota ficava ali, numas atitudes serenas de pássaro triste, com o olhar cravado no infinito, e toda a suavidade sensitiva, quebrada pela incompreensão dos outros, mucilaginata²⁰⁹ uma dolorosa expectativa.

Parecia um tipo de lenda à espera da fada que o fosse salvar do bairro escuro e daquela pobre senhora sempre a trabalhar e sempre de preto.

Como estão a ver, era uma menina romântica, e que romantismo, minhas senhoras! Até eu cheguei a admirá-la. Tossia mais, estava diáfana, parecia uma ninfa virada em anjo da saudade — porque, decerto, quem lhe visse o olhar e os irresolutos gestos, julgá-la-ia perdida de um paraíso artificial. Não lhe pude saber a origem desse esquisito feitio, e certa vez que lhe levava “bombons” e lhe falei em paixão, ela teve um gesto tal, que me esfriou a alma. Também, como sumida da realidade, nunca ninguém a tinha visto à janela baixar o seu severo perfil às vulgaridades do namoro.

209 Ruminava, remoía.

Esperava, nada via, e com a sua ansiedade, assim ficava até tarde, muito branca e muito loura, olhando o céu.

Uma vez, no mês de junho, a Carlota estava a chorar, nem sabia bem porque, diante da álgida luz do luar, quando na casa junto, o harpejo brusco e sonoro de um piano sobressaltou-a. Do outro lado lento espirais melódicas espriavam-se, envolviam-na. Era, num turbilhão contínuo de notas, de expressões subitâneas e diversas, a expressão persistente, torturante do desejo que não se termina e se preludia, do amor cuja volúpia jamais alcança o paroxismo. Ela ficou presa, estarecida. Quem seria? Nunca ouvira aquilo, nunca sentira os nervos tocados daquele brusco quebranto, daquele epidérmico encanto do som, exprimindo o inexprimível. Os sons, como carícias de rosas, iam a pouco e pouco desfibrando-a, envolvendo-lhe a alma, machucando-a. Toda ela palpitava agora com uma tremura de folha ao vento. Teria chegado a felicidade, o impalpável prazer até então vedado? Aconchegou-se mais ao xale, com um arrepio de gozo que lhe subia pelos braços e lentamente se irradiava pela nuca.

Do outro lado a música, velada, num resumo de mil emoções, esboçava paisagens sutis e esfumadas, desfiava risos perladados, cavava-se em sournas mágoas, e como se a vida extra-humana fosse um só gemido de amor, toda ela espiralava tormentosos queixumes, endechas²¹⁰ dolorosas, perdidos soluços de paixão. Para os grandes sensuais só há um gozo integral que exprimia a ânsia de acabar e a fraqueza humana — o som, a vibração de uma corda na lamentável evocação de vidas que se não realizam.

Para que o sentir da pobre criança fosse mais intenso, no espaço, as estrelas palpitavam e a luz do luar lustrando as casas com o seu misericordioso brilho, entrava pela janela num retângulo de ouro que parecia milagre. Oh! Nunca a doce Carlota se sentira tão emocionada, ela que sempre vivera na expectativa do bem!

Essa noite passou-a à janela até muito depois do piano calar, ouvindo-lhe o último som perdido na cinza avelhada do luar, e desde então andava

210 Canção de lamento espanhola, geralmente composta de quatro versos de seis ou sete sílabas.

o dia à escuta e toda a noite passava, em que o oculto pianista tocava, presa ao parapeito, entre a luz dos astros e os sons misteriosos. Nós já ríamos da paixão.

— Então a Carlota?

— Ai! Meu senhor, continua a viver dos sons, está de todo virada!

E quando eu lhe levava alguma coisa:

— Então a sra. d. Carlota, sempre com os sons?

Ela pendia na cadeira sussurrando

— É tão bom!

Aqueles sons, como um rosário sem fim, que se desfiasse, iniciavam-na numa religião de amor desencarnado, e quando qualquer dificuldade emperrava do outro lado a mão do tocador, a Carlota sentia uma agonia como se hesitasse em compreender todo o alcance pecaminoso da frase. Vinha-lhe às vezes a curiosidade de saber quem era esse tocador. Passava os dias à espreita; a casa ao lado, uma pensão, não lhe deixava adivinhar, entre as muitas pessoas que entravam, o artista estranho da noite. Perguntou à mãe se a informavam e a velha senhora respondeu que não sabia, que não era possível saber.

Bruscamente, então, perdeu esse desejo. Conhecê-lo para que? Bastava a delícia de ouvi-lo, bastava a inconsútil paixão que a rojava a seus pés! E perdia totalmente as noites, essas noites de agosto, traidoramente frias, em que a luz brilha mais, há mais perfume no ar e as brumas, ao longe, parecem sudários consoladores. Era um inebriamento até ao romper da alva. No fim, quase se arrastando, ia para o peitoril, como para uma tortura e do outro lado, a música inquisidora amortalhava-a desabridamente no delirante tropel do amor!

Ah! O gozo do som! Os seus nervos sensíveis chegavam ao pranto, ao soluço, ao sorriso, como hipnotizados. Cada nota já lhe exprimia um sentimento; os trechos repetidos pelo artista ela os seguia, adivinhando acordes, adivinhando sons, como se fizesse o exame da sua alma de amorosa, e de

cada vez, mais maravilhada ficava, bebendo a pleno trago o delírio, a morte, o êxtase da música encantada. Decerto, ninguém, ninguém no mundo amava, sentia-se ainda com esse sagrado e impalpável amor. Encostava-se ao parapeito, esperava e era sempre com um susto que, de repente, ouvia abrir-se uma escala, como acordando o piano, e as duas vibrações de bordão, dois acordes de contrabaixo, pesados e sonoros. Depois, um som subia, outro respondia, o aviário se encadeava num trinado. Muita vez, o pianista que fundia a alma com as notas, tocava várias árias simples, com um ar velho, como se os séculos todos chorassem a vida; de outras, eram trechos modernos, trançando no ar uma flora bizarra de nervosos acordes e era então uma revoada de dores, ais sem fim, queixas em arpejos arquejados, rugidos rubros de ciúme, em que o piano parecia abalado e a música estrebuchava...

Nos últimos dias, a coitada ardia em febre, plenamente fora do mundo, gozando com um gozo feroz de agonizante, o amor incorpóreo, enquanto ao lado, noites em fora, as mãos invisíveis soluçavam a mágoa e a tristeza.

Ora, ontem, quando eu subia a escada íngreme da sua velha casa, d. Ana apareceu-me desgrenhada.

— Venha, acuda, a Carlota morre...

— Como foi isso?

— Sei lá! Passou toda a noite à janela; o músico não tocou, a chuva, hemoptises, sangue...

Na sala de visitas, a pobre Carlota, coitada! Estava caída numa cadeira de braços, entre as bacias, as botijas, os panos, a lúgubre confusão que precede o eterno descanso. Fez um esforço, estendeu a mão.

— Estou à espera da música...

Deixei-a, despreguei-me pelas escadas. Era preciso que a música lhe levasse o supremo consolo. Entrei pela casa ao lado.

— O pianista? Perguntei ao encarregado.

— O maluco? No primeiro andar, à direita, quarto nº 5.

Subi, bati com força no quarto, empurrei a porta, desesperado. Encontrei um velho homem, magro e adunco.

— É o senhor o pianista?

— Sou.

— Há aqui ao lado uma criança que agoniza. Vinha pedir...

— Para não tocar hoje. Vá com Deus.

— Não. Venho pedir que toque. Não é possível explicações. Essa menina vive há um mês de ouvi-lo. Está morrendo. Pede-lhe que toque.

O homem passou a mão pelos cabelos.

— Escute, é uma loura, muito loura? Meu Deus! Pobre pequenina! Então ela me ouvia? Vá, eu toco, vou tocar, vá.

Depois, agarrou-me o braço.

— Mas escute, não lhe diga como eu sou. Eu sou feio, perdia o encanto!

Quando outra vez entrei na sala, a Carlota morria. Como a querer beijá-la, o luar entrava pelas janelas, num golfão de ouro, e ela, com as mãos de magnólia cruzadas sobre a peito, tinha na face a tortura da agonia.

Mas, subitamente, teve um estremeção. Ao lado, como uma ronda de astros que se despregassem do infinito, o piano explodia uma indizível revolta. Um tropel de sons reboou, entrechocou-se, deslizou, rasgando o ar, da terra as estrelas, com uma dor infinita. Depois, pareceu parar, tremulou brevemente, abrindo um paraíso, onde os arcanjos cantassem e, enquanto Carlota sorria, os acordes, como um coro de rosas, envolveram-na, beijaram-na. E ela morreu, docemente, sem uma contração, ouvindo a música do amor...

Houve um longo silêncio na sala malva, onde há conversas tão alegres, à hora suave do chá.

O barão limpou o monóculo:

— Ora, aqui está porque eu estou triste!

— Coisas da sua fantasia macabra, fez a severa viscondessa de Santa Maria.

— Para entristecer a gente, acrescentou Mme. de Souza, linda e sentimental.

E, de novo, enquanto Mme. Werneck fazia um grande esforço para não chorar, todos nós, com afincos e erudição, atacamos a música italiana.

SENSATION OF THE PAST

We were talking inside Jorge Praxedes's office. It was the end of an afternoon, which was made longer by a beautiful and marvelous sunset. Jorge offered us tea served in Persian china cups; there were wide sleeping divans, set between tables cluttered with art trinkets and, of course, the atmosphere, the Turkish tobacco, the tea, all of which made us drowsy with memories, and with the wish to create our own sentences. We had already spoken of love, the dizziness of time, of the gallop of existence and other new things.

"It is odd", one of the party members said, "that we, modern people, do not have the sensation of the past, of what was not felt, of the complete alienation that the past should give. The pains, the joys, the fads all remain in one's memory, as present things that got apart from us. For a man who lives an intense life, there is not a past *per se*, but an accumulator that does not give the special impression of the old thing, the one that finished, and the one that will not return, but had actually ended a long time ago.

"Paradox!"

"That is a fact. As a man, my lovers, despite being dead, all live in my memory as if they were all there, behind the folding screen; as an artist, it has never been possible for me to have the impression of something extinct when standing before a Greek statue, listening to a classical music piece, or when gazing at a beautiful old painting".

There was sensible silence, and we all looked at the windows prudently, when baron Belfort, who was a little farther away, playing an imprecise Schumann on a partially-tuned, infrequently used piano, exclaimed:

“You are absolutely right! Great feelings and great emotions are always the same. That’s why men keep, in their history, the same memory phenomenon of their internal lives—they can remember their childhood times more clearly than yesterday! As artists, in this modern swirl from which beauty has disappeared, it is only something mediocre, truly mediocre, that can give us the sensation of past, even though that past refers to yesterday. When we are standing before the Victory of Samothrace, at the Louvre, it is impossible not to feel the inebriation of triumph in front of that burning stone block that seems to drag the clashes of conquest, and excite our nerves today as much as it should have excited the Greek. The sight of a pre-angelical delicacy of a Murillo’s head, our love of beauty vibrates, as did the great artist’s contemporaries. I say, by standing before the simple pieces of stone collected from Egyptian’s diggings, we can feel life, because they knew how to reproduce Life’s eternal features. A modern man is not astounded by progress because the present time does not feel the past as it is kept within its own plasma.”

“Great fantasist.”

“I repeat, only mediocrity, a la “*camelote*”²¹¹ can give us the sensation of something very old, of something almost incomprehensibly old to us, of the unfriendly old, disgustingly old, of the primary past. And two years would be enough for that. I probe the opinions, the nervous tuning of men, in small things, in the emotions of the senses. Who, among you, appreciators of perfumes, can feel the oldness of rose essence? It is one of the oldest perfumes in the world and it is simply divine, always part of our souls. Which one of you will be able to wear, without feeling old-fashioned, a perfume launched by any French manufacturer, very profusely and successfully, twenty years ago, “Jockey Club” for instance? On listening to a symphony by Mozart, by feeling a suggestion of eternal feelings in every passage, no one

211 Trinket. Knickknack. Low-quality piece. In French in the text.

will ever find that piece of music old. However, on listening to an 1870's waltz, each one of you will just flee..."

The group broke into laughter. The baron rose from the piano, a little enthusiastic.

"But that is a fact. Only the absolutely insignificant things give us the sensation of the past. I have already felt that sensation, not just by myself, as it would happen if I smelt an out of fashion bottle of perfume, but in a ballroom, on a ball night. And I will never forget that sensation because I saw it, I looked at it, I faced it and I suffered the miserable past with all its immense insignificance".

As André de Belfort always told interesting stories, the gentlemen paid closer attention.

"I had never thought, my friends, that it would be so simple and painful. I, who left the Middle Ages museums having learnt about art and having my soul reborn! I, who vibrated before Botticelli's frescoes like being before future revelations, was annihilated.

About three years ago, I was invited to a ball at *Laranjeiras*. It was not a super-smart *soiree*, absolutely *fashion...* Those people danced to the sound of a piano. There were, however, tuxedos, some literary and scientific notabilities, seated in the smoking parlour, a lavish *buffet*, elegant women, young ladies dressed in light fabrics, fluttering their soft grace of gestures. The host received me with the reverence he would welcome a *bonzo*²¹². The girls looked at me inquisitively, the waltz dancers lifted their eyes, the matrons asked my name and I was led to the *fumoir*, where five or six urban glories withered. In that room was the piano, the torturing piano. A *mulato* with hair waves on his forehead, with the tallest collar and an affected way to lift his little finger where a solitaire ring sparkled, led the caravan of musical notes, looking radiant like a god and sweaty like a boiler. Once in a while, young men came up to him with pleading voices":

"Firmino, now, that polka of yours".

212 A Buddhist priest.

“Which one?” Asked the pianist with sweat droplets on his forehead.

“That beautiful one, that slow-paced one...”

And right there they would sing some notes.

“Could you play it?”

“Yes, certainly!”

From this attachment to musical motifs, I realized I was before one of those fashionable pianists, peculiar to our society,—little men who live on composing, with many errors and many acclamations, polkas, waltzes, and other dancing sounds. The newspapers had been announcing his new compositions once a month for the period of two years, and, as a decree, his name was a triumph in modest ballrooms.

Vanity had almost made him crazy. Firmino was certain was on his heydays and, while playing, his head and shoulders followed the languid flow of the beat, his eyes open, his lips upturned, just like a genius inebriated with his own revelation.

Perhaps he was. There are geniuses to fit all purposes.

I had remained seated on a rocking²¹³, listening to Firmino and an old chemist, a faculty, Dr. Hortêncio Guedes. Dr. Guedes gossiped about others, and so, Firmino was my attention focus, due to my natural reservations and monosyllabic responses when listening to someone attack other people's lives.

The pianist was, after all, most peculiar. Around the piano, there were three or four fellows hypnotized by his virtuosity. Once in a while, a party of young ladies, escorted by gentlemen, invaded the small room to ask him for a touching composition, and Firmino soon stretched his fingers out, lifted his head towards the ceiling, and pretending to be in a dreaming state, as he had gotten startled, he would bend over, and say”:

“My ladies...”

²¹³ Short for rocking chair.

And then, all of them spoke at the same time:

“Firmino, please play *Estrela d'alva*²¹⁴”.

“No! Play the *Irresistível* first...”

“Silence! Firmino, Mlle. Abigail wishes to hear that waltz of yours... that one very suitable for dancing. What is it called, Mlle.?”

“*Lolita*”.

“That is it, *Lolita*”.

The pianist licked his lips.

“Ah! Does your Excellency enjoy *Lolita*? It is a little bit old, nine months already.”

“But it is so beautiful!”

“Well thank you very much.”

And, looking more sweaty, with a handkerchief placed in between his neck and slumped collar, the pianist wiggled his waltzes on the piano. I don't know about you, gentlemen, what your impression is when you listen to that musical genre. To be honest, I felt young, wishing to dance, drumming my fingers on the armchair, enjoying it all. Those sounds belonged to my time.

Suddenly, however, when the clock stroke one o'clock, Firmino paused briskly, and placed his hand onto his chin.

“I can't do it anymore!”

Soon the lads came to his aid, as well as the host and the ladies. Disgrace. Neuralgia, Firmino's terrible neuralgia had broken out. The notability rubbed his handkerchief from his forehead to chin, in a raging urge. It was toothache and, mostly, the pain of not being able to remain as the group's idol. The girls, full of tender caring, had already fetched some co-

214 Famous Brazilian song.

caine, a toothpick, and cotton; a dancer had even brought him a dressing table mirror:

“Put this in there, Firmino, to ease your pain.”

“Pointless! The pain won’t stop”... cried the pianist. And, all of a sudden, he fled from the room, dragging the dancers with him.

For ten minutes, Dr. Hortêncio Guedes ate some ice cream and drew all attentions. I was feeling bored already, when our host turned up:

“Well, well, well! How about that, huh? It was a successful party, wasn’t it? Moreover, tonight Mr. Firmino decided to have toothache. He has ruined my evening!”

Behind our host, the guests appeared and so did their interest and their hatred towards the pianist, as if the man felt neuralgic pain just to displease them. That pain won’t go away! For he is a *mulatto* of bad teeth! And now? What can we do? Can D. Julieta play? D. Julieta was shy and she was still studying. No one could play, no one knew what to do. And all because of that Firmino...

One of the lads, who wore spectacles and seemed to be very playful, proposed general suicide, a holocaust at Terpsichore²¹⁵ and, in order to set the example, he threw himself out of the window. However, he returned from there on tiptoes, looking merry and asking for silence from the group.

“My friends, it is all solved, as I have found out our pianist! I have gotten hold of the impossible”!

And, in a sudden rush, all asked him where the pianist was being kept.

“Down there, in the street below, watching the ball. He is Prates. Twenty-five years ago, Prates was today’s Firmino. His wife passed away, and he went to a farm or whatnot, I couldn’t tell. Fact is... when he returned, others had already taken his place. Prates wanders around furiously peering at his rivals and he spends his nights watching the balls like a gust of night

²¹⁵ Greek-Roman mythology dance music.

dew. He hasn't lost his habit, poor man! It was his atmosphere... In the morning he reads the newspapers reviews and in the evenings, he peers into the *soirées*. Original. There he is. He is that plump man with a white *cavaignac*, with the airs of a retired police officer”.

“How romantic!, said Dr. Hortêncio Guedes, and we all went to the window subtly, to peek into the dark street, where the odd case was standing, with his white *cavaignac*.

The young man asked the host:

“Will your excellency allow my inviting him?”

“I don't know... if you wish to...”

“He is old”, claimed someone.

“What is wrong with that”? Asked Dr. Hortêncio Guedes eloquently. “And so, if down there Beethoven, Schumann, Mozart or other music stars were to be found, would we not let them in!?”

That argument sounded decisive, despite our being convinced that if Beethoven and other stars would appear, they would have to remain on the pavement, without any shelter.

The youngster was gone, however, and some minutes later, he entered the room leading a pot-bellied man with a goatee *cavaignac*, who was spinning a hat with his hands.

“Gentlemen, the pianist Prates, who was kind enough to accept our invitation”.

“I was just passing by here”, murmured the man, “when I saw so beautiful a party...”

A group of dancers surrounded him at that point, offering him liquors, taking his hat off, seating him at the piano.

“Will you play us something?”

“Who was here?”

“All of us were”.

“I seemed to have heard Mr. Firmino’s songs...” He sat down, played a piano scale. “Huh? What was that? It was another scale, an awkward scale”.

“Well, I shall play a waltz”.

“Very modern, please Mr. Prates; a waltz fit for dancing”.

“Yes, yes...”

All dancing couples returned to the ballroom. Prates appeared to recall it all; he played a chord, hit another one and then, the first musical notes resounded. Suddenly, a vague, unease sensation seemed to make the room narrower. What funny, stupid, grotesque things those piano notes suggested!...–the sensation of the past always enrages one. The guests were annoyed as if they were gradually receiving some kind of humiliation. I felt like laughing and, at the same time, destroying, breaking the piano. Inside the room, the girls let go of their dancing partners, feeling disheartened; nervous girls sat at the corners and there was a growing exclamation of displeasure.

“It is nonsense! Impossible! No one can understand that! Stop it!”
At last, a more daring guest approached the piano:

“Prates, can you play a more recent hit?”

A hoarse voice replied:

“Huh? Don’t you like it?”

“Not much, no. Can you give us the *Valse Bleu*?”

“The *Bleu*? Ah! I don’t know that one. He then stopped, looked at the opposite wall, and his fingers flew along the pianoforte keyboard:

“I will play you one of my hits.”

I stared at him, as if one would look at a monster, something cumbersome that should be destroyed. And he banged a sort of melodic *belchior*²¹⁶ on the seven octaves, comprising it all, since “*o Seu soldado não me prenda*”

216 Second-hand items dealer

to notes from the time Furtado Coelho *called* waltzes by homages and the girls danced “*Flor de neve*”, “*Flor de baile*”, “*Féiticeirinha*” and “*Varsoviana*”.

I had never seen such a frightfully dreadful thing. It was as if a horrible old woman had sprung to the ballroom, shaking her feeble legs floppily. The mishmash of sounds burst like a devastating attack warning call. It was impossible to dance to those sounds. No matter how skillful they were on dancing “Boston” and “American”, and how wishfully and diligently they danced, they could not do two twist turns without getting them wrong, bumping into each other or losing heart. Dancing to that music became an ordeal even to the most cheerful ones. And he went on merrily, with his dangling *cavaignac*, in an infinite pleasure he would fly his fingers, evoking memories, the old and dear Prates, who would dominate the ballrooms, the joyful Prates, in a swirl of waltzes. Meanwhile, each one of us felt the approach of a spectre, the crushing of yesterday, an impression of mold, of damp, of ludicrous...

In the ballroom, the gas sounded lonely, and the windows yawned widely at the darkness of the night. The pianist reached the end with difficulty, his hands crossed over the keyboard, raising his *cavaignac*, glorious and drunk with satisfaction. Suddenly, he stopped, looked at all sides without seeing, wiped the sweat off his forehead and opened his mouth in a white smile.

There was no one.

That had certainly happened to him many times during his melancholic pilgrimage.

Prates rose and he looked so pale that I thought I saw him fall down dizzily; he grabbed his hat, squeezed his handkerchief against his bearded mouth, as if he was smothering a sob, and left slowly. Inside, the supper crystals tinkled...

That was the only time I felt the sensation of the past.

A SENSAÇÃO DO PASSADO

E stávamos a conversar no gabinete de Jorge Praxedes. Era um fim de tarde prolongado por um lindo e maravilhoso ocaso²¹⁷. Jorge oferecia chá em xícaras de porcelana da Pérsia; havia largos divãs sonhadores entre as mesas atulhadas de bugigangas de arte, e naturalmente, a atmosfera, o tabaco turco, o chá, tudo isso nos dava a lombeira das recordações e o desejo de fazer frases. Já tínhamos falado do amor, da vertigem do tempo, do galope da existência e de outras coisas novas.

— É curioso, disse um da roda, nós os homens modernos não temos a sensação do passado, do não sentido, do total alheamento que o passado devia dar. As dores, as alegrias, as modas ficam na memória como coisas presentes que se afastaram. Para um homem que vive a vida intensa não há propriamente passado, há um acumulador que não dá a impressão especial do antigo, do acabado, do que não volta mais e há muito tempo terminou.

— Paradoxo!

— É fato. Como homem, as minhas amantes, mesmo mortas, vivem todas na minha memória como se estivessem ali, por trás do paravento; como artista nunca me foi possível ter a impressão do extinto diante de uma estátua grega, a ouvir um trecho de música clássica, a ver uma linda tela antiga.

Houve um prudente silêncio, e todos olhavam prudentemente as janelas, quando o barão Belfort, que tocava um pouco distante um vago Schumann num piano meio desafinado por falta de uso, exclamou:

²¹⁷ Pôr do sol.

— Como tem você razão! Os grandes sentimentos e as grandes emoções são sempre os mesmos. Por isso, os homens guardam na história o mesmo fenômeno de memória da sua vida interna, lembram-se mais de fatos do tempo de infância do que do tempo de ontem. Como artistas, neste torvelinho moderno em que a beleza desapareceu, só o que é medíocre, muito medíocre, dá a sensação do passado, mesmo que seja de ontem. Diante da Vitória de Samotrácia no Louvre é impossível deixar de ter o enebriamento do triunfo diante daquele bloco de pedra ardente que parece arrastar as embaterias da conquista, e anima os nossos nervos de hoje como animaria os dos helenos. A vista da delicadeza pré-angelical de uma cabeça de Murilo, o nosso amor pela beleza vibra como vibrava o dos contemporâneos do grande artista. Que digo! Diante dos simples pedaços de pedra apanhados nas escavações do Egito nós sentimos a vida porque eles sabiam reproduzir a feição eterna da Vida. Um homem moderno não se admira do progresso porque o presente não sente o passado porque o guarda no próprio plasma.

— Grande fantasista.

— Repito, só a mediocridade, a “*camelote*”²¹⁸ pode dar a sensação do bem velho, do velho quase incompreensível para nós, do velho antipático, do velho repugnante, do passado integral. E para isso bastam dois anos. Eu apalpo as opiniões, o afinamento nervoso dos homens, nas pequenas coisas, nas emoções dos sentidos. Qual dos senhores que amam perfumes sente a velhice da essência de rosas? É dos mais velhos perfumes do mundo e é divino e sempre da nossa alma. Qual dos senhores será capaz de usar, sem se sentir fora da moda, fora do tempo, um perfume lançado por qualquer fabricante francês com grande espalhafato e grande êxito há vinte anos, o “Jockey Clube” por exemplo? Ao ouvir uma sinfonia de Mozart, sentindo a cada passagem uma sugestão aos sentimentos eternos, ninguém achará essa música velha. Ao ouvir uma valsa de 1870, cada um de vocês tratará de fugir...

A roda riu desabaladamente. O barão, levantou-se do piano, um pouco animado.

²¹⁸ Bugiganga. Quinquilharia. Mercadoria de baixa qualidade.

— Mas é um fato. Só as coisas absolutamente insignificantes dão a sensação do passado. Eu já tive essa sensação, não solitariamente, como me aconteceria cheirando um frasco de perfume da ex-moda, mas num salão de baile, num dia de baile. E até jamais esquecerei a sensação porque vi, olhei, encarei e sofri o miserável passado com toda a sua imensa insignificância.

Como André de Belfort contava sempre coisas interessantes, os cavaleiros presentes aguçaram a atenção.

— Nunca pensei, meus amigos, que fosse tão simples e tão doloroso. Eu que saía dos museus de indumentária da Idade Média com ensinamento de arte e a alma renascida, eu que vibrara diante dos frescos de Botticelli como diante da revelação para o futuro, fiquei aniquilado.

Há cerca de três anos, fui convidado para um baile nas Laranjeiras. Não era um sarau superelegante, absolutamente *fashion*... Aqueles senhores dançavam ao som de um piano. Havia, entretanto, casacas, algumas notabilidades literárias e científicas arrumadas na saleta de fumar, um farto serviço de *buffet*, a elegância das mulheres, das moças vestidas de tecidos leves, a adejar a gracilidade suave dos gestos. O dono da casa recebeu-me com as reverências com que receberia um bonzo²¹⁹. As moças olharam-me curiosamente, os valsistas ergueram os olhos, as matronas indagaram o meu nome e eu fui conduzido ao *fumoir*, onde murchavam cinco ou seis glórias urbanas. Nesta sala estava o piano, o piano torturador. Um mulato de pastinhas²²⁰, com os colarinhos altíssimos e o jeito pernóstico de levantar o dedo mínimo onde fuzilava um solitário, dirigia a caravana das notas, radiante como um deus e suado como uma caldeira. De vez em quando, chegavam rapazes com vozes súplices:

— Firmino, agora, aquela tua polca.

— Qual delas? Interrogava o pianista com a fronte de orango camarinhada de suor.

— Aquela muito bonita, aquela mole...

219 Um sacerdote budista.

220 Penteados em que o cabelo forma uma ou mais ondas sobre a testa.

E, ali mesmo, baixinho, trauteavam compassos.

— Tocas?

— Pois não.

Por esta apreensibilidade de motivos musicais, percebi estar diante de um desses pianistas da moda, peculiares à nossa sociedade, homenzinhos que vivem de escrever, com alguns erros e muitas aclamações, polcas, valsas e outros sons dançantes. Os jornais anunciavam mensalmente, havia dois anos, novas composições suas, e, como um decreto, o seu nome triunfava nos salões modestos.

A vaidade enlouquecera-o quase. O Firmino tinha a certeza de estar no galarim²²¹ e, tocando, acompanhava com os ombros e a cabeça o balanço langoroso dos compassos, de olho aberto, beijo revirado, tal qual um gênio inebriado com a própria revelação.

Talvez o fosse. Há gênios para tudo.

Eu ficara depositado numa *rocking*²²², ouvindo o Firmino e um velho químico, professor de Faculdade, o dr. Hortêncio Guedes. O dr. Hortêncio falava mal do próximo, de modo que o Firmino não me escapava, dada a minha natural reserva de responder com monossílabos quando se ataca a vida alheia.

O pianista era, de resto, curiosíssimo. À roda do piano havia três ou quatro indivíduos hipnotizados pela sua virtuosidade. De vez em quando, um rancho de moças, escoltadas por cavalheiros, invadia a saleta para lhe fazer o pedido de uma composição comovente, e o Firmino logo esticava mais os dedos, erguia a cabeça ao teto, fingindo-se em pleno sonho, para ter um sobressalto, curvar-se, dizer:

— Minhas senhoras...

Então, todas falavam a um tempo

221 O ponto mais alto. Pináculo.

222 Abreviação de *rocking chair* (cadeira de balanço). Em inglês no texto.

— Firmino, toca a *Estrela d'alva*.

— Não! Antes a *Irresistível*...

— Silêncio! Firmino, mlle. Abigail deseja aquela tua valsa... aquela muito dançante. Como se chama, mlle.?

— *Lolita*.

— É isso, a *Lolita*.

O pianista lambia os beiços.

— Ah! V. exa. gosta da *Lolita*? Um pouquinho velha, tem seis meses.

— Mas é tão bonita!

— Muito obrigado.

E, mais suado, com o lenço entre o pescoço e o colarinho a desabar, o pianista sacudia no piano os saracoteios da valsa. Não sei, meus senhores, qual a vossa impressão ouvindo esse gênero musical. Eu, francamente, sentia-me moço, com vontade de dar à perna, tamborilando nos braços da cadeira, gostando. Aqueles sons eram do meu tempo.

De repente, porém, quando o relógio batia uma hora, o Firmino parou bruscamente, pôs a mão no queixo.

— Não posso mais!

Logo acudiram rapazes, o dono da casa, senhoras. Era a desgraça. A nevralgia, a terrível nevralgia do Firmino rebentara. A notabilidade passava o lenço da frente ao queixo numa ânsia raivosa. Havia dor de dentes e, principalmente, a dor de não poder continuar a ser o ídolo do grupo. As meninas, cheias de carinho, já tinham ido buscar cocaína, um palito, algodão; um dançarino trouxera o espelhinho do toucador:

— Põe isso, Firmino, a ver se passa.

— Qual! Não passa... Chorava o artista. E, subitamente, desapareceu da sala, arrastando os dançarinos.

Durante dez minutos o dr. Hortêncio tomou sorvete e absorveu as atenções. Eu já estava enfasiado, quando o anfitrião surgiu:

— Ora esta! E que tal, hein? Uma festa que ia correndo tão bem! Logo hoje o sr. Firmino dá para ter dores de dentes. Estraga-me a noite!

Atrás do anfitrião vinham a pouco e pouco surgindo os convidados e o interesse de gozar a noite aumentava o ódio contra o pianista, como se ele tivesse a nevralgia só para os desgostar.

Aquilo não passa! É um mulato de maus dentes! E agora? Sim, e agora? Que se há de fazer? D. Julieta, toca? D. Julieta era tímida e ainda estava estudando. Ninguém tocava, ninguém sabia o que fazer? E tudo por causa desse Firmino...

Um dos rapazes, que usava lunetas e parecia muito brincalhão, propôs o suicídio geral, um holocausto a Terpsychore²²³ e, para dar o exemplo, atirou-se à janela. Mas voltou de lá, em pontas de pé, a face feliz, pedindo silêncio

— Meus senhores, está tudo resolvido. Descobri um pianista! Agarrei o impossível!

Todos, num ímpeto, indagaram onde o guardava.

— Ali, em baixo, na rua, vendo o baile. É o Prates. O Prates, há vinte e cinco anos, era o Firmino de hoje. Morreu-lhe a mulher, foi para uma fazenda, não sei. O fato é que, quando voltou, já outros lhe tinham tomado o lugar. O Prates anda por aí furioso contra os rivais, e passa as noites assistindo aos bailes como convidado do sereno. Não perdeu o hábito, coitado! Era a sua atmosfera.... De manhã lê os cumprimentos dos jornais e à noite espia os saraus. Original. Lá está ele. É aquele gorducho, de *cavaignac* branco, com um ar de agente de polícia aposentado.

— Que romântico! Fez o Dr. Hortêncio, e todos nós fomos à janela, sutilmente, espiar a rua negra, onde, com um *cavaignac* branco estava o caso esquisito.

²²³ Musa da dança na mitologia greco-romana.

O mocinho indagou do anfitrião:

— V. ex. permite que o vá chamar?

— Sei lá! Se os senhores quiserem.

— É velho, clamou alguém.

— Que tem isso? Indagou facundamente²²⁴ o Dr. Hortêncio. Então, se ali embaixo estivessem Beethoven, Schumann, Mozart ou outros luminares da música, nós não os deixaríamos entrar!

Aquele argumento pareceu decisivo, apesar de estarmos convencidos de que se Beethoven e os outros luminares aparecessem, teriam que ficar na calçada e sem abrigo.

O jovem partira, entretanto, e minutos depois entrava na sala conduzindo um homem ventruado que tinha um *cavaignac* de bode branco e rolava o chapéu nas mãos.

— Meus senhores, o pianista Prates, que teve a bondade de aceitar o nosso convite.

— Eu passava na ocasião, murmurava o homem, achei linda a festa...

Um bando de dançarinos já o envolvia, oferecendo-lhe licores, tirando-lhe o chapéu, sentando-o ao piano.

— Vai tocar alguma coisa?

— Quem estava aqui?

— Nós todos.

— Pareceu-me ouvir as composições do Sr. Firmino.... Abancou, correu uma escala do piano. Hein? Que era aquilo? Era uma outra escala, uma escala estranha.

— Bem, vou tocar uma valsa.

— Bem moderna, Sr. Prates; uma valsa dançante.

²²⁴ Eloquentemente.

— Sim, sim...

Os pares voltaram todos ao salão. Prates pareceu recordar; atacou um acorde, depois outro, e os primeiros compassos ecoaram. Um vago mal-estar pareceu, de repente, estreitar a sala. Que coisas cômicas, que coisas grotescas, que coisas estúpidas, essas notas de piano sugestionavam à gente!... A sensação do passado enraivece sempre. Os convidados estavam irritados como se fossem recebendo uma longa humilhação. Eu tinha vontade de rir e ao mesmo tempo de destruir, de quebrar o piano. Na sala, as meninas largaram os pares desanimadas; moças nervosas sentavam-se aos cantos e era uma crescente exclamação de desprazer.

— Qual! Não é possível! Ninguém compreende isso! Pára! Afinal, um, mais ousado, aproximou-se do piano:

— Ó Prates, toca qualquer coisa de mais novo.

Uma voz rouca respondeu:

— Hein? Não estão gostando?

— Muito, não. Vê se nos dá a *Valse Bleu*.

— A *Bleu*? Ah! Essa não conheço. Parou, fitou um instante a parede fronteira, correu a mão pelo teclado:

— Vou tocar um dos meus sucessos.

Eu olhava-o como se olha um monstro, um trambolho que é preciso destruir e ele estatelava nas sete oitavas uma espécie de belchior²²⁵ melódico, tendo tudo, desde o *Seu soldado não me prenda* até os compassos do tempo em que o Furtado Coelho *intitulava* as valsas de homenagens e as meninas dançavam a *Flor de neve*, a *Flor de baile*, a *Feiticeirinha* e a *Varsoviana*.

Eu nunca vira coisa tão assustadoramente horrenda. Era como se, de súbito, saltasse ao salão uma velha horrível, remexendo molemente as pernas bambas. A mixórdia espoucava como um rebate devastador. Os tais sons dançantes eram impossíveis de dançar. Por mais desejos, por mais es-

225 Vendedor de objetos usados

forços que fizessem os dançarinos hábeis no “boston” e nas “americanas”, eram incapazes de fazer duas voltas sem errar, sem se encontrarem, sem desanimar. Dançar com aquela música tornava-se um tormento superior para os mais alegres. E ele, feliz, com o *cavaignac* pendente, num gozo infinito, corria os dedos, evocando recordações, o Prates de outrora, que dirigia os salões, o Prates querido, o Prates animado no turbilhão das valsas, enquanto cada um de nós sentia o acostar de um espectro, o esmagamento com o dia de ontem, uma impressão de bolor, de umidade, de ridículo...

No salão, o gás silvava só, e as janelas abriam num largo bocejo para a escuridão da noite. O pianista chegava ao fim em dificuldades, de mãos cruzadas no teclado, empinando o *cavaignac*, glorioso, ébrio de satisfação. De repente, parou, olhou para todos os lados, sem ver, limpou o suor das fontes, abriu a boca num sorriso alvar.

Não havia ninguém.

Já muita vez, com certeza, lhe acontecera aquilo, na sua peregrinação melancólica.

Prates ergueu-se pálido, tão pálido que eu pensei vê-lo cair com uma vertigem; pegou do chapéu, apertou o lenço na boca barbuda, como afogando um soluço e saiu vagarosamente. Dentro batiam os cristais da ceia...

Foi esta a única vez que eu tive a sensação do passado.

THE MONSTER

“**O**h! I am a monster!”
“Are you serious?”

“And a monster, my friends, who can confess his appetites without running the risk of seeing the world through the bars of a prison. I am infamous.”

Having said these words, Luciano de Barros stretched out disheartened on the divan and blew his cigar smoke into the air. It was soon after dinnertime and we were in Lauriana de Araújo's place, one of the most elegant young women, from a semi-society at fault, who was supported by an old gambling banker and with great ambitions to be a woman of spirit and literature. Suppers there were always excellent; the irreproachable “*maitre d'hôtel*”, the beautiful dinnerware, and one could notice a group of remarkable men that Laurinda de Araújo was able to artfully select for that environment, where the old banker had the good taste of not turning up. There were names from the Academy, names of the greatest elegance, the *cream* of both Houses of Parliament, and always the highly regarded mobile society characters. In that dining place, the color of strawberry with terracotta trims representing the glory of Pomona²²⁶, there had already been the visit of a stern ambassador and a nearly elected president from a great European republic. At the end of her dinner parties, Lauriana, who was always dressed in white lace, as if she was wrapped in foam, would light a cigarette and lecture. The men

²²⁶ Roman deity of fruit and gardens.

leant against the divans and posed. Sometimes the piano was played. Nearly always, however, on the jasmine decorated balcony, one could hear a septet of string instruments. It was quite pleasant. No one ignored that the loving hostess had obtained a large fortune and who, like no one else, could use the money of others for her benefit, without making any scandalous fuss. Only as a minister's lover, by obtaining concessions among kisses, within three months, she had gotten five hundred *contos*.²²⁷

"You, an infamous deceiver? You are just a naive young man..." It was counselor Andrade, known for forty years of consecutive dinners there, since the remote *Rocher de Cancale*, to the madness of present "*cercles*".

"Me, naive?"

"I say, an infamous man never reveals himself."

"That depends."

"After all, intervened Lauriana, Luciano said that he was a monster when I asked him how he understood love. Luciano is always bizarre. He will say some nonsense now and end this outrage."

"That is quite impossible, my friend. Why am I the devoted servant, and a servant with no interest, of all women? No one has ever asked me that. And it is, nevertheless, due to a permanent and excruciating regret. I am thirty-two years old, I have a not so ugly build, I dress discreetly, I am more intelligent than those below average, and I have got some money. Nothing could be more ordinary for your standing. With these aggregated elements, however, and with a soul which is incapable of loving and devoting itself, unless to variety, I can only be a monster in a modern society. How is that? Well, by making *me* loved..."

A long ripple of laughter ran around the smoking room. Deputy Almerindo almost choked, Counsellor Andrade raised his hands towards the ceiling and celebrated academic poet Clodomir jiggled positively on the divan. Luciano went on calmly:

²²⁷ *Contos de Réis*, Real, currency used in João do Rio's time.

“It is necessary to start from the principle that every woman loves. Nevertheless, she only loves naively, and she is seduced,—letting herself be loved and loving absolutely,—once in her life: for the first time. The other passions are the result of calculations, of selfishness, of satisfaction of desires. She is the seductive one, be it for good or evil, in order to elevate a man or to lose him, to suffer his setbacks or to turn his life into a rosary of kisses, her moral role is always an active one.”

“You are creating paradoxes.”

“I am saying old things. But the environment, the context, can also kill the first feeling. Love is a subtle perfume... A little girl from high society and fairly educated, by knowing she will marry someone from her circle, may never love anyone. A young girl who has been thrown into the swirl of balls, parties and flirts since she is young, is a fighter about to devour her close husband. And even the girls from modest families, who have been, since a young age, obliged to pursue a profession and the exercise of finding a husband, by giving themselves into the greatest excesses of permission to their boyfriends, which is almost always fatal, do not feel any love...”

“Love is dead.”

“Love is eternal, but not everyone can see it through the perversion of flirt or some lost lust. And my huge monstrosity is exactly in looking for love, in enjoying this perfume and losing it. It is, perhaps, very vague what I am saying to you. I go around these clubs and I bother the women who wear dresses which are worth *contos de réis*; I go through balls and “*rahuts*²²⁸”, feeling afraid of “*flirteuses*”; I frequent theatre boxes and I feel falsification in every woman that is interested in me. What can I do? I go around humble places and discover poor girls without any means, the children who have not loved yet. Mind you, a man with all perversion instincts from our circle... how easily he can motivate a naive soul, who will be just seduced by his external appearances.

228 Mundane social gatherings.

It is said that the naive type cannot be found in large cities... Innocence is an ephemeral quality, a possession, but it is found everywhere. In lower classes, in the poorest places, the flower of innocence is most found, exposed to hurricanes and keeping its perfume, because of a miracle. Stripping that flower violently, like a satyr, is not a crime, – it is instinct. Enjoying her naturally, without having another intention other than to obtain pleasure, – that is nature. Surrounding her, capturing her, aspiring her little by little, removing petal after petal with refinement, consciously, fiercely, and with double intent, – that is monstrous. And you do not know, you cannot figure the hunter's fury I develop in order to find them; you cannot conceive my pleasure in anticipating the sensuality of a virgin's kiss, – a kiss taken from a never-kissed-before mouth...

I go past her, I greet her. I pass by once more on the following day. Three days later, I send her a gift. It is all so simple with poor people! Soon the little creature will feel involved in an atmosphere of care and gentleness. At first, it is only vanity. He is such a well-dressed man, so aristocratic, and so refined that he could be loved by beautiful women of his kind... And then, there comes pride, – the sensation that she is better than others for having been the chosen one, – pride that is perfumed into gratefulness and a very, very vague sensitivity. After that, she obtains the happiness of intimacy from someone who does not reprimand her, who reflects her in admiration, all the small features of her beauty, like an empathic mirror. Even so, it is not love, it is just a game, a pleasant game; a courtship – a courtship which is related to flirt like pure water is related to the forgery of bad wine. I hence persist; I go on with my great performance. Furthermore, suddenly, the child feels jealous, a sweet and naive jealousy that is zealous even of inanimate things. She feels anxious, she trembles, laughs and cries for no good reason, – and the whole of her is possessed by life's eternal evil. Thus, I feel an infernal joy deep inside of me. That is my sport, my practice, my city man's pleasure. The rules are unfailing like for all games, and victory smiles at me. Is my desire satisfied?

No, quite the opposite! That is the great moment, the starting point. On feeling my caresses on her hand, she pulls it back and instinctively resists me, shivering. The caresses on her arms, the fleeting touch that conveys everything... a kiss on her hair, another long, greedy, biting one on the nape of her neck... To enjoy the slow recognition of pleasure, the face that flushes, the skin that gets hot, the eyes that languish and suddenly dilate like the reflection of a flash of light, the short refusal phrases... It is the inebriating fascination. All my tactics, however, is built around what innocence takes longer to concede,—her mouth. I have the neurosis of mouths. There are some red ones. Others have a velvet rosy. The movement of the tongue on their lips gives me desperate crisis, and when they smile, certain creatures suggest daybreaks in which I want to quench all my thirst from a sleepless night, which is my life. Sometimes the kiss that I have begged for comes out, all of a sudden. With others, at first, it is a soft touch of lips, then a longer pressure and, at last, the immersion, the craziness in an environment, inside which I see, feel, smell, hear the whole of a symphony of the senses...”

In the group, the gentlemen seemed a little nervous and Lauriana moved her sandalwood fan. Counsellor Andrade, the least excited one, exclaimed with his focused eyes:

“Good God! That is a brain disease...”

Luciano, with his eyes shut, seemed to be in ecstasy.

The poet then inquired:

“And what do you do afterwards?”

“What do I do? You have my horror there. I feel pity for the child, I caress her more, I involve her within the eternal promise of love, while crying for the coldness of my heart, which is incapable of loving only one person for longer than six months. And it is the month of suffering, when life presents me a dilemma:—either you marry this young woman and leave her later, or you take her with you without marrying her, committing the greater crime of making her lose her reputation. Next, in the silence of my bedroom, I think about her, and I see her all the time, I sob, cry, condemn myself, hurt

my soul with the violent idea of finding a pretext in order not to lose her. Love, however, true love is a brief perfume of virginity. It is a matter of feeling it and leaving it. I struggle with it, but I cannot find its point. Some crazy ones stay with me until I leave them, and they are now wandering around there. Others are gradually lost from sight because, further ahead, other girls appear to me, still looking like rose buds.”

“That is not a very noble attitude, but it is not offensive.”

“Are you serious?”

“Forty years ago, without the present unhealthy psychologies, you would be just considered a bandit. Nowadays, with that mania of analyzing one’s own feelings, you consider yourself a monster.”

Luciano de Barros threw away the cigar stub from between his fingers.

“Unfortunately, we are irresponsible men around that grave and painful feeling. What am I? A man that flutters his perversion like a butterfly around life’s half-open buds. It is almost beautiful! And those who have felt the delicious pleasure of a virgin mouth kissed for the first time must be envious of me. But what if I feel like an infamous man? I have just returned from such a case. She was a fifteen-year-old girl, merry like a bird. Her smile reminded me of a bird’s chirping and her mouth smelt like a rose. Three months later, she loved me sincerely, nobly, purely; she loved me disinterestedly, despite being extremely poor, without ever having received a gift that was not completely useless. I had told her my name, but she did not know who I was, where I lived, what my way of life was. She loved me as girls normally do at fifteen, – blindly – and I had the rather sad, rather ludicrous sensation of knowing that I was loved, like the enchantment of a dream. What was she? A short story’s character. What was I? The prince... Thus, the love crisis flourished in the greenhouse prepared by me. Perhaps I was more deeply in love than I seemed to be. I proposed her eloping, kidnapping her. She resisted so much with her honest principles that I proposed her marriage. She smiled among her tears, raising both her large black eyes.”
“You can’t be serious! We come from such different contexts! That is impos-

sible.”–“ But what do you want then?” – “Nothing, I want nothing at all.”–
“I returned, and went on seeing her, but insensitively... as my unfortunate
soul felt the need to be apart, but, at the same time, the urge to keep her.
She still looked the same, with her countenance enlightened when she met
me. She told me once:–“Sometimes I almost don’t feel like going back home,
with the fear of killing myself.”–“Come with me, then.”–“No. Just a while
ago today, I cried so much...”–“She was living that ordeal because of me, that
innocence was disturbed by my figure... Then, fifteen days ago, I did not see
her at the window. I went by the other day and asked around her neighbor-
hood. Her godparents had taken her away because of some crying outbursts
that made her weak. And I am in agony whenever I think about this pure
and sweet creature.”

“D. João²²⁹, calm down! You shall see this young girl married, just like
the other ones.”

“Or lost, Lauriana gravely sentenced.”

Luciano rose, putting his white tie right.

“Or perhaps dead already, because it has happened before...” And so
the beautiful Lauriana smiled with deep sadness.

“But don’t judge yourself the only monster, with that excess of anal-
ysis and intention, my dear friend. The city is full of those love deflowerers.
Life is a battle of the sexes. There are little creatures who are killed at a
young age, after being slightly inhaled by old intellectuals like you. There
are others who resist and remain, like me.”

There was a long silence. Nobody had laughed. And appearing very
pale in front of the mirror, Luciano de Barros looked shocked at his own face.
Outside, the septet played a slow waltz, among the balcony jasmines.

229 Reference to Don Juan, legendary romantic conqueror of French and Spanish literature.

O MONSTRO

— **A**h! Eu sou um monstro!

— Palavra?

— E um monstro, meus amigos, que pode confessar os seus apetites sem correr o risco de poder contemplar o mundo através das grades de um cárcere. Eu sou um infame. Ditas estas palavras, Luciano de Barros estendeu-se, desalentado, no divã e soprou para o ar o fumo do charuto. Era depois de jantar e nós estávamos em casa de Lauriana de Araújo, uma das mais elegantes raparigas, de uma vaga semissociedade em falha, sustentada por um velho banqueiro de tavolagens e com grandes pretensões a mulher de espírito e à literatura. Os jantares eram sempre excelentes; o “*maitre d’hôtel*” irrepreensível, os serviços lindos, e bem se podia notar naquele ambiente, onde o velho banqueiro tinha o bom gosto de não aparecer, que Lauriana de Araújo sabia escolher com arte uma roda de homens citável. Havia nomes da Academia, nomes da alta elegância, o creme das duas casas do Parlamento, e sempre as altas figuras em trânsito propagador. Naquela casa de jantar cor de morango com frisos de faiança representando a glória de Pomona já tinham estado um embaixador severo e um quase presidente de grande república europeia. Ao acabar os jantares, Lauriana, sempre de rendas brancas, como envolta em espumas, acendia um cigarro e palestrava. Os homens recostavam-se nos divãs e posavam. De vez em quando tocava-se piano. Quase sempre, entretanto, na varanda guarnecida de jasmims, ouvia-se um septu-

or²³⁰ de instrumentos de cordas. Era perfeitamente agradável. Ninguém ignorava que a anfitriã amável realizara já uma grande fortuna e que sabia, como ninguém, liquidar em seu proveito o dinheiro alheio sem estrépitios escandalosos. Só como amante de um ministro, obtendo concessões entre beijos, no espaço de três meses arranjara quinhentos contos.

— Farsista! Tu, infame? Tu não passas de um ingênuo... Era o conselheiro Andrade, conhecido por quarenta anos de ceias consecutivas, desde o remoto *Rocher de Cancale* até os desvairamentos dos “*cercles*” atuais.

— Eu, ingênuo?

— Pois então? Um infame, nunca diz que o é.

— Conforme.

— Afinal, intervinha Lauriana, o Luciano disse que era um monstro quando eu perguntava como compreendia o amor. O Luciano é sempre bizarro. Vai dizer para aí alguma barbaridade e liquida a infâmia.

— É impossível, minha amiga. Por que sou eu o dedicado servidor, e servidor sem interesse, de todas as mulheres? Nunca ninguém mo perguntou. E, entretanto, é apenas por um permanente e cruciante remorso. Tenho trinta e dois anos, um físico menos mau, visto discretamente, sou mais inteligente do que o vulgar e tenho algum dinheiro. Para vocês, nada mais banal. Com esses elementos congregados, porém, e com uma alma incapaz de amar e de se dedicar senão à variedade, consigo numa sociedade moderna ser simplesmente o monstro. Como? Ora, como! Fazendo-me amar...

Um prolongado riso correu pelo salão de fumar. O deputado Almerindo quase engasga, o conselheiro Andrade ergueu as mãos ao teto e o célebre poeta acadêmico Clodomir reboiou positivamente no divã. Luciano continuou tranquilo:

— É preciso partir do princípio que toda a mulher ama. Apenas, porém, ama ingenuamente e deixa-se seduzir, deixa-se amar amando absolutamente uma vez na vida: a primeira. As outras paixões são o resultado

230 Septeto, conjunto de sete músicos.

do cálculo, do egoísmo, da satisfação dos desejos. É ela a sedutora e seja para o bem ou para o mal, para elevar o homem ou para perdê-lo, para sofrer-lhe as pancadas ou fazer-lhe da vida um rosário de beijos, o seu papel moral é sempre o ativo.

— Estás a lançar paradoxos.

— Estou a dizer coisas velhas. Mas o ambiente, o meio, conseguem também matar o primeiro sentimento. O amor é um perfume sutil... Uma pequena de sociedade elevada, mais ou menos culta, sabendo que há de casar com alguém da sua roda, talvez não ame nunca. Uma rapariga atirada desde cedo ao torvelinho dos bailes, das festas e dos flertes é uma lutadora prestes a devorar o seu marido próximo. E mesmo as moças de família modesta, desde cedo obrigadas a uma profissão e ao exercício de encontrar um esposo, entregando-se aos maiores excessos de permissão aos namorados, quase sempre fatais, não sentem o amor...

— O amor morreu.

— O amor é eterno, mas nem todos o podem ver, através da perversão do flerte ou das luxúrias perdidas. E a minha imensa monstruosidade está exatamente em procurar o amor, gozar esse perfume e perdê-lo. É, talvez, muito vago o que estou a dizer, mas é horrível. Ando por todos esses clubes e aborreço as mulheres que arrastam vestidos de contos de réis; percorro os bailes e os “*rahuts*” com medo das “*flirteuses*”; frequento as caixas de teatro e em cada mulher que se pende para mim, sinto a falsificação. Que fazer? Percorrer os meios humildes, e descobrir, probresitas e sem nada, as crianças que ainda não amaram. Imaginem vocês um homem com todos os instintos de perversão da nossa roda como facilmente pode empolgar uma alma ingênua, seduzida apenas pelo exterior.

Dizem que nas grandes cidades não há o tipo ingênuo, a inocência... A inocência é uma propriedade, uma qualidade que passa, mas existe em toda a parte. Nas classes mais pobres, nos meios mais miseráveis é que se encontra mais a flor da inocência, exposta ao vendaval e guardando o perfume, por um prodígio. Desfolhar essa flor, violentamente, como um sátiro; não é

crime — é instinto. Gozá-la naturalmente sem a intenção senão de a gozar — é a natureza. Cercá-la, prendê-la, ir aos poucos aspirando-a, desfolhando pétala por pétala, com refinamento, intenção dupla, consciente e ferozmente — é que é monstruoso. E vocês não sabem, não podem imaginar a fúria de caçador que eu desenvolvo para as encontrar, vocês não concebem o gozo meu ao prelibar a volúpia de um beijo de virgem, um beijo sugado na boca ainda não beijada...

Eu vou, eu passo, eu cumprimento. No dia seguinte torno a passar. Três dias depois, mando-lhe uma recordação. Tudo é tão simples com os pobres! Dentro em pouco a criaturinha sente-se envolvida numa atmosfera de cuidados e de delicadezas. A princípio é apenas a vaidade. Um homem tão bem vestido, tão distinto, tão fino, que podia ser amado por lindas mulheres da sua ordem... Depois o orgulho, a sensação de que é melhor do que as outras por ter sido a preferida, — orgulho que se perfuma de gratidão, uma vaga, muito vaga sensibilidade. Em seguida, a alegria da intimidade de um ente que não a ralha, que lhe reflete em admirações como um espelho simpático todas as pequenas belezas da sua beleza. Mas, ainda assim, não é amor, é brincadeira, uma brincadeira agradável, o namoro — o namoro que está para o flerte como a pureza de uma água pura para a falsificação de um vinho mau. Eu persisto, então, continuo, prolongo a grande cena. E de repente a criança sente o ciúme, um doce e ingênuo ciúme que tem zelos até do inanimado, anseia, treme, e ri e chora sem saber porque, toda ela possuída do perpétuo mal da vida. Então, eu sinto no intuito uma alegria infernal. É o meu esporte, o meu exercício, o meu prazer de homem da cidade. As regras são infalíveis como para todos os jogos, e a vitória sorri-me. Tenho satisfeito o meu desejo?

Não! Ao contrário. É o grande momento, o momento do iniciador. As carícias na mão, puxando essa mão que resiste instintivamente e treme, as carícias nos braços, os contatos fugazes que indicam tudo, um beijo nos cabelos, outro longo, guloso, mordido, na nuca... Gozar as gradações do reconhecimento do gozo, a face que enrubesce, o calor da pele, os olhos que enlanguescem e de repente se dilatam como ao reflexo de um clarão,

as frases curtas de negativas... É a fascinação inebriante. Toda a minha tática, entretanto, se faz em torno do que a inocência mais custa a dar: a boca. Eu tenho a nevrose das bocas. Há algumas muito vermelhas. Há outras de um róseo peludo. O movimento da língua passando pelos lábios dá-me crises desesperadas, e certas criaturas quando riem sugerem-me auroras em que eu desejo estancar toda a sede de uma noite em claro, que é a minha vida. Às vezes, o beijo rogado vem de súbito. De outras, a princípio é um leve roçar de lábios, depois uma pressão mais longa, enfim, a absorção, a loucura num ambiente em que mesmo de olhos abertos vejo, sinto, cheiro, ouço toda uma sinfonia rósea dos sentidos...

Na roda, os cavalheiros pareciam um pouco nervosos, e Lauriana batia o leque de sândalo. O conselheiro Andrade, o menos excitado, exclamou, de olhos em alvo:

— Caramba! É uma doença cerebral...

Luciano, de olhos cerrados, parecia em êxtase.

Então, o poeta indagou:

— E que fazes depois?

— Que faço? Aqui tens tu o meu horror. Fico com um grande dó da criança, acaricio-a ainda mais, envolvo-a na jura de um amor infinito, chorando a frieza do meu coração incapaz de amar uma só criatura mais de seis meses. E é o mês dos sofrimentos, em que a vida se me faz dilema: — ou casas com essa rapariga para abandoná-la ou, se a levas contigo sem o casamento, cometes o crime ainda maior de perder-lhe a honra. Então, no silêncio do quarto, pensando nela, vendo-a a todo o instante, soluço, choro, deploro-me, escorcho a alma com a violenta ideia de achar um pretexto para não a perder. O amor, porém, o amor verdadeiro é um breve perfume da virgindade. É senti-lo e é partir. Eu me debato, mas para que serve? Algumas desvairadas têm vindo até ao desenlace e estão por aí. Outras eu perco de vista, aos poucos, porque mais adiante outras parecem-me ainda em botão.

— Não é muito bonito, mas nada tem de ofensivo.

— Achas?

— Há quarenta anos, sem psicologias malsãs, serias apenas um bando-leiro. Agora, com essa mania de análise das próprias sensações, é que te julgas um monstro.

Luciano de Barros deitou fora o charuto que se lhe apagara entre os dedos.

— Infelizmente, nós somos levianos, nós os homens, em torno desse grave e doloroso sentimento. Que sou eu? Um homem que borboleteia a sua perversão pelos botões entreabertos da vida. Até é bonito! E quem uma vez sentiu a delícia deliciosa de uma boca virgem que se entrega pela primeira vez, deve ter de mim inveja. Mas, se eu me sinto infame? Ainda agora venho de um caso assim. Era uma pequena de quinze anos, alegre como um pássaro. O seu riso lembrava um chilreio e a sua boca cheirava a rosa. Três meses depois, sincera, nobre, pura, ela amava, amava sem interesse, apesar de paupérrima, sem nunca ter recebido uma dádiva que não fosse inteiramente inútil. Dera-lhe o meu nome, mas ignorava o que eu era, onde morava, qual o meu modo de vida. Amava como se ama aos quinze anos, cegamente, e eu tinha essa sensação meio triste, meio ridícula de me saber amado com um encanto de sonho. Que era ela? Um personagem de conto. Que era eu? O príncipe... A crise do amor na estufa preparada por mim floresceu. Talvez eu mesmo estivesse mais apaixonado do que parecia. Propus-lhe a fuga, o rapto. Resistiu com o seu fundo honesto, tanto que lhe propus casamento. Ela sorriu entre lágrimas, erguendo os dois grandes olhos negros. — “Não sabes o que dizes! Somos de condições tão diferentes! Isso é impossível.” — “Mas, então, que queres?” — “Nada, não quero nada, coisa nenhuma.” Eu voltei, continuei a vê-la, mas insensivelmente, a minha lamentável alma sentia a necessidade do afastamento, querendo conservá-la. Ela continuava tal qual, iluminando o semblante quando me via. Certa vez disse-me: — “Às vezes quase não tenho coragem de voltar à casa, com medo de me matar.” — “Vem comigo, então.” — “Não. Já hoje chorei tanto...” Eu gozava aquele martírio por minha causa, aquela inocência perturbada pela minha figura... Há quinze dias não a vi à janela. Passei no outro dia, e interroguéi a vizinhança. Tinham-na levado

os padrinhos por causa de umas crises de choro que a definhavam. E eu estou na agonia, a pensar nessa criatura pura e doce.

— D. João²³¹, sossega! Hás de ver a pequena casada, como as outras.

— Ou perdida, sentenciou, grave, Lauriana.

Luciano ergueu-se, consertando a gravata branca.

— Ou talvez morta, porque já tem acontecido... Então, a linda Lauriana sorriu com infinita tristeza.

— Mas não te julgues, com esse exagero de análise e de pretensão, o único monstro, meu caro amigo. A cidade está cheia desses defloradores do amor. A vida é uma luta de sexos. Há criaturinhas que morrem ceifadas em botão, depois de levemente aspiradas pelos intelectuais gastos como tu. Há outras, porém, que resistem e ficam como eu.

Houve um prolongado silêncio. Ninguém rira. E, só, Luciano de Barros muito pálido, diante de um grande espelho, parecia pasmo da própria fisiologia. Fora, o septuor tocava uma valsa lenta, entre os jasmims.

231 Menção a Don Juan, conquistador amoroso da literatura Francesa e Espanhola.

THE BABY IN PINK TARLATAN

“**O**h! A story of masks! Who hasn’t had one in their lives? Carnival is only interesting because it gives us that unexpected sensation... Honestly. Everyone has their carnival story, delicious or macabre, stone-cold or full of barbarian lust. A carnival without adventures is no carnival. I myself have had an adventure this year...”

And Heitor de Alencar stretched himself out lazily on the divan, enjoying our curiosity.

In Baron Belfort’s parlour were Anatólio de Azambuja, who women objected to, Maria de Flor, the extravagant bohemian, and all were eager to learn about Heitor’s adventure.

Silence was made. Heitor, who was smoking an authentic *gianaclis*²³², looked thoughtful.

“Is it a happy adventure?” Inquired Maria.

“It depends on one’s temperament”.

“Dirty?”

“At least scary”.

“During the day?”

“No, very late at night”.

²³² Famous cigar brand.

“But, for God’s sake man, tell us!–begged Anatólio. Can’t you see you are making Maria ill”?

Heitor took a long drag on his cigarette.

“Not a single person will go out for Carnival unwilling to commit excesses, raptures of the flesh or great extravagances. A nearly sickening desire is somewhat instilled, infiltrated by the ambience. All breathes lustfulness, all has the craving and spasms, and on those four paranoid days,–days of leaps, squeaks, and of unlimited permissions,–everything is possible. No one will be contented with only one woman...”

“Neither with one man”, Anatólio cut him short.

“Smiles are offers, eyes are beggars, and laughs are passersby like provocative quivers into the air. It is possible that many people can be indifferent though. I feel it all. And I go out at night to the lechery of the city, like, in Phoenicia, those navigators went out for the spring procession, or like the Alexandrines did–on Aphrodite’s night²³³.”

“Very beautiful!”, whispered Maria de Flor.

“Of course this year I have organized a party with four or five actresses and four or five comrades. I did not want to be alone, like a rag in the wave of the city’s sensuousness and pleasure. The group was my safe guard. On the first day, on Saturday, we rode in our automobile, going through carnival balls. We would go to drink champagne, to gambling clubs advertising their balls and to the low-rated maxixes²³⁴ places. It was such fun, and by the fifth club, we were overly excited. I then recalled a visit to the public ball of *Recreio*. – “My goodness gracious”, said the first theater star, who took part in our group. “But it is horrible! Vulgar people, plain-clothes sailors, prostitutes from the most secluded stretches of *Rua de São Jorge*²³⁵, unbear-

233 Aphrodite or Venus, the goddess of love in Greek-Roman mythology.

234 Urban dance deriving from the city of Rio de Janeiro in the middle of the 19th century. It also signifies their dance clubs where citizens would practice that activity.

235 Rua de São Jorge, present Rua Gonçalves Lêdo, used to be a prostitution area at the beginning of the 20th century.

ble smells, constant fracas...” – “And what is the matter? Won’t we be going together?”, I retorted.

Yes, indeed. We went together and the women were wearing fancy dress costumes. There was nothing to fear, and we would manage to accomplish our major desires: to degrade ourselves, to get pretty muddy. In this way, we went along, and we found sheer desolation there, with thick-lipped and toothless black women, who were spreading their stinking velveteen fabrics over the military band; all the coquetries from lugubrious alleys, and also those strange characters of diabolical worms, of incubus inside alcohol bottles that the lost ones of certain streets have. They are girls, but they are wrinkled like creases and all of them are pale, pale like blotting-paper dough and rice paper. There was nothing new. Only yet, just as the group had halted in front of the dancers, I felt, rubbing against me, a chubby and appetizing rosy *tarlatan*²³⁶ baby. I looked at her short-socked legs. Beautiful. I checked her arms, the slant of her shoulders, her breasts curve. Very pleasant. As for her face, it was a cheeky little face, with two mean eyes and a plump mouth, which looked as if it was offering itself. The only false trait was her nose, such a well-made nose, so flawless that close observation was needed to prove it fake. No doubt. I fondled her and gave her a pinch. The baby fell a bit further and said, amidst a sigh: ‘ouch, it hurts!’ As you can see, I was instantly willing to escape from the group. But five or six elegant ladies went with me who were capable of debouching but not of forgiving one’s excesses, and it would be out of line to do that, to leave them behind for some regular frequenter of Recreio balls. We returned to the automobiles and went to dine at the most classy and boring club of the city”.

“And the baby”?

“The baby stayed on. But on Sunday, in the middle of the avenue, I was riding beside the chauffeur, in the colossal hubbub of the city, when I felt a pinch in my leg and a hoarse voice say: “to pay for the one yesterday”. I looked around. It was the rosy baby, smiling, with its false nose, that well-made nose. I just had the time to inquire: where are you going today?

²³⁶ Stiff fabric used for clothes lining. Buckram.

“Everywhere”! She replied, getting lost along a bustling party”.

“She was chasing you,” commented Maria de Flor”.

“Perhaps it was a man”... whispered the pleasant Anatólio suspiciously.

“Do not cut Heitor short”!,-Said the baron, stretching out his hand.

Heitor lit another golden-tipped *gianaclis*, smiled, and went on:

“I did not see her again on that night, nor on Monday did I see her. On Tuesday, I got detached from my group and fell into the high seas of depravity, on my own, with light clothes on top of my skin, all my ill instincts being aroused. Apart from that, the entire city was exactly this way. That is when young girls confess to their passions to young men behind their masks, it is the instant when the most secret connections are revealed, in which virginity is dubious and we all find it useless, reputation is a nuisance, and good sense a source of fatigue. At that moment all is possible, the most appalling aberrations, and the worst crimes; at that time, there is laughter that galvanizes the senses, and kisses that unfold naturally.

I was excited, with an almost morbid urge to degrade myself. No opulent, perfumed or too closely-acquainted girls, no familiar contact, but the anonymous debouche, the ritual debouche of getting close, taking hold of them, getting it done and taking our leave. It was abominable. Luckily, many suffer from the same disorder at carnival”.

“So they say”, sighed Maria de Flor.

“But I was unlucky, with the *guigne*²³⁷, with the *caiporismo*²³⁸ of natives’ defuncts. I had just to approach the aimed prey to see it run away. After one of those hunts along avenues and squares, I dashed into São Pedro, got into the dances, rubbed against those often not very clean people, insisted here and there. Nothing!”

“That’s when one gets annoyed!”

237 Adversity, bad luck, in French in the text.

238 Marked by bad luck, Jinxed.

“Exactly. I was annoyed until the end of the ball, I saw all people leave, and I left feeling more desperate. It was three o’clock in the morning. The stir of the streets had slowed down. The other balls had already ended. The squares, which, hours before, had been blazed by electric projectors and Bengal lights’ changing colours, now fell into shadows, – accomplice shadows of the urban night. And to indicate the revelry and the city excitement, there were only one or two fully-loaded cars, which were driving some kissing masked people; or there would just be some costumes clinking their rattles along the pavements that had been softened by *confetti*. Oh, the nerve-racking impression of these unreal figures in the semi-darkness of dead hours, brushing the pavements, some tinkling here, a lost rattling sound there! It seems like some sort of elusive, vague, enormous thing, emerging from the darkness in pieces... and the disguised dominoes, the crumpled female dancers, the indecisive collection of the last-minute masked ones dragging themselves exhaustedly! I went on to walk along *Largo do Rocio* and the vicinities of *Secretary of the Interior* when I saw, standing still, the pink tarlatan baby.

It was her! I felt my heart pounding. I halted.

“Good old friends always end up meeting”, I said. The baby smiled without saying a word. “Are you awaiting anyone?” She shook her head. I surrounded her with my arms. – “Are you coming with me?” “Where to?” she replied, with her harsh and hoarse voice. “Wherever you like!” I held her hands. They were wet, but well-groomed. I tried to kiss her. She stepped back. My lips touched only the tip of her nose. I went mad.

“By a hair’s breadth...”

“Nothing else was needed at Carnival”, so much as she said, with her panting and sensual voice: “Not here!” – I held her by her waist and we walked along silently. She leant on me but she led the way and her wet eyes seemed to delight themselves on the wild desire that mine conveyed. In those loving stages, there is no conversation. We did not exchange any words. I felt the disarranged rhythm of my heart and my blood flow

in despair. What a woman! Such vibration! We had returned to the garden. She paused and hesitated in front of the entrance before *rua Leopoldina*. Then she dragged me, crossed the square, we got into the unlit and dark street. In the background, the *Belas Artes* building was desolate and gloomy. I clutched her harder. She cuddled herself closer. How shiny her eyes were! We crossed the *rua Luiz de Camões*, stood just below the thick shadows of *Conservatório de Música*. Silence was eerie and the ambience had a vaguely gray colour, with the darkness a little battered by the light of faraway combustors. My chubby and rosy baby seemed the forgetfulness of addiction on that somberness of the night. –“Shall we go?” I asked. “Where to?” “To your place.” “Oh, no, in my place, you cannot...” “Just around anywhere.” “To get in, get out, get undressed. I am not of that kind!” “What do you wish girl? We cannot stay here in the street. In a few minutes, the night watchman will pass by.” “What is wrong?” “We will not be appreciated here, on Ash Wednesday night. And then, at 4 a.m. you must remove your mask.” “What mask?” “The nose.” “Oh, yes!” And without saying a word, she pulled me. I held her. I kissed her arms, I kissed her collar, I kissed her neck. Her mouth offered itself avidly. Around us, the world was something opalescent and indecisive. I savored her lips.

But my nose felt the touch of her false nose, –a nose with a resin smell, a nose that made one sick. “Take off your nose!” She whispered: “No! No! It is so hard to put it on!” I tried not to touch that cold nose placed onto that burning flesh.

The cardboard patch, however, got enlarged, as it seemed to grow, and I felt a strange discomfort, –an awkward state of embarrassment. “Hell no! Do not go home wearing that! It does not serve you as any sort of disguise.” “Yes, it does!” “No!” I searched for its string among her hair. There was none. However, while embracing me, kissing me, the rosy tarlatan baby seemed like a frantic possessed being. Again, her lips approached my mouth. I surrendered. Her nose rubbed against mine, the nose that was not hers, a fancy costume nose. Then, as I could not help it any longer, I got my hand closer and closer, while I used my left hand to hold her tighter; all of a sudden,

I grabbed the cardboard, and ripped it off. Stuck to my lips, with two eyes that fury and terror seemed to merge, I saw an odd head, a head without a nose, with two bloody holes stuffed with cotton, a head that was, in my delirium, a fleshened skull...

I let go of her, and backed off in utter sickness. The whole of me was shivering in terror, in disgust. The rosy tarlatan baby had fallen to the ground with her skull facing towards me, crying in such a way that her lips were pulled up, and showing her white-pearl teeth below her abnormal nose holes. "Forgive me! Forgive me! Don't beat me. It is not my fault! I can only party at Carnival. And so, I enjoy it, you see? I enjoy it. **You** wanted it..."

I shook her furiously, I made her stand up with a blow that should have pulled her apart. An urge to spit and to vomit tightened my throat, and a pressing desire to punch that nose came over me, to break those teeth, to murder that atrocious reverse of lust... but a whistle sounded. The security guard was on the corner and he looked at us, taking notice of that semi-darkness scene. What could I do? Should I take the skull to the police station? Should I tell everyone I had kissed her? I could not help it. I drew apart from her; I hurried up and on arriving at the *largo*, on an impulse, I ran like a lunatic towards home, burning with fever, my chin clattering.

Only when I was standing at my door, ready to take my keys did I realize that my right hand was clutching some sort of greasy bloody paste,—It was the pink tarlatan baby's nose..."

Heitor de Alencar paused, with his burnt out cigarette between his fingers. Maria de Flor displayed a horror contraction on her face and sweet Anatólio looked sick. Even our narrator showed some sweat droplets on his forehead. There was an anguished silence. At last, Baron Belfort rose, rang the bell so that his valet brought us some refreshments, and he summarized:

"Quite an adventure, my friends, a fine adventure. Who has not had their carnival adventure? This one is exciting, to say the least".

And, then, he went to sit at the piano.

O BEBÊ DE TARLATANA ROSA

— **O**h! Uma história de máscaras! Quem não a tem na sua vida? O carnaval só é interessante porque nos dá essa sensação de angustioso imprevisito... francamente. Toda a gente tem a sua história de carnaval, deliciosa ou macabra, álgida ou cheia de luxúrias atrozes. Um carnaval sem aventuras não é carnaval. Eu mesmo este ano tive uma aventura...

E Heitor de Alencar esticava-se preguiçosamente no divã, gozando a nossa curiosidade.

Havia no gabinete o barão Belfort, Anatólio de Azambuja de que as mulheres tinham tanta implicância, Maria de Flor, a extravagante boêmia, e todos ardiam por saber a aventura de Heitor. O silêncio tombou expectante. Heitor, fumando um *gianaclis*²³⁹ autêntico, parecia absorto.

— É uma aventura alegre? Indagou Maria.

— Conforme os temperamentos.

— Suja?

— Pavorosa ao menos

— De dia?

— Não. Pela madrugada.

239 Famosa marca de charuto.

— Mas, homem de Deus, conta! Suplicava Anatólio. Olha que está adoecendo a Maria.

Heitor puxou um largo trago à cigarreta.

— Não há quem não saia no Carnaval disposto ao excesso, disposto aos transportes da carne e às maiores extravagâncias. O desejo, quase doentio é como incutido, infiltrado pelo ambiente. Tudo respira luxúria, tudo tem da ânsia e do espasmo, e nesses quatro dias paranoicos, de pulos, de guinchos, de confianças ilimitadas, tudo é possível. Não há quem se contente com uma...

— Nem com um, atalhou Anatólio.

— Os sorrisos são ofertas, os olhos suplicam, as gargalhadas passam como aos arrepios de urtiga pelo ar. É possível que muita gente consiga ser indiferente. Eu sinto tudo isso. E saindo, à noite, para a porneia da cidade, saio como na Fenícia saíam os navegadores para a procissão da primavera, ou os alexandrinos para a noite de Afrodite²⁴⁰.

— Muito bonito! Ciciou Maria de Flor.

— Está claro que este ano organizei uma partida com quatro ou cinco atrizes e quatro ou cinco companheiros. Não me sentia com coragem de ficar só como um trapo no vagalhão de volúpia e de prazer da cidade. O grupo era o meu salva-vidas. No primeiro dia, no sábado, andamos de automóvel a percorrer os bailes. Íamos indistintamente beber champanhe aos clubes de jogo que anunciavam bailes e aos maxixes²⁴¹ mais ordinários. Era divertidíssimo e ao quinto clube estávamos de todo excitados. Foi quando lembrei uma visita ao baile público do Recreio. — “Nossa Senhora! Disse a primeira estrela de revistas, que ia conosco. Mas é horrível! Gente ordinária, mari-

²⁴⁰ Afrodite ou Vênus, a deusa do amor na mitologia greco-romana.

²⁴¹ Dança urbana originária da cidade do Rio de Janeiro na metade do século XIX e os locais de prática dessa atividade.

nheiros à paisana, fúfias²⁴² dos pedaços mais esconsos da rua de S. Jorge²⁴³, um cheiro atroz, rolos constantes...” — Que tem isso? Não vamos juntos?

Com efeito. Íamos juntos e fantasiadas as mulheres. Não havia o que temer e a gente conseguia realizar o maior desejo: acanalhar-se, enlamear-se bem. Naturalmente fomos e era uma desolação com pretas beijudas e desdentadas esparrimando belbutinas²⁴⁴ fedorentas pelo estrado da banda militar, todo o pessoal de azeiteiros das ruelas lôbregas e essas estranhas figuras de larvas diabólicas, de incubos²⁴⁵ em frascos de álcool, que têm as perdas de certas ruas, moças, mas com os traços como amassados e todas pálidas, pálidas feitas de pasta de mata-borrão e de papel de arroz. Não havia nada de novo. Apenas, como o grupo parara diante dos dançarinos, eu senti que se roçava em mim, gordinho e apetecível, um bebê de tarlatana²⁴⁶ rosa. Olhei-lhe as pernas de meia curta. Bonitas. Verifiquei os braços, o caído das espáduas, a curva do seio. Bem agradável. Quanto ao rosto era um rostinho atrevido, com dois olhos perversos e uma boca polpuda como se ofertando. Só postiço trazia o nariz, um nariz tão bem feito, tão acertado, que foi preciso observar para verificá-lo falso. Não tive dúvida. Passei a mão e preguei-lhe um beliscão. O bebê caiu mais e disse num suspiro — ai que dói! Estão vocês a ver que eu fiquei imediatamente disposto a fugir do grupo. Mas comigo iam cinco ou seis damas elegantes capazes de se debochar, mas de não perdoar os excessos alheios, e era sem linha correr assim, abandonando-as, atrás de uma frequentadora dos bailes do Recreio. Voltamos para os automóveis e fomos cear no clube mais chique e mais secante²⁴⁷ da cidade.

— E o bebê?

— O bebê ficou. Mas no domingo, em plena avenida, indo eu ao lado do *chauffeur*, no burburinho colossal, senti um beliscão na perna e uma voz rouca dizer: “para pagar o de ontem”.

242 Prostitutas.

243 A rua de São Jorge, atual Gonçalves Lêdo, era no início do século XX o centro do baixo meretrício.

244 Tecido de algodão aveludado.

245 Segundo a lenda, demônio masculino que vem à noite copular com uma mulher durante o sono.

246 Tecido encorpado usado para forro. Entretela.

247 Chato, aborrecido.

Olhei. Era o bebê rosa, sorrindo, com o nariz postiço, aquele nariz tão bem feito. Ainda tive tempo de indagar: onde vais hoje?

— A toda parte! Respondeu, perdendo-se num grupo tumultuoso.

— Estava perseguindo-te! Comentou Maria de Flor.

— Talvez fosse um homem... soprou desconfiado o amável Anatólio.

— Não interrompam o Heitor! Fez o barão, estendendo a mão.

Heitor acendeu outro *gianaclis*, ponta de ouro, sorriu, continuou:

— Não o vi mais nessa noite, e segunda-feira não o vi também. Na terça desliguei-me do grupo e caí no mar alto da depravação, só, com uma roupa leve por cima da pele todos os maus instintos fustigados. De resto a cidade inteira estava assim. É o momento em que por trás das máscaras as meninas confessam paixões aos rapazes, é o instante em que as ligações mais secretas transparecem, em que a virgindade é dúbia e todos nós a achamos inútil, a honra uma caceteação, o bom senso uma fadiga. Nesse momento tudo é possível, os maiores absurdos, os maiores crimes; nesse momento há um riso que galvaniza²⁴⁸ os sentidos e o beijo se desata naturalmente.

Eu estava trepidante, com uma ânsia de acanalhar-me, quase mórbida. Nada de raparigas do galarim perfumadas e por demais conhecidas, nada do contato familiar, mas o deboche anônimo, o deboche ritual de chegar, pegar, acabar, continuar. Era ignóbil. Felizmente muita gente sofre do mesmo mal no carnaval.

— A quem o dizes!... Suspirou Maria de Flor.

— Mas eu estava sem sorte, com a *guigne*²⁴⁹, com o *caiporismo*²⁵⁰ dos defuntos índios. Era aproximar-me, era ver fugir a presa projetada. Depois de uma dessas caçadas pelas avenidas e pelas praças, embarafustei pelo S. Pedro, meti-me nas danças, rocei-me àquela gente em geral pouco limpa, insisti aqui, ali. Nada!

248 Arrebata. Reanima.

249 Adversidade, azar.

250 Azar, urucubaca.

— É quando se fica mais nervoso!

— Exatamente. Fiquei nervoso até o fim do baile, vi sair toda a gente, e saí mais desesperado. Eram três horas da manhã. O movimento das ruas abrandara. Os outros bailes já tinham acabado. As praças, horas antes incendiadas pelos projetores elétricos e as cambiantes enfiadas nos fogos de bengala, caíam em sombras — sombras cúmplices da madrugada urbana. E só, indicando a folia, a excitação da cidade, um ou outro carro arriado levando máscaras aos beijos ou alguma fantasia tilintando guizos pelas calçadas fofas de “*confetti*”. Oh! a impressão enervante dessas figuras irreais na semissombra das horas mortas, roçando as calçadas, tilintando aqui, ali um som perdido de guizo! Parece qualquer coisa de impalpável, de vago, de enorme, emergindo da treva aos pedaços... E os dominós embuçados, as dançarinas amarfanhadas, a coleção indecisa dos máscaras de último instante arrastando-se extenuados! Dei para andar pelo largo do Rocio e ia caminhando para os lados da secretaria do interior, quando vi, parado, o bebê de tarlatana rosa.

Era ele! Senti palpitar-me o coração. Parei.

— “Os bons amigos sempre se encontram”, disse. O bebê sorriu sem dizer palavra. Estás esperando alguém? Fez um gesto com a cabeça que não. Enlacei-o. — Vens comigo? — Onde? Indagou a sua voz áspera e rouca. — Onde quiseres! Peguei-lhe nas mãos. Estavam úmidas, mas eram bem tratadas. Procurei dar-lhe um beijo. Ela recuou. Os meus lábios tocaram apenas a ponta fria do seu nariz. Fiquei louco.

— Por pouco...

— Não era preciso mais no Carnaval, tanto mais quanto ela dizia com a sua voz arfante e lúbrica: — “Aqui não!” Passei-lhe o braço pela cintura e fomos andando sem dar palavra. Ela apoiava-se em mim, mas era quem dirigia o passeio e os seus olhos molhados pareciam fruir todo o bestial desejo que os meus diziam. Nessas fases do amor não se conversa. Não trocamos uma frase. Eu sentia a ritmia desordenada do meu coração e o sangue em desespero. Que mulher! Que vibração! Tínhamos voltado o jardim. Diante da entrada

que fica fronteira à rua Leopoldina, ela parou, hesitou. Depois arrastou-me, atravessou a praça, metemo-nos pela rua, escura e sem luz. Ao fundo, o edifício das Belas Artes era desolador e lúgubre. Apertei-a mais. Ela aconteceu-se mais. Como os seus olhos brilhavam! Atravessamos a rua Luiz de Camões, ficamos bem em baixo das sombras espessas do Conservatório de Música. Era enorme o silêncio e o ambiente tinha uma cor vagamente russa com a treva espancada um pouco pela luz dos combustores distantes. O meu bebê gordinho e rosa parecia um esquecimento do vício naquela austeridade da noite. — Então, vamos? Indaguei. — Para onde? — Para a tua casa. — Ah! Não, em casa não podes... Então por aí. — Entrar, sair, despir-me. Não sou disso! — Que queres tu, filha? É impossível ficar aqui na rua. Daqui a minutos passa a guarda. — Que tem? — Não é possível que nos julguem aqui para bom fim, na madrugada de cinzas. Depois, às quatro tens que tirar a máscara. — Que máscara? — O nariz. — Ah! Sim! E sem mais dizer, puxou-me. Abracei-a. Beije-lhe os braços, beije-lhe o colo, beije-lhe o pescoço. Gulosamente a sua boca se oferecia. Em torno de nós o mundo era qualquer coisa de opaco e de indeciso. Sorvi-lhe o lábio.

Mas o meu nariz sentiu o contato do nariz postiço dela, um nariz com cheiro a resina, um nariz que fazia mal. — Tira o nariz! — Ela segredou: Não! Não! Custa tanto a colocar! Procurei não tocar no nariz tão frio naquela carne de chama.

O pedaço de papelão, porém, avultava, parecia crescer, e eu sentia um mal-estar curioso, um estado de inibição esquisito. — Que diabo! Não vás agora para casa com isso! Depois não te disfarça nada. — Disfarça sim! — Não! Procurei-lhe nos cabelos o cordão. Não tinha. Mas abraçando-me, beijando-me, o bebê de tarlatana rosa parecia uma possessa tendo presa. De novo os seus lábios aproximaram-se da minha boca. Entreguei-me. O nariz roçava o meu, o nariz que não era dela, o nariz de fantasia. Então, sem poder resistir, fui aproximando a mão, aproximando, enquanto com a esquerda a enlaçava mais, e de chofre agarrei o papelão, arranquei-o. Presa dos meus lábios, com dois olhos que a cólera e o pavor pareciam fundir, eu tinha uma cabeça estranha, uma cabeça sem nariz, com dois buracos sangren-

tos atulhados de algodão, uma cabeça que era alucinadamente — uma caveira com carne...

Despueguei-a, recuei num imenso vômito de mim mesmo. Todo eu tremia de horror, de nojo. O bebê de tarlatana rosa emborcara no chão com a caveira voltada para mim, num choro que lhe arregaçava o beijo mostrando singularmente abaixo do buraco do nariz os dentes alvos. — Perdoa! Perdoa! Não me batas. A culpa não é minha! Só no Carnaval é que eu posso gozar. Então, aproveito, ouviste? Aproveito. Foste tu que quiseste...

Sacudi-a com fúria, pu-la de pé num safanão que a devia ter desarticulado. Uma vontade de cuspir, de lançar apertava-me a glote, e vinha-me o imperioso desejo de esmurrar aquele nariz, de quebrar aqueles dentes, de matar aquele atroz reverso da luxúria... Mas um apito trilou. O guarda estava na esquina e olhava-nos, reparando naquela cena da semitreva. Que fazer? Levar a caveira ao posto policial? Dizer a todo o mundo que a beijara? Não resisti. Afastei-me, apressei o passo e ao chegar ao largo, inconscientemente deitei a correr como um louco para a casa, o queixo batendo, ardendo em febre.

Quando parei à porta de casa para tirar a chave, é que reparei que a minha mão direita apertava uma pasta oleosa e sangrenta. Era o nariz do bebê de tarlatana rosa...

Heitor de Alencar parou, com o cigarro entre os dedos, apagado. Maria de Flor mostrava uma contração de horror na face e o doce Anatólio parecia mal. O próprio narrador tinha a camarinhar-lhe²⁵¹ a fronte gotas de suor. Houve um silêncio agonizante. Afinal o barão Belfort ergueu-se, tocou a campainha para que o criado trouxesse refrigerantes, e resumiu:

— Uma aventura, meus amigos, uma bela aventura. Quem não tem do carnaval a sua aventura? Esta é, pelo menos, empolgante.

E foi sentar-se ao piano.

251 Apresentar pequenas gotas, camarinhas de suor.

ILLUSION DISPLAY

To João de Barros

How could that have happened? Looking at himself into the mirror, while he tied a loose bow with his silk scarf, Geraldo smiled a pleased and slightly evil smile, which all men have when they recall an adventure in which they outsmarted someone. How had it happened?... It had been pure chance, just by chance. Being poor, with no ambitions, he had rented a very small place on the hill, in *Santa Luzia* Street, right by the sea. The sea is an energy provider. Contemplating the waves and inhaling the sea air did him good. After all he woke up early, almost at dawn, and as the neighborhood consisted almost completely of fishermen, of bathers, and of youngsters from the boat Racing clubs, he went to the bathing beach dressed his mesh shirt, with his bare feet inside a huge pair of clogs. Whoever saw him, a strong man like that, with his thick moustache, his black wavy hair, his hairy arms, could never take him for a medical student. There was something in his eyes that reminded of those boatmen from Naples, of languish serenades, and in his happy countenance, in his gestures, one could recognize his distinctive Italian demeanor. You can certainly tell a man's place of origin by looking at him. Geraldo had started as a humble man of Italian ascent. Working job after working job eventually made him a university student, thanks to the perseverance of his intelligence. Nevertheless, no matter how estimated he was by his classmates, it was so pleasant for his soul to stroll his legs along the bathing houses halls,

almost naked, talking in Napolitano dialect with the bathers, the same traditional bathers who had been there for twenty years.

It was so good, but so bizarre! At first, he stayed in the patio, near the manager's tent, which was loaded with bundles of clothes, had a key holder on the wall and a lit gas burner. It was the regulars' arrival time. There were pale women, housewives accompanied by their children and servants, a troupe of anemics. There were men with an unsteady walk, rheumatic disease patients, those with Beriberi, and maybe with tuberculosis. There were the regulars, respectable gentlemen, bourgeois with a solemn air, who had been taking their baths since they were children, who would counsel a dive into the salty element for all maladies. And fellows who came especially for partying, for the swimming lessons, the dating with underwater squeezes, the excited girls, the *cocottes* of a deathly paleness at that early time..., and there were also many chic women, many beauties that the beach *mirones* watched through their binoculars.

But Geraldo did not have any intention of conquest, and that stretching in the bathing house was a mere strengthening for his study, which would restart hours later, with his hospital work, his classes and his books. After resting in the manager's room, he went to talk with the bathers, laughing, and playing. At last, he plunged into the water, amidst the hullabaloo of conquerors and young women; and being always shy, he only socialized with staff people. No one would take him for a student and even the working folks addressed him informally.

He was talking to Nicolau in a narrow and dark corridor when one of the little bedroom doors opened, and a beautiful blonde creature called out:

“Mr. bather, please come here.”

Nicolau moved forward.

“Not you, the other one. Yes, you.”

Geraldo smiled embarrassedly. She had mistaken him for a bather! He was a student, a university undergraduate! However, although the fact

humiliated him a little, he felt a romantic and unpredicted desire of impersonating a bather and, in this way, having his first student adventure. Students are all naughty! He gripped Nicolau's arm and told him, in the dialect from Naples that he should let him go, and then approached the blonde woman, who was already dressed for bathing.

"I do not want that old bather any more. I have taken my bath for five days and right on the first one I asked him to keep my room dry. He has not done what I asked,—look at that! So, if you wish, you can do it. Would you like to?"

Geraldo had bent forward, silent. The blonde lady opened her silver purse and took out a banknote.

"Here you are. Won't you accept it? Oh, well, go ahead and have it, to warm up. Go on!"

"Grazzie, signorina²⁵² ..."

"Tell me: are you Italian?"

"Io sono venuto da Napoli fa tre anni²⁵³..."

"Oh, well... And how old are you?"

"Venti e due²⁵⁴."

The blonde woman stared at him deeply, gave a slight sigh, and asked:

"What are you called?"

"Túlio."

"Come and bathe me."

Geraldo went into the ocean to bathe the blonde lady, feeling extremely happy with the adventure. When he returned, he was about to burst into laughter as he felt amused at how the little woman had really mistaken

²⁵² Thank you Miss. In Italian in the text.

²⁵³ I came from Napoli three years ago. In Italian.

²⁵⁴ Twenty-two. In Italian.

him for a bather. Nonetheless, the unforeseen circumstance aroused in him the desire to go on with it. Yes, he would do it. Therefore, he asked the bathing house owner for his permission to continue with it. The man, who was an old Italian, did not accept wrongdoing in his business, however, as it was Geraldo who asked him, he allowed the young man to act as a bather. The others laughed until they could not breathe, somewhat proud that a student was just like them after all. And Geraldo, who hadn't told about it to anyone at school due to some decency, did not miss a single day's work at the bathing house. He would arrive at the house very early, with his bare feet, his bathing suit, his shirt unbuttoned. The blond lady always arrived at six and thirty.

“So, Túlio, what about my room?”

“It is ready for you madam.”

At the end of the fifth day, he played his role of an operetta's bather and she told him her name was Alda Pereira, she was a Brazilian woman from the south, she was twenty and seven years of age, and that a established protector had accepted her, – Senator Eleutério -, after her separation from her husband. She said those things naturally, while she was learning how to swim.

“Ouch! Don't you drown me, young man. Dying at twenty-seven...”

Or, at other times:

“You can take my word as *rio-grandense*, Alda Pereira, that learning how to swim is very tough indeed!”

He smiled and wanted to take her farther away.

“No, don't do it! Senator Eleutério might find it out, my friend; and after I was separated from my husband, I have become really afraid of jealousy...”

A slight intimacy was gradually growing out of that bathing time.

He tried to use vulgar terms, copied the other's way of laughing, and said impolite things with a naive air and his illiterate tone. And she

seemed to grow more and more confident in him, as she rested her head on his shoulders already and grabbed his strong arms at some ease. She asked him once:

“You are a clever young man. Why won’t you change your life? Don’t you have any ambitions?”

“No, *signorina!*”

“I bet you can’t read.”

He stopped for a moment, feeling astonished. Was she joking with him because she had already learned about everything? Would it be the case of his making a move and not waiting for the pleasure of being conquered by her? But Alda had an expression of such velvety-soft mercy that he decided to go ahead with his farce.

“It is true. I cannot even read.”

“Good God! A twenty-two-year-old man who can’t read!”

On that day, her eyes got wetter, and he was certain that she let herself fall onto his wide chest at the break of a wave. There was no doubt! The woman loved him, just like some ladies love impetuous adolescents from lower classes; the creature was a romantic neurotic. And he was definitely lucky.

As they were leaving on the next day, Alda Pereira inquired him:

“Túlio, would you wish to learn to read?”

“*Signorina*, will you pay me a teacher?”

“I will teach you myself.”

“So I do. Where?”

“Go to my place later, at seven; it is the best time.”

He had gotten himself a denim dolman, which was a long sort of open coat; he had bought a silk scarf and a soft fabric hat in order to look like the locals. And so, he was on his way. The blond lady lived in a side street at *Lapa*, in an elegant and discreet house, with just two servants. He was

shown his way into a little modern style room, in which the furniture looked rather uncomfortable and the walls had paintings of women dressed in tunics and playing trumpets. Alda was there.

“Come in, Túlio. Don’t be shy. Francine, please leave the door open... Mind you, I have bought your book already. Take a seat, take a seat...”

She was visibly moved, with her nervous smile and her blushed face. He found it all pleasantly ludicrous. Any other man would have made a move at her; his natural shyness and his intention of accomplishing a loving fantasy prevented him from advancing further. And it seemed the height of absurdity for him to be taught how to read and write by that interesting woman, just as in the French *vaudevilles*, in a burlesque scene. He sat down. She showed him the book on her table, and drew her chair closer on the opposite side. And then she started teaching him, with her voice sounding wet and mysterious.

“What letter is this?”

Geraldo pretended to be completely ignorant and bent way forward, in order to feel her blond hair touching his forehead slightly. Sometimes their hands brushed each other. Hers were freezing cold. His were burning hot. At the end of one hour, she said in a sigh:

“Well, you can go away.”

He could hardly speak. He bent even farther, breathing heavily, and when he was about to touch her, she called:

“Francine, can you please see Túlio out?...”

He left feeling furious! His wish was to state his true position and make an attitude. But what for? It wouldn’t have been of any use! He wouldn’t have enjoyed her and it would have been an adventure without any good result! Never! Even if he had to study the alphabet for his whole life,—that one, at least, would not escape him. And since the early morning he went to wait for her, feeling completely in love, at the bathing house. Yes, he felt passionate indeed. Passion is nearly always the wish to triumph, which

one imagines will happen a certain way. There is always a winner in a lover's soul. And he wanted to play a trick on her. What trick? After all, he wanted to confound the beautiful woman of a strange desire. And Alda Pereira also seemed to love him, because she came there with dark circles under her eyes and looking fatigued.

"I have studied, you know?", he said, staring at her.

"Are you serious?"

"Would you like to ask me any questions on the lesson today?"

"No, tomorrow we will do it..."

He became prepared, and went to her place. He had learnt the alphabet already. Alda Pereira smiled, delighted.

"How clever you are! Let us spell. After all you must make a teacher proud."

The class would go on. She had her head bent forward, showing the naked nape of her neck. He was leaning against the table, with that vulgar and potent tone, which his physique augmented. The light was dim and Geraldo only moved his head and brushed his moustache against her venust²⁵⁵ neck. She trembled, stretching out her hands, and she sighed like a dove.

"Oh, Túlio..."

He pressed his thick lips and clenched her hands. She thrashed about, turned her head and her purplish, avid and eager mouth, and sucked Geraldo's lips. Not a word did they speak. They were in a different world. He fell onto his knees, she tilted, and both rolled over. She was frantic and delicious. Lusciously delightful. She was pure, vibrating passion. Then, Geraldo returned to his little house a different, astounded man, not knowing what he had seen, and recollecting her embraces and her words:

²⁵⁵ Related to Venus, the Greek-Roman goddess of love.

“Túlio! Túlio! Do not say a word about this to anyone! It is my life! Bear in mind what I have done for you. Only love, so much love...”

Then, a life of delirium commenced. She surrendered to him and felt him like a huge chord of her own being. Every kiss was a revelation; every hug was a dissolution of a world. And the need to hide that feeling from profane eyes made them burn with desire even more. In her bath, she anticipated the moment she would squeeze him, bite him, and she waited for his kiss with her bedroom door half-open; at home, the reading lessons were Paolo and Francesca's, in Dante's verses. Never, however, did she imply she suspected of his true situation, and Geraldo, feeling unworthy of himself and not Strong enough to tell the truth, continued to be Túlio, the bather.

At last, Senator Eleutério learnt about their affair and, being to her more of a father than a lover, he decided to send Alda to Europe, in order to put an end to the scandal. Alda cried, and she wanted to live without any clothes, in Santa Luzia, with her Túlio, and it was such a hassle to convince her of a brief separation.

“Do you wish that, Túlio?”

“It is for your own good.”

“Are you certain? It is our love that you are killing...”

Eleutério had bought the tickets, and arranged it all. Alda would then depart on the following day. While preparing himself for his last visit, Geraldo recalled those two crazy romantic months. How incredible it had been! How would it have been possible to be predicted? Before her departure, nevertheless, he should tell her the truth. He was going to perform his last act.

So, he combed his hair in the bathers' style, with a lot of hair pomade, put his hat and his cape on, adjusted his silk scarf once more and left. Alda was inside the same room as she had been in their first meeting, looking crestfallen. She stretched out her hands and mouth to him.

“My love... Out last time!”

And she let herself fall.

“Alda, what is this? Do not lose heart...”

“Do you remember two months ago?... So much love! When I saw you, since I saw you for the first time, my love, I have loved you. It did not matter to me that you were a bather. For I desired your flesh, your body, your eyes, my predicted beloved one... Never, never again will I feel what I have felt for you, in the sea, when I had you by my side... strong, faithful, and mine... Tell me there will never be one like me...”

“But Alda...”

“So many women go to that place! And you must serve them all, by holding them, by saving them...”

Geraldo realized the moment was right.

“Alda, I must tell you something...”

“Don’t say it! Don’t say a word!”

“No, there is an error, an error that cannot go on .”

“There is not, Túlio, there is not one at all!...”

“Yes, there is.”

“So leave it be!”

“No, I won’t. You think I am bather Túlio, born in Naples.”

“Are you not? Yes, you are, you are my Túlio.”

“My child! I am a medical student, and I am called Geraldo Pietri.”

But, as Alda receded, with her silent countenance, Geraldo had some pity for her.

“Yes, Geraldo, a student who pretended to be a bather, in order to love you...”

Silence was made. Alda had taken a seat. Then, as Geraldo approached her, she smiled and repelled him.

“No, sit down. Or leave. You had better go.”

“But what about our last night together?”

“Go away.”

“Are you annoyed?”

“No, I thought you had more spirit. But you do not. I knew it all, you know? I had known it all, who you were, from the first day. If I did not know, I would have inquired about you and I would have gotten some information. I knew it. My love began from a joke. All in life is an illusion and only illusion is true. Truth is a lie because it is ordinary and vulgar. I loved you when I wished to make a refined pleasure recess out of this feeling through which both of us would make an effort to give each other some illusion. You never disillusion a woman because you cannot kill illusion. I loved an idealized person, which would be more shocking if it were true... an unexpected bather, a savage, a son of the seas and the songs in you, because you pretended it so well. You have killed Túlio. What is Geraldo, the student, to me? Nothing! I will not leave any more. I do not need to. Farewell! And never, my naïve boy, should you wish to be true about the feeling that loves illusion.”

Feeling nervous and not knowing what to do with his Calabrian hat, Geraldo had the lamentable and curious sensation that took hold of him again, – an ordinary and vulgar self. Alda made him one last vague hand motion. Finding himself on the street once more, and feeling embarrassed, furious and sad, the poor young man rushed away, fearing that he would be identified as having just returned from his love encounter. And only in his humble bedroom, could he cry and cry at length, for not having known how to fully keep the principle of life – illusion...

A PARADA DA ILUSÃO

A João de Barros

Como tinha sido aquilo! Diante do espelho, a dar um laço frouxo no lenço de seda, Geraldo sorria o sorriso satisfeito e vagamente mau que têm todos os homens quando recordam uma aventura em que foram os mais expertos. Como tinha sido!... O acaso, apenas o acaso. Pobre, sem pretensões, alugara por uma ninharia aquele casinhoto do morro, bem na rua de Santa Luzia, defronte do mar. O mar é um fornecedor de energia. Contemplar as ondas, aspirar o ar infiltrado de salsugem fazia-lhe bem. Depois, acordava cedo, quase de madrugada, e como a vizinhança era quase toda de pescadores, de banhistas, de jovens dos centros de regatas, ia mesmo de camisa de meia, com os pés nus metidos nuns enormes tamancos, ao estabelecimento balneário. Quem o visse grosso, forte, o bigode espesso, a negra cabeleira ondeante, o braço cabeludo, não o diria jamais um estudante de medicina. Havia no seu olhar qualquer coisa dos barqueiros de Nápoles, do langor das serenatas, e na alegria do semblante, na gesticulação, o ar da raça, o ar que não falha. Basta olhar um homem para se sentir donde ele veio. Geraldo começara humilde, de origem italiana. De trabalho em trabalho fizera-se afinal acadêmico, graças à pertinácia da sua inteligência. Mas por mais querido que fosse entre os colegas, era uma delícia para a sua alma ir arrastar as pernas pela madrugada nos corredores da casa de banhos, quase nu, a conversar em napolitano com os banhistas, os tradicionais banhistas há vinte anos os mesmos.

Era tão bom, tão bizarro! A princípio, postava-se no pátio, junto da barraca do gerente, escura de roupas em trouxas com um quadro das chaves e o bico de gás aceso. Era a chegada dos frequentadores. Havia mulheres pálidas, mães de família, acompanhadas de crianças e de criadas, verdadeiros regimentos de cloróticos; havia sujeitos de passo trôpego, reumáticos, beribéricos, talvez tísicos; havia os habituais, senhores respeitáveis, burgueses de ar solene, que tomavam banho de mar desde crianças, aconselhando para todas as moléstias um mergulho no salso elemento; e sujeitos que vinham especialmente para a pândega, as lições de natação, os namoros com apertões debaixo da água, as meninas assanhadas, as cocotes, as cocotes de uma palidez mortal àquela hora... E havia também muita mulher chique, muita mulher de estalo, que os mirones da praia até olhavam de binóculo.

Mas Geraldo não tinha pretensões a conquistas, e aquele espreguiçamento na casa de banhos era apenas uma tonificação para o estudo, que começava horas mais tarde, com o curso dos hospitais, as aulas, os livros. Depois de descansar na gerência ia a trocar palavras com os banhistas, rindo, brincando. Afinal atirava-se à água, no meio da algazarra dos conquistadores e das pequenas, e sempre tímido, só metido com a gente do serviço. Ninguém o tomaria por um estudante e o próprio pessoal da casa tratava-o familiarmente por tu.

Uma vez, estava no corredor estreito e escuro a conversar com o Nicolau, quando mesmo ao pé abriu-se a porta de um dos quatinhos e uma linda criatura loura chamou:

— O senhor banhista, venha cá.

Nicolau adiantou-se.

— Não, o outro. Sim, você mesmo.

Geraldo sorriu enleado. Tomavam-no por banhista! Ele, um estudante, um acadêmico! Mas, ao mesmo tempo que o fato o humilhava um pouco, sentia um desejo imprevisto e romântico de se deixar passar por banhista e ter assim a sua primeira façanha de estudante. Os estudantes são todos

levados da breca! Apertou o braço do Nicolau, disse-lhe em calão de Nápoles que o deixasse, e aproximou-se. A dama loura estava já vestida para o banho.

— Não quero mais aquele banhista velho. Há cinco dias que tomo banho e logo no primeiro pedi-lhe conservar-me o quarto seco. Não há meio. Veja só. Fica você. Quer?

Geraldo curvava-se, sem uma palavra. A dama loura abriu a bolsa de prata, tirou uma nota.

— Tome. Não quer receber? Ora esta! Receba. Para esquentar. Ande lá.

— *Grazzie, signorina...*

— Diga: é italiano?

— *Io sono venuto da Napoli fa tre anni...*

— Ah! Bem. E quantos tem de idade?

— *Vinte e due.*

A dama loura olhou-o profundamente, teve um leve suspiro, e ainda indagou

— Como se chama?

— Túlio.

— Venha dar-me banho.

Infinitamente alegre com a aventura, Geraldo seguiu para o oceano a dar banho na dama loura, e quando voltou estava a arrebrantar de riso. Não é que a mulherzinha o tomava mesmo por banhista? Entretanto, o imprevisto do caso acendia-lhe o desejo de continuar. Sim, continuaria. E falou ao dono da casa de banhos. O homem, um italiano velho, não gostava de patifarias no estabelecimento. Mas, como era para ele, Geraldo, consentia. Os outros riam a perder, um pouco envaidecidos porque, afinal, um estudante era tal qual eles. E Geraldo, que não dissera a coisa na escola por um certo pudor, não faltou mais. Logo cedo lá estava no estabelecimento, de pés nus, calção de meia, camisa aberta. A dama loura chegava sempre às seis e meia.

— Então, Túlio, o meu quarto?

— Pronto, patroa, prontinho.

No fim do quinto dia, ele fazia tão bem o papel de banhista de opereta, que ela lhe disse o nome. Era Alda Pereira, brasileira, do sul, tinha vinte e sete anos, e um protetor sério, o senador Eleutério, que a tomara depois da separação do marido. Dizia essas coisas naturalmente, aprendendo a nadar.

— Ai! Não me afogues, rapaz. Morrer aos vinte e sete anos...

Ou então:

— Palavra de rio-grandense e de Alda Pereira que aprender a nadar custa!

Ele sorria, queria levá-la para longe.

— Não, que o senador Eleutério pode saber; e eu, meu filho, depois que me separei do meu marido, tenho muito medo do ciúme...

Uma suave intimidade brotava aos poucos daquela hora de banho.

Ele procurava termos vulgares, copiava o rir dos outros, dizia coisa grossas com um ar ingênuo, o seu tom de analfabeto, e ela parecia ter cada dia mais confiança. Já se encostava ao seu ombro, já lhe agarrava o pulso potente de certo modo. Uma vez perguntou-lhe:

— Você, um rapaz inteligente, porque não muda de vida? Criança! E não tem aspirações?

— Não, *signorina!*

— Aposto que nem sabe ler?

Ele parou um instante atônito. Estaria ela a brincar, já sabedora de tudo? Seria o caso de avançar e não gozar mais o prazer de ser conquistado. Mas Alda tinha uma expressão de tão velutínea piedade, que não hesitou na farsa.

— É verdade. Nem sei ler.

— Meu Deus! Um rapaz de vinte e dois anos que não sabe ler!

Os seus olhos nesse dia tornaram-se mais úmidos, e ao rebentar de uma onda na ponte ela se deixou positivamente cair no seu largo peito. Não tinha dúvida! A mulher amava-o como certas damas amam os impetuosos adolescentes das classes baixas; a criatura era uma nevrosada romântica. Decididamente estava de sorte.

No dia seguinte, à saída, Alda Pereira indagou:

— Ó Túlio, queria você aprender a ler?

— A *signorina* paga o professor?

— Ensino eu mesma.

— Então quero. Onde?

— Vá à minha casa. Logo, à noite, às sete; é a melhor hora.

Ele arranjava um dolmã de brim, um capote comprido; comprara o lenço de seda e um chapéu desabado para aparecer com a cor local. E fora. A dama loura habitava, numa rua transversal à Lapa, uma casa elegante e discreta, com duas criadas apenas. Fizeram-no entrar para uma saleta de estilo moderno, em que os móveis eram incômodos e as paredes tinham mulheres de túnica soprando trombetas. Alda lá estava.

— Entre, Túlio. Nada de acanhamentos. Francine, deixa a porta aberta... Sabe que já lhe comprei o seu livro? Sente-se, menino, sente-se...

Evidentemente, ela estava comovida, com um riso nervoso, as faces coradas. Ele achava aquilo deliciosamente ridículo. Outro qualquer teria avançado; a sua natural timidez, a pretensão de levar a cabo uma fantasia romântica inibiam-no de um movimento de ataque. E parecia-lhe o cúmulo aprender o alfabeto ensinado por aquela interessante mulher, tal qual nos *vaudevilles* franceses, numa cena de burla. Sentou-se. Ela mostrou-lhe o livro na mesa, aproximando a cadeira do outro lado. E começou a ensinar, com a voz molhada de mistério.

— Que letra é esta?

Geraldo fazia-se inteiramente bronco, curvava-se muito para sentir os louros cabelos dela roçando-lhe ao de leve a fronte. Às vezes as mãos se encontravam. As dela estavam geladas. As dele eram de brasa. Ao fim de uma hora, ela disse num suspiro

— Bom, vai embora.

Ele quase não podia falar. Curvou-se mais, respirando forte, e ia tocá-la, quando ela chamou:

— Francine, acompanha o Túlio até a porta...

Como saiu ele furioso! A sua vontade foi declarar a verdadeira posição, tomar uma atitude. Mas, para quê? Não teria realizado nada! Não a gozaria! Era uma aventura falha. Nunca! Tivesse que estudar o alfabeto a vida inteira — aquela, ao menos, não lhe escaparia. E, desde a madrugada, foi esperá-la na casa de banhos, apaixonado. Sim, de fato, apaixonado. Ele não estava senão apaixonado. A paixão é quase sempre o desejo de um triunfo, que se imagina de um certo e determinado modo. Há sempre um vencedor na alma de um amante. Ele queria pregar uma peça. Que peça? Enfim, queria confundir a linda mulher de estranha vontade. E Alda Pereira parecia também amá-lo, porque apareceu de olheiras, com um ar fatigado.

— Sabe que estudei? Fez ele, olhando-a fixo.

— Palavra?

— Quer tomar a lição hoje?

— Não, amanhã...

Ele se preparou, e foi. Já sabia o alfabeto. Alda Pereira sorria, enlevada.

— Mas como é inteligente! Vamos a soletrar. Olhe que você pode dar orgulho a um professor.

A aula ia continuar. Ela tinha a cabeça curvada, mostrando a nuca nua. Ele estava encostado à mesa, com aquele tom vulgar e potente, que o seu físico ajudava. A luz era tênue. Geraldo moveu apenas a cabeça e roçou o bigo-

de no pescoço venusto. Ela estremeceu, estendeu as mãos e suspirou como uma rola.

—Ah! Túlio...

Ele firmou os lábios polpudos e apertou-lhe as mãos. Ela se debateu, voltou a cabeça e a sua boca purpurina, ansiosa e ávida, sugou o lábio de Geraldo. Nem uma palavra. Estavam num outro mundo. Ele caiu de joelhos, ela pendeu, rolaram os dois. Era frenética e deliciosa. Deliciosamente deliciosa. A própria paixão a vibrar. E Geraldo voltou ao casinhoto, outro homem, aturdido, sem compreender o que via, a lembrar-se dos seus abraços e das palavras suas:

— Túlio! Túlio! Não digas a ninguém! É a minha vida! Lembra-te do que fiz por ti. Só o amor, muito amor...

A vida de delírio começou então. Ela entregava-se e sentia-o como um imenso acorde do seu próprio ser. Cada beijo era uma revelação, cada abraço a dissolução de um mundo. E a necessidade de ocultar de olhares profanos aquele sentimento ainda mais os incendiava. No banho, ela estudava o momento de apertá-lo, de mordê-lo, esperava com a porta do quarto entreaberta para um beijo; em casa, as lições de leitura eram a leitura de Paulo e Francesca, no verso de Dante. Jamais, porém, ela mostrava desconfiar da sua verdadeira situação, e Geraldo, sentindo-se indigno de si mesmo, continuava a ser o banhista Túlio, sem forças para dizer a verdade.

Afinal, o senador Eleutério soubera do caso, e, mais pai do que amante, resolvera mandar Alda à Europa, a ver se o escândalo terminava. Alda chorava, queria viver sem roupas, em Santa Luzia, com o seu Túlio, e fora um verdadeiro trabalho o convencê-la de uma breve separação.

— Tu queres, Túlio?

— É para teu bem.

— Queres mesmo? É o nosso amor que matas...

Eleutério comprara as passagens, combinara tudo. Era no dia seguinte que Alda partiria. Geraldo, preparando-se para a última visita, lembrava

aqueles dois meses loucos de romantismo. Como aquilo fora! Era lá possível prever? Antes, porém, da partida era preciso dizer-lhe a verdade. Ele ia para o último ato.

Então penteou o cabelo como os banhistas, com muita brilhantina, pôs o chapéu e o capote, consertou ainda uma vez o lenço de seda, e partiu. Alda estava na mesma sala da primeira vez, muito abatida. Estendeu-lhe as mãos e a boca.

— Meu amor... A última vez!

E deixou-se cair.

— Alda, que é isso? Ânimo...

— Lembras-te? Há dois meses!... Quanto amor! Quando te vi, desde que te vi, meu amor, amei-te. Que me importava que tu fosses banhista? Se era a tua carne, o teu corpo, os teus olhos que eu desejava, meu adivinhado querido... Nunca, nunca mais sentirei o que senti por ti, no mar, quando te tinha a meu lado, forte, meu, fiel... Dize!... Nenhuma outra será como eu. Pois não?

— Mas, Alda...

— Àquela casa vão tantas mulheres! E tu tens que servir a todas, tens que as segurar, tens que as salvar...

Geraldo, viu que era o momento.

— Alda, tenho que te dizer...

— Não digas! Não digas nada!

— Não, há um engano, um engano que não pode continuar.

— Não há, Túlio, não há!...

— Há.

— Pois deixa-o!

— Não. Tu pensas que eu sou o banhista Túlio, nascido em Nápoles.

— E não és? És sim, és o meu Túlio.

— Criança! Eu sou estudante de medicina, chamo-me Geraldo Pietri.

Mas, como Alda recuava, com a fisionomia demudada, Geraldo teve um resto de piedade.

— Sim, Geraldo, estudante, que se fez passar por banhista para te amar...

Um silêncio tombou. Alda sentara-se. Depois, como Geraldo se aproximasse, sorriu, afastando-o.

— Não, senta-te. Ou vai-te. É melhor ires. Vai-te.

— Mas a nossa última noite?

— Vai-te.

— Zangaste-te?

— Não, pensei que tinhas mais espírito. Não tens. Eu sabia, ouviste? eu sabia desde o primeiro dia, quem eras tu. Se não soubesse, teria perguntado por ti e dar-me-iam informações. Eu sabia. O meu amor nasceu de uma brincadeira. Tudo na vida é ilusão e só a ilusão é verdadeira. A verdade é a mentira porque é o comum e o vulgar. Amei-te, querendo fazer desse sentimento uma parada de gozo superfino em que ambos nos esforçássemos por dar a cada um a ilusão. Nunca se desengana uma mulher porque não se mata a ilusão. Eu amava um ser idealizado, que seria chocante se fosse verdadeiro, um banhista imprevisto, um selvagem, filho do mar e das canções, em ti que o fingias bem. Tu mataste Túlio. Que me importa a mim o estudante Geraldo? Já nem parto. Não é preciso. Adeus! E nunca, ingênuo rapaz, queiras ser verdadeiro nas coisas do sentimento que ama a ilusão.

Geraldo, nervoso, sem saber o que fazer do seu chapéu calabrês, sentia a lamentável, uma curiosa e lamentável sensação de que retomava o seu eu; um eu vulgar e comum. Alda fez-lhe ainda um vago gesto. Na rua, outra vez, envergonhado, furioso, triste, o pobre rapaz deitou quase a correr, com o receio de que o conhecessem ainda mal vindo da parada romântica. E só no quarto humilde é que pode chorar, chorar longamente não ter sabido guardar integralmente o princípio da vida — a ilusão...

LAURINDA BELFORT

Laurinda Belfort had a fright. Her ivory clock, which was discreetly entrenched in the left corner of the car, told two hours and five minutes. And that accurate clock, incapable of being early or late, always told the precise time so that Laurinda Belfort could calmly and timely put right her so many chores of her sweet-smelling days. So, it had then been thirty and five minutes that poor and ordinary Guilherme Guimarães had been waiting for her, loving and lonely in his house.

Laurinda leant back, in two minds between the idea of rushing the coachman, and the desire of not going there, of missing it once more. She had the greedy wish to leave the engrossing interview without the presence of her body. Nevertheless, Guilherme's stare would follow her at night, in a silent and angry complaint at the theatre or at the Countess of Souto's *raout*²⁵⁶; and, as the car approached his house, Laurinda felt her cold hands, a slight annoyance, an odd refusal of all her body, such as one feels before making a great sacrifice...

Ah! Honestly speaking, she felt uninterested already. On their first day, on whose morning their first interview occurred, she would have whipped the coachman to hurry him up, to take a flight. On this doomed Thursday, however, she had dressed slowly, she had talked during lunchtime like she had done her entire life – a result of imitations, a copy of costumes. As a child, she would impersonate the affected gestures of her posh classmates

²⁵⁶ Mundane gathering. In French in the text.

from Sion; as a girl and a young lady, her demeanor had always been copied from some kind of novel, and when *Mama* brought to her attention the need to get married, in order to please all her luxurious appetites, she immediately did it. In this way, she commenced that grand artificial and costly life, with rooms executed according to English decorators' draftsmanship, her dresses all coming from Paris and putting the air of a social doll, which eliminated the idea of loving someone other than her highly estimated person for good. Her great life made her even nearly forget her husband for some time, because she had to be in Nice for carnival, in Paris in the autumn, in Cairo for winter in order to visit depraved hotels, to say her view about artists and painters, and to talk about her journeys. And, moreover, to keep her salon in Rio, her envied, criticized salon, incomparable like Edmond Rostand, Saint Mark's campanile, the decay of English sport and the Parisian grace. That was when she took an old slim English lady for a chaperon, who was a great art *connoisseur*, who knew Morris's verses by heart and who had fallen in love with the Portuguese, to the point of being a hotel *caissière*²⁵⁷ at Estoril. Laurinda took her like one who looks up a little Larousse, and her extraordinary *toilettes*, her ornaments, which were made at Vevert in *rua da Paz*, and whose Brazilian gems engraved with diamonds had unique sparkles, were designed by the old English lady. Those were grand times! A time for excesses, conquests, triumph. Once in a while, the stern Belfort would be shocked by her.

"How is that, do you smoke now?!"

"Yes, indeed, I burn a cigarette."

"But it is so bad-mannered."

"It is *ultra fashion*. You don't know about any of that. You are *old style*."

And she built a bath salon, in which the pool water seemed to descend from a huge stained glass panel representing snow avalanches on moun-

²⁵⁷ Cashier. In French in the text.

tains, in the utmost Pre-Raphaelite²⁵⁸ style. All objects and utensils followed the motif of ocean bottom seaweed.

But, the mundane victory had soon fatigued her. Something else was needed. An Alice Verride, a well-versed in adultery lady, from the highest society, once told her:

“Dear Laurinda, you are in need of a man.”

“That is a good one. And what about my husband?”

“The husband never counts, mainly when he pleases all of our whims. You need a man who worries you, whose passion be a *piment*²⁵⁹ for your life, a violent being. Haven't you ever loved?”

“Oh, no!”

“Yes, I can assure you girl, *C'est très chic!* Don't you know about it, being such a *connoisseur* of Paris...”

On the following day, Laurinda woke up fully convinced that she really needed a lover. Yes! She was a Parisian, who had the subtle art of *maquillage*²⁶⁰ like no one else, that admirable aesthesis from Athens inherited by Paris,—she did not have a lover yet. How backward, what a *femme vieux jeu*²⁶¹! She definitely lagged behind some thirty years at least. And when she came down for lunch, with her eyes *cernés*²⁶², her tired gestures, her bright-red lips, Laurinda looked at the patient Belfort with some disdain, just like a lady from those novels, who are shaken by a great passion.

She had not gotten any yet, but she would have one. It would be her last mundane and pure blood phase of her already glorious high society career, as she would also have her love affair. So, in order to make this affair come true, among her many professional admirers, Guilherme was the very

258 Romantic painting movement in nineteenth century England, typical of Belle-Époque, whose main members were the critic John Ruskin and the artists Dante Gabriel Rossetti, and Edward Burne Jones. At first, conservative painters opposed them, but they were later highly regarded.

259 Wine flavored with spice and honey.

260 Cosmetics (such as lipstick, mascara, and eye shadow) used to color and beautify the face.

261 What an old-fashioned woman!

262 Shut eyes.

one who had been insisting on conquering her for very long. What could she do? Tortured by Guilherme's plead, and her husband's wishes that he was her pretext not to go,—as Laurinda, without inquiring for any reasons, felt trapped by this duty, the duty of love. After all, she had always been able to decide, but once, for God's sake!—And there she would go,—without knowing why,—to the house by the sea, to listen to the breaking of the waves and to Guilherme's voice!

Poor Guilherme! He would certainly be waiting for her, torturing his spiky moustache ends, because he had perhaps arrived too early. He did nothing else now, as he spent his life loving her; and she was definitely bored, as excesses make a novelty wear off.

She had been led to that by mundanity, by a turnaround of her own soul, as Mrs. Souza Castro, once an expert in decadence, and today a chaperon, would say. When she saw other ladies being loved by discreet and well-dressed men, she found that *smart*²⁶³ and compromising, with a slight touch of it being a consented crime. Going there inside her husband's car, surrendering to another man's passion, that smart-looking man, -seemed to be a crucial fashion note, as it reminded her of love affairs in Paris, of the passion psychology of high lineage duchesses, who sometimes have two lovers, apart from their husbands.

She was grateful, as though her existence was the ultimate sort of elegance, in order to make her an ultra-superior woman.

All in all, it had been rather wearisome – quite a lot, in fact. She had been used to the acclaim of dressmakers and close friends, and she was intimately certain that she would be admired wherever she went, as she was always cheerful and witty. Whoever saw her in that swirl of enjoyment, creating pleasure and flirt, would not suspect she was so deeply afraid of positive things...

Poor Guilherme had lived his platonic love for very long. He was to be found wherever she went. In the street, he would surround her to take off his

263 Sassy. Malicious.

hat, to take a bow to her; at her home, after talking with her husband, who was a very good friend of his, he would waltz with her and declare his respectful love, speaking so close to her neck. It was the suggestion, temptation, perdition... She would listen to him; show him her theatre box so that he could buy himself a seat just opposite. She told him about the balls and *five-o'clock*²⁶⁴ that would count on her presence. When Guilherme proposed the great appointment to her, she felt the strong urge to say no. Was it inevitably necessary? Her desire was, nevertheless, very strong, and it had numbed her. She, who had her name in daily papers, in dressmakers' books and in everyone's lips, wished to hear it as tenderly pronounced by an elegant man. Her curiosity was aroused. How thrilling it would be to faint, just as it is painted in art and written in novels! Best of all, it would be *high-life*, as Guilherme was chic.

Guilherme! What a horrible name! But—poor thing,—he loved her, for he was always everywhere she went. He had so many clothes, he strolled fast like an English man, with his arms apart, his hair parted in the center just as it is seen in fashion magazines. Moreover, he had a unique charm: he filed his nails, giving them a metallic brightness,—such an incredible shine that they seemed to have mother-of-pearl tips. Ah! Those nails!

When the fortunate young man grabbed her hand, the polished contact of those nails gave her a delicious quiver of his one more offer to her acutely disturbing, modern, and white beauty. Perhaps that was the only reason why she had surrendered to that somewhat *snob* and cerebral sensuousness, of feeling herself undress by those specially red and glossy pieces,—the touch of those artificial and extra-human nails. And during their outings, in the banquets, Guilherme's glistening nails worried her as much as a friend's envious eyes, the luxury of one more lace, the voluptuousness of a jewel, which cannot be possessed, unless it is at the cost of a great sacrifice...

She made a few concessions at first, going to some scantily frequented places merely to talk, to discuss the lyrical company's tenors and the infamy of their social group. However, all of a sudden, he knelt down, onto his smart

²⁶⁴ Abbreviation to *five-o'clock-tea*.

trousers, and begged her to come to his unfailing love nest. She was incapable of resisting for any longer, and so, she conceded to him...

On that first day, she had arrived half an hour earlier; and now, inside the car and going there again, she still bore the lustful exasperation of that intense afternoon in her memory. Guilherme appeared to be a different man with a hoarse voice. And those glistening coral-colored nails became reddened and damaged, tearing fabrics, and coldly touching her skin. They shone onto *batistes*²⁶⁵ such as the shells of little odd monsters, and at last, they became paler, expiring from caressing her flesh, just as a colorless face from too much praying... At that moment, all of her soul had vibrated with a new form of pleasure, the subtle pleasure of both relishing and undoing his supreme artifice. However, since then, she had turned as cold as ice because of the senseless prolonged existence of that passion.

Poor man! He was not satisfied! In fact, quite the opposite, as he appeared furious after their first day. He asked her for meetings anytime, anywhere, he always brought some complaint in his eyes, and he obliged her to be with him on regular days! She was a lady after all and she found it all brutal and violent, in a way that diminished and humiliated her, as if he was paying her.

There was no doubt about the fact that he loved her. Nonetheless, this love could not possibly justify his such large excesses. Of course, he was kind and every time he waited for her with a bedroom full of flowers. Yet, on seeing her, he kissed her *pronto*, and said:

“You are here as ever! Oh, I love you so much, Laurinda!”

Phew! How banal! He was hackneyed, he was dizzying. And, frankly, it could appear somewhat ludicrous for her to waste one day of public admiration per week by listening to that gentleman's love complaints. After all, Guilherme did not even know, he could not even dress a lady properly. Her very complicated dresses, with their difficult to untie fastens and daring style, were creased and torn by him. And even on a cold day, when the rain

²⁶⁵ Fine fabric.

fell from the skies, Laurinda impatiently perspired in front of the mirror, because the foolish man would take too long to remove her vest – and he even had his nails broken and without polish from their rubbing and squeezing her.

Before going to those sessions, Laurinda would slowly dress herself, painfully knowing that she would soon undress, lingering in her bedroom, picturing imaginary chores, looking at the clock. Suddenly, however, when the clock pointers were past the arranged time, she could not refrain herself. She told the driver to go as fast as possible, she rushed to the *rendez-vous*²⁶⁶ wishing so strongly that he would not have waited for her. Why did she go at all? Well, by the force of habit! For condescendence, for weakness, for not finding an effective way to free herself from it. And only then did Laurinda realize that she was going to her ordeal! She took the car voice pipe and blew into it desperately:

“Slower, José!”

If that poor Guilherme possessed some other novelty rather than his nails! But – poor her! – She was bound to see him kneel down, and say: “You are here as ever!”, showing his polished and glossy nails, about to be sacrificed! It was certain that he would have brought some news, that he would kiss her, as he ever kissed her in the eyes to remove the *veloutine*²⁶⁷ from her face, it was definite that he would break the lace of her corset in front of the “*psyché*”²⁶⁸ which is like the soul of our physique... If, perhaps, the merry man did not make her undress, if he only talked, if it had a new turn, that would suffice! No, it did not. It had to be inexorably the same as ever. Oh! It was senseless!

A spasm of anger made her stretch her fingers with sparkling rings. Would that last forever? Wouldn't it ever end? Would the monster abuse of her honest and weak woman's position till the end?

Suddenly the car came to a halt.

266 Arranged meeting.

267 Face powder.

268 Dressing table mirror.

Good God! The torture and despair would start again! The windows would be open, which was certain. To make matters worse, the foolish man had moved there in the end! Slowly, as though she was lifting the world, she raised the white silk *store*²⁶⁹, and she raised her sad eyes even more slowly.

All of the house doors and windows were shut.

Huh? Would that be possible? Wasn't he waiting for her any longer?, She thought in sudden, suffocating despair. Had his passion ended? So, had he also become tired and bored? Oh! She now made sick and tired that man who had pursued her for two years! So those things ended like that, with the door shut to your face! The rough man had insulted her – she, Laurinda Belfort, Soares Belfort's wife!

She opened the little door and stepped outside the car. In her brain, her ideas were confused as if his offence had made her insane. All around her, the street looked drowsy. In the very light blue sky, the sun vibrated, and, from the sea, which opened another sky up into space, there came the wet breeze of a spring day. She took two or three steps, and ascertained it, grinding her teeth in desperation.

Oh! It was her, – for her punishment, for having wanted to be good, for having felt pity for the man, she was the one refused entry! Oh! Life! So many bitter surprises!

She got into her car again and shut its door.

Oh, no! Never more! It was over! Did Mr. Guilherme, the foolish man, want the insult? Much the better! In this way, she wouldn't waste any more time, as she had so much to do, to go to her dressmaker and to the theatre later, followed by dinner, a *five-o'clock* at Teixeira's place at half past four precisely! It was so good! And the idiot could be thinking that he had humiliated and bothered her! *Rua do Ouvidor* should be splendid. If only she, Laurinda Belfort, weren't so badly dressed! She always came so plainly dressed to that

²⁶⁹ Curtain. Blind.

house... hers was a lace dress over a background of light green *liberty*²⁷⁰. She opened her *coufê* case, took hold of a mirror, a face powder pompon, and on looking at herself, and she thought she looked beautiful with her hat, which consisted of a rose hemmed by a huge pale green plume. And, on finding herself in front of the mirror, the idea of escaping humiliation pierced her mind once more. There was no doubt. There would not be any loving scenes. On meeting the scoundrel, she would only pronounce the sad sounding words:

“Oh, my friend, it was impossible for me to go today!”

To make a fool of him, to say she had not been there, and even if he said he hadn't gone either, she would show her indifference... Ah! To torture him with her calm aloofness, with some yawning, or even having him once more and then leave him, never to go again. She would be the winner! To despise his nails, the morbid pleasure of touching them, his nails... oh, the scoundrel!

And so, under this impression on her mind, Laurinda Belfort bent forward, sounding lively:

“José, take me to the town, please. And hurry!”

The car was running again while Laurinda lay back onto the silk cushion, twisting her fingers. She felt she grudgingly missed that infamous time, those silly words, those nails that refreshed a cerebral sensation in her, if only to break them once more, rather than bite them, and to despise them. Instinctively, in the great muddle of her desires, she watched the passersby eagerly, hoping to see him, hoping to meet him... to halt the car, or to drive off at full speed, or even to pretend she had not seen him... who knows! But she would like to see him, just for a moment at least,—the poor devil,—with his moustache and those nails the color of rosy nacre... And from her eyes, because of her despair and desire, tears ran down—for not having had, only for that day, his poor being as a toy, for her to torture, for her trample onto—her tiresome toy of one hour before.

²⁷⁰ British fabric manufacturers since 1875, when the factory was founded by Arthur Lasenby Liberty, in Regent Street, London.

LAURINDA BELFORT

Laurinda Belfort teve um sobressalto. O relógio de marfim, engastado discretamente no canto esquerdo do carro, marcava duas e cinco, e esse relógio, certo, incapaz de adiantamentos ou de atrasos, marcava sempre a hora precisa para que Laurinda Belfort pudesse regularizar com calma e tempo os múltiplos afazeres dos seus perfumados dias. Havia, pois, trinta e cinco minutos que o pobre Guilherme Guimarães a esperava, apaixonado e comum, numa casa solitária.

Laurinda recostou-se, hesitando entre a ideia de apressar o cocheiro e o desejo de lá não ir, de falhar mais uma vez. Vinha-lhe o guloso apetite de deixar sem o seu corpo a absorvente entrevista. Mas, certamente, à noite teria a acompanhá-la numa queixa muda e feroz, o olhar de Guilherme, ou no teatro ou no *raout*²⁷¹ da condessa de Souto; e, à proporção que se aproximava o carro, Laurinda sentia as mãos frias, uma vaga contrariedade, a esquisita negação de todo o corpo como a tem a gente antes de fazer um enorme sacrifício...

Ah! Francamente já enfarava. No primeiro dia, na manhã em que correria à primeira entrevista, teria chicoteado o cocheiro para andar depressa, para voar; nesta maldita quinta-feira vestira-se devagar, conversara durante o almoço como toda a sua vida fora um resultado de imitações, fora um acompanhamento de figurinos. Em criança, imitava os gestos pretensiosos de altas linhagens de algumas das colegas de Sion; em menina e moça a sua linha fora sempre copiada de alguns tipos de romance, e quando a mamã lhe fez no-

²⁷¹ Reunião mundana.

tar a necessidade de casar para satisfazer todos os apetites de luxo, imediatamente casou, inaugurando aquela grande vida artificial e custosa, com as salas compostas segundo desenhos de decoristas ingleses, os vestidos vindos de Paris e um ar de boneca social, que para sempre lhe tirara a ideia de amar alguém, além da sua prezadíssima pessoa. A grande vida um tempo fê-la mesmo esquecer quase o marido, porque era preciso passar o carnaval em Nice, estar no outono em Paris, passear os hotéis depravados do Cairo no inverno, dar opiniões sobre artistas e pintores, falar de viagens e manter o seu salão no Rio, o seu salão invejado, criticado, incomparável como Edmond Rostand, o campanilo de S. Marcos, a erosão inglesa do esporte e a graça parisiense. Fora nessa ocasião que tomara como dama de companhia uma velha inglesa esbelta, grande conhecedora de arte, que sabia versos de Morris de cor e se apaixonara pelos fados portugueses a ponto de acabar *caissière*²⁷² de hotel no Estoril. Laurinda tomou-a como quem consulta um pequeno Larousse, e as suas extraordinárias *toilettes*, os seus adereços, feitos no Vevert da rua da Paz, em que as pedras brasileiras tinham rebrilhos inéditos cravadas em brilhantes, eram desenhos da velha inglesa. Grande época aquela! Época de excessos, de conquista, de triunfo. O grave Belfort de vez enquanto pasmava.

— Pois que! Tu agora fumas?

— Com efeito, grelho uma cigarreta.

— Mas é grosseiro.

— É *ultra fashion*. Não sabes nada disso. És *old style*.

E montou um salão de banho, em que a água da piscina parecia descer de um enorme vitral representando avalanches de neve em montes, tudo quanto há de mais pré-rafaelita. Todos os objetos e utensílios obedeciam ao motivo algas do fundo do mar.

Mas em breve, a vitória mundana fatigou-a. Era preciso mais alguma coisa. Uma Alice Verride, senhora entendida em adultérios, mas da melhor sociedade disse-lhe um dia:

272 Caixa.

— Minha cara Laurinda, precisas de um homem.

— É boa. E meu marido?

— O marido não conta nunca, principalmente quando nos faz todas as vontades. Precisas de um homem que te preocupe, cuja paixão seja um *piment* para a tua vida, um ser violento. Nunca amaste?

— Oh! Não!

No dia seguinte, Laurinda acordou convencidíssima de que precisava de um amante. Sim! Ela, uma parisiense, que tinha como nenhuma outra a arte sutil da *maquillage*, essa admirável estesia ateniense herdada por Paris, ela ainda não tinha um amante. Que atraso, que *femme vieux jeu*²⁷³! Decididamente retardava, retardava uns trinta anos pelo menos. E, quando apareceu ao almoço, com os olhos *cernés*²⁷⁴, o gesto lasso, o lábio rubro, Laurinda olhou o paciente Belfort com um vago desprezo, tal qual as damas dos romances a que uma grande paixão sacode.

Ainda não tinha nenhuma. Mas viria a ter. Seria a última etapa de mundanismo e de puro sangue da sua já gloriosa carreira na alta sociedade, teria também o seu romance. E para realizar esse romance, entre muitos adoradores profissionais, o que já insistia de há muito era precisamente Guilherme. Que fazer? Torturada pela súplica de Guilherme o marido, ansiando pelo fato que lhe fosse pretexto para não ir — porque Laurinda, sem indagar de razões, sentia-se presa a esse dever, ao dever do amor. Afinal, sempre se decidira. Mais uma vez, Deus do céu! E lá ia sem compreender porque, para a casa à beira mar ouvir o marulhar do oceano e a voz do Guilherme!

Pobre Guilherme! Estava decerto à espera, torturando as pontas farpadas do bigode, chegara talvez cedo demais. Também não fazia outra coisa agora, passava a vida amando-a; e, ela, decididamente, enfasiava-se. Tudo quanto é demais, aborrece.

Fora levada àquilo por mundanice, por cabriolice da alma, como diria a sra. de Souza Castro, titular em decadência, hoje dama de companhia.

273 Mulher ultrapassada.

274 Olhos cerrados.

De ver as outras damas amadas por homens discretos e bem vestidos, achara aquilo *smart* e comprometedor, com um leve tom de crime consentido. Ir assim, no seu carro, no carro do seu marido, entregar-se à paixão do outro, do cavalheiro elegante, parecia-lhe uma nota essencial da moda, lembrava-lhe logo os romances de Paris, a psicologia passional das duquesas de alta linhagem, que às vezes tem dois, sem contar o esposo.

Era-lhe grata como se a sua existência fosse a última elegância esperada para fazê-la ultra superior.

De resto custara, e muito até. Acostumada ao louvor das costureiras e dos íntimos, intimamente convencida de que onde fosse a admirariam, muito risonha e muito audaz, quem a visse naquela vertigem de diversões inventando o prazer e o “flerte”, não a julgaria no fundo tão profundamente temerosa das coisas positivas...

O pobre Guilherme vivera de platonismos longo tempo. Onde ela estivesse, ele lá se achava. Na rua dava-lhe cercos para lhe tirar o chapéu, curvar-se; em casa, valsando (depois de conversar com o marido, muito seu amigo), escorria-lhe no pescoço declarações de amor respeitoso. Era a sugestão, a tentação, a perdição.... Ela ouvia-o, marcava-lhe o lugar da sua frisa para que ele comprasse uma poltrona fronteira, dizia-lhe com antecedência os bailes e os *five-o-clock*²⁷⁵ que teriam a sua presença. Quando Guilherme falou do grande acorde, sentiu um desejo surdo de se negar. Então era fatalmente preciso? O desejo fora, entretanto, muito forte, entontecera-a. Ela, que tinha o nome nos jornais mundanos, no livro das costureiras e no lábio de toda a gente, quis ouvi-lo pronunciado ternamente por um homem elegante. A curiosidade aguçou-se. Como seria emocionante desmaiar, tal qual o pintam nas gravuras e nos romances! Seria antes de tudo *high-life*. Guilherme era chique.

Guilherme! Que nome horrível! Mas, coitado, amava-a, estava sempre em toda a parte, tinha uma porção de roupas, andava à inglesa, trotando, com os braços meio abertos, repartia o cabelo ao meio como nos figurinos, e possuía um encanto inédito; limava as unhas, dava-lhe um brilho metálico,

275 Abreviatura de *five-o-clock-tea*, o chá das cinco, reunião social no cair da tarde. Em inglês.

incrível, um lustro, que, quando movia os dedos, parecia ter nas pontas palhetas de nácar. Ah! As unhas desse Guilherme!

Quando o jovem afortunado lhe premia a mão, o contato envernizado daquelas unhas dava-lhe num arrepio a delícia de mais um ofertório à sua beleza tão aguda, tão clara, tão moderna e tão perturbadora. Fora talvez essa a única razão porque se entregara à sensualidade meio *snob*, meio cerebral, de se sentir despir por aqueles pedaços de um vermelho especial e lustroso, o contato daquelas unhas artificiais e extra-humanas. E nos passeios, nos banquetes, as luminosas unhas de Guilherme preocupavam-na como o olhar invejoso de uma amiga, o luxo de mais uma renda, a volúpia de uma joia, que se não pôde possuir senão à custa de um enorme sacrifício...

Fez concessões a princípio, foi só a trechos pouco frequentados conversar apenas, discutir os tenores da companhia lírica e as infâmias da sua roda. Mas, como de uma feita, ele, de mãos postas e joelhos em terra, sem se incomodar com a calça, rogasse a sua ida ao infalível ninho de amor, ela ce-deu afinal, incapaz de resistir por mais tempo...

Nesse dia foi meia hora antes, e agora, ali no carro, indo outra vez, ainda tinha na memória a exasperação sensual da tarde intensa. Guilherme, outro, rouco, e aquelas unhas brilhantes, coralisadas, que envermelheciam mais, que se machucavam desfazendo tecidos, que tocavam frias à sua epiderme, luziam nas *batistes*²⁷⁶ como carapaças de pequenos monstros estranhos, para acabar empalidecendo, fenecendo de perpassar pela sua carne como fica sem cor um rosto sempre votado à oração... Naquele momento, toda a sua alma vibrara de um prazer como nunca tivera, o prazer sutil de gozar e desfazer o artifício máximo do outro. Mas, desde então, ficara de gelo, esfriara, diante da pertinácia alvar daquela paixão.

Pobre homem! Não se contentara! Antes pelo contrário, parecia furioso depois do primeiro dia. Pedia-lhe entrevistas a todas as horas, em todos os lugares, tinha sempre nos olhos uma queixa, e obrigara-a a dias certos! Ela, uma senhora afinal, achava aquilo brutal, uma violência de quem paga e que a reduzia, que a humilhava.

²⁷⁶ Tecido fino de cambraia.

Não havia dúvida, amava-a. Mas isso, não era razão e plausível para tamanhos excessos. Certamente era gentil esperava-a sempre com o quarto florido. Mas, em a vendo, era sempre aquele beijo, o beijo infalível e a frase:

— Sempre vieste! Como te amo, Laurinda, como eu te amo!

Uf! Que banalidade! Era baboso, era de entorpecer. E, positivamente, estragar um dia por semana, roubar-se à admiração do próximo para ouvir aquele senhor soluçar queixas de amor, parecia até pouco sério. Depois, Guilherme nem sabia, nem tinha préstimo para vestir uma senhora. Os seus vestidos, complicados, com ligaduras difíceis e ousadas de corte, eram amarfanhados por ele, rasgados, e mesmo, num dia de frio, caindo do céu a umidade, diante do espelho, Laurinda suave de impaciência, tanto o idiota custava para lhe atacar o colete — já com as unhas quebradas; sem brilho de se roçarem e de a apertarem.

Antes de ir para essas sessões, Laurinda vestia-se lentamente com a dor de saber que se ia despir, demorava, imaginava afazeres, olhando o relógio. De repente, porém, quando já os ponteiros passavam da hora, não se continha. Mandava tocar à toda, corria ao *rendez-vous* com a louca vontade de que ele não a esperasse mais. Por que ia então? Ora! Porque ia! Por condescendência, por fraqueza, por não achar o meio sério de se livrar de vez.. E só então Laurinda lembrou que ia, naquele momento, para o suplício! Pegou do tubo acústico, soprou desesperada:

— Mais devagar, José!

Se aquele pobre Guilherme tivesse mais alguma novidade além das unhas! Mas — coitada dela! — Era certo vê-lo ajoelhar, vê-lo dizer: — sempre vieste! Mostrando as unhas polidas e brilhantes prestes ao sacrifício! Era infalível que teria um fato novo, que a beijaria como a beijava sempre nos olhos para lhe tirar a *veloutine*²⁷⁷ do rosto, era fatal que arrebentaria o cordão do seu espartilho diante do “psyché” — que é como a alma do nosso físico... Ao menos, se o jovem feliz não a obrigasse a despir, conversasse ape-

277 Pó de arroz.

nas, tivesse, enfim, um aspecto novo — Vá! Mas não. Havia de ser tal qual, inexoravelmente tal qual. Oh! Era estúpido!

Um espasmo de raiva fê-la esticar os dedos coriscantes de anéis. Seria eterno aquilo? Não acabaria mais nunca? O monstro abusaria até o fim da sua posição de mulher honesta e fraca?

De repente o carro parou.

Deus! Ia começar a tortura, o desespero! As janelas estariam abertas, era certo. O imbecil ainda acabava morando lá! Lentamente, como se levantasse o mundo, suspendeu o *store* de seda branca, e mais lentamente ainda ergueu os olhos tristes.

A casa estava totalmente fechada.

Hein? Seria possível? Ele, então — e de súbito o desespero sufocou-a — não a esperava mais? Acabara a paixão? Então, ele também estava farto, estava cansado? Oh! Ela já enjoava, já aborrecia aquele cidadão que a perseguira dois anos! Mas então essas coisas acabavam assim com a porta fechada, na cara, na sua face! O grosseirão insultava-a a ela, a ela, Laurinda Belfort, esposa de Soares Belfort!

Abriu a portinhola. Saltou. No seu cérebro baralhavam as ideias como se a afronta a ensandecesse. Em derredor, a rua deserta modorrava. No céu muito azul, de um azul muito claro, o sol vibrava, e do mar, que abria pelo espaço um outro céu, vinha a úmida aragem de um dia primaveril. Deu dois ou três passos, certificou-se rangendo os dentes de desespero.

Oh! Era ela — para seu castigo, por ter querido ser boa, por ter pena do infeliz, era ela quem não se fazia receber! Oh! A vida! Quantas surpresas amargas!

Meteu-se outra vez no carro, bateu a portinhola.

Ah! Não! Nunca mais! Estava acabado! O Sr. Guilherme queria o insulso, o idiota? Tanto melhor! Só assim não perderia mais o tempo, ela que tinha tanto que fazer, que ainda não fora ao costureiro e tinha teatro à noite, jantar,

um *five-o'clock*²⁷⁸ das Teixeira impreterivelmente às quatro e meia! Que bom! E o cretino a pensar que a humilhava, que a incomodava! A rua do Ouvidor devia estar esplêndida. Se ao menos ela, Laurinda Belfort, não estivesse muito mal! Sempre que vinha àquela horrível casa vinha tão sem gosto... O seu vestido era de rendas brancas, sobre um fundo de *liberty* verde gaio. Abriu o estojo do *couffé*, tirou um espelho, um pompom de pó de arroz, viu-se, achou-se bela com o seu chapéu que era uma rosa debruada de uma enorme pluma verde pálido. E, de frente do espelho, a ideia de fugir à humilhação apuou-lhe de novo o cérebro. Não havia dúvida. Nada de cenas que demonstrem amor. Apenas, ao encontrar o mariola — uma frase triste:

— Ah! Meu amigo, foi-me impossível ir hoje!

Gozar a cara dele, negar a sua ida lá, e mesmo que ele dissesse não ter ido também mostrar um ar indiferente... Ah! Torturá-lo com uma indiferença calma, ignorante, com alguns bocejos, até tê-lo uma última vez e deixá-lo, abandoná-lo, não ir mais — ela, ela, ela a vencedora! Desprezar as suas unhas, o prazer mórbido de tocá-las, as unhas... Ah! Canalha!

Então, sob essa impressão, Laurinda Belfort inclinou-se vivamente:

— José, para a cidade, depressa!

O carro tornou a rodar, enquanto, reclinada na almofada de seda, Laurinda torcendo os dedos, sentia, por mais que não quisesse sentir, a falta daquela hora infame, daquelas frases tolas, a falta daquelas unhas que lhe davam a renovação de uma sensação toda cerebral, para ao menos quebrá-las mais uma vez mordê-las, desprezá-las. Instintivamente, na imensa confusão dos seus desejos, olhava os transeuntes com ânsia, a ver se o via, a ver se o encontrava, para parar o carro, Ou tocar à toda, ou cumprimentá-lo, ou fingir que não o via... Sabia lá! Mas para vê-lo um momento ao menos, o pobre diabo, com os seus bigodes e aquelas unhas da cor do nácar rosa... E nos seus olhos brotavam, de desespero e de desejo, lágrimas a fio, — por não ter tido, apenas naquele dia, o brinquedo de um pobre ente para torturar e espezi-nhar, o brinquedo aborrecido uma hora antes.

278 Espelho de penteadeira.

THE STRANGEST MALADY

To Afrânio Peixoto

It was the green time, the time for the aperitif that was once called absinthe²⁷⁹, but now it was a series of assorted colors poisonings and English names, which the light uninventive aesthetic of cafés and bakeries always called the greenish water time. As a habit, I had sat at one of the tables of the bakery terrace, and my eyes were lost in contemplation of the Avenue, which was so busy and noisy at that vague time. On the street asphalt, there were cars racing about, as well as whistles, trills, the heavy sound of horses' hooves, whips cracking onto thin rickshaw horses' fur. There were large coaches at full speed, car horns sounds driving people away, people running by, or standing still at the sheltering places, waiting for some clearing up in order to go; all in all, it was the natural noise of that time, the night time of the cities. On the pavements, there was an ever-renewing two-way row of passersby, from the colossal cinema of men of the most varied classes: factory workers and dandies, civil servants and business owners, idle people and stock market brokers. These were slowly moving or hurrying up next to a multicolored galleria of women, the infinite theory of feminine for all genders: little workshop floor workers, notorious *cocottes*, remarkable ladies, young women fit to marry, and mere love catchers. The shadows, at first of a floury blue, then a thick grey, were lazily spreading the night velvet onto the silhouette, under perspective, of large façades. By the edge of pavements,

²⁷⁹ A green or sometimes colorless distilled liquor with high alcoholic content that is flavored with wormwood, anise, and other aromatic herbs

little by little, the gas droplets from lampposts made up a three-fold chandelier of small light sources, like long rosaries of burning beads. And it was the deaf crackling of the electric lights from a shop farther ahead, the fire from the sparkling shop windows, and space after space the rosettes²⁸⁰ were set as if they had been engraved onto the cinematograph harlequins, putting embers onto the shining gemstones of façades. Oh! Cities are fairy tales! My eyes stared at the myriad confusion of colors, seeing a kaleidoscope in every rosette, feeling the false dream of a Golconda's treasure on each notice. It was as though there were pouring rubies cascades onto the semi-opacity of the night, emeralds tears, sapphires blinding reflections, bright yellow mirroring of topazes, and I recalled other cities, other houses, the eternal boulevard, the supreme orchestra of urban good taste. What could one do? My eyes rested in the crowd.

Sometime later, I recognized the delicate Oscar Flores, looking as though he had lost something, with his eyes at search, his nose up to the air, a most sensible and very refined being, of whom horrible gossip was spoken, and who appeared to hold an exhausting secret in his soul. Secrets are made to be told. It all depends on the occasion. What would Oscar Flores, with his paleness and his beautiful hands, be searching for, in this way? I waited a few minutes in order to see the cause of that affliction and, in the end, when the young man decided to go on, I called him out loudly. He turned around as if he had been caught red-handed. He was obviously annoyed.

“Come and have an aperitif with me”.

“No, thank you. Unfortunately I am busy”.

“But if you have already missed the person you had been following”?...

“Did you see that”? He asked, looking even paler.

“Yes, I did, or rather—calm down—I saw that you were looking for someone”.

280 Decorations

He gave out a relieved sigh, and let himself sit down onto the chair. And now we were drinking cocktails. His concern, however, was another. And he kept himself to himself nervously, looking affectedly startled at times, aloof-minded, – bearing his customary silence amongst all parties, as usual waiting for a mysterious sign, and then bid his leave. I then looked at him slowly. He was delightfully handsome with his teenage countenance of Veroneso, his dark skin, his curled black hair. How happy he should be, rich and handsome like that, with his turquoise cane knob, his tiepin of a rare enamel, the restless attitude of a murderer and a radiant prince at the same time, Oscar Flores! And rumors about him were so many! I asked him intimately and confidentially:

“And so, Oscar, where are you? That is why you are defamed”...

“Oh!” he turned around smiling “Do they speak about me yet?”

“More and more. You are the *leit motif* of bored talkers”. After all, there is always some truth in *vox populi*. I actually believe that you in fact hold a secret. Mind you, secrets are left for women and for vulgar men without any interest...”

“But I have no secret”, he protested tiredly. “I only have the strangest nervous malady – which no one knows about. Odd, huh? Everyone feels the abnormality in me, another sphere, and another vibration. What could it be? The thickest, – and the mass opinion is made out of that thickness intensity, – immediately think of regular degenerations, in the hub of madness, which is the city. And it is not that, it is something else, – it is my malady. I focus my consciousness on its existence, on my desire to harness it and on the irresistible wish to satisfy it. I have studied, I have read, I have made observations to see if I can find another equal person. Absolutely impossible”.

He took a sip of his *cocktail* with evident pleasure, and smiled, looking calmer.

“Everyone thinks it is a secret because no one can know it for sure. And I have suffered from it since I was a child. At first, at my youngest age, it appeared like a dramatic precocity; until my adolescence, I had taken it as

a horrible crime, a punishment and, at the same time, the pleasure of sin. By using my reason, – because I am both a very reasonable and very reflective person, – I came to find out that it was an imbalance of my senses. It was the lyrical exultation, the frightening development of one of my senses, capable of dominating the others, of submitting them, and, of gradually turning it into the source of all pleasures, into the only focus of pleasant sensations, into the tyrant of an impalpable lust.

You must have already talked to young artists, to those who speak of the accomplishment of art, of the ideal that is never embodied, but is deeply rooted in our soul like an eternal unattainable dream. My malady, my imbalance, was the empire of one single sense in my body and, in this way, it connected to an ascendancy of refinements, gave me a previous immaterial notion of intimate life, and took me to an exasperating fantasy world. It turned me into the bearer of a lustful atmosphere, the appreciator of sparse essences, the meticulous searcher of the impalpable, the enthusiastic being of life's mirage.”

I calmly drank the poison that takes away my appetite, and I murmured:

“My dear Oscar, I have the deepest affection for you. Firstly because you are handsome; secondly, because you are spirited; and thirdly, because neither beauty nor spirit could reduce you to the atrocious banality of being perfectly delighted. Therefore, I will exercise my ability to listen to all the beautiful narratives you want to honor me with, without making any comments. That imbalance of yours seems to be, in fact, of a very subtle and processed psychological nature”.

Oscar made a gesture of impatience.

“When I say it, it is so incredible that no one would believe me! However, in front of you, there is a man who analyzes his suffering but, even so, cannot resist it. Do you know what my dominant sense is?–Smell, just put simply, smell. I am like a slave, the incarcerated prisoner of smell. It is all smell. It is smell that guides, repels, attracts, disgusts, – smell is the conductor of souls. Our impressions are the daughters of smell, which acts like

light. And much more, actually, because there are blind people, but there is not one living being who does not breathe or who cannot smell. Smell can mold things because it is in every environment. Men's characters are made up of essences, and also, professions leave certain particular smells in people. For instance, live eight days in a perfume house or inside an elegant woman's *boudoir*²⁸¹, and your ideas will take the aspect of face powder, of female ideas, which are *made expressly* for a certain infantile group. If you feel the smell of sailors, you will also feel the smell of the sea, and of oil refreshed by the sea breeze. A sensitive man cannot live in those places for too long, because the permanent smell will give him a sort of continuity of the oceanic view, and an oscillating state that resembles the vagrancy of large ships by unknown seas. People's souls are revealed by smell. Also, the souls of things are only revealed by smell. I know the inside of the houses, as well as the gender and the class of the people who reside in them, just by their smell. Moreover, I will tell you which house is empty just by smelling it, as if my eyes were shut. I can even tell you that each city has its own smell and that I can feel it as I approach. When I jump onto its pier, those smells can convey the general impression of its inhabitants,—honest smells, voluptuous smells, breast smells...”

“But it is delightful, indeed”.

“It is atrocious”.

“The hyper-accuracy of one sense driven by aesthetics. You are the perfume man”.

“Don't tell me about perfume, with its regular meaning of an essence produced for the market. It is something else. I am the victim of smells. To me, there are no disgusting smells,—there are only unpleasant ones. I have the sensuousness of the most diverse smells, the smell of earth, the smell of herbs, the smell of stables and the smell of roses. How did I begin to suffer from this proxysmal development of that sense? How would I know? It was not a perfume; it was the vast extension of smells that are not a perfume. As a

281 A woman's dressing room, bedroom, or private sitting room.

child, before taking any tidbit to my mouth, I instinctively smelled it with my eyes shut, in order to feel it well, and delightfully anticipate the pleasure of savoring it. Later, as I was held and kissed, I always found a way of smelling and breathing in nice people. Each person has a distinct smell. In my childhood, the perversion, as I can call it, – emerged, and taught me all the sin. I enjoyed the flesh because, for instance, each neck nape had a bit of nature's aroma, and there were mouths that were like smells orchestras. Oh! That was a still naive and instinctive time... I remember I would wrap myself around with white linen that young women had already worn. I bent towards their hair with such an inhaling urge, and I had such abnormal manners that the family became frightened, while the girls found them completely ludicrous. Oh! What a corrupt little one!,-they said, convinced that I only liked their clothes smell. It was not that though. My smell neurosis was becoming sharper and sharper, every day with an openly sensual nature. And, when I was a young man already, I could not tell what could give me pleasure: the wet grass, the smell of stables, a smell of one's neck nape, a smell of body, and I would feel the excruciating needs of certain smells, which were so strong as hunger or love. And so, I needed to stay apart, to leave my group of acquaintances, to wander around and try to find out the smell that I needed, the smell that I did not know yet, but that should calm me down”.

“Did you feel obsessed by a smell you had never felt?”

“Exactly. I was still romantic and until I was eighteen years old, I had tried out the pleasure of perfume, of artificial smells, with a little literature and some chemical knowledge. I had gotten some catalogues, and studied them for a long time; I kept perfume batches inside crystal bottles. As every fellow well read in French books, I made the symphony of perfumes, the perfume allegory, the suggestive painting of perfumes, by combining essences, renewing the room air layers with sprayers, full of wise mixtures beside incense holders burning exotic aromas. It was disturbing and annoying. My smell desired the excesses of nature, and the virility from the environment, like the ragdolls that luck elevates to grand luxury. Those perfumes women wear, those scents with which you get civilized and rub yourselves

with, – they are ignoble. In the chemical composition of the huge amount inhaled by me, I felt I could only create a catalogue, by dividing the different temperature into classes of souls: hot perfumes, semi-oily, warm perfumes, cold perfumes. Haubigant's perfumes²⁸² always give the impression of warmth, of oppressive heat. English and American ones make us cold, those that make us think about freezing waters and the hibernation of the early hours. Half a dozen of refined French men can make them at mid temperature, by evaporating them slowly. And there are also the mediocre, the shabby ones, the ones that remind us of *boulevards* shop windows, in their illusion of luxury and comfort, and the all-price-range of suspicious shops.

Every one, however, ended up doing me harm, causing me headaches, a pressure feeling in my temples, an anguishing crushing impression. There was too much artistry in them. A friend of mine, on returning from the East, brought me a collection of perfumes. They were wonderful. But I then became sick and lukewarm, with a spirit of both harem and honey just because of inhaling some rose essence. Those scents entered my skull like upholstery embroidered with gemstones, like shields encrusted with sparkling precious stones. They turned me into a sleepwalker, with antiphonary verses and dreams of Shiraz, Kernar, and Kashmir roses. I realized then that my disease did not love the more or less industrial formulas”.

“Prince charming, but there were flowers...”

“Yes, flowers, I loved them, like I was groping in the shadow of evil. Flowers are the vessels of natural scents. Nature condenses there the aroma of its passions, the soul of its desires, the memories of vertigo, of frenzy, or, of great celestial resting. Don't you smile! What I feel cannot be put into words. It is necessary to discover prismatic sentences, like some crystals, and see them by the light of feeling, which can perceive beyond visible things. The gods liked perfumes; perfume exhorts and exults. Why would we flatter the gods with perfumes if we did not know about the idea of sacrifice, the big nature sin that it represents? There are flowers whose scent is cynical, others whose smell is banal, others whose aroma take us to heav-

²⁸² The House of Houbigant, perfume manufacturers operating since 1775, in France.

en, others yet which give us the despair of flesh. Is it possible to have a gardenia in one's buttonhole without having headaches hours later? Is it possible to smell certain roses without hating them?"

"But, my dear friend, you are always just looking for a pretext in order to say interesting childlike things. Mind you, other aesthetes have said before you... To hate roses!"

"Yes, hate them! There are fleshy flowers, rosy roses, the red and black ones which look as if they are clogged blood, those that we aspire, absorb their scent, smell them, smell them, and then crush them with hate because they promise more than they give, because they leave pleasure half-way through, as they do not deliver the pleasure announced by their smell. Oh, that agony of the senses we feel by the smell of some flowers: violets, for instance, whose vapors are like the sounds of the violin by moonlight. Also, the tuberous ones crisped by heat; the hybrid tea roses that smell like dark complexions; and the reseda, the flower of reseda that Fezensac sang stupidly in a pun and which, however, keeps a cold and exasperating smell of fertilizing germ, a smell of scraped ivory... Moreover, there is correspondence of identical smells in the most different things, such as the flower that smells like ivory is also the synthesis smell of life's initial smell, an aroma brother to the creator seed's aroma, oddly lost among herbs..."

Oscar had fallen into disheartenment. I was starting to fear delirium.

"And so, if you do not enjoy the potentially harmful perfumes, if you hate the flowers that annoy you, what does the imbalanced influence of smell over your senses consist of? It is certainly an anemic condition, a deep weakness, which makes you sick and sensitive to smells. You don't love smells, but you fear all those that become specialized and individualized."

"On the contrary", he said cheerfully, "just quite the opposite. I have a sort of thick canvas veil between me and regular life. And I feel all is done in life by smell, like a human setter dog, tied to the chain of convenience. It is the smell mirage, an existence in which smells envisage environments, describe the souls of those who surround me, give me color sensations. Because

there are smells of all colors, of sounds, of songs, because each smell is like a different sound, like the smell of vanilla, whose flat note is diverse from the smell of the red carnation, that sharp bugle note. There are smells of all tastes, because smells have taste; of excitement, because all senses marked by such accuracy vibrate the furious arch of an incomprehensible, eternal, devilish desire, over my poor body. Oh! Don't look at me so ironically. There is a close relation between the sensations of a regular man, which makes him love the harmony of things and makes him think about splendid beauty. When he loves and feels like that, in the blossom of art, which is the support of life, he selects his subtle thoughts and this vague and mysterious affinity entwines the senses. In this way, he feels music in female hips, the perfume of a rose in a lady's shoulder flesh, the flavor of fruit in a pair of lips, the brute and blind desire in the naked creature, the chaos of sensations... When one is like me, nevertheless, a victim of only one sense, it morbidly absorbs the others and makes you crazy, in the everlasting delirium of trying to regain harmony.”

“Thus”, said Oscar, nervously moving away his *cock-tail* halfway through, “thus, my sensitivity in understanding that nature is unconscious, of all these perfumes it spread brutally, frantically. And that only once did it regain its reason, when it made the flesh, when it created the creature in which all earth's smells meet in sweet nuances. What I love is the scent of flesh, always an orchestra, a symphony of other smells recollections, the smell of mouths, the smell of hair, the smell of neck napes, and the astounding smell of armpits... There is hair, you know, that reminds us of the fur-like coziness of birds' nests, hair, inside which, we get lost like a huge ocean of healing scents; musical hair that make us think about *manacás*²⁸³ and magnolias, and hairs that are like the fabric of all comforting smells. There are golden fleshes, fleshes made up of cherry milk and blood that make a poor man think about resting in the woods, about ragas, rustic loin-cloths, about big pagan hugs over lyres. And what about the mouths? Have you noticed the mouths? There are hot and cold mouths,—mouths without

283 Flower of a shrub (*Brunfelsia hopeana*) from Brazil

any smell, and mouths that have an intimate smell of a withered rose, when they speak near you. And when they kiss you, they seem to be made of rose petals, and when you taste them, they transfuse their soul like a special essence that smells like the honey made from all country perfumes. The creatures are the amphorae of smells harmony. Each flesh has its own odic²⁸⁴ body which is smell; each being makes me feel its soul by its bodiless expression of smell. Everyone has their own and it is never equal to anyone else's, the smell that one searches for in order to settle down and love..."

"Indeed, with some "*toilette*" everyone creates their own smell."

"No, that is not the case! Perhaps, judged by their *toilette* and perfumery, the beautiful women that leave their trails of industrial scents, and seem to be made for the portraits of Heleu or Amoedo, would be indifferent to me. I don't love them because they are like fashion mannequins, macerated with essences, having their dresses sprayed with perfumes, their mouths washed with bright waters and powders, their lips painted carmine, their faces powdered. Smell is the soul of all beings. They drown their souls in the artificial element to enchant the simple and brutal ones. My instincts get frozen and die before these masked dancers with the transparent mask of other smells." There was heavy silence.

"Oh!" I said, as I heard him end his confession. "It is serious..."

Oscar gazed at me, looking dazzlingly white like an Adonis, and tired as if he supported the world on his shoulders.

"That is why", he murmured, – it is horrible! I seek, – I seek the simple creatures who ignore the abominable falsehood of civilization, and keep their own smell: children, rustic adolescents, the creatures who leave their showers shining and smelling more, those who do not know if they smell good because they think that smell is the falsification of perfume manufacturers. A beautiful body, a white body, the color of milk, which has all country sighs of the *pomponettes*²⁸⁵, of forget-me-nots, of daisies, the chaste

²⁸⁴ The name given in the mid-19th century to a hypothetical vital energy or life force.

²⁸⁵ Also called English daisy, a pompom-like flower.

dream of white violets and the calm yearning, the animal smell of something unknown! A dark body, made of a sun ray, storing the complexion of roses and the smell of lust!... To kiss bodies like those, to breathe them in... that is when the affinity of smell takes place,—the brotherhood of souls. All objects that touch a person can keep their smell, like a handkerchief left behind, or a piece of furniture. They may have gone, vanished, but that piece will smell like them. The sensual poet wrote:

She walked in here, she did. One

Because there are traces of her hands; two

That peculiar, sweet perfume.

Because there is no one like her in the world

That is true. Suddenly, the caress of her smell, and a flush of pleasure transmutes us, makes us revive the delights and neuroses of many desires aroused by her. It is deadly music. What is it? The clothes? The objects? No! Suffice the lips, tired of rubbing, suffice the touch of hands along one's body. We don't know our own soul because we can't smell ourselves, such indecipherable enigmas for us. The smell of others remains, prevails. If we want a beloved smell to return, we smell our hands and feel the scent of love, like an incense holder in our own fingers. Oh, no! And I tell you that once, four years ago, I felt that smell, the smell of my love, in a poor creature, but I cannot recall her face. Although I can remember the sheer satisfaction of my desire, I am afraid to say I have never seen her again, that I search for her, I look for her, but I can never find her... How do you want me to listen to those stupid conversations, or think about anything else? I go in search of my perfume, the perfume that I love, this dream urn, this soul's body. And I deteriorate reason, moral, society's respect, I tumble over the abyss of not so reputable places, I make not such brilliant acquaintances, I inhale all bodies, looking forward to the day I will find that incomparable perfume, the sweet essence of that gold flesh."

"How intriguing."

“The rarest malady that no one knows about.”

All of a sudden, however, his eyes sparkled. He rose and smiled.

“Wait a second.”

He vanished hurriedly. I also smiled. He would not return. Someone went by that seemed to be his smell. Poor lad! Maybe he was the great sensual ideal in his crazy lust. Maybe not, maybe he was just insane. We are all more or less insane. I then realized it was eight o'clock. Like the character in the poem, Oscar searched for new perfumes in his always bitterer and less comforting ideal smell and unfelt pleasures. I rose. Along the whole Avenue, hundreds of electric bulbs lit their wide range of lightness, – “that was the messenger of visible truth...”

A MAIS ESTRANHA MOLÉSTIA

A Afrânio Peixoto

Era o momento verde, o momento do aperitivo outrora absinto²⁸⁶, hoje uma série de envenenamentos de cores variadas e de nomes ingleses, a que a leve estética sem inventiva dos cafés e das confeitarias continuava de chamar sempre o momento da água glauca. Por hábito, sentara-me a uma das mesas do terraço de confeitaria, os olhos perdidos na contemplação da Avenida, àquela hora vaga tão cheia de movimento e de ruído. No asfalto da rua era a corrida dos carros, apitos, trilos, largo bater de patas de cavalos, chicotadas estalando no pelo das magras pilecas²⁸⁷ dos tílburis, carroções em disparada, cornetas de automóvel buzinando arredas²⁸⁸, gente a correr, ou parada nos refúgios, à espera de um claro para poder passar, o estrépito natural do instante, à hora da noite nas cidades. Nas calçadas uma dupla fila de transeuntes sempre a renovar-se, o cinema colossal de homens das classes mais diversas, operários e dândis, funcionários públicos e comerciantes, ociosos e bolsistas, devagar ou apressados ao lado de uma multicolor galeria de mulheres, a teoria infinita do feminino para todos os gêneros: pequenas operárias, *cocotes* notáveis, senhoras de distinção, meninas casadeiras, simples apanhadoras de amor. As sombras, a princípio

286 Licor da erva artemísia, de sabor amargo e alto teor alcoólico, muito popular entre os artistas da *Belle-Époque*. Era tido como indutor de visões alucinógenas, na qual predominariam as tonalidades da cor verde. Foi posteriormente proibido em quase todos os países.

287 Diz-se de uma cavalgada de baixa categoria, velha ou doente.

288 Aviso ou ordem para sair do caminho ou da frente.

de um azul furfureáceo²⁸⁹, depois de um cinza espesso, iam preguiçosamente espalhando o veludo da noite na silhueta em perspectiva das grandes fachadas. À beira das calçadas, a pouco e pouco os pingos de gás dos combustores²⁹⁰ formavam uma tríplice candelária de pequenos focos, longos rosários de contas ardentes, e era aqui o estralejamento surdo das lâmpadas elétricas de um estabelecimento; mais adiante, o incêndio das montras²⁹¹ faiscentes, de espaço a espaço as rosetas como talhadas em vestes de arlequins dos cinematógrafos, brasonando²⁹² de pedrarias irradiantes as fachadas. Ah! Os contos de fadas que são as cidades! Os meus olhos se fixavam na confusão miriônica das cores, vendo em cada roseta um caleidoscópio, sentindo em cada tabuleta o sonho postiço de um tesouro de Golconda, a escorrer para a semiopacidade da noite cascatas de rubis, lágrimas de esmeraldas, reflexos cegadores de safiras, espelhamentos jaldes²⁹³ de topázios, e eu recordava outras cidades, outras casas, o eterno *boulevard*, suprema orquestração do bom gosto urbano. Que fazer? Os meus olhos descansaram na multidão.

Algum tempo depois reconheci, como tendo perdido alguma coisa, os olhos à procura, o nariz ao vento, o delicado Oscar Flores, um ente muito fino, muito sensível, do qual diziam horrores e que de resto parecia ter na alma um fatigante segredo. Os segredos fizeram-se para ser contados. Tudo vai de ocasião. Que estaria Oscar Flores, com a sua palidez e as suas lindas mãos, a procurar assim? Esperei alguns minutos olhando a ver se via a causa daquela aflição e por fim, quando o jovem se resolvia a continuar, chamei-o ruidosamente. Ele voltou-se, como se fosse apanhado em flagrante. Estava visivelmente contrariado.

— Vem daí tomar um aperitivo.

— Não, obrigado. Tenho que fazer.

— Pois se já perdeste a pessoa a quem acompanhavas?...

289 Relativo à farinha; farinhento.

290 Poste de iluminação pública.

291 Vitrine.

292 Enfeitar.

293 Amarelo vivo.

— Viste? Fez ainda mais pálido.

— Vi, isto é — sossega — vi que procuravas alguém.

Ele teve um suspiro, deixou-se cair na cadeira. Já agora tomava um *cock-tail*. O seu caso, porém, era outro. E fechou-se num silêncio nervoso, cortado de sobressaltos, alheado de mim — o seu habitual silêncio em todas as rodas, como sempre à espera de um sinal misterioso para partir e desaparecer. Olhei-o então com vagar. Era encantadoramente lindo com o seu ar de adolescente de Veroneso, a pele morena, o negro cabelo anelado. Como devia ser feliz assim rico e belo, com a sua bengala de castão de turquesa, a gravata presa de um raro esmalte, a atitude inquieta de um príncipe assassino e radiante, o Oscar Flores! E falavam tanto mal dele! Disse-lhe, íntimo e confidencial:

— Então, Oscar, onde estás? É por isso que te caluniam...

— Ah! Tornou sorrindo, ainda falam de mim?

— Cada vez mais. És o *leit-motiv* da falta de assunto. De resto há sempre na voz do povo um pouco de razão. Estou a acreditar que realmente tens um segredo. Ora, os segredos deixam-se para as mulheres e para os homens sem interesse, os homens vulgares...

— Mas não tenho segredos, protestou cansado. Tenho apenas a mais estranha moléstia nervosa — que ninguém sabe. Curioso, hein? Diante de mim toda a gente sente a anormalidade, outra esfera, outra vibração. Que será? Os mais espessos — e dessa espessura intelectual se faz a opinião da massa — pensam logo nas degenerações normais, no centro das loucuras que é a cidade. E não é nada disso, é outra coisa — é a minha moléstia. A existência concentro-a nela, no desejo de domá-la e na irresistível vontade de satisfazê-la. Tenho estudado, tenho lido, tenho feito observações a ver se encontro outro tipo igual. Absolutamente impossível..

Tomou um gole de *cock-tail* com evidente prazer, sorriu mais acalmado.

— Todos pensam que é um segredo porque ninguém imagina. E eu sofro desde criança. A princípio, na mais tenra idade, apareceu como escanda-

losa precocidade; até a adolescência tive-o como um crime horrível, castigo e prazer do pecado. Com a razão — porque eu sou um sujeito muito razoável e muito refletido — vim a descobrir que era um desequilíbrio dos sentidos, a exaltação lírica, o desenvolvimento assustador de um dos sentidos, capaz de dominar os outros, submetê-los e virar aos poucos em fonte de todos os prazeres, em único foco das sensações agradáveis, em tirano da impalpável luxúria.

Já decerto conversaste com os artistas jovens, os que falam na realização da arte, no ideal que jamais se corporifica e é na nossa alma como o perpétuo sonho irrealizável. A minha moléstia, o meu desequilíbrio, o império de um único sentido no meu organismo e nesta sensibilidade caldeado numa ascendência de requintados, deu-me da vida íntima uma prévia noção incorpórea, deslocou-me para um mundo de fantasia exasperante, fez-me o lascivo da atmosfera, o gozador das essências esparsas, o detalhador do imponderável, o empolgado da miragem da vida.

Emborquei tranquilamente o veneno que me tirava o apetite, e murmurei:

— Meu caro Oscar, tenho uma profunda simpatia por ti, em primeiro lugar porque és belo, em segundo porque tens espírito, em terceiro porque nem a beleza nem o espírito conseguiram reduzir-te à atroz banalidade de ser totalmente feliz. Daí o poder ouvir sem comentário todas as narrativas lindas com que me queres honrar. Esse teu desequilíbrio é de fato de uma psicologia muito sutil, muito trabalhada.

Oscar teve um gesto de impaciência.

— Quando digo! É tão inverossímil que ninguém acreditaria. Entretanto tens diante de ti o homem que analisa o seu tormento e não lhe resiste. Sabes que é o sentido soberano? O olfato, apenas o olfato. Sou como o escravo, o ergastulado²⁹⁴ do cheiro. Tudo é cheiro. É o cheiro que guia, repele, atrai, repugna, o cheiro é o condutor das almas. As nossas impressões são filhas do cheiro que atua como a luz e muito mais porque há cegos e não

294 Prisioneiro.

há ser vivo que não respire e não sinta o cheiro. O cheiro plasma, porque está no ambiente. Os caracteres dos homens são feitos de essências, as profissões dão aos entes certos e determinados cheiros. Vive oito dias numa casa de perfumes ou no *boudoir*²⁹⁵ de uma mulher galante, e as tuas ideias tomam o aspecto de ideias com pó de arroz, de ideias efeminadas, *made expressly*²⁹⁶ para uma certa roda pueril. Sente o cheiro dos marinheiros, com o cheiro do mar e três ou quatro escalas de cheiros de óleos refrescados pela viração larga. Um homem sensível não pode viver muito tempo nesses lugares porque o cheiro permanente dá-lhe como uma continuidade da visão oceânica e um estado trepidante que lembra a vagabundagem de grandes navios por mares ignotos. A alma dos entes revela-se pelo cheiro. A das coisas também, só pelo cheiro. Conheço os interiores das casas, o gênero, a classe das pessoas que as habitam pelo cheiro, como de olhos fechados dir-te-ei a casa vazia apenas aspirando-a. Posso mesmo dizer-te que cada cidade tem um cheiro próprio, e que eu os sinto ao aproximar-me, ao saltar no desembarcadouro, cheiros que conseguem dar a impressão geral dos habitantes, cheiros honestos, cheiros voluptuosos, cheiros de seio...

— Mas, realmente, é delicioso.

— É atroz.

— A hiperacuidade de um sentido dirigida com estética. És o homem dos perfumes.

— Não me fales de perfumes, do perfume com a significação normal de extrato fabricado para o mercado. É outra coisa. Sou a vítima do cheiro. Para mim não há cheiros repugnantes, há cheiros desagradáveis. Tenho a sensualidade dos cheiros os mais diversos, do cheiro da terra, do cheiro da erva, do cheiro dos estábulos e do cheiro das rosas. Como comecei a sofrer desse desenvolvimento paroxismado do sentido olfativo? Sei lá! Não foi o perfume, foi a extensão vasta dos cheiros que não são perfumes. Em criança, antes de levar qualquer gulodice à boca, instintivamente cheirava-a de olhos

295 Pequeno gabinete particular de mulher, decorado elegantemente.

296 Feito expressamente. Em inglês no texto.

cerrados, para sentir bem e prelibar deliciosamente o prazer de degustá-la. Depois, quando me tomavam ao colo, ao beijar-me, achava sempre meio de cheirar, de aspirar as pessoas agradáveis. Cada Pessoa tem um cheiro diverso. Na minha infância a perversão — sê-lo-á de fato? — surgiu ensinando-me todo o pecado. Gostei da carne porque cada nuca é um pouco do odor da natureza, e há bocas que são como orquestrações de odores. Ah! Esse tempo ainda ingênuo, esse tempo instintivo.... Eu me envolvia nas roupas brancas que as raparigas já tinham usado, pendia para as cabeleiras com tal ânsia aspiradora, tinha uns modos tão pouco normais que a família se assustava e as raparigas achavam uma infinita graça. Ah! Que pequeno vicioso! Elas diziam convencidas de que eu gostava apenas do cheiro das suas roupas. Não era, porém. A minha nevrose olfativa se acentuava cada vez mais, cada dia mais com caráter desabridamente sensual, e já rapazola, não distinguia o que me poderia conceder o prazer: a erva molhada, o cheiro dos estábulos, um cheiro de nuca, um cheiro de corpo, e já começava a sentir as cruciantes necessidades de certos cheiros, que eram tão violentas quanto a fome ou o amor. Então era preciso alhear-me, deixar a roda dos conhecidos, sair por aí a ver se descobria o cheiro que eu precisava, o cheiro que não sabia qual era, mas devia tranquilizar-me.

— Tinhas a obsessão de um cheiro nunca sentido?

— Exatamente. Ainda era romântico e até aos dezoito anos tentei com um pouco de literatura e alguns conhecimentos químicos, o prazer dos perfumes, dos cheiros artificiais. Arranjei catálogos, estudei longamente, tive baterias de perfumes em frascos de cristal, fiz como todo sujeito lido em livros franceses, a sinfonia dos perfumes, a alegoria dos perfumes, a pintura sugestiva dos perfumes, combinando essências, renovando as camadas de ar do aposento com pulverizadores cheios de misturas sábias ao lado de incensários a queimar olências exóticas. Era perturbador e era irritante. O meu olfato desejava, tal as marafonas que a sorte eleva ao grande luxo, excessos de natureza, virilidades de ambiente. Esses perfumes que as mulheres usam, esses perfumes com que vocês se civilizam e se friccionam são ignóbeis. Na composição química da enorme quantidade por mim aspirada

senti apenas que poderia fazer um catálogo, dividindo em classes de almas a diversa temperatura: perfumes quentes, semioleosos, perfumes tépidos, perfumes frios. Os perfumes de Haubigant dão sempre a impressão de calidez, de calor opressivo. Os ingleses e os americanos fazem-nos frios, desses que a gente ao aspirar pensa em águas geladas e madrugadas hibernais. Meia dúzia de refinados franceses conseguem a meia temperatura, evoluindo-se lentamente. E há também os medíocres, os reles, os que lembram montras de *boulevards* em blefes de luxo e de conforto, elegâncias por todo o preço de armazéns duvidosos.

Quer uns quer outros, entretanto, acabaram por me fazer mal, dores de cabeça, apertões nas têmporas, uma impressão angustiosa de acachapamento. Mas era muito artista. Um amigo, de volta do Oriente, trouxe-me então uma coleção de perfumes. Eram maravilhosos. Andei doente e morno, com uma alma de serralho²⁹⁷ e de mel por aspirar um frasco de essência de rosas. Esses perfumes entravam-me no crânio como estofos bordados de pedraria, como broqueis encrustados de gemas coruscantes. Deixavam-me sonambúlico, com frases de antifonário²⁹⁸ e sonhos de rosas de Shiraz, de Kernar, de Kashmir. Vi então que a minha doença não amava as concentrações mais ou menos industriais.

— Príncipe encantador, havia as flores...

— Sim, as flores, amei as flores, tateando na sombra do mal. As flores são as caçoulas²⁹⁹ dos perfumes naturais. A natureza condensa nelas o olor das suas paixões, a alma dos seus desejos, as recordações das tonturas, de frenesis ou de grandes repousos celestes. Não sorrias. O que eu sinto não o dizem palavras. É preciso descobrir frases prismáticas como certos cristais e vê-las à luz do sentimento, que percebe para além das coisas visíveis. Os deuses gostavam de perfumes; o perfume exorta e exalta. Por que lisonjejar os deuses com perfumes, se não tivéssemos a ideia do sacrifício, do grande

297 Harém.

298 Livro de antifonas – versículo cantado depois de um salmo, respondido alternadamente pelas metades do coro.

299 Vaso de porcelana onde se queimam ervas aromáticas.

pecado da natureza, que ele representa? Há flores cujo perfume é cínico, outras cujo cheiro é banal, outras cujo olor se celestisa, outras ainda que nos dão desesperos de carne. É possível ter à lapela uma gardênia sem sentir cefalalgias³⁰⁰ horas depois? É possível cheirar certas rosas sem odiá-las?

— Mas, meu querido, procuras apenas pretexto para dizer coisas infantilmente interessantes. Olha que antes de ti outros estetas falaram... Odiar as rosas!

— Sim! Odiá-las. Há flores carnudas, as rosas rosa, as rubro negro como sangue coagulado, que a gente aspira, absorve o odor, cheira, cheira, e depois estraçalha com ódio porque prometem mais do que dão, porque deixam em meio o gozo, não nos completam o prazer anunciado pelo cheiro. Ah! Essa aflição que dá aos sentidos o cheiro de algumas flores, as violetas, cujas emanações são como sons de violino em noites de luar, as tuberosas, crispantes de cio, as rosas chá, que cheiram como carnes morenas, o resedá, a flor do resedá que o Fezensac cantou idiotamente num trocadilho e que entretanto guardam um frio e exasperante odor de gérmen fecundante, cheiro de marfim raspado... E, para notares a correspondência de cheiros idênticos nas coisas mais diversas, a flor que cheira a marfim, é também, cheiro resumo do cheiro inicial da vida, irmão odor do odor da semente criadora, estranhamente perdido entre as ervas...

Oscar caíra num abatimento. Eu começava a temer o delírio.

— Então, se não amas os perfumes que te fazem mal, se odeias as flores que te exasperam, em que consiste o desproporcional domínio do olfato sobre os teus sentidos? É decerto um estado de anemia, uma grande fraqueza que te adoce e te faz sensível aos odores. Não amas os cheiros, temes todos os cheiros desde que eles se especializam, se individualizam.

— Ao contrário, fez, de novo animado, ao contrário. Tenho entre mim e a vida comum um como véu de talagarça³⁰¹ espessa. E tudo quanto

300 Dores de cabeça.

301 Tecido de fios ralos, sobre o qual se tecem os bordados.

na vida se faz, eu sinto pelo cheiro, pelos cheiros, como um “*setter*”³⁰² humano, amarrado à corrente da conveniência. É a existência de miragem olfativa, uma existência em que os cheiros visionam ambientes, descrevem as almas dos tipos que me rodeiam, dão-me sensações de cor, porque há odores de todas as cores; de sons, de músicas, porque cada cheiro é como um som diverso e o cheiro da baunilha é bem uma nota abemolada diversa do cheiro do cravo vermelho, esse sustentado de clarim; de gosto, porque os cheiros têm gosto; de excitação, porque todos os sentidos calcados por tamanha acuidade vibram a arcada furiosa de um desejo incompreensível, perpétuo, demoníaco, no meu pobre corpo. Oh! Não estejas a olhar para mim assim irônico. Há uma íntima correlação entre as sensações do homem normal, que o faz amar a harmonia das coisas e o faz pensar na beleza esplendente. Quando ele ama e sente assim, na floração da arte, que é o arrimo da vida, minhando o seu pensamento sutil e vaga essa misteriosa afinidade entre os sentidos, para que o homem sinta numa curva de anca a música das linhas, na carne de uma espádua o perfume da rosa, no entreabrir de um lábio o sabor dos frutos, na criatura que se desnuda o bruto. Desejo cego, caos das sensações... Quando é como eu, porém vítima de um só sentido, morbidamente absorve os outros e leva louco, no delírio perpétuo, a tentar reaver a harmonia.

— Daí...

— Daí, fez Oscar afastando nervosamente o *cock-tail* em meio, daí para a minha sensibilidade compreender que a natureza é inconsciente, que todos esses perfumes elas os espalhou brutalmente, desvairadamente, e que só um instante a razão lhe voltou, quando fazia a carne, quando criava a criatura, onde todos os cheiros da terra se encontram em suaves nuances. O que eu amo é o odor da carne, sempre uma orquestração, uma sinfonia de recordações de outros cheiros, o cheiro das bocas, o cheiro dos cabelos, o cheiro das nuças, o estonteante cheiro das axilas... Há cabelos, sabes? Que lembram o aconchego arminoso dos ninhos dos pássaros, cabelos em que a gente se perde como num imenso oceano de olências reparadoras, cabelos

302 Raça de cães de caça, da qual a mais conhecida é a variedade

musicais que fazem pensar em manacás e em magnólias, cabelos que são o tecido de todos os cheiros reconfortantes. Há carnes douradas, carnes feitas de leite e de sangue de cerejas que ao aspirá-las pensa um pobre no descanso dos bosques, em ragaes, em fraudas rústicas, em grandes abraços pagãos sobre as liras. E as bocas? Já reparaste nas bocas? Há bocas quentes e frias, bocas sem cheiro algum, e bocas que quando falam junto a ti têm um cheiro íntimo de rosa murcha, quando te beijam parecem feitas de pétalas de rosas, e quando as sugas transfundem a alma como uma essência especial que parece o mel feito de todos os perfumes dos campos. As criaturas são as ânforas da harmonia dos cheiros. Cada carne tem o seu corpo ódico que é o cheiro, cada ser faz-me sentir a alma pela veste incorpórea do cheiro, desse cheiro que cada um tem próprio e jamais igual ao do outro, do cheiro que se procura para aquietar e amar...

— Realmente, com um pouco de “*toilette*”, cada qual faz o seu cheiro.

— Não! Não é isso. Talvez pela *toilette* e a perfumaria sejam-me indiferentes as formosas mulheres que deixam rastileos³⁰³ de perfumes industriais e parecem feitas para os retratos de Heleu ou do Amoedo. Não as amo, porque, maceradas de essências, com os vestidos pulverizados de perfumes, a boca lavada por águas e pós brilhantes, os lábios carminados, a face empoada, são como os manequins da moda. O cheiro é a alma dos seres. Elas afogam a alma no artificial para encantar os simples, os brutais. Os meus instintos gelam-se, morrem em frente dessas baiadeiras³⁰⁴ mascaradas com a máscara transparente de outros cheiros. Houve um silêncio pesado.

— Ah! Disse eu vendo a expirar a confissão, é grave...

Oscar olhou para mim, cândido como Adonis³⁰⁵, e cansado como se sustentasse nos ombros o mundo.

303 Rastros. Rastilhos.

304 Dançarina sagrada da religião hinduísta, que se veste luxuosamente nas suas apresentações.

305 Personagem da mitologia greco-romana. Jovem mortal de grande beleza física, que logrou conquistar a própria deusa Astarte (Vênus). Foi morto numa caçada por um javali.

— Por isso, murmurou, procuro — é horrível! — procuro as criaturas simples, as que não se perfumam, as que ignoram o postiço ignóbil da civilização, e guardam o próprio cheiro: as crianças, as adolescências rústicas, as criaturas que saem do banho brilhando mais e cheirando mais, os que não sabem se cheiram bem porque pensam que o cheiro é a falsificação dos perfumistas. Um lindo corpo, um corpo branco, cor de leite, que tem todos os suspiros campinos das boninas, dos mal-me-queres, das margaridas, o sonho casto das violetas brancas e o anseio tranquilo, o cheiro animal de qualquer coisa que se não sabe! Um corpo moreno, feito de um raio de Sol, guardando a carnação das rosas e o cheiro da lascívia!... Beijar corpos assim, aspirá-los, aspirá-los... É quando há a simpatia do cheiro, que é o irmanamento das almas. Tudo quanto toca a pessoa fica com o seu cheiro, o lenço esquecido, um pedaço de móvel. Parta ela, desapareça, cheira aquele pedaço. O poeta sensual já escreveu:

Ela andou por aqui, andou. Primeiro

Porque há vestígios das suas mãos; segundo

Porque ninguém como ela tem no mundo

Este esquisito, este suave cheiro.

E é. De chofre, à calentura do cheiro dela, uma onda de gozo nos transmuda, faz-nos reviver delícias e nevroses da gama que se acordava com o teu desejo. É a música mortal. Que digo eu? A roupa? Os trastes? Não! Basta o lábio cansado de roçar, basta o contato das mãos pelo seu corpo. Nós não conhecemos a própria alma porque não sentimos o nosso cheiro, enigmas para nós mesmos indecifráveis. O cheiro dos outros fica, impera. De volta de um cheiro amado, é cheirar as mãos e sentir o odor do amor como um velador nos próprios dedos. Ah! Não! E dizer-te que eu uma vez, há quatro anos senti esse cheiro, o cheiro do meu amor, numa criatura miserável, dizer que não me lembro das suas feições pelo muito que me lembro da completa satisfação do meu desejo, dizer que nunca mais a vi, que a procuro, que a procuro e jamais a encontro... Como queres tu que eu ouça as conversas idiotas, como queres tu que pense noutra coisa? Vou em busca do meu per-

fume, do perfume que amo, da urna desse sonho, do corpo dessa alma. E de-gringolo a razão, a moral, o respeito da sociedade, rolo o abismo dos lugares pouco distintos, dou-me a relações pouco brilhantes, aspiro todos os corpos a espera de um dia encontrar o perfume incomparável, a essência doce dessa carne de ouro.

— Curioso.

— A mais rara moléstia que ninguém sabe.

De repente, porém, os seus olhos chisparam. Ergueu-se. Sorriu.

— Espera um instante.

Sumiu-se apressado. Eu também sorri então. Não voltada. Alguém passara que se parecera com o seu cheiro. Pobre rapaz! Talvez fosse na des-vairada luxúria o grande sensual do ideal. E talvez não, talvez fosse um lou-co. Somos todos loucos mais ou menos. Foi então que vi serem oito horas. Como o personagem do poema, Oscar procurava novos perfumes no seu cheiro ideal e os prazeres não sentidos, sempre mais amargos e menos con-soladores. Ergui-me. Já com toda a Avenida, centenas de lâmpadas elétricas acendiam a sua grande extensão no clarão da luz, — “a mensageira da ver-dade visível ”....

REFERÊNCIAS

- BAKER, Mona. *In other words*. Londres: Routledge, 1992.
- BAKER, Mona. *Routledge encyclopedia of translation studies*. Londres: Routledge, 1998, 2001.
- BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução*. Tradução de Sônia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcellos Abreu, Paula Azambuja Rossato Antinolfi. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2005.
- BERMAN, Antoine. Translation and the trials of the foreign. In: VENUTI, Lawrence. *The translation studies reader*. Londres: Routledge, 2000.
- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradutores Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.
- BRITTO, Paulo H. *A tradução literária*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BRUNEL, Pierre; PICHOS, Claude; ROUSSEAU, Andre. *O que é literatura comparada?* São Paulo: Perspectiva, 2019.
- BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patricia (org.). *Tradução e relações de poder*. Tubarão: Ed. Copiart, Florianópolis: PGET/UFSC, 2013, 432 p.
- CAMARANI, Ana L. S. *A literatura fantástica: caminhos teóricos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- CESERANI, Remo. *O fantástico*. Tradução de Cezar Tridapalli. 1 ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2006. 1 ed. 2ª Impressão, Londrina: EDUEL, 2020.
- COHEN, Leonardo. João do Rio: a vida vertiginosa e a Grande Guerra. In: Negreiros, Carmem; Oliveira, Fátima (Orgs.). *Belle Époque em perspectiva*. Rio de Janeiro: Faperj/Labelle / São Paulo: Intermeios, 2020.

DEALTRY, Giovanna. “Se não fosse eu, o sr. não escrevia tanto”: territórios e vozes marginais na crônica de João do Rio. In: Negreiros, Carmem; Oliveira, Fátima; Gens, Rosa (Orgs). *Belle Époque: crítica, arte e cultura*. Rio de Janeiro: LABELLE; São Paulo: Intermeios, Faperj, 2016.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies. *Poetics Today*, [s/l], v. 11, n. 1, 1990, p.10-27. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>. Acesso em: jan. 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio do século XXI*. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

FRANÇA, Júlio. O horror na ficção literária: Reflexão sobre o “horrível” como uma categoria estética. XI *Congresso Internacional da ABRALIC*, Tessituras, Interações, Convergências. 13 a 17 de julho de 2008. USP. São Paulo, Brasil. Disponível em: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/077/JULIO_FRANCA.pdf. Acesso em: jul. 2019.

FRANÇA, Julio; SILVA, Pedro Puro Sasse. O mal e a cidade: o “medo urbano” em Dentro da noite, de João do Rio. *Revista e-escrita*. v.3. n.3. Rio de Janeiro, 2012.

FRANÇA, Julio. A alma encantadora das ruas e Dentro da noite: João do Rio e o medo urbano na literatura brasileira. *As arquiteturas do medo e o insólito ficcional*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2013.

FRANÇA, Julio. As sombras do real: a visão de mundo gótica e as poéticas realistas. In: CHIARA, Ana; ROCHA, Fátima Cristina Dias (Org.) *Literatura Brasileira em Foco VI: em torno dos realismos*. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2015.

GALINDO, Caetano W. Tradução & ficção. In: Amorim, Lauro Maia; Rodrigues, Cristina Carneiro; Stupiello, Érika Nogueira de Andrade (Orgs). *Tradução & perspectivas teóricas e práticas*. SciELO. Editora UNESP. Edição do Kindle. 2018. Não paginado.

GENETTE, Gerard. *Paratextos editoriais*. Trad. de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GUERINI, Andréia; COSTA Walter Carlos (org.). *Sobre discurso e tradução*. Tubarão: Ed. Copiart. Florianópolis: PGET/UFSC, 2014.

GUERINI, Andreia; TORRES, Marie-Helene Catherine; COSTA Walter (Orgs.). *Literatura & tradução: textos selecionados de Jose Lambert*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

IVO, Lêdo. *João do Rio – Cadeira 26, ocupante 2*, 2ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012. Série Essencial–O Rio civiliza-se.

LANZETTI, Rafael; BESSA, Danielle; GUEDES, Fabiana; FREITAS, Rosana; MOURA, Vinicius Cruz. Procedimentos técnicos de tradução – Uma proposta de reformulação. *Revista do ISAT*, nº 7, São Gonçalo: 2009.

LEFEVERE, André. *Translation, history and culture*. Londres: Routledge, 1992.

LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007.

LEVIN, Orna Messer. *As figuras do Dândi: um estudo sobre a obra de João do Rio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MENON, Maurício Cesar. *Figurações do gótico e seus desdobramentos na literatura brasileira de 1843 a 1932*. Tese de doutorado em Letras. Programa de Pós-graduação em Letras. Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 30.03.2007, 257f. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000123280>, Acesso em 04.09.2019.

MOISÉS Massaud. *A criação literária: prosa 1*. 2oed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 2007.

MORAIS, Aline Pires. João do Rio e o medo no espaço da cidade. *Anais do CENA*, vol. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2016.

MORETTO, Fulvia. *Caminhos do decadentismo Francês*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA, Fátima; GENS, Rosa. *Belle Époque: a cidade e a experiência da modernidade*. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

Random House Webster's Unabridged Dictionary. 2ed. New York: Random House, 1997.

RIO, João do. (Paulo Barreto) *Dentro da noite*. Rio de Janeiro: H Garnier, 1910. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, USP. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2488>, Acesso em 27.01.2022.

RIO, João do. (João Paulo Alberto Coelho Barreto). *Dentro da noite*. Fundação Biblioteca Nacional. Ministério da Cultura. Rio de Janeiro: s/d. disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/dentro_da_noite.pdf

RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: uma biografia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: vida, paixão e obra*. Rio de Janeiro: 2010.

RUFFINI, Mirian. *A tradução da obra de Oscar Wilde para o português brasileiro: paratextos e O retrato de Dorian Gray*. 27.02.2015. Tese de Doutorado em Estudos da Tradução. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015, 238f. Disponível em: <https://ppget.posgrad.ufsc.br/teses-e-dissertacoes-pget/>. Acesso em: 17.05.2016.

RUFFINI, Mirian. *The enchanting soul of the streets: River of January* e a tradução de crônicas de João do Rio para a língua inglesa. *Uberlândia: Letras & Letras*, vol. 32, 2016, p. 211-232.

TARDIN, Bruno Oliveira. *O mo(n)struário de João do Rio: Perversão e modernidade em "Dentro da noite"*. Editora UFV. Kindle Edition, 2021.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2017.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil Literário: história e crítica*. v. 2. Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC: 2014.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil literário: história e crítica*. v. 2. Supervisão de tradução de Germana Henriques Pereira de Sousa, Tradução de Clarissa Prado Marini, Sônia Fernandes e Aída Carla Rangel de Sousa. Tubarão: Ed. Copiart ; Florianópolis : PGET/UFSC, 2014.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Revised Edition. Philadelphia: John Benjamin Publishings, 2012.

VENUTI, Lawrence. *Translation studies reader*. Londres: Routledge, 2000.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucineia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo; revisão técnica Stella Tagnin. Bauru: EDUSC, 2002.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura e dos estudos literários*. Tradução Luís Carlos Borges. Revisão de tradução Silvana Vieira. Revisão técnica Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: SESI-SP Editora, 1ed. 2017.

REFERÊNCIAS DIGITAIS

Academia Brasileira de Letras. <https://www.academia.org.br>

Diário do Rio: <https://diariodorio.com/breve-historia-do-bairro-do-catete/>

Dicionário Cambridge: <http://dictionary.cambridge.org>

Dicionário Collins: <http://collinsdictionary.com>

Dicionário Linguee: <https://www.linguee.com/>

Dicionário Merriam Webster's / Merriam-Webster's Dictionary: <https://www.merriam-webster.com/>

Dicionário Michaelis online: <https://michaelis.uol.com.br/>

Dicionário Oxford: Oxford collocations dictionary: <https://www.oup.com/>

Dicionário Priberam: Priberam Dictionary: <https://dicionario.priberam.org/>

Dicionário Wordreference: www.wordreference.com

EBSCO: <http://web.s.ebscohost.com>

Enciclopédia Britânica: www.britannica.com

Guia das APACs. Corredor cultural. Entorno da rua da Candelária. <https://buscaintegrada.ufrj.br/Record/aleph-UFR01-000851678>

Hemeroteca digital Biblioteca Nacional: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

JSTOR Digital Library. <http://jstor.com>

Museu Louvre: <https://www.louvre.fr/en>

Revista Brasileira: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=rua-do-passeio>

